

# Estudos de Sociologia

## nº 44



Revista Semestral do Departamento de Sociologia e  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
FCL – UNESP – Araraquara – v.23 – n.44 – 1º semestre de 2018

## **EXPEDIENTE**

### **UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

Reitor: Prof. Dr. Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor: Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre

### **FCLAR – Faculdade de Ciências de Letras de Araraquara**

Diretor: Prof. Dr. Cláudio Cesar de Paiva

Vice-diretora: Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba

### **DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Chefe: Prof. Dr. Augusto Caccia-Bava Junior

Vice-chefe: Prof. Dr. José Antonio Segatto

Secretária: Bruna Nadi de Abreu

### **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Coordenadora: Profa. Dra. Carla Gandini Giani Martelli

Vice-coordenador: Prof. Dr. Marcelo Santos

Estudos de Sociologia / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. – Vol.1 (1996)-, - Araraquara: UNESP/FCLAR, Laboratório Editorial, 1996-

Semestral

Resumos em português e inglês

A partir de 2008 versão online pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER)

ISSN 1414-0144

1. Sociologia 2. Política 3. Antropologia 4. Ciências Sociais 4. Ciências

Assistente Editorial: Rafael Afonso Silva

Normalização: Claudete Camargo Pereira Basaglia

Diagramação: Eron Pedroso Januskevictz

Revisão: Claudete Camargo Pereira Basaglia

Versão para o Inglês: Catarina Cotic Belloube

Capa e fotografia de capa: Pierre Yves Refalo

### **Indexada por / Indexed by:**

GeoDados – <http://www.geodados.uem.br>; ClaseCich-Unam; DOAJ – Directory of Open Access Journals <http://www.doaj.org>; IBZ – International Bibliography of Periodical Literature on the Humanities and Social Sciences; IBR – International Bibliography of Book Reviews on Scholarly Literature on the Humanities and Social Sciences; IPSA – International Political Science Abstracts; Sociological Abstracts

### **Redação e Contatos**

Depto. de Sociologia FCLAr/UNESP

Rod. Araraquara-Jaú, km 1 – CP 174 – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil Fone: (16) 3334-6219

E-mail: [estudosdesociologia@fclar.unesp.br](mailto:estudosdesociologia@fclar.unesp.br); <http://periodicos.fclar.unesp.br/estudos>

## MISSÃO

A revista Estudos de Sociologia é uma publicação vinculada ao Departamento de Sociologia e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Ar e tem como missão publicar artigos e ensaios nacionais e internacionais na área da Sociologia e afins, buscando contribuir para o debate disciplinar e interdisciplinar das questões sociais clássicas e contemporâneas.

## EDITORA

**Lucila Scavone**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

## CONSELHO DE REDAÇÃO

**Maria Aparecida Chaves Jardim**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil;

**Maria Ribeiro do Valle**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil;

**Maria Teresa Miceli Kerbauy**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

## CONSELHO EDITORIAL

**Adriana Bebiano**, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal; **Anete Brito Leal Ivo**, UFBA – Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil; **Anita Simis**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil; **Annie Thébaud-Mony**, INSERM – Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, Paris, França; **Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira**, PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil; **Eduardo Garuti Noronha**, UFSCar – Universidade de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil; **Francisco Rüdiger**, PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil; **Gabriel Cohn**, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil; **Irllys Alencar Firmo Barreira**, UFC – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil; **István Mészáros**, Universidade de Sussex, Inglaterra; **José Antônio Segatto**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil; **José Vicente Tavares dos Santos**, UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil; **Joseph Yvon Thériault**, UQUAM – Université de Montréal, Canadá; **Klaus Von Lampe**, CUNY – City University of New York, Estados Unidos; **Lourdes Maria Bandeira**, UnB – Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil; **Magda Maria Bello de Almeida Neves**, PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil; **Marcelo Siqueira Ridenti**, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil; **Maria Arminda do Nascimento Arruda**, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil; **Maria Orlanda Pinassi**, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil; **Mariano Fernández Enguita**, USAL – Universidade de Salamanca, Espanha; **Marie-Blanche Tahon**, UOTTAWA – Université de Ottawa, Canadá; **Marta Araújo**, UC – Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal; **Mauro Guilherme Pinheiro Koury**, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil; **Miriam Adelman**, UFPR – Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, Brasil; **Michael Löwy**, CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique, França; **Pablo Gonzáles Casanova**, UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México, México; **Raimundo Nonato Santos**, UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil; **Russell Parry Scott**, UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil; **Sérgio França Adorno de Abreu**, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil; **Tânia Pellegrini**, UFSCar – Universidade de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil



# SUMÁRIO

## LITERATURA E SOCIOLOGIA

### DOSSIÊ: SOCIOLOGIA E LITERATURA NAS DIVERSAS FORMAS E FASES DA MODERNIDADE

*Apresentação*..... 189  
João Carlos Soares Zuin

*A literatura colombiana contemporânea em análise*..... 195  
Dana Milena Chavarro e Wellington Pinheiro

*Dissonâncias e antagonismos: a representação literária de Lima Barreto no romance Clara dos Anjos*..... 211  
Ellen Margareth Dias Ribeiro Araújo

*Perpetuando a invisibilidade e a mitificação de animais em uma coleção de livros infantis*..... 233  
Rui Pedro Fonseca

### ARTIGOS

*Subjetivação autônoma, independente e letrada: concepções contra-hegemônicas sobre linguagem em produções escritas de mulheres negras*..... 255  
Michel Soares do Carmo

*Sociologia e literatura: um exercício teórico sobre agência, rupturas e permanências a partir de Niketche - uma história de poligamia.....* 271  
Jacqueline Carvalho da Silva

*Comunidade à mesa: a comensalidade em O Pai Goriot de Balzac ...* 285  
Rebekka Fernandes Dantas e Alexsandro Galeno Araujo Dantas

*Mapeando esferas de letramento: o ambiente familiar e o escolar na invenção do sujeito leitor.....* 305  
Thaise da Silva

*O Jeca Doente de Problema Vital: Monteiro Lobato e os higienistas de São Paulo em 1918 .....* 325  
José Wellington Souza

*A era das independências na obra de Ahmadou Kourouma.....* 345  
Adalberto Gregório Back e Kedrini Domingos dos Santos

*Moço em estado de sítio: ruptura e experimentação em tempos de ditadura.....* 365  
Luiz Paixão Lima Borges

*Literatura e sociedade: as práticas discursivas na obra Bom-Crioulo de Adolfo Caminha .....* 383  
Marcos S. S. de Lima

## VARIA

*Trabalho, vagabundagem e anticapitalismo: ensaio sobre a sociologia inconformista de Jack London.....* 403  
Lúcio Vasconcellos de Verçoza

*Maré Rosa e agenda de políticas sociais: as plataformas de governo do PSCh (2000) e PT (2002).....* 417  
Beatriz de Paula Silva Ribas

## SUMMARY

### LITERATURE AND SOCIOLOGY

#### DOSSIER: SOCIOLOGY AND LITERATURE IN THE VARIOUS FORMS AND PHASES OF MODERNITY

*Foreword*..... 189  
João Carlos Soares Zuin

*An analysis of contemporary Colombian literature*..... 195  
Dana Milena Chavarro and Wellington Pinheiro

*Dissonances and antagonisms: the literary representation of Lima Barreto in the novel Clara dos Anjos*..... 211  
Ellen Margareth Dias Ribeiro Araújo

*Perpetuating invisibility and mythification of animals in a children's books collection* ..... 233  
Rui Pedro Fonseca

#### ARTICLES

*Autonomous, independent and lettered subjectivation: contra-hegemonic language conceptions in written productions of black women writers*..... 255  
Michel Soares do Carmo

*Sociology and literature: a theoretical exercise about agency, ruptures and reproductions in Niketche: a story of polygamy* .....271  
Jacqueline Carvalho da Silva

*Community at the table: commensality in the novel Father Goriot by Balzac* .....285  
Rebekka Fernandes Dantas and Alexsandro Galeno Araujo Dantas

*Mapping spheres of literacy: the home and school environment in the invention of the reader* ..... 305  
Thaise da Silva

*Sick Jeca in Problema Vital: Monteiro Lobato and the hygienists of São Paulo in 1918*..... 325  
José Wellington Souza

*The age of independence in Ahmadou Kourouma's work*..... 345  
Adalberto Gregório Back and Kedrini Domingos dos Santos

*Moço em estado de sítio: rupture and experimentation in times of dictatorship* ..... 365  
Luiz Paixão Lima Borges

*Literature and society: discursive practices in Bom-Crioulo by Adolfo Caminha*..... 383  
Marcos S. S. de Lima

## VARIA

*Labor, vagrancy and anti-capitalism: an essay about Jack London's nonconformist sociology* ..... 403  
Lúcio Vasconcellos de Verçoza

*The Pink Tide and social policy agendas: the government platforms of the PSCh (2000) and the PT (2002)*..... 417  
Beatriz de Paula Silva Ribas



**Dossiê:**  
**Sociologia e Literatura**  
**nas diversas formas e**  
**fases da modernidade**



## APRESENTAÇÃO

*João Carlos Soares ZUIN\**

Na obscuridade, as palavras pesam o dobro.  
(Elias Canetti, *O território do homem*).

A importância da literatura na vida e na obra dos precursores e fundadores da Sociologia foi intensa e profunda. A leitura das diversas fases e formas da literatura como a epopeia, a tragédia e o romance, possibilitava a construção de uma densa e complexa formação cultural, na qual, a narrativa literária fornecia os elementos subjetivos que revelavam o sentido das relações sempre complexas entre o ser humano, a natureza externa e a cultura. As obras literárias ampliavam imensamente o alcance da investigação científica na tarefa de compreender as especificidades das ações e das relações sociais, dos valores e das experiências, das vontades e dos interesses, dos conflitos e das lutas sociais nas diversas formações sociais e tempos históricos. Karl Marx foi um o leitor entusiasmado das obras de Balzac, nas quais colhia em profundidade as forças motoras da sociedade burguesa, as contradições imanentes dos processos sociais construídos pela burguesia, a proletarização do trabalho e seus efeitos na vida pessoal e coletiva. Max Weber utilizou passagens escritas por John Milton para expor as consequências do paraíso perdido e da queda na existência humana e no puritanismo, bem como, citava Goethe em seus trabalhos sociológicos para enfatizar as duras escolhas que o indivíduo deveria efetuar na construção do seu destino na sociedade capitalista moderna. Para ambos, a literatura era uma fundamental forma de conhecimento da realidade social e da história.

A importância da literatura no pensamento sociológico no século XX foi também impactante. As reflexões sociológicas de Georg Lukács, Karl Mannheim,

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – zuin@fclar.unesp.br.

Norbert Elias, Max Horkheimer, Theodor Wiesengrund Adorno, Leo Löwenthal não teriam a densidade cognitiva se não fossem concebidas através das descrições e narrativas efetuadas pelas obras literárias que procuravam compor o sentido da vida humana no curso da modernidade e dos processos de modernização. As dinâmicas sociais progressivas (aquelas que geraram o reconhecimento e a inclusão das classes subalternas, a expansão da liberdade e da igualdade, os valores e os princípios universais) e as regressivas (aquelas que negaram o reconhecimento da existência humana em determinadas identidades históricas e políticas, que justificaram a exclusão do outro, que efetuaram os processos de desumanização, que criaram as novas hierarquias de prestígio e poder, que geravam os dispositivos de discriminação e racismo), que formam o curso dialético da modernidade, produziram sempre novos problemas que Sociologia e a Literatura foram obrigadas a analisar e compreender.

No curso da modernidade, a aceleração do ritmo das transformações torna a realidade social mais opaca e ambivalente, produzindo modificações nos valores, nos princípios que organizam a vida material e imaterial e nas organizações e instituições sociais. A opacidade e a ambivalência golpeiam os indivíduos, os grupos sociais e a classes sociais, produzindo um acúmulo de incerteza, insegurança, medo e mal-estar. Sem a Sociologia e a Literatura, sem a força das palavras em descrever e narrar, conceitualizar e teorizar os fenômenos e as impressões socialmente produzidos, os indivíduos e os grupos sociais sentiriam ainda mais o peso do indeterminado e do desconhecido contido em um determinado enredo social de dominação e exploração e, no limite, de violência extrema que efetua a morte das formas de vida identificadas como perigosas e inimigas. A força da palavra contida na Literatura e na Sociologia pode contribuir para lançar luz à opacidade reinante, bem como, efetuar a distinção acerca das ambivalências contidas nas ações e nos processos sociais, nas forças motoras e na ordem social.

No século XX, a Sociologia e a Literatura acompanharam as diversas batalhas culturais e políticas pelo poder hegemônico de determinação do senso e do significado da ordem social e da história: os processos de individualização e diferenciação social, a nacionalização das massas, a criação de comunidades homogêneas e uniformes, a emancipação de sujeitos historicamente submetidos à desumanização e à discriminação, os movimentos e as lutas sociais por reconhecimento das mulheres, dos afrodescendentes, dos jovens, dos povos e nações colonizadas. No mesmo século, a Sociologia e a Literatura também foram obrigadas a narrar e conceitualizar as diversas formas de violência extrema materializada nos espaços concentracionários, nas guerras, nos campos de concentração e extermínio, nos genocídios. A modernidade em suas dinâmicas de progresso e violência extrema, emancipação e perda de emancipação, liberdade e supressão da liberdade formou um complexo conjunto de problemas e temas literários e sociológicos.

Na importante análise da literatura efetuada por Erich Auerbach em *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*, escrita no curso da Segunda Guerra Mundial, o autor termina seu esforço de análise e compreensão do senso da literatura partindo da epopeia, passando pela tragédia, até alcançar o romance em suas diversas fases e formas, com a análise da obra de Virgínia Woolf *To the Lighthouse*. Para o autor, o romance expressava uma cesura, uma passagem de época, na qual o personagem principal, bem como, todos os demais, não possuíam certezas e convicções acerca de si mesmos e da realidade. Envoltos por conjecturas, impressões, incertezas, angústias e mal-estar os personagens representam uma nova forma da condição humana e, conseqüentemente, de realidade social. Na era da aceleração do ritmo das mudanças, dos impactos sempre maiores oriundos das forças sociais e políticas que comandavam os processos de racionalização do mundo, de modernização do processo produtivo, de expansão do mercado dentro e fora da sociedade capitalista nacional, os personagens estavam situados dentro de experiências sempre mais opacas, ambivalentes, indeterminadas e complexas, que exigiam adaptações e sacrifícios pessoais mais intensos, difíceis e penosos.

Erich Auerbach foi preciso em compreender como os processos sociais que foram desencadeados desde negação da ideia de cosmo no século XVI efetuada pela revolução copernicana, ampliados com a força da ideia de razão e das descobertas científicas no iluminismo e nas revoluções burguesas, materializadas nos processos de industrialização e urbanização da sociedade capitalista, a vida humana experimentaria sucessivas crises, não apenas econômicas e políticas, mas valorativas, simbólicas, ideológicas. No novo espírito do tempo, a Literatura seria ainda mais necessária para expor, descrever e narrar à complexidade da realidade em movimentação acelerada, as sucessivas crises de adaptação dos indivíduos e dos cidadãos, na qual a lógica de construção do novo implicaria no envelhecimento precoce das mais diversas formas de materialidade e imaterialidades: dos objetos aos valores, das mercadorias às ideias, dos símbolos às autoridades. Sem poder caminhar com a chama que ilumina e aquece a vida humana na terra e a conduz com a certeza absoluta rumo ao paraíso e à perfeição contida em toda e qualquer ideia de autenticidade e verdade únicas e absolutas, a Literatura teria pela frente a duríssima tarefa de contribuir para dotar de sentido uma realidade esvaziada de senso imanente e eterno, bem como, efetuar a distinção do senso e significado das ações e dos interesses existentes nas diversas formas de vida, nas particulares forças sociais e políticas, que não apenas lutavam por reconhecimento de si, mas pelo poder hegemônico de determinar o novo senso da ordem social e, no limite, da história. Logo, mais do que nunca, a importância da força das palavras forjada pela Literatura deveria ajudar o ser humano a orientar-se no pensamento, e por meio da palavra refletida social e historicamente, orientar-se dentro da realidade social complexa e

ambivalente: aquela que pode ser mais sensata e racional ou aquela realidade social infernal e catastrófica, que reduz em complexidade as antigas imagens do inferno religioso e das catástrofes naturais.

No curso da modernidade e dos processos de modernização no século XX, as obras literárias ganharam novas formas de existência, entre elas, a literatura de testemunho. Expor, descrever ou narrar a violência extrema efetuada por uma força social e política foi uma tarefa autoimposta por diversos sobreviventes, em especial, por aqueles que experimentaram os espaços políticos concentracionários. O universo concentracionário do nazismo foi narrado e refletido pelo testemunho de Elie Wiesel e, sobretudo, de Primo Levi: a narrativa literária de testemunho possuía um duplo alvo: 1) que não esqueçamos o que o ser humano foi capaz de fazer no espaço concentracionário e, 2) que Auschwitz não se repetisse. Levi fez de sua vida uma reflexão contínua sobre o *Lager*, procurando informar as jovens gerações para que tivessem conhecimento da história e assumissem uma consciência ética e política que impedisse a existência dos novos campos de concentração e extermínio.

A ressignificação do passado e o revisionismo histórico (investigações que podem ser desenvolvidas em diversas direções científicas e por múltiplos interesses políticos) são temas presentes na Literatura da segunda metade do século XX e no início do século XXI. Rever, reavaliar, dotar de novo sentido explicativo as experiências realizadas no passado, possibilita não apenas uma ampliação do conhecimento, mas abre novas relações sociais e políticas com o presente, dotando-o de maior significação e, ao mesmo tempo, gerando novas formas de reconhecimento social entre os indivíduos, grupos e classes sociais. É o que procuraram realizar Dana Milena Chavarro e Wellington Pinheiro no artigo *A literatura colombiana contemporânea em análise*. A autora e o autor investigam no romance de Hector Abad Faciolince *El olvido que seremos* como o passado é compreendido e transformado em memória ou em esquecimento, uma dialética da qual pode se manifestar uma nova forma de identidade histórica e política ou um processo de recalque e esvaziamento das causas dos conflitos que produziram as crises políticas e as violências da guerra civil na Colômbia.

A ressignificação do passado também está presente no artigo de Ellen Margareth Dias Ribeiro Araújo intitulado *Dissonâncias e antagonismos: a representação literária de Lima Barreto no romance Clara dos anjos*, no qual a autora analisa a força do racismo, da discriminação e do machismo na sociedade brasileira. No artigo, a autora problematiza a presença dos conflitos sociais e políticos, das ambivalências e contradições da sociedade brasileira na Primeira República através da obra de Lima Barreto *Clara dos Anjos*. A obra de Lima Barreto expõe os diversos processos de discriminação e desumanização do africano transformado em escravo e negro, a continuidade do racismo após a abolição

(o último país que pôs fim a escravidão através de uma revogação que, desde o final do século XIX, não gerou ainda o efetivo e substancial reconhecimento moral, social e político que possa emancipar aqueles que trazem no corpo o fenótipo que os identifica com a animalização e a desumanização de outrora). Na figura de Clara dos Anjos, a autora expõe a presença de outra forma de desumanização: o corpo mestiço da mulher e da pessoa pobre, dois outros sinais de estigmas que tornam sua existência sempre sujeita à força da misoginia, da discriminação e da violência machista.

No curso da modernidade radicalizada e da sociedade de risco, a Literatura apresenta novos temas, outrora, imaginados. No campo da expansão do direito manifestou-se o chamado direito dos animais - uma nova derivação do direito ocorrida após a quarta geração do direito à informação e ao acesso às inovações tecnológicas -, a Literatura também apresenta novas formas de pensar a relação entre o ser humano e a natureza sem o aguilhão da ideia moderna de que o ser humano deveria se tornar o “senhor e o mestre da natureza”, conforme a máxima do grande filósofo francês René Descartes. A consciência dos riscos ambientais, a necessidade da compreensão das consequências dos dois séculos de amplo saqueio e rapina da natureza, de destruição do meio ambiente, também se manifesta no modo como o ser humano se relaciona com os animais. É o que Rui Pedro Fonseca investiga no artigo *Perpetuando a invisibilidade e a mitificação sobre os animais em uma coleção de livros infantis*, no qual analisa a coleção *Os Animais da Quinta*, voltada para o público infantil com a intenção de expor a relação entre os animais existentes em uma quinta portuguesa e seus donos. O autor expõe como a tentativa de humanizar tal processo produz mistificações, distorções, mitificações e, sobretudo, gera uma maior invisibilidade acerca das ações violentas e brutais que diariamente ocorrem na agropecuária e no processo de produção de mercadorias oriunda dos animais.

Os três artigos contribuem para uma compreensão mais aprofundada da história brasileira e colombiana – suas origens trágicas baseadas na escravidão e no elitismo, no racismo e na violência extrema, no não-reconhecimento, no autoritarismo – e a continuidade da relação violenta e rapinadora entre o ser humano, os animais e a natureza externa. É possível dizer que há um elemento comum nos três artigos: a violência, a brutalidade, a irracionalidade contida na ação de uma força social que deseja ser absoluta e inquestionável. Uma violência que pode assumir diversas formas de manifestação subjetiva, histórica e política. A continuidade espacial e temporal de tais manifestações de violência gera o problema sintetizado no aforismo escrito por Stanislaw Jerzy Lec em *Pensamentos intempestivos*: “Nem toda noite termina na aurora”.

A Sociologia e a Literatura são forças cognitivas que podem contribuir para lançar luz à força que a noite tem em impedir a visibilidade dos fatos e

acontecimentos históricos e, conseqüentemente, a maior percepção de suas origens e conseqüências na vida do indivíduo, dos grupos e classes, da sociedade e, no limite, da humanidade. Sem a Sociologia e a Literatura, a força da escuridão duplica o peso das impressões que nos governam, das palavras que enredam a gramática moral e política baseada no desprezo, no não-reconhecimento, no vexame, na intolerância, nas múltiplas formas de violência verbal e corporal.



## **A LITERATURA COLOMBIANA CONTEMPORÂNEA EM ANÁLISE**

*Dana Milena CHAVARRO\**  
*Wellington PINHEIRO\*\**

**RESUMO:** A partir das múltiplas possibilidades de abordar a paisagem da escrita colombiana - que é reflexo de uma realidade marcada por conflitos territoriais, pela presença de atores armados e pela ausência de acesso aos bens jurídico-sociais - neste artigo, nos interessa fazer uma reflexão que permita correlacionar elementos da literatura, da memória, do esquecimento e do trauma dessa realidade social a fim de potencializar uma reflexão autêntica da realidade colombiana. Neste contexto mobilizamos o romance *El Olvido que Seremos* (2006) de Hector Abad Faciolince. Para tanto, realizamos, em primeiro lugar, uma abordagem historiográfica do contexto social e político colombiano onde se desenvolve a obra. Dois: apresentamos algumas características da literatura contemporânea daquele país, especificamente, do autor. Finalmente, refletimos especificidades da literatura do testemunho encontrada na obra em análise.

**PALAVRAS-CHAVES:** Esquecimento. Testemunho. Literatura Colombiana.

### Introdução

Ya somos el olvido que seremos.  
El polvo elemental que nos ignora  
y que fue el rojo Adán y que es ahora  
todos los hombres y que no veremos.

---

\* UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Recife - PE – Brasil. 50670-901 - danachabe@yahoo.com.

\*\* FACOL - Faculdade Escritor Osman Da Costa Lins. Vitória de Santo Antão - PE - Brasil. 55612-275 - pinheiraosociais@yahoo.com.br.

Ya somos en la tumba las dos fechas  
del principio y del término, la caja,  
la obscena corrupción y la mortaja,  
los ritos de la muerte y las endechas.  
No soy el insensato que se aferra  
al mágico sonido de su nombre;  
pienso con esperanza en aquel hombre  
que no sabrá que fui sobre la tierra.  
Bajo el indiferente azul del cielo  
esta meditación es un consuelo.  
(**Epitáfio**, Jorge Luís Borges)

A literatura pode ser compreendida como um fenômeno da *práxis* que mobiliza o ator social a ressignificar criticamente a realidade social. Em outras palavras, para De Marco (2004), a literatura pode ampliar vozes capazes de testemunhar desigualdades, **injustiças sociais e ausências de bens sociais fundamentais à consagração dos direitos humanos como a democracia, por exemplo**. Neste contexto emerge, nas últimas décadas do século XX, a **literatura do testemunho como uma modalidade da memória social, uma forma de pensar radical que faz da escrita uma arte, uma maneira de ser-viver-escrever que denuncia fatos sobre fenômenos sociais dramáticos que advêm de Auschwitz**, o qual para Seligmann-Silva (2003) **expressa um acontecimento sócio-histórico em que o real não se deixa reduzir a meros fatos banais do cotidiano**.

É deste contexto crítico-sócio-literário de denunciar o que não fomos capazes de simbolizar em tempo sombrio que emerge este artigo<sup>1</sup>. Nossa proposta de investigação emerge demonstrando a necessidade de refletir a literatura colombiana a partir de questões do testemunho. Tendo em vista as múltiplas possibilidades de abordar a paisagem da escrita social, neste caso, a literatura de testemunho colombiana, nosso texto estrutura-se sobre o seguinte objetivo: correlacionar elementos que envolvem literatura, memória, esquecimento e trauma oriundos de denúncias literário-sociais a fim de refletir como essa literatura potencializa um olhar reflexivo sobre a cena da escrita<sup>2</sup> colombiana. A partir desta proposta mobilizamos

---

<sup>1</sup> Este artigo emergiu de nosso testemunho sobre os processos de mobilização em prol da paz, compreendida como um bem simbólico-moral de uma nação (MAUSS, 2008), que vem sendo construído na Colômbia nos últimos anos. O mesmo também faz parte do nosso trabalho de doutoramento no Brasil.

<sup>2</sup> A partir de ARFUCH (2010) compreendemos a cena da escrita como o contexto político-social onde foi desenvolvido o artesanato de escritura da obra em análise.

o romance *El Olvido que Seremos* (2006)<sup>3</sup>, de Hector Abad Faciolince, como nosso texto de interlocução literária.

Para tal empreendimento pretendemos. Um: fazer uma apresentação historiográfica do contexto social e político colombiano onde se desenvolve a obra. Dois: apresentar algumas características da literatura contemporânea colombiana, especialmente, Hector Abad Faciolince. Finalmente, refletir a partir desse livro questões específicas do trauma, da memória e do testemunho mobilizada pelo edifício teórico da literatura do testemunho.

## A “Guerra Suja” na Cena da Escrita Colombiana: os Personagens da Corrupção, do Narcotráfico e dos Atores Armados

Com a intenção de contextualizar as condições político-sócio-culturais de ambientação da obra interlocutora faz-se necessário apresentar algumas especificidades do cenário colombiano. No âmbito da organização política observamos que o governo teve importância para o contexto de *El Olvido que Seremos*. Sobre isso destacamos a figura do ex-presidente Belisario Betancourt que concedeu anistia em 1982 para grupos armados, promovendo maior abertura política para quem deixasse o mundo das armas (TIRADO MEJIA, 1989). Depois de conseguir efetivar diálogos com grupos de interesses distintos parecia que sua proposta de pacificação seria possível, contudo, com a emergência do Movimento 19 de Abril (M-19) – grupo guerrilheiro oriundo dos anos 1970 – esse país vivenciou um espantoso momento de violência que culminou com a invasão ao Palácio da Justiça em 1985. Fato que poderia destituir aquele presidente que ao conhecer os rumores de sua iminente saída promoveu densa retaliação conhecida por política do pulso firme, ou seja, optou-se pela solução armada para tentar resolver conflitos sociais (LEAL BUITRAGO; ZAMOSC, 1990, p.76).

Em três de agosto de 1984 foi proposto um tratado de trégua entre o governo da Colômbia e o Grupo M-19. Porém, o encontro marcado teve que ser reagendado pois um dos anistiados, o médico Carlos Toledo Plata, foi assassinado alguns dias antes do referido acordo ser assinado. A consequência desse fato gerou maior instabilidade política naquele país, porque o que poderia ser considerado um momento de paz para a nação, na verdade, ficou registrado como a “data oficial do início da guerra suja na Colômbia” (SEMANA, 1987, n.p.).

---

<sup>3</sup> *El olvido que seremos* vem se transformando numa obra clássica da literatura colombiana. Foi traduzido em várias línguas (inglês, italiano, português, alemão, francês e holandês). Ganhou o prêmio WOLA-Duke em direitos Humanos nos Estados Unidos em 2012.

A repercussão daquele tratado, em princípio, ganhava apoio institucional, no entanto o governo do presidente Virgilio Barco teve problemas com o desfecho final do acordo, sobretudo, pela repercussão promovida pelo assassinato do líder Luis Carlos Galán<sup>4</sup>. Com isso criou-se uma conjuntura que culminou com a declaração oficial da guerra contra os carteis do narcotráfico.

Invocando as faculdades presidenciais extraordinárias da legislação por decreto que lhe conferiam as disposições do “Estado de Sitio” já estipuladas na Constituição Nacional, anunciou que o governo renovasse a extradição sumaria de narcotraficantes ao exterior (LEAL BUITRAGO; ZAMOSC, 1990, p. 446-7, tradução nossa).

Com efeito, a violência política na Colômbia nas últimas décadas do século XX é um exemplo dos meios utilizados pelos narcotraficantes (notadamente o cartel de Medellín) para responder às investidas do governo e sua política de implementar a ordem jurídico-social, o que inviabiliza os negócios ilícitos. Esta violência denegriu a história do país em inumeráveis casos de assassinatos, sequestros, torturas, atos de corrupção, dentre outras catástrofes sociais. Uma das mortes mais lamentáveis e conhecida foi o homicídio do candidato à presidência da república Luís Carlos Galán, defensor da extradição dos narcotraficantes.

Além dos narcotraficantes, das guerrilhas e da corrupção que estavam presentes no próprio governo, compreendemos que existia também outro ator do conflito que é impossível deixar de lado em uma alusão sobre a história contemporânea da violência Colombiana, a saber: o paramilitarismo<sup>5</sup>.

Estes grupos ilegais nomeados por Gustavo Duncan (2006) como os *Senhores da guerra* têm como característica essencial o fato de ser um exército regional que abre para os cartéis urbanos as rotas do narcotráfico, na medida em que exerce uma espécie de governo paralelo em micro sociedade (bairros, povoados, etc.) onde a segurança e os impostos são monopolizados por eles. A diferença com as guerrilhas reside no aspecto de que os primeiros não pretendem derrocar o governo estabelecido, pelo contrário, defendem a implementação de uma ideologia neoliberal promovida pelo confronto armado financiado pelo narcotráfico.

A partir de escritores como Faciolince, é possível compreender como o mundo submerso da violência e da fragmentação de valores morais, por exemplo, constituem, em parte, a construção social da realidade desta nação. Esse fenômeno da violência fica evidente na obra em análise:

---

<sup>4</sup> BANCO DA REPUBLICA. Disponível em: <[http://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/08/140817\\_colombia\\_galan\\_legado\\_25\\_aniversario\\_aw](http://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/08/140817_colombia_galan_legado_25_aniversario_aw)> Acesso em: 05 out. 2017.

<sup>5</sup> Para maior compreensão dos paramilitares ver DUNCAN (2006).

No ano da sua morte a guerra suja, a violência, os assassinatos seletivos, estavam sendo fincados de forma sistemática na universidade pública, pois alguns agentes do estado e seus cúmplices do estado paralelo consideravam que ali estava a semente e a seiva da subversão. Nos meses anteriores do assassinato, somente na sua querida Universidade de Antioquia tinham sido assassinados sete estudantes e três professores (FACIOLINCE, 2006, p. 614, tradução nossa).

Contextualizando essa realidade observamos na fala de um paramilitar: “Esse filho da p... (sic) foi um dos primeiros que nós matamos em Medellín” (FACIOLINCE, 2006, p. 627). Os paramilitares assassinaram na rua Argentina em Medellín o Doutor Hector Abad Gómez, um médico colombiano pioneiro da medicina preventiva, professor universitário da Universidade da Antioquia, fundador da Faculdade Nacional de Saúde Pública e líder defensor dos direitos humanos. A sua bravura era de utilizar **a palavra** como a única arma que sabia manejar.

Hector Abad Faciolince, filho do doutor Hector Abad, relata como seu pai mobilizou o governo pela luta a favor dos direitos humanos na Colômbia. Para aquele professor universitário, a medicina também se apreende na rua, nos bairros onde as pessoas ficam doentes, segundo ele, só estando ali, naqueles lugares, é possível entender as causas e as consequências das doenças. Talvez, assim seja menos difícil entender porque aquele humanista da medicina defendia com obsessão o acesso universal à água potável para população menos favorecida. Fato que foi abordado no romance do seu filho. Desta maneira, *El Olvido que seremos* abrange o espaço literário-discursivo em que confluem simultaneamente a sociedade colombiana, a vida do romancista, a sua questão existencial e o traumático assassinato do seu pai.

## A Literatura Colombiana Contemporânea: As Heranças do Realismo Mágico

O romance *El olvido que seremos* é uma obra característica da literatura de **testimonio** latino-americana, ao mesmo tempo, nosso livro de interlocução também é um **espaço biográfico** do autor em questão, ou seja, falar de Hector Abad Faciolince é falar de uma nova geração de literatos colombianos ao lado de Laura Restrepo, William Ospina, Santiago Gamboa, Fernando Vallejo.

Segundo Mejia Rivera (1999), esta lista poderia ser ampliada por autores clássicos denominados de escritores mutantes, ou seja, tal lista poderia aumentar se acrescentássemos aos intelectuais supracitados um conjunto de acadêmicos que têm como característica essencial adotar a trajetória consagrada do Realismo Mágico<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O Realismo Mágico é um movimento literário, surgiu em meados do século XX, nele há uma preocupação estilística e interesse de mostrar o irreal como parte do cotidiano. Gabriel Garcia Marques,

proposta por Gabriel Garcia Marques. Para o intento da nossa reflexão, é importante compreendermos que uma das grandes virtudes desta geração se consistiu no fato de que eles conseguiram se distanciar do arquétipo do realismo, construindo um estilo de escrita singular, como também tiveram êxito ao correlacionar suas narrativas com suas próprias lembranças e contextos existenciais da sua realidade social. Assim sendo, observamos a emergência de uma escrita autêntica, que descreve mundos materiais e invisíveis do cotidiano. Enfim, observamos o alvorecer de uma escrita original do mundo da vida de tais autores mutantes. Ao nosso ver, este é o caso de Hector Abad Faciolince.

Na sua narrativa é fundamental compreender as variantes de um giro autobiográfico vivenciado no contexto sócio-literário do conflito armado colombiano. Diferenciar seu relato testemunhal das obras contemporâneas implica uma pesquisa editorial. Neste contexto algumas obras merecem destaque, a saber: *Mi confesión* (2005), de Mauricio Arangurem Molina; *El patrón: vida y muerte de Pablo Escobar* (1995), de Luis Cañón; *Mi hermano Pablo* (2013), de Roberto Escobar; por fim, ainda ressaltamos o título *Amando a Pablo, odiando a Escobar* (2017), de Virginia Vallejo. São publicações que foram editadas durante a mesma época em que foi escrito e editado o romance de Faciolince (2006). Todas essas obras possuem o caráter testemunhal ao qual fazemos referência. Sem dúvida, algo relevante estava acontecendo, estávamos passando por momento confessional, no qual, aparentemente, todos queriam falar em primeira pessoa. A literatura colombiana naquele momento estava saturada por aventuras de narcotraficantes, brigas de *sicários*<sup>7</sup>, máfia política, malícia da milícia e toda a verborragia “*paisa*”<sup>8</sup>. Tudo isso levou a uma proliferação de autobiografias de ex-sequestrados – de jornalistas e até ex-presidentes. Sobre isso é revelador atentar para as palavras Loaiza Cano (2008):

Cada uma destas obras tem algo ou muito de mitomania ou da megalomania. Definitivamente, todas são uma fraude. E ao lado desta literatura como uma quadrilha, marcha uma serie de novelas em que os protagonistas e até os vencedores, como se ainda não fosse suficiente os triunfos cínicos na realidade são assassinos e criminosos. Enfim, existe uma saturação de relatos no que as vítimas e os derrotados são só um efeito de decoração. Não é só da literatura que fala de violência, mas também de uma literatura que com a sua pobreza de linguagem, com as suas reiteraões e ligeirezas é ela mesma violência. (LOAIZA CANO, 2008, p. 94, tradução nossa).

---

Júlio Cortázar e Mario Vargas Llosa são alguns dos autores hispano-americanos mais representativos.

<sup>7</sup> São indivíduos que assassinam pessoas por interesse financeiro, popularmente, chamado de matador de aluguel.

<sup>8</sup> O termo se refere às pessoas que residem na cidade de Medellín, sobretudo, na região conhecida como El Viejo Caldas: Antioquia, Risaralda e Caldas.

Desta maneira a autor deixa claro a diferença entre o tipo de biografias que foram reproduzidas neste momento e o tipo de literatura em que, aparentemente, todos tinham direito de falar a partir de sua idiossincrasia. Nos idos de 2006 é publicado *El Olvido que Seremos* em que, com uma voz infantil e suave o autor narra sua relação com seu pai, que foi assassinado numa rua da cidade de Medellín nos anos de 1980 nas mãos de um *sicário*. Neste romance de testemunho Hector Filho fala do Hector pai. É uma construção cheia de memória, permeada de lembranças, simbologias e esquecimentos. O relato dos derrotados é recuperado pelo Eu a partir de outra forma de narrar. Aqui, em nossa opinião, encontra-se a dimensão política mobilizada do romance.

Além disso, essa novela testemunhal revela a cena da escrita do seu país, nela é possível compreender as especificidades dos processos de socialização colombiana, mostrando fragilidades dos tecidos sociais dos cidadãos que sofrem uma espécie de anomia social, um processo de fragmentação na compreensão e internalização das regras sociais, como nos diria Durkheim (1999). Paralelamente, o escritor faz uso da mnemotécnica localizando espacialmente o leitor, nomeando lugares importantes e identificando fatos históricos pontuais. A morte do pai, a sua própria dor, a perda, são fatos que o irrompem violentamente. Com isso fica evidente que o romance reconstrói as singularidades históricas do filho fraco que se reproduz na juventude do autor em questão.

## Trauma, História e Literatura: Sobre os Elementos Literários de *El Olvido que Seremos*

A partir de autores como Arfuche (2010), Bosi (1994), Seligmann-Silva (2003), observamos que a dimensão do trauma, da história e da literatura, por um lado, guarda uma espécie de sinergia de vidas grafadas no papel; por outro lado, esses elementos literários provocam um desaguar das tramas mais profundas do humano, articulam, provocam e fazem emergir roteiros de existências passadas que mobilizam, ou melhor, animam a atitude crítica da *práxis*, da ação literária que ganha vida com as memórias materializadas e energizadas na escrita testemunhal. Para concretizar isso recorreremos às palavras de Faciolince (2006):

Escrevo isto para Inês, o sítio que deixou nosso pai, que lhe deixou o avô, que lhe deixou meu bisavô e que construiu meu trisavô tirando mato com as suas próprias mãos. Retiro isto de dentro, todos estes recortes retiro deles como se fossem um parto, como se tira um tumor. Eu não vejo a tela do computador, eu respiro fundo e o vejo lá fora... passaram-se quase vinte anos desde que o mataram e durante

estes vinte anos, cada semana, eu sinto que tinha um dever iniludível, não falo de vingar sua morte, mas sim, pelo menos de contá-la (FACIOLINCE, 2006, p. 755-6, tradução nossa).

Assim sendo, nessa passagem observamos a emergência de uma narrativa que conta a experiência da perda do pai vinte anos depois da sua morte. E mais: salvar do esquecimento a memória do pai que era para ele um arquétipo de humanismo que morreu pela defesa dos seus próprios ideais pela justiça social. Mesmo assim, o autor reconhece como o fato da escrita na sua vida tem a ver com seu pai e a ligação seminal que eles tiveram:

Acho que o único motivo pelo qual tinha sido capaz de manter-me na escrita todos esses anos e de enviar meus escritos à imprensa é porque sei que meu pai gostaria mais que ninguém de ler todas estas páginas que não consegui ler. Que não poderá ler jamais. É um dos paradoxos mais tristes da minha vida: quase tudo o que foi escrito por mim foi escrito para alguém que não pode ler-me. Este livro não é outra coisa que a carta para uma sombra (FACIOLINCE, 2006, p. 42, tradução nossa).

A morte do pai é anunciada uma e outra vez durante todo o extenso do romance, no entanto, mesmo sabendo como ia finalizar a narração, o fato é iniludível, o relato mostra uma interseção da própria vida do autor com a ligação vital que o mesmo nutre com seu pai, mas além do relato da morte acreditamos que a intenção dele não era somente a narração mesma da morte, pelo contrário, Faciolince (2006) com sua maneira peculiar de escrita, com todas as especificidades de descrever vivamente suas memórias acaba, com intensidade, exaltando as especificidades, as virtudes da própria vida.

O livro seria um exemplo no qual se articulam a necessidade de narrar a experiência vivida e a percepção da insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis) e o caráter inimaginável (inverosimilhança) que é o que descreve o espaço de tensões sobre o qual a literatura de testemunho se pronuncia (SELLIGMANN-SILVA, 2003). As tristes palavras do filho, não são outra coisa que a mostra contundente da autobiografia na literatura colombiana, e mais ainda, de uma elaboração de trauma.

Assim, por um lado, o texto relata a vida de um menino de classe média que tinha todas as necessidades supridas, ou melhor, gozava de certo privilégio e conforto se comparado à média da sua sociedade tradicional. Por outro lado, a obra ressalta a presença marcante do catolicismo. Embora a história familiar se desenvolva de forma ficcional na primeira parte, observamos a representação micro da realidade histórica da Colômbia.



Na casa viviam dez mulheres, um menino e um senhor. As mulheres eram a babá, que tinha cuidado da minha avó, tinha quase cem anos e estava meio surda e meia cega; duas moças do serviço doméstico - Emma e Teresa; minhas cinco irmãs - Maryluz, Clara, Eva, Marta e Sol - minha mãe e uma freira. O menino, eu, amava ao senhor, seu pai, sobre todas as coisas. O amava mais que a Deus (FACIOLINCE, 2006, p. 42, tradução nossa).

Por tudo isso somos convencidos a compreender a literatura de testemunho como uma relação entre a literatura e a sociedade. Com efeito, o relato no romance é posto a partir da singularidade do real que, em nossa percepção, tem dois elementos essenciais para serem destacados: Um: O fato de ser uma narrativa que inicia a ação do romance com a escritura da infância do protagonista. Dois: A escrita singular é materializada por um exercício autobiográfico que produz memória no próprio texto do narrador e que se ocupa, ele mesmo, em um profundo exercício hermenêutico de configurar-se em protagonista do romance.

Sobre a escrita da infância compreendemos que ela configura o espaço pessoal mais distante do que narra o autor e, talvez seja essa a causa pela qual ele se permite iniciar assim a sua narrativa, mas isso também ativa a memória do homem adulto. No percurso da história a partir da escrita da infância, abre-se um espaço que dá um certo domínio ao narrador, pois ele é a voz de um menino que fala e que se percebe menino antes que o adulto que o habita volte à tona. Segundo Arfuch (2010), esse exercício de escrita profunda configura-se na escrita da *práxis*. Desta maneira produz-se efeito de verossimilhança na sua narrativa. Emerge um narrador em primeira pessoa por onde filtram-se todos os acontecimentos e é a partir desse olhar subjetivo da criança que se reflete em maior ou menor proporção a história nacional, ou melhor, surge uma maneira particular de narrar a história da Colômbia.

Isso nos leva a refletir também o fato autobiográfico. Leonor Arfuch (2010) afirma que no espaço biográfico contemporâneo e na autobiografia canônica há uma coincidência empírica entre narrador e autor, o que no caso em análise é evidente. O exercício com a cena própria da escrita também promove uma busca permanente de sentido da própria vida. Porque:

Seus assassinos continuam livres dia-a-dia, mais e mais poderosos e as minhas mãos não podem lhes combater. Somente meus dedos fincados numa tecla depois da outra podem dizer a verdade e declarar a injustiça. Uso a mesma arma: as palavras. Para quê? Para nada; ou para o mais essencial e simples: para que se conheça. Para alongar a sua recordação antes que chegue o esquecimento definitivo em mim (FACIOLINCE, 2006, p. 760, tradução nossa).

Hector Abad Faciolince (2006) parece querer recuperar o seu Eu e o discurso daqueles que são assassinados a começar pela morte do pai que como muitos outros, nesse momento da história nacional, são mortos nas mãos dos paramilitares e estão condenados ao esquecimento.

Outro elemento que é interessante denotar dentro do espaço biográfico contemporâneo é a intertextualidade de que nos fala Arfuch, (2010). Como exemplo observamos a referência intertextual, a partir das narrativas da obra que tem nas **palavras** um elemento autobiográfico, a qual se contrapõe às diferentes formas de materialização da violência expressas no romance. Tal estrutura textual foi demonstrada na passagem anterior. A mesma ótica de intertextualidade, talvez de forma menos direta, pode ser encontrada na primeira parte do romance, especificamente, numa secção bastante peculiar quando trata de uma anedota pessoal que o protagonista fez quando tinha por volta dos dez anos contra a família dos Manevich - uma família judia que vivia na mesma rua onde morava o autor em discussão.

Em certa parte do romance Faciolince (2006), novamente, faz alusão ao fenômeno de desumanização sofrido pelos judeus. Ele lembra das tramas infantis, principalmente, do fato de participar do que denominou de “noite dos cristais”<sup>9</sup> para com os Manevich. Durante estas recordações o autor lembra com veemência a atitude do pai ao lhe contar todo o processo de insensatez vivenciado pelos judeus em diversos locais da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Essa ambientação do conflito permitiu-lhe fazer alusão aos discursos políticos contemporâneos a partir da memória narrada da sua infância. Neste último exemplo de intertextualidade, abre-se caminho também para pensarmos na menção feita no romance ao fato histórico de *Shoah*, em que recupera elementos chocantes daquela época. A menção desse ácido momento vivenciado pelos judeus tem a ver com a literatura do testemunho e com a noção de trauma que é parte de nosso interesse.

A escrita para-textual da infância também aparece, principalmente, pela figura material da fotografia da sua irmã estampada na capa do livro. O uso do recurso fotográfico proposto pelo autor apresenta de maneira análoga e enfática a experiência do *Shoah* e, principalmente, a sua vivência da violência na Colômbia. Quando o pai repreendeu aquela criança ele, dentre outras coisas, demonstrou como aquele comportamento era descabido e injustificado para com a família Manevich. Adentrando na obra percebemos isso da seguinte maneira:

---

<sup>9</sup> A noite dos cristais representa um fato histórico de desumanização dos Judeus durante a Segunda Guerra Mundial. A noite vivenciada pelo autor consistiu numa espécie de brincadeira onde várias crianças praticavam atos discriminatórios para com os membros da família Manevich.

Observando aos meus olhos falou-me que o mundo ainda estava cheio de uma peste que se chamava antissemitismo. Contou-me o que os nazis haviam feito vinte cinco anos antes com os judeus e que tudo havia iniciado ao se jogar pedras nas vitrines durante a terrível *Kristallnacht* ou noite dos cristais. Depois mostrou-me umas imagens horríveis dos campos de concentração. (FACIOLINCE, 2006, p. 58, tradução nossa).

Seligmann-Silva (2003, p. 49) afirma que “Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da ‘realidade’, mas na nossa capacidade de percebê-la e de simbolizá-la”. É interessante e muito revelador que as páginas deste romance, na segunda parte, quando o narrador fala na voz do adulto, no mesmo parágrafo, alude às fotografias de sequestrados e torturados colombianos. A relação dos dois eventos de violência é direta. Faciolince (2006, p. 610) grafa esta relação de desumanização com um termo bastante curioso, “a nova peste”. Uma ideia herdada do seu pai e que podemos compreender neste fragmento:

A sua noção da violência como uma nova tipologia da peste vinha de muito antes. Já no primeiro Congresso Colombiano de Saúde Pública, organizado por ele no ano de 1962 tinha lido um artigo que seria histórico na medicina social do país: sua palestra tinha por título “Epidemiologia da Violência” (FACIOLINCE, 2006, p.601, tradução nossa).

Com isso acreditamos que os comentários de Abad Faciolince e as ideias do pai, nos permite estabelecer uma conexão entre *Shoah* e a Guerra Suja no contexto colombiano. É relacionando estas duas mostras de desumanização e de anti-humanismo que o autor encontra apoio político na sua empreitada por justiça social.

A menção aos desaparecidos na narrativa de Faciolince (2006, p. 524), é uma forma de denuncia das atrocidades e brutalidades cometidas contra uma grande parte da população colombiana: “A desapareição de alguém é um crime tão grave quanto o sequestro ou o assassinato e talvez, é mais terrível, pois a desapareição é incerteza, medo e esperança banal”. Dessa forma, ao se relacionar alusivamente as passagens do livro com realidade análogas (semelhantes em maior ou menor grau) da sociedade, constrói-se uma maneira de reclamar por justiça.

Mesmo que a alusão aos desaparecidos seja textualmente explícita na parte da narrativa que corresponde ao narrador adulto, a menção aparece implícita desde o início do romance quando na escrita da infância o autor reflete acerca das possibilidades de que seu pai possa desaparecer em algum momento da vida. A sensação de medo e incerteza é conjecturada na criança que habita sua memória. Assim, as duas partes da narrativa, tanto a primeira sendo narrada pela criança

como a segunda parte do adulto que inicia com o capítulo versando sobre a perda da sua irmã e, também no capítulo seguinte no qual narra a morte do pai, é possível encontrar um movimento argumentativo, um constante vaivém, um ir e voltar. Em outras palavras, observamos a construção potente de uma dialética permanente, na intenção escrita de Faciolince (2006), pelo direito à memória.

Na narrativa infantil a fala do pai, – que não gostava das armas e nunca quis pegá-las em vida –, nos permite compreender como o autor usava as palavras como arma, ou seja, ele materializava a herança de escrita do pai. Sobre a existência dessa herança em sua escrita de testemunho, observamos o fato dele incorporar os escritos do pai, de forma explícita denuncia a ineptidão e injustiça do governo, o que nos permite exemplificar como a memória, a crítica e a violência da sua nação estão presentes na cena da sua escrita.

Outro exemplo é que Faciolince (2006) reproduz em seu livro um artigo que foi publicado por seu pai em um jornal de abrangência nacional, pouco tempo depois que um amigo (do pai) foi encarcerado e torturado pelo exército de Medellín:

Eu acuso os interrogadores do Batalhão Bomboná de Medellín, de serem impiedosos torturadores sem alma e sem compaixão pelo ser humano, de serem psicopatas, de serem criminosos pagos, subsidiados pelos colombianos para reduzir os prisioneiros políticos, sindicais e sindicalistas às condições incompatíveis da dignidade humana, causadores de toda sorte de atrocidades, muitas vezes irredutíveis e irremediáveis [...] eu denuncio formal e publicamente estes procedimentos dos chamados *mandos médios*, de violentar sistematicamente os direitos de centenas de compatriotas nossos. (FACIOLINCE, 2006, p. 639, tradução nossa).

O autor também se vale de muitas referências intertextuais contextualizando a realidade alemã, latino-americana e espanhola, esta última, tem a ver com as recordações paternais de leituras compartilhadas. Seu pai tinha o hábito de leitura de cabeceira principalmente quando lia para ele “poemas de Machado, de Vallejo e de Neruda sobre a guerra civil espanhola” (FACIOLINCE, 2006, p.217). A menção de tais poetas além do denominador comum de contemplação literária colocava aquele garotinho a par da conjuntura política do fascismo espanhol.

A leitura desses poetas não fica só no fato político-histórico que parece ser outra constante dentro do romance. “Para a testemunha de um evento-limite, como o assassinato em massa perpetrado pelos nazistas, coloca-se – ou melhor, impõe-se – uma questão incontornável: a ‘opção’ entre a ‘literalidade’ e a ‘ficção’ da narrativa” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47). Nesse sentido outros elementos chamam a atenção do romance. Dentre tantos, destacamos o fato existir a relação com a poética borgiana: O poema *El olvido que seremos* que segundo conta Faciolince (2006)

tornou-se uma árdua pesquisa pelo fato de querer esclarecer a autoria do poema. Após um longo tempo de investigação ficou ratificado que o mesmo pertencia a Jorge Luís Borges. O soneto borgiano foi encontrado no bolso da jaqueta do pai no momento do seu assassinato nas mãos de paramilitares. Sendo esta, a poesia que movimenta, articula e dá o título ao romance. Ela faz parte do poema *Epitáfio* e aparece em citação direta na obra em análise<sup>10</sup>.

Com essa poesia, Faciolince (2006) alude à transitoriedade da existência humana e à fragilidade da memória. No entanto, entre a literalidade e a ficção, a cópia do seu romance encontra-se acompanhada por outro papel no qual estavam escritos os nomes das pessoas que foram ameaçadas pelos paramilitares como o próprio Abad Gómez. Esta coincidência no testemunho de um evento-limite entre a realidade e a ficção deixa marcada também uma espécie de denúncia contra a impunidade que ampara os senhores da guerra, naquele caso, os paramilitares. Em uma sociedade socializada com o fenômeno da violência observamos que esse testemunho constitui uma realidade dada, um desfecho sem espanto, na medida em que as pessoas já esperam pelo desfecho de fatos nos quais dores e ausências fazem parte da cena da escrita. Neste contexto, longe da justiça, espera-se o esquecimento (*el olvido*) dos fatos? Ou seja, o esquecimento dos fatos será suavizado com o passar (infinitamente) do tempo? *El olvido que seremos* emerge como um enérgico não da literatura de testemunho que se volta para denunciar fatos de desumanizam nossa maneira de constituir sentido no mundo.

## Conclusões

A escrita deste romance em que o autor se impõe de alguma maneira vinte anos depois da morte do pai é um imperativo que vai mais além do testemunho da dor. É uma clara afirmação de testemunhar que existe necessidade de justiça através da narrativa. “O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46).

O imperativo de Hector Abad Faciolince (2006) por contar a sua verdade pode ser interpretado como o desejo de fazer justiça com as suas próprias mãos, neste caso, através da escrita. Há também o fato da denuncia ser um contraponto à incapacidade do Estado de proteger os seus cidadãos. O *ethos* do texto emerge da memória do pai ausente, da memória de um sujeito social vítima de fatos que transcenderam suas próprias forças. Só o filho, testemunho dos fatos recorre à **palavra** sua **arma/ferramenta** para estabelecer, pelo menos temporalmente, a relação entre memória e justiça.

---

<sup>10</sup> Para efeito de gancho narrativo optamos por começar nosso artigo com o referido poema.

Assim, trazemos para a reflexão a metáfora do cubo caracterizada por Hector Abad Faciolince (2006, p. 671) como uma “face oculta para todo o mundo, aos outros e a nós mesmos”. Isso, ao nosso compreender, é uma representação simbólica de uma narrativa histórica inacessível, permeada por injustiças e rejeitada pelo Estado que não deu maiores esclarecimentos sobre este fato oculto da realidade político-social da Colômbia. Por isso, o desejo de reconhecer publicamente a face oculta e silenciada dos acontecimentos emerge no romance a necessidade que o protagonista sente de relacionar sua narrativa com a experiência traumática que durante vinte anos permaneceu latente na sua escrita-vida.

Com isso, observamos como *El olvido que Seremos* contribui significativamente para o campo da relação sociedade-literatura, na medida em que nos permite problematizar a impunidade e o esquecimento como elementos a serem questionados na realidade e na história colombiana e, de certo modo, latino-americana, pois, ainda lutam pela conquista da paz como um bem de justiça social. A importância dessa obra expressa por Holly Ackerman<sup>11</sup> (jurada do prêmio WOLA, 2012, n.p.) tem a ver com o fato do romance poder potencializar nossa humanização, pois: “o livro renovou minha convicção de que a liberdade, a justiça e a paz no mundo têm por base o reconhecimento da dignidade intrínseca e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana”.

## **AN ANALYSIS OF CONTEMPORARY COLOMBIAN LITERATURE**

**ABSTRACT:** *Through the many possibilities available to understanding current Colombian literature – which is an echo of a reality marked by territorial disputes, by the presence of warlords and by the absence of judicial access – this article attempts to make a correlation between elements of literature, memory, loss of memory, and the trauma of this social reality, so as to allow a better understanding of Colombian reality. Through this frame of reference we analyze the novel *El Olvido que Seremos* (2005) by Hector Abad Faciolince. We start with a historical analysis of Colombia’s social and political context. Next we present some of the important features of Colombian literature and, more precisely, of the author of the book. Finally, we consider the specificities of testimonial literature that are present in the work in question.*

**KEYWORDS:** *Disremembering. Testimony. Colombian Literature.*

---

<sup>11</sup> Washington Office on Latin America – WOLA. Disponível em: <<https://www.wola.org/2012/10/oblivion-a-memoir-by-hector-abad-wins-wola-duke-human-rights-book-award/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## AGRADECIMENTO

A construção deste texto tem como um dos pilares o incentivo mobilizado por nossa amiga Eliane. Dessa forma, tecemos um sincero agradecimento a esta amiga que de forma atenciosa e comprometida promoveu um tipo de formação que potencializou a compreensão epistemológica que temos da realidade social, como também ampliou o desejo de conhecimento sociológico para que possamos nos tornar um ser humano melhor.

## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DE MARCO, Valeria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua nova**, n. 62, p. 45-68, 2004.
- CAÑÓN, Luis. **El Patron: vida y muerte de Pablo Escobar**. Bogotá: Editorial Booket, 1995.
- ESCOBAR, Roberto. **Mi Hermano, El Patrón Escobar**. Bogotá: Quintero Editores, 2013.
- DUNCAN, Gustavo. **Los Señores de la Guerra**. Planeta: Bogotá: Planeta, 2006.
- DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FACIOLINCE, Héctor Abad. **El olvido que seremos**. Socrates (v1.0) ePub base v2.1, 2006.
- LEAL BUITRAGO Francisco; ZAMOSC León. (1990) (edits.). **Al filo del caos: crisis política en la Colombia de los años 80: memorias**. Bogotá: Tercer Mundo, 1990.
- LOAIZA CANO, Gilberto. La dignidad de la frágil palabra. **Número**, v. 56, p. 93, 2008.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva**. Tradução: Antônio Felipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008.
- MEJIA RIVERA, Orlando. La generación mutante. **Estudios de Literatura Colombiana**, n. 4, p. 99-106, 1999.
- MOLINA, Maurício Arangurem. **Mi Confesión**. Autobiografía de Carlos Castaño. Bogotá: Editorial: JVK Y CIA, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **História, Memória, Literatura**: O Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

SEMANA. La guerra sucia. Semana, Bogotá, 28 de sept. 1987. Disponível em: <<http://www.semana.com/nacion/articulo/la-guerra-sucia/9387-3>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

TIRADO MEJÍA, Álvaro. (Dir.), **Nueva historia de Colombia**, Bogotá: Planeta, 1989.

VALLEJO, Virginia. **Amando Pablo odiando Escobar**. Bogotá: Giunti, 2017.

WOLA – Washington Office on Latin America. Oblivion: A Memoir by Hector Abad Wins WOLA-Duke Human Rights Book Award. **WOLA**, 12 de out. 2012. Disponível em: <<https://www.wola.org/2012/10/oblivion-a-memoir-by-hector-abad-wins-wola-duke-human-rights-book-award/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Recebido em 11/02/2018.

Aprovado em 22/04/2018.



# **DISSONÂNCIAS E ANTAGONISMOS: A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DE LIMA BARRETO NO ROMANCE *CLARA DOS ANJOS***

*Ellen Margareth Dias Ribeiro ARAÚJO\**

**RESUMO:** Este artigo tem o propósito de analisar o romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, em diálogo com o contexto histórico-social da Primeira República brasileira. A análise busca aproximar os estudos críticos de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (2014), de Gilberto Freyre, em *Casa grande e senzala* (2001), Jorge Schwarz, em *As ideias fora do lugar* (2000), Antonio Candido, em *Dialética da malandragem* (1970) e *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado (2012) com a representação literária do espaço físico e social dos subúrbios do Rio de Janeiro. Através desse estudo, buscamos fundamentar como a literatura de Lima Barreto reproduz, na ficção, as dissonâncias históricas, as ambivalências e os antagonismos sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto. Clara dos Anjos. Preconceito Racial. Antagonismos Sociais.

## **Introdução**

Lima Barreto pode ser considerado um escritor de transição. Viveu a transição da Monarquia para República e a transição do Realismo para o Modernismo. Sua obra está inserida no período que compreende a primeira República (1889-1930), marcada por modificações nas cidades, revoltas e crises sociais. Como cidadão brasileiro e escritor, sofreu influências dessas mudanças e procurou retratá-las em suas obras. O objetivo deste estudo é entender como se dá a representação literária

---

\* UFG - Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO – Brasil. 74690-900 - ellen\_rib01@hotmail.com.

desse processo social, que se pretende moderno, mas que perpetua e atualiza o passado colonial brasileiro. O romance escolhido para a análise é *Clara dos Anjos*, obra concluída por Lima Barreto (2011) em 1922, ano de sua morte, mas publicada somente em 1948.

Faremos algumas considerações sobre o panorama histórico-social da primeira República ou República Velha, a fim de entender como se configurou o regime republicano, na capital federal, Rio de Janeiro. Destacaremos também as consequências desse processo para o povo carioca. Em seguida, passaremos para forma e estética literárias empregadas por Lima Barreto em sua obra e, de maneira particular, em *Clara dos Anjos* (BARRETO, 2011), com o propósito de demonstrar o compromisso do autor com uma literatura militante, de denúncia e crítica social. É necessário frisar, porém, que a obra literária não é um espelhamento da realidade, pois é autônoma em sua forma de representação. No caso de Lima Barreto, as marcas da realidade fazem parte de seu projeto literário e nos ajudam a pensar aquele momento histórico.

## Nos tempos da República

O regime republicano foi instituído por militares com promessas de progresso em questões políticas, econômicas e sociais. Como foi um ato que excluiu o povo, muitos nem sabiam o que significava aquele acontecimento. Longe de ser fruto do clamor do povo, a República veio para atender às necessidades de determinadas camadas da sociedade, principalmente aos interesses econômicos dessas classes sociais. O poder centralizou-se nas mãos dos militares, dos grandes proprietários rurais e comerciantes do setor cafeeiro e por eles era mantido por meio de fraudes, compra de votos, troca de favores e privilégios.

A República não alterou as estruturas socioeconômicas brasileiras: as desigualdades continuavam profundas. Com políticas de valorização do café e o crescimento da indústria brasileira, aumentou a imigração e a migração de pessoas do campo para as grandes cidades. Surgia uma nova configuração social que exigia mudança de costumes e adoção de uma forma de vida apropriada.

O Rio de Janeiro, capital da República e centro financeiro e econômico, precisava adaptar-se aos novos tempos, imitar o modelo europeu de civilização, a fim de criar uma imagem de prosperidade e credibilidade a qual extinguisse qualquer traço do atraso do passado. Era a regeneração do Rio de Janeiro – modernizar a cidade, banir o sujo e o feio. O historiador Nicolau Sevcenko (1999) explica como aconteceu essa transformação:

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais [...]. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1999, p. 30).

Essas transformações sociais e urbanas agitaram a sociedade carioca da época e geraram uma clivagem entre os grupos tradicionais e a burguesia citadina, cosmopolita e progressista. O novo modelo empurrou as camadas mais populares para os subúrbios, onde os aluguéis eram mais baratos; retirou mendigos, prostitutas, ébrios e quaisquer outros grupos marginais do centro da cidade. As cerimônias populares tradicionais eram realizadas em áreas isoladas, para evitar o contato das duas sociedades. Delimitou-se, assim, o espaço que cada um desses grupos sociais deveria ocupar: o centro, para a elite e os subúrbios, para os pobres e marginalizados. Até certos comportamentos sociais, como a serenata e a boemia, foram condenados por desviarem-se do novo modelo de civilização.

A reação contra a serenata é centrada no instrumento que a simboliza – o violão. Sendo por excelência o instrumento popular, o acompanhante indispensável das “modinhas” e presença constante nas rodas de estudantes boêmios, o violão passou a significar, por si só, um sinônimo de vadiagem [...]. (SEVCENKO, 1999, p. 32).

A figura do seresteiro e do boêmio foi associada à indolência e à preguiça, imagem incompatível com os propósitos republicanos. O violão, o acompanhamento das modinhas populares e sempre presente nas rodas boêmias e literárias, tornou-se um instrumento marginal. Nos tempos de República, tocar violão e cantar modinhas era sinal de malandragem e ócio. Restaram duas alternativas a esse grupo: arranjar um emprego no centro ou mudar para os subúrbios. Tratados como velhos hábitos coloniais, todas as formas de cultura e religiosidade populares foram estigmatizadas como atraso, ignorância e preguiça.

A primeira República, ao tentar transformar o Rio de Janeiro em uma Paris dos trópicos, acentuou ainda mais as desigualdades sociais e reforçou os antagonismos entre as classes.

## Literatura militante

A proclamação da República marcou sobremaneira a vida familiar e pessoal de Lima Barreto. O autor nunca ocultou o seu profundo desgosto com a nova ordem, que considerava como fonte de todos os infortúnios que acometiam a nação. O biógrafo Francisco de Assis Barbosa (1999), assegura que o escritor

[...] tinha consciência de que alguma coisa tinha que ser feita pelos escritores a serviço do povo brasileiro para retirá-lo da situação de miséria e ignorância, em que vivia abandonado pelos governos, consequência da própria organização social e política do país, quer sob o Império, quer sob a República. (BARBOSA, 1999, p. 14).

Os escritores, chamados pré-modernistas, que demonstraram maior interesse pela realidade social foram Euclides da Cunha e Lima Barreto. Contudo, as formas de abordagem literária dessa realidade se diferenciaram. Lima Barreto optou por falar do que ele vivia em seu cotidiano como mais um pobre e marginalizado pelo regime republicano.

O inconformismo e a revolta fizeram com que ele optasse por uma literatura militante, mais agressiva, instrumento de denúncia e transformação social. É nessa literatura que deixará o registro de sua missão, cumprida a despeito de todas as contrariedades. Um projeto que implicava possibilidades novas e originais na criação literária, mas que estavam em perfeita sintonia com a matéria tratada.

O método era sugerir uma representação mimética dos acontecimentos contemporâneos e dar uma feição exagerada às imagens para que o cotidiano perdesse seu aspecto de rotina, de normalidade e despertasse no leitor o sentimento e, posteriormente, uma tomada de posição, uma reação ao estímulo de sua arte. Eis suas convicções sobre os poderes e os fins da literatura:

[...] o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai, além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo. [...] Mais do que qualquer outra atividade de nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela, nenhum outro qualquer meio de comunicação, entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste humanidade. (BARRETO, 1956, *apud* SEVCENKO, 1999, p. 168 e 195).

Os temas são os mais variados possíveis: relações sociais e raciais; transformações sociais políticas, econômicas e culturais; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas; o cotidiano urbano e suburbano, etc. O interessante é que esses temas não podem ser dissociados ou isolados em suas narrativas, pois estão imbricados numa estratégia do autor.

Os seus personagens representam o Rio de Janeiro do seu tempo. Eles trazem o estigma do meio, da raça, de sua condição social, e constituem objeto da crítica de Lima Barreto. Nenhum aparece de forma decorativa, porque todos têm um papel importante a desempenhar em sua literatura. Destacam-se, em particular, os excluídos que acabam se misturando com outros tipos representativos.

Os ambientes também são os mais diversos: interiores domésticos burgueses e populares, estabelecimentos comerciais, bancas de jogo do bicho, festas e cerimônias burguesas e populares, bares e malocas, bordéis, pensões baratas, pardieiros, repartições públicas, prisões, hospícios, cortiços, favelas, trens, bondes, zonas rurais, ruas, estações ferroviárias, cais, portos, ministérios, cassinos, praias, jardins, subúrbios, centro da cidade, redações de jornais.

Podemos observar que o autor pretende apreender a realidade social na sua totalidade, em suas fissuras e tensões. Quanto ao processo narrativo, Lima Barreto procurava a combinação de gêneros, estéticas e estilos, aproximando-se da sátira e da paródia. Fugia de regras e preconceitos e buscava as mais variadas formas de expressão. Variar e criar – esse era o seu lema. Um procedimento comum era a valorização da variação sociolinguística do personagem, a fim de acentuar sua caracterização. O trecho a seguir é a fala de uma preta velha a respeito de Leonardo Flores, o poeta:

\_\_ É “cosa”-feita! Foi inveja da “inteligência” dele! \_\_ dizia uma preta velha \_\_  
Gentes da nossa “cô” não pode “tê” “inteligência”! Chega logo os “marvado” e lá  
vai reza e feitiço, “pá” “perdê”<sup>1</sup> o homem \_\_ rematava a preta velha. (BARRETO,  
2011, p. 68).

A ironia e a caricatura são os recursos mais característicos da obra barretiana. A ironia dá o tom da malícia ou humor, enquanto a caricatura exagera para expor deformações que despertem o desprezo nos leitores. A linguagem comum, anti-retórica, direta, pouco metafórica, pouco imagística e altamente concreta, em conjunto com os procedimentos anteriormente citados, formam um todo coerente que garante a eficácia de sua obra perante o vasto público que esperava atingir.

---

<sup>1</sup> Cauteloso, o autor preferiu usar os termos entre aspas.

## O romance *Clara dos Anjos*

*Clara dos Anjos* (BARRETO, 2011) conta a história de Clara, uma jovem mulata, filha de pais humildes e moradora do subúrbio carioca. Criada com muito recato e cuidado pelos pais, a moça, ingênua, sonhadora e ansiosa por viver a vida, deixa-se enganar por Cassi Jones, um malandro modinheiro, conhecido por seduzir as moças pobres e de cor, como Clara, e depois abandoná-las à própria sorte.

Nesse romance, Lima Barreto deixa um cruel registro da condição do mulato no Rio de Janeiro. Clara é iludida, não por acaso, por um rapaz branco e de melhor condição social. Tem-se, portanto, a imagem do mestiço como objeto daqueles que detêm uma posição superior na sociedade. O negro e o mulato compõem um grupo à parte, marginalizado e excluído.

Ressaltamos ainda a inovação, para a literatura da época, de discutir o tema do preconceito racial a partir de uma protagonista feminina. Entendemos que o escritor não se limita somente à questão racial, mas também pretende mostrar o indivíduo em sua fragilidade social. Numa sociedade tradicionalmente patriarcal, em cujos costumes ainda perduravam resquícios da escravidão recém-abolida, a protagonista Clara, além de mestiça e pobre, é mulher.

O historiador e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda (1956), prefaciando *Clara dos Anjos*, ressaltou ser muito difícil escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incidir no biografismo, ou seja, sem relacionar a trajetória de vida do escritor ao conjunto de sua obra. Realmente, por vida e obra estarem muito próximas, fica difícil para o leitor não associar fatos, personagens, ambientes e temáticas às experiências pessoais do autor. Ainda segundo Holanda (1956), Lima Barreto nem sempre se distanciou o bastante para dar lugar a uma verdadeira perspectiva artística, do que decorreram os defeitos da obra *Clara dos Anjos*.

A literatura excessivamente confessional desqualifica a obra de Lima Barreto como matéria artística? Seria uma visão bastante redutora analisar sua literatura sob essa perspectiva. É claro que sabemos dessa influência e o autor não nega isso, mas considerá-la um defeito, é um pouco imprudente, visto que o autor e sua obra encontram-se em conexão com contexto histórico-social em que se inserem.

O projeto de literatura engajada, de que se ocupou o escritor pré-modernista, não poderia deixar de lado o preconceito racial e social, do qual ele também foi vítima. Contudo, reconhecemos que há, sim, em *Clara dos Anjos* uma representação literária que extrapola a crítica social, pois alguns elementos da narrativa aproximam-se da vida pessoal de Lima Barreto (2011). Essa característica torna-se evidente, principalmente, na caracterização de personagens, os quais lembram os dramas vividos pelo próprio escritor: são alcoólatras, boêmios, frequentadores de rodas literárias, apresentam distúrbios mentais, levam uma vida de miséria e decadência

moral; alguns são negros ou mestiços. Marramaque e Leonardo Flores são dois personagens de *Clara dos Anjos* em cujos perfis identificamos traços do autor.

Embora atualmente fosse um simples contínuo de ministério, em que não fazia o serviço respectivo, nem outro qualquer, devido a seu estado de invalidez, de semi-aleijado e semiparalítico do lado esquerdo, tinha, entretanto, pertencido a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, na qual, a par da poesia e de coisas de literatura, se discutia muita política, hábito que lhe ficou. [...] Tendo tentado versejar, o seu bom senso e a integridade de seu caráter fizeram-lhe ver logo que não dava para a coisa. Abandonou e cultivou as charadas, os logogrifos, etc. Ficou sendo um hábil charadista e, como tal, figurava quase sempre como redator ou colaborador dos jornais, que os seus companheiros e amigos de boêmia literária, poetas e literatos, improvisavam do pé para a mão, quase sempre sem dinheiro para um terno novo. Envelhecendo e ficando semi-inutilizado, depois de dois ataques de apoplexia, foi obrigado a aceitar aquele humilde lugar de contínuo, para ter com que viver. Os seus méritos e saber, porém, não estavam muito acima do cargo. Aprendera muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas. [...] Tendo vivido em rodas de gente fina — como já vimos —, e não pela fortuna, mas pela educação e instrução; tendo sonhado outro destino que não o que tivera; acrescentando a tudo isto o seu aleijamento — Marramaque era naturalmente azedo e oposicionista.” (BARRETO, 2011, p. 23 e 24).

[...] Leonardo Flores, poeta, um verdadeiro poeta, que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influência havia sido grande na geração de poetas que lhe seguiram. Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbelicizado, a ponto de não mais poder seguir o fio da mais simples conversa [...]. (BARRETO, 2011, p. 67).

[...] Parei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência; entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão; fui poeta! Para isto, fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava, não só a minha redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor. Louco?! Haverá cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevisas? Haverá?  
(BARRETO, 2011, p. 103).

Percebemos, nos três excertos, a presença do Lima Barreto boêmio, frequentador das rodas literárias, o alcoolismo, a paixão pela literatura, o desgosto, o não reconhecimento, a decadência. Leonardo Flores seria um desdobramento do próprio autor, por sua trajetória e posicionamento militante como escritor negro e marginal. A figura de Marramaque denuncia a influência das rodas literárias; a cultura da oralidade, dos que aprendem “muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas”, a cultura superficial, de verniz; o azedume e a exclusão dos que não conseguem brilhar nas “rodas de gente fina”.

O subúrbio, como espaço físico e social, funciona como elemento desencadeador de toda a trama. O autor de *Clara dos Anjos* expõe a precariedade do lugar, os tipos humanos que o habitam e o descaso das autoridades com saneamento básico e outras benfeitorias.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. [...] As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até a noite, ficam povoadas de toda espécie de pequenos animais domésticos [...] A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres. O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora de seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. [...] Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozos impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias em outros pontos do Rio de Janeiro. (BARRETO, 2011, p. 85-86).

Essa descrição do subúrbio assemelha-se ao procedimento adotado por Aluísio de Azevedo em *O Cortiço* ([1890] 1997) e essa semelhança não é por acaso. Ainda sob a influência do Realismo e das correntes filosóficas e científicas do final do século XIX, Lima Barreto também acredita que naquele lugar esquecido pela modernização, o povo estaria condenado ao atraso e à mediocridade, sem chances de prosperar. Portanto, esse espaço torna-se propício a determinados comportamentos sociais autorizados pelo meio, onde impera a lei do mais forte.

O meio certamente funciona como determinante de certas atitudes dos personagens Clara dos Anjos e Cassi Jones. Mas outros fatores dissonantes e antagonicos, típicos da herança colonial patriarcal e escravista, também agem



diretamente sobre outras relações travadas a partir do interesse de Cassi por Clara. Vejamos como Lima Barreto acentua esse antagonismo na composição de cada personagem:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para fazê-lo; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor [...].

[...] O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. [...] Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher. (BARRETO, 2011, p. 106-107).

O narrador apresenta Clara dos Anjos como de “natureza elementar”, o que traduz sua personalidade frágil, acomodada e romântica, tipicamente feminina nos padrões tradicionais. Destituída de uma individualidade social, Clara não almeja mudar sua condição de vida pelos estudos ou trabalho, prefere viver à sombra do pai ou do marido. “A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões.” (BARRETO, 2011, p.107).

A descrição de Clara reforça os malefícios da formação machista, superprotetora, repressiva e limitadora reservada às mulheres na sociedade. A condição da personagem é agravada pela sua condição social e racial, que a expõe a todo tipo de discriminação. Lembrando que Clara dos Anjos, o nome escolhido por Lima Barreto para sua protagonista, é altamente sugestivo e irônico dentro do contexto da obra.

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado “modinhoso”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo “Brandão”, das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelinragem, adequada ao seu mister,

que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio — a famosa “pastinha”. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. (BARRETO, 2011, p.27-28).

Cassi Jones é a verdadeira antítese de Clara na cor, na condição social e no caráter. Malandro e preguiçoso, ele ganhava algum dinheiro com rinhas de galo e jogo de dados. Participava de uma roda de meliantes e seu ofício predileto era seduzir moças pobres e de cor que moravam nos subúrbios. Cassi é produto de uma educação frouxa dispensada pela mãe permissiva, com ares de burguesa. É interessante perceber a estratégia de Lima Barreto em compor personagens tão distintos, mas que oferecem ao leitor um retrato das relações desiguais e opressoras na sociedade.

O narrador do romance *Clara dos Anjos* é mais um dentre os vários personagens da trama. Embora o foco narrativo seja em 3ª pessoa, procura manter a empatia e o diálogo com o leitor, com quem divide ironias, tristezas ou irritações.

Pobre Ernestina! Era tão alegre, tão tagarela, era moça, e bonitinha, na sua fisionomia miúda e na sua tez pardo-clara, um tanto baça, é verdade, mas não a ponto de enfeia-la, quando conheceu Ataliba; e hoje? Estava escanzelada, cheia de filhos, a trair sofrimentos de toda a espécie, sempre mal calçada, quando, nos tempos de solteira, o seu luxo eram os sapatos! Quem te viu e quem te vê!

Cassi era assim e assim mantinha a sua fama de valente. Não **julguem** que tinha estima e amizade por esses rapazes que andavam sempre com ele. Ele não os amava como não amava ninguém e com ninguém simpatizava [...]. (BARRETO, 2011, p. 37, grifo nosso).

Ele não é um mero espectador dos fatos narrados, uma vez que se posiciona condenando Cassi, criticando Clara, elogiando o caráter de dona Margarida ou se apiedando de Marramaque. É possível associar sua fala à de Lima Barreto quando, em alguns trechos, o narrador deixa transparecer sua visão amarga e pessimista da vida.

Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos à nossa existência [...]. (BARRETO, 2011, p. 107).

## Literatura e sociedade

A literatura militante de Lima Barreto é o registro artístico das transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na primeira República. A forma literária como o escritor apreende as tensões e os antagonismos sociais permite discuti-los a partir de obras que procuraram interpretar e refletir sobre as especificidades da formação da sociedade brasileira. *Raízes do Brasil* (2014), de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa grande e senzala* (2001)), de Gilberto Freyre, *Retrato do Brasil* (2012), de Paulo Prado, *Dialética da malandragem* (1970), de Antonio Candido e *As ideias fora do lugar* (2000), de Roberto Schwarz possibilitam a problematização dos descompassos que Lima Barreto (2011) aponta no romance *Clara dos Anjos*.

A Abolição dos Escravos, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, marcaram o começo de um novo tempo no Brasil. Era impossível conviver com algo tão impolítico e abominável quanto à escravidão. O Brasil imperial e escravista destoava do resto do mundo civilizado como um símbolo de atraso e de desrespeito aos direitos humanos. Logo, a estrutura colonial, que ainda persistia no final do século XIX, precisava ser substituída por outra, similar aos padrões europeus de desenvolvimento. Sob a égide das ideias liberais e positivistas, o regime republicano impõe uma reprodução social completamente dissonante com a realidade brasileira ainda de mentalidade escravista e patriarcal. Porém, em terras brasileiras, tudo se configura de maneira bastante original. Gilberto Freyre (2001) denomina equilíbrio de antagonismos, o que ele classifica ser prática usual no Brasil, que tende a minimizar o choque entre as partes, no caso, liberalismo e escravismo, harmonizando-as de modo a amenizar seus efeitos. Roberto Schwarz (2000) confirma essa prática e fala da importância da literatura em representar essas dissonâncias:

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente, o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nessa qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação. (SCHWARZ, 1969, p.29)

A prosa literária de Lima Barreto alcança essa ressonância afinada com o momento histórico em questão. O seu lugar de fala é de um escritor, que sentiu, mais do que qualquer um de seus contemporâneos, o preconceito racial e social e desdobrou a experiência pessoal em uma literatura de denúncia e debate.

Como as dualidades e os antagonismos são revelados no romance *Clara dos Anjos*? Começaremos pela delimitação do espaço urbano no Rio de Janeiro. Em época de modernização, era preciso higienizar o centro da cidade, retirando de lá, aquilo que era incompatível com a nova imagem da cidade. A reurbanização implicou no desmanche de casas e na expulsão dos que lá moravam. O autoritarismo do governo fez com que a população pobre formada basicamente por negros, mestiços e imigrantes fosse deslocada para os subúrbios. No centro, a elite de pele branca, a beleza das vitrines da Rua do Ouvidor, os automóveis, a última moda em Paris; nos subúrbios, os negros e mestiços miseráveis, o trem da Central, a venda do Seu Nascimento, os vinténs contados para comprar o alimento do dia, os esquecidos pelas autoridades. Eis a grande fratura que a obra apresenta: o Rio de Janeiro cindido pelas diferenças sociais e pela linha férrea da Central do Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda (2014, p. 35) observa que “trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra”. O centro do Rio de Janeiro é descrito uma única vez em todo o romance, quando Cassi Jones sai do subúrbio para depositar algum dinheiro na Caixa Econômica. Suas impressões revelam o significado de ser desterrado em nossa terra:

Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. [...] Achava, tudo ridículo, exagerado, copiado, mas não sabia bem de que modelo. O que ele sentia diante daquilo tudo, daquelas maneiras, daqueles ademanos, daquelas conversas que não entendia, era a sua ignorância, a sua grosseria nativa, a sua falta de educação e de gosto. [...] A sua sensação era que estava em uma cidade estranha. [...] Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; [...]. (BARRETO, 2011, p. 133)

Lima Barreto coloca em questão o descompasso da modernização conservadora e excludente do Rio de Janeiro, que mais corresponde a uma evasão da realidade. O progresso prometido pela República limitou-se a alguns, enquanto a maioria foi condenada ao atraso. No final, Cassi chega à conclusão: “[...] todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziram-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma [...]”. (BARRETO, 2011, p.134).

No subúrbio, Cassi Jones tinha “fama e valimento”. Como se estabelecem as relações sociais nesse ambiente? O subúrbio carioca é o lugar dos homens livres e pobres, isto é, aqueles que vivem em dependência daqueles que têm. Essa relação de dependência, nossa herança colonial, é o favor, uma forma abrandada de escravidão, já que o favorecido está sempre cativo do favorecedor. De acordo com Roberto Schwarz (2000), o favor, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, a remuneração e os serviços pessoais. Essa prática é também incompatível com as ideias liberais, mas é incorporada e modificada de uma maneira que passa a ser algo comum, rotineiro em todas as instâncias sociais. A troca de favores durante a primeira República mediava as relações entre as instituições, burocratas, militares, proprietários rurais, grandes comerciantes, como também as relações entre os homens livres e pobres dos subúrbios. Em *Clara dos Anjos*, esse tipo de mediação funciona como condição para a obtenção de certos privilégios ou facilidades.

Galos de briga eram a força de suas indústrias e do seu comércio [...] barganhava-os, com volta, vendia-os, chocava as galinhas, para a venda de frangos a criar e educar, presenteava as pessoas importantes das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas contra a polícia e a justiça. (BARRETO, 2011, p. 34).

Contra a força não há resistência, pensou ele; o mais sábio era submeter-se. Não esperava mais que Cassi lhe oferecesse dinheiro, pedia-o. No começo o violeiro ia satisfazendo inteiramente os pedidos; depois, fazia-o pela metade; por fim, dizia que não tinha dinheiro e não lhe dava mais. Meneses, porém, continuava passivamente a desempenhar o seu indigno papel. Se não o achava decente, conformava-se diante da sua atroz e irremediável miséria. [...] (BARRETO, 2011, p.117).

[...] Cassi disse ao velho Lafões:

— Estás aqui, estás na rua. Mande o soldado falar ao meu chefe político: e ele vai interessar-se para seres solto. [...] Na verdade, Lafões foi solto; não houve, porém, qualquer intervenção do chefe político de Cassi. [...] Entretanto, o guarda das Obras Públicas sempre supôs que a sua libertação tivesse sido obra de Cassi, por isso lhe era grato e o defendia com todo ardor. (BARRETO, 2011, p. 48-49).

A prática do favor envolve o jogo de estima e autoestima. Em reconhecimento ao favor de tê-lo livrado da cadeia, o velho Lafões, amigo do pai de Clara, convida o modinheiro para o aniversário da moça. Cassi queria seduzir Clara; para isso, ele precisava de apoio. Cassi Jones realiza seus feitos porque consegue aliados

por meio da troca de favores e bajulações. Já a relação de prestância entre Cassi e Meneses remete ao caráter destrutivo dessa dependência. O benefício de Cassi implica a derrota moral de Meneses. Sem que o dentista prático perceba, de pretensão favorecido, ele passa a favorecedor e não tem como se libertar do arranjo feito com Cassi, o que configura o escravismo.

Outro comportamento tipicamente brasileiro e que está diretamente relacionado ao favor, é o bovarismo<sup>2</sup>. Lima Barreto faz duras críticas a essa particularidade de país periférico em querer ser aquilo que não é. Acontece assim: a população cidadina imita os padrões europeus, principalmente da França e da Inglaterra; os moradores dos subúrbios, por sua vez, tentam se aproximar dos valores e modos dos burgueses com pretensões de um lugar de prestígio e destaque entre os seus. É através da ironia e do sarcasmo que o autor trata dessa atitude tão característica do povo brasileiro:

Os seus cânticos, aos sábados (era o seu dia da semana de descanso sagrado), entoados quase de hora em hora, enchiam a redondeza e punham na sua audiência uma soturna sombra de misticismo. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres raparigas dos arredores freqüentavam-nos, já por encontrar nisso um sinal de superioridade intelectual sobre seus iguais, [...]. (BARRETO, 2011, p. 19).

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manoel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lorde Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô. [...] Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o *degagé* suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, [...]. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. (BARRETO, 2011, p. 27-28).

Sua mulher [mãe de Cassi] não era lá muito querida, nem prezada. Tinha fumaças de grande dama, de ser muito superior às pessoas de sua vizinhança e mesmo às dos seus conhecimentos. O seu orgulho provinha de duas fontes: a primeira, por ter um irmão médico do Exército, com o posto de capitão; e a segunda, por ter andado no Colégio das Irmãs de Caridade. (BARRETO, 2011, p. 29).

---

<sup>2</sup> Comportamento psicológico designado aos que tendem a aspirar por uma vida diferente da sua, idealizada e compensatória. Disponível: <[www.dicionarioinformal.com.br/significado/bovarismo/5652](http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bovarismo/5652)>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Quando Sérgio Buarque de Holanda (2014) afirma que “somos desterrados em nossa terra”, refere-se justamente ao “bovarismo nacional grotesco e sensaborão”, nossa herança colonial, que nos induz a viver à mercê do outro, a fugir de nossa originalidade, a copiar modelos de cultura e civilização vindos de fora. Os preceitos republicanos acabaram incentivando essa postura, ao negar a nossa realidade biológica, da qual se envergonhava, e falsear outra mais adequada e aprovada pelos outros.

Paulo Prado, em *Retrato do Brasil* (2012), alerta para a dependência que sustenta a vida social, cultural e política do Brasil:

Tudo é imitação, desde a estrutura política em que procuramos encerrar e comprimir as mais profundas tendências da nossa natureza social, até o falseamento das manifestações espontâneas do gênio criador. [...] Nesta terra, em que quase tudo dá, importamos tudo: das modas de Paris – ideias e vestidos – ao cabo de vassoura e ao palito. Transplantados, são quase nulos os focos de reação intelectual e artística. Passa pelas alfândegas tudo que constitui as bênçãos da civilização: saúde, bem-estar material, conhecimentos, prazeres, admirações, senso estético. (PRADO, 2012, p. 139)

O bovarista do subúrbio usa de artimanhas para se evadir da realidade pela imitação. Nas passagens de *Clara dos Anjos*, transcritas anteriormente, vemos homens pobres e raparigas que frequentam a igreja protestante “dos bíblias” por achar bonita a fala do pastor inglês e porque estar ali já significa um prestígio perante os demais moradores do lugar. Cassi incorpora o bovarismo nacional grotesco ao “britanizar” o próprio nome por conta de uma imaginada descendência inglesa. Veste-se com esmero pra ser identificado como superior aos outros suburbanos.

Lima Barreto não escolheu por acaso o nome de seu personagem. O autor tinha total aversão pelos modelos importados, principalmente, os ingleses e americanos. Como criação literária, o personagem Cassi Jones agrega em si traços distintivos de nosso legado colonial, para o qual a crítica e a ironia do escritor estão voltadas.

A cordialidade é outro traço característico do brasileiro e, claro, de Cassi. Entende-se por cordialidade, o contrário de civilidade. Civilidade implica em regras de convivência, ética e moral. Cordialidade é o uso da polidez, que funciona como uma máscara social, para atingir determinados objetivos. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (2014), o homem cordial sente pavor em viver consigo mesmo, não consegue apoiar-se sobre si próprio e, por isso, precisa dos outros para exercer o seu poder. É um viver nos outros. O Cassi elegante, gentil e galanteador é o mesmo Cassi da roda de malandros, que explora Meneses e mata Marramaque a pauladas.



O homem cordial julga suas ações conforme sua eficácia e não por elas serem boas ou más.

[...]. No subúrbio, tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo [...]. (BARRETO, 2011, p. 133).

Cassi Jones não pode ser categorizado como anti-herói, pois a concepção romântica é simplificadora e pouco adequada à inscrição do personagem no momento histórico-social retratado. Ele tem uma identidade híbrida, por reunir valores antagônicos em perfeito equilíbrio na sua composição literária: o liberalismo burguês macaqueado<sup>3</sup> numa reedição do patriarcalismo e do escravismo colonial. Bovarista e cordial, Cassi não é trabalhador nem romântico. É malandro.

Para discutir essa outra característica do personagem, precisamos entender a acepção que o termo assume na obra de Lima Barreto. Para Antonio Candido (1970), *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (1852) traz para a literatura brasileira o primeiro malandro carioca, Leonardo, sobre o qual, em *Dialética da malandragem* afirma não ser um pícaro<sup>4</sup> tradicional por sua identificação com o folclórico, o cômico e o popular de seu tempo. Não podemos deixar de destacar que, mesmo com suas inovações estruturais, foi escrito no período do Romantismo e representa a sociedade carioca nos tempos de Dom João VI.

Por sua vez, Macunaíma, malandro-símbolo do Modernismo brasileiro, de acordo com seu criador Mário de Andrade, é o herói de nossa gente, mas não na concepção clássica de herói. Ele simboliza os traços múltiplos e contrastantes que caracterizam o povo brasileiro. Esse malandro, que também não é o pícaro tradicional, dialoga com Leonardo pela volubilidade, preguiça e incapacidade de produzir algo. Antonio Candido (1970) esclarece que

O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. [...] o pragmatismo dos pícaros [...] visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, **lesando** frequentemente terceiros na sua solução [...]. (CANDIDO, 1970, p. 71, grifo nosso).

Leonardo e Macunaíma não se enquadram totalmente nesse perfil, pois não têm intenção de lesar ninguém. Leonardo, homem livre e pobre, é malandro de

<sup>3</sup> Termo emprestado do poeta Manuel Bandeira, em "Evocação do Recife" de *Libertinagem* (1930).

<sup>4</sup> **pí-ca-ro** in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 1. Falta de honra e de vergonha; 2. Patife, velhaco; 3. Malicioso, astuto; 4. Que com arte e dissimulação logra o que deseja. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%ADcaro>> Acesso em: 04 mar. 2017.



ocasião, movido por causalidades externas, vive ao sabor dos acontecimentos. Macunaíma gosta mesmo é de brincar. Não podemos dizer o mesmo de Cassi Jones, pois esse personagem excede na caracterização de pícaro, aproximando-o do arquétipo do *trikster*.<sup>5</sup> Se Leonardo aproveitava das oportunidades para se dar bem, Cassi, movido por causalidades internas, faz as oportunidades aparecerem através de ardis e traças. Para ele não há ordem ou desordem, o certo ou errado, o justo e o injusto; o que lhe interessa é o prazer imediato e sair vitorioso nas demandas.

Interessante observar que Cassi Jones, por sua identidade híbrida, referida anteriormente, agrega mais essa duplicidade, o pícaro tradicional e o *trikster* – o perfil do malandro brasileiro.

Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, [...] junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro. [...] Se já era egoísta, triplicou de egoísmo. [...] Nenhuma consideração de amizade, de respeito pela dor dos outros, pela desgraça dos semelhantes, de ditame moral, o detinha quando procurava uma satisfação qualquer. Só se detinha diante da força, da decisão de um revólver empunhado com decisão. Então, sim... (BARRETO, 2011, p. 35).

Nesse universo não existe a culpa, o remorso, nem mesmo a repressão da família ou da polícia. As vítimas que ele desonrava eram sempre moças de cor, de condição humilde, desde que não houvesse um parente capaz de vencer a influência de sua família. Ainda que os jornais e sua má fama no subúrbio denunciassem seus atos ignóbeis, ele continuava a praticá-los impunemente, amparado pelas relações de poder patriarcais.

A problemática fundamental de *Clara dos Anjos* é o preconceito racial. Optamos por discutir esse aspecto depois de apontar outros de igual relevância, porque eles também influenciam na reprodução literária que Lima Barreto faz sobre a condição do negro e do mestiço na sociedade carioca após a abolição da escravidão, em tempos de República.

Clara dos Anjos, protagonista do romance, é mulata, de origem humilde e mora no subúrbio do Rio de Janeiro. Qual seria o lugar da mulher mestiça e pobre

---

<sup>5</sup> Na mitologia, no estudo do folclore e religião, um *trickster* é um deus, deusa, espírito, homem, mulher, ou animal antropomórfico que prega peças ou desobedece a regras e normas de comportamento. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Trickster>.> Acesso em: 04 mar. 2017.

na sociedade republicana? Lima Barreto mostra que é o mesmo lugar que as negras e mulatas ocupavam nas casas-grandes, servindo para a satisfação sexual de seus senhores. Os mestiços continuavam sendo tratados como uma sub-raça indolente, ignorante e passiva. Associados à raça, o meio e a cultura também são fatores que incidirão fortemente na trajetória da personagem, levando-a a um desfecho tanto quanto previsível dadas as circunstâncias apresentadas. A visão negativa de Lima Barreto sobre a mestiçagem influi diretamente na composição de Clara dos Anjos, cujo nome é uma ironia à cor da pele e à ingenuidade da moça.

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. [...] Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, [...] Apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, Dona Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse, embora de sua casa se avistasse tudo o que se passava, no armazém do Seu Nascimento, fornecedor da família. Essa clausura mais alanceava sua alma para sonhos vagos, cuja expansão ela encontrava nas modinhas e em certas poesias populares. Com esse estado de espírito, o seu anseio era que o pai consentisse na visita do famoso violeiro, cuja má fama ela não conhecia nem suspeitava, devido ao cerco desvelado que a mãe lhe punha à vida; entretanto, supunha que ele tirava do violão sons mágicos e cantava coisas celestiais. (BARRETO, 2011, p. 50-51).

O autor coloca a condição de Clara incompatível com a educação que os pais lhe deram: nada que fosse capaz de prepará-la para a vida, para o enfrentamento das dificuldades. Reclusa, sem convivência, sem conhecimento dos perigos que corria, compensava sua solidão com sonhos de amor. Havia, ainda, o gosto pelas modinhas. O trovador Cassi soube tirar proveito dessa situação:

[...] simulava amor, escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, emprega, enfim, todo o arsenal do amor antigo, que impressiona tanto a fraqueza de coração das moças daquelas paragens, nas quais a pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade em um Amor [...]. (BARRETO, 2011, p.64).

Assim, Lima Barreto, fundamenta sua proposição de que Clara dos Anjos é produto do meio, da raça e da cultura. Mas a discussão não se encerra apenas como uma relação de causa e efeito, bastante redutora. Essa representação literária

do preconceito racial precisa ser situada e analisada num contexto mais amplo. É preciso refletir como os personagens Cassi Jones e Clara dos Anjos reeditam o legado colonial escravocrata em suas relações antagonicas.

Em *Casa grande e senzala* (2001), Freyre fala da miscigenação entre o branco e o negro como algo positivo, como uma adequação natural do português aos trópicos, harmonizando os antagonismos na colonização do país. Ele acrescenta, a preferência sexual do português pela mulata, enquanto as brancas eram escolhidas para casar. Enfatiza o sadismo do branco e o masoquismo da negra que se submete sexual e socialmente ao europeu.

Freyre (2001) mostra que a miscigenação racial não é uma debilidade e defende que a cultura patriarcal e escravocrata é que impôs a ideia de superioridade da raça branca e promoveu o preconceito racial. A obra de Lima Barreto é incompatível com a teoria freiriana, como perceberemos no trecho abaixo, nas reflexões de Marramaque, padrinho de Clara:

[...] ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as virtudes de mulher. *A priori*, estão **condenadas**; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social. (BARRETO, 2011, p. 49, grifo nosso).

Enquanto Lima Barreto condena Clara pela cor de sua pele e pela sua natureza elementar, a personagem Dona Margarida Weber, imigrante alemã, parece justificar a posição assumida pelo autor de que a raça teria uma influência maior sobre os indivíduos.

Dona Margarida era mulher alta, forte, carnuda, com uma grande cabeça de traços enérgicos, olhos azuis e cabelos castanhos tirando para o louro. Toda a sua vida era marcada pelo heroísmo e pela bondade. Embora nascida em outros climas e cercada de outra gente, o seu inconsciente misticismo humanitário, herança dos avós maternos, que andavam sempre às voltas com a polícia dos *czares*, fê-la logo se identificar com a estranha gente que aqui veio encontrar. Aprendeu-lhe a linguagem, com seus vícios e idiotismos, tomou-lhe os hábitos, apreciou-lhe as comidas, mas sem perder nada da tenacidade, do *esprit de suite*, da decidida coragem da sua origem. Gostava muito da família do carteiro; mas, no seu íntimo, julgava-os dóceis demais, como que passivos, mal armados para a luta entre os maus e contra as insídias da vida. (BARRETO, 2011, p. 153).

Dona Margarida mora no subúrbio, adaptou-se à cultura local, mas o caráter e disposição são os mesmos que herdara da família. Ela não se deixou influenciar pelo

meio nem pela cultura daquela gente. Infere-se que, em *Clara dos Anjos*, perpassa a ideia de racismo biológico<sup>6</sup>, a partir das características atribuídas à Clara e aos outros mestiços e negros da narrativa.

Não podemos afirmar que essa seja a opinião pessoal do escritor mulato, que sofreu todo tipo de discriminação ou, se ele está tripudiando em cima da própria dor. Mesmo sendo acusado de não manter certo distanciamento de sua obra, em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto (2011) pode ter assumido o ponto de vista da sociedade preconceituosa da época e, por isso esteja colocando o fator racial como a verdadeira desgraça na vida dos mestiços.

## Considerações finais

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto (2011) consegue alcançar o objetivo de sua literatura militante ao apontar dentro do contexto histórico-social da primeira República, os contrastes de uma sociedade cindida pelo espaço e pelas relações sociais. O escritor escolhe falar do lugar dos pobres e marginalizados – o subúrbio carioca – porque é o espaço onde as tensões estão postas de forma mais dura e explícita.

A concepção literária de Lima Barreto quebra com a hegemonia do beletismo parnasiano e simbolista nos aspectos formais e estéticos. Mas, a grande novidade é conceber uma protagonista pobre e mestiça, de “natureza elementar” para o debate sobre o preconceito racial e social. Quando o autor promove o encontro entre a “natureza elementar” de Clara, com a malandragem de Cassi Jones, rapaz branco e de classe social superior, vêm à tona os antagonismos e descompassos da tradição patriarcal e escravocrata da colonização brasileira.

As relações entre os diferentes personagens e seus respectivos grupos sociais evidenciam as relações de poder também amparadas nessa mesma herança colonial mesquinha e ambivalente. A obra barretiana proporciona, a partir desses impasses, um diálogo com estudos teórico-críticos de História, Sociologia e Antropologia, que permitem entender como essas relações opressoras foram estabelecidas e assimiladas pela sociedade brasileira ao longo do tempo.

O romance *Clara dos Anjos* é a representação da manutenção dessas relações numa sociedade de consciência historicamente fraturada e em descompasso. A estratégia de Lima Barreto (2011) em aproximar os antagonismos resultou não só na crítica ao preconceito racial, mas também ao lugar social imposto à mulher negra ou mestiça pelo legado colonial.

---

<sup>6</sup> Os estudos de evolução biológica do século XIX atribuem aos negros uma “inferioridade natural” devido à cor e tamanho do cérebro. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/zero-hora-vamos-falar-de-racismo-6431.htm> > . Acesso em: 06 mar. 2017.

A literatura militante cumpriu com o propósito de alcançar o leitor, não para a utópica transformação social que o autor tanto desejava, mas para discussão de temas sempre atuais que vão sendo reeditados pelos brasileiros.

**DISSONANCES AND ANTAGONISMS: THE  
LITERARY REPRESENTATION OF LIMA BARRETO  
IN THE NOVEL CLARA DOS ANJOS**

**ABSTRACT:** *This article aims to analyze the novel Clara dos Anjos, by Lima Barreto, in dialogue with the social-historical context of the first Brazilian Republic. The analysis seeks to bring together the critical studies of Sérgio Buarque de Holanda in Raízes do Brasil (2014), Gilberto Freyre in Casa grande e senzala (2001), Jorge Schwarz in As ideias fora do lugar (2000), Antonio Candido in Dialética da malandragem (1970) and Retrato do Brasil by Paulo Prado (2012) with its physical and social representation of the suburbs of Rio de Janeiro. Through this study, we seek to substantiate how the literature of Lima Barreto reproduces the historical dissonances, the ambivalence and social antagonisms in fiction.,*

**KEYWORDS:** *Lima Barreto. Clara dos Anjos. Racial prejudice. Social antagonisms.*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. ([1852] 1969). Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1969](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1969)>. Acesso em: 31 mai. 2018.

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. Fonte: AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1723](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1723)>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. [1930]. Disponível em: <<https://docslide.com.br/documents/manuel-bandeira-libertinagempdf.html>>. acesso em: 31 mai. 2018.

BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

\_\_\_\_\_. **Impressões de leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 66.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias. In: **Revista IEB**, n.8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 43-159.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 9-19.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: **Ao vencedor, as batatas**: forma literária e processo social no início do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em 10/02/2018.

Aprovado em 21/04/2018.

# PERPETUANDO A INVISIBILIDADE E A MITIFICAÇÃO DE ANIMAIS EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS

Rui Pedro FONSECA\*

**RESUMO:** Uma coleção designada por *Os Animais da Quinta*, dirigida ao público infantil, foi lançada, de acordo com a editora Planeta DeAgostini, com o intuito ser didática relativamente aos animais evocados. Este estudo pretendeu inquirir o didatismo desta coleção através de uma análise comparativa entre o caso de *A Vaca* (livro) e as práticas de exploração descritas pela literatura do setor agropecuário em Portugal. Concluiu-se que existem desfasamentos consideráveis entre as narrativas desta coleção comparativamente às realidades experienciadas pelos animais da indústria agropecuária. Ou seja, as narrativas em questão atuam em conformidade com uma cultura (alimentar) hegemónica, promovendo a invisibilidade e a mitificação – o que contribui para manter a separação emocional entre a população consumidora e os animais evocados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Animais. Quinta. Agropecuária. Representações. Literatura Infantil.

## Introdução

Na sua generalidade, as representações comerciais sobre os animais explorados para fins alimentares fornecem marcos interpretativos acerca das suas características individuais e das suas formas de exploração. Usualmente, tais representações são fundadas em relações utilitárias (ADAMS, 2006) – conceções amplamente partilhadas por vastos grupos (DIJK, 1995). Duas das características habituais deste tipo de representações são de que, quer as práticas exploratórias, quer o abate são, invariavelmente, omissos.

---

\* CIES-IUL – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa. Com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Lisboa – Portugal. 1649-026 - fonsecarppd@hotmail.com

Para além das representações manifestamente comerciais, existem outros modelos de narrativas em Portugal sobre os animais que são comercializados sob a salvaguarda de servirem propósitos de educação infantil: *Os Animais da Quinta* (Walt Disney/Majora); *O Mundo dos Animais* (Editora Asa); *Os Animais da Quinta – Os meus primeiros livros de sons* (Editorial Presença); *Livro de Autocolantes – Animais da Quinta* (Editor Livros & Livros); *Sons da Quinta – O meu primeiro livro toca e sente com sons* (Little Tiger Press); jogos de pintar – *Animais da Quinta*<sup>1</sup>, todas edições idênticas a de *Os Animais da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014), focada neste estudo.

Essas narrativas comercializadas dirigidas às crianças consistem num dos marcos de referência mais largamente difundidos e que, alegadamente, se aproximam às especificidades dos animais (*i.e.*, porcos, vacas, galinhas, coelhos, perus, etc.), bem como às formas que interagem com a espécie humana. O propósito deste estudo é, precisamente, inquirir essas narrativas sobre os animais na coleção *Os animais da Quinta*<sup>2</sup> que, de acordo com a editora Planeta DeAgostini (2014), serve propósitos de educação infantojuvenil (inclusivamente para os/as adultos/as).

O princípio que este estudo sustenta é que as narrativas em questão, através da sua linguagem e imagética, neutralizam os verdadeiros animais e a suas condições de exploração<sup>3</sup> – contribuindo para a sua opressão ideológica (STIBBE, 2001). Foram avançadas três hipóteses relativamente a estas narrativas:

1. Que as condições de vida dos animais representados nesta coleção não têm nada a ver com as realidades experienciadas pelos verdadeiros.
2. Que as práticas cruéis experienciadas por estes animais são neutralizadas, através da omissão.
3. Que ações da espécie humana para com os animais são representadas como benignas.

## Metodologia

Se se pretende inquirir a função didática destas narrativas comercializadas em Portugal, que contêm determinados enredos sobre os animais, é relevante confrontá-las

---

<sup>1</sup> Jogo Pinte os Animais da Quinta. In: **Jogos de Pintar**. Disponível em: <<http://www.jogospintar.com.br/jogo/pinte-os-animais-da-quinta.html>>. Acesso em: 2 mai. 2018.

<sup>2</sup> Esta coleção da Editora Planeta DeAgostini foi comercializada na Península Ibérica, mas também na América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Equador e Uruguai) – o que pressupõe uma significativa abrangência comercial.

<sup>3</sup> Por condições de exploração, entenda-se, refiro-me às condições em que vivem, como comem, as formas que interagem uns com os outros e com a espécie humana, como são mortos, etc.



com dados concretos provenientes da literatura da indústria agropecuária portuguesa – cujas instalações abarcam a maioria desses animais. Embora a escolha de relatórios oficiais da agropecuária portuguesa se constitua como uma opção conservadora – em comparação, por exemplo, com documentários que explicitam as práticas de exploração dos animais por parte do setor – permite, contudo, apurar com relativa eficiência a veracidade das narrativas da coleção *Os Animais da Quinta*.

A coleção é demasiado extensa, sendo cada número dedicado a um animal: *A Vaca*; *O Porco*; *O Coelho*; *A Galinha*; *O Gato*; *O Cão*; etc.. Adicionalmente, as formas de exploração de bovinos são completamente diferentes quando comparadas com as de exploração de aves ou porcos. Daí, de forma a obter-se uma análise relativamente aprofundada, ter sido necessária a realização de um estudo de caso comparativo direcionado apenas para uma das espécies. Optou-se pela análise do livro *A Vaca*, considerando as formas pelas quais ela é representada, em justaposição com as formas pelas quais é explorada pelo sector agropecuário.

Embora as representações (ambas – a a escrita e a imagética) que surgem no livro *A Vaca* operem numa lógica de simplificação, presumivelmente para melhor se adequarem ao público infantil, acabam por ser muito eficientes na maneira que fazem anexar determinadas realidades aos animais. Por exemplo, a representação imagética de um vitelo a mamar nos úberes da sua progenitora bovina, num vasto campo de relva (conforme a Imagem 1), pode ser potenciadora de uma análise extensa, sobretudo quando comparada com os processos reais da agropecuária. Só nesta imagem, existem variados elementos que são de análise comparada pertinente ao que refere à literatura da agropecuária portuguesa, designadamente: (1) a forma que a vaca é fecundada; (2) o tempo que a cria e a progenitora passam juntas até serem separadas; (3) as razões pelas quais a cria e a progenitora são separadas; (4) o destino da cria (consoante o seu género) após a separação da progenitora; (5) o tipo de contexto (ou seja, espaço e as condições de tratamento) a que ambas estão sujeitas; (6) as consequências emocionais que acarretam a separação entre cria e progenitora; etc. Ou seja, todos estes fatores a atentar, que implicam os contextos de vivência dos animais (como vivem, o que comem, como se interrelacionam intra e extra-espécies, bem como a existência de possíveis omissões) implicaram uma consulta sistemática à literatura do sector agropecuário.

A grelha de análise focada nas condições de produção das vacas e das crias consistiu em compreender os contextos de vivência: como vivem/comem/interrelacionam. Ou seja, em que contextos os animais vivem, como se alimentam; como se interrelacionam; como são explorados; e como se relacionam com os seres humanos. Os elementos a atentar nas narrativas de *A Vaca* foram, essencialmente, os **imagéticos** e os **textuais**, a partir dos quais se procurou compreender as estruturas

de sentido e os significados representacionais. A metodologia usada no *corpus* deste artigo ecoa com a análise de Stibbe (2001), relativamente aos discursos com o propósito de expor ideologias incorporadas. O autor demonstra que a própria linguagem proporciona uma maneira de estruturar a nossa experiência de nós mesmos/as e do mundo, e que esta pode ser um importante contributo para a legitimação da opressão dos animais não-humanos.

Para averiguar a veracidade das representações de *A Vaca*, fez-se uso do método comparativo, o que implicou a consulta de alguns artigos oficiais provenientes do sector da agropecuária portuguesa que dão a conhecer as realidades respectivas em relação às vacas e às crias, designadamente sobre os seus contextos vivenciais. Algumas das referências são: *Notícias Limousine* (2008) da Associação Portuguesa de Criadores da Raça Bovina (APCRB); *Manual de Patologia Podal Bovina* (SERRÃO, 2007); *Enterites neonatais em vitelos* (DEFESA, 2013); *Quando separar o vitelo recém-nascido da vaca leiteira? Uma revisão dos efeitos sobre bem-estar animal, produção leiteira e reprodução* (STILWELL, 2008); etc. Pelos estudos extensivos sobre os impactos do leite bovino na saúde humana, bem como os impactos da agropecuária nos bovinos explorados para o efeito, também se recorreu ao estudo *Implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino: uma abordagem crítica* de Sônia Felipe (2013).

Complementarmente à análise qualitativa, recorreu-se a algumas referências académicas internacionais das ciências sociais que abordam convenções alimentares, fundadas numa cultura hegemónica, que implicam na exploração de animais. Introdutoriamente abordaram-se conceitos gerais sobre a alimentação enquanto categoria essencialmente cultural (FISKE, 1990), designadamente o aplicável conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1980). Ainda, no que concerne à alimentação bem como às representações culturais sobre animais, o **referencial ausente** (ADAMS, 2010), conceito essencial abordado, refere-se ao processo de desassociação do consumo de produtos de origem animal relativamente ao processamento (*i.e.*: formas de tratamento e morte) de animais. As perceções diferenciadas em relação a espécies de animais (como, por exemplo, encarar na cultura ocidental como desejável o consumo de vacas e repugnante o consumo de cães) advêm de um sistema de crenças e práticas culturais designadas como **carnismo** (JOY, 2010), conceito central, também abordado. As práticas e perceções são sedimentadas pelas representações antropomórficas de animais (LENNKO, 2010), fulcrais para os manter separados conceptualmente da comida – separação essa efetivada pela generalidade das narrativas dos livros infantis (STEWART & COLE, 2015).

## Abordagem geral às representações de animais usados na alimentação

A alimentação é um complexo aglomerado de práticas e crenças que constantemente cruza as categorias natureza e cultura. A cultura alimentar engloba representações, cerimônias gastronômicas, processos culinários, práticas de socialização associadas que, em conjunto, classificam os animais em categorias opostas: os comestíveis e os não comestíveis. Comer algumas espécies de animais e não comer outras implica, na prática, a existência de processos coercivos, de exploração e de morte para umas, mas não para outras. Nesse sentido, será correto afirmar-se que categorizamos, hierarquizamos e discriminamos animais com base na sua espécie. Comer alguns animais e não comer outros enquadra-se num conjunto de práticas culturalmente alicerçadas, amplamente partilhadas que, por corresponderem a uma visão dominante, não necessitam de qualquer justificação.

O consumo de produtos de origem animal é um produto da história, mas surge constantemente reforçado pelas representações de uma cultura hegemônica, originada a partir da *doxa*. A reprodução destas práticas implica a mobilização de um *habitus* comum (BOURDIEU, 1980), implica ser-se construído/a socialmente, estar-se submetido/a a um conjunto de regras, convenções, códigos, linguagens, valores, e partilhar percepções que fundamentam o consumo de produtos de origem animal como legítimo e necessário. O conceito de *habitus* mencionado por Bourdieu (1980) é apropriado quando se trata do consumo de produtos de origem animal porque traduz a incorporação (por parte do sujeito) de estruturas, costumes, normas e tradições que são aceites como certas e naturais – daí o consumo de produtos de origem animal constituir-se como um princípio neutro e inquestionável para a maioria da população.

A crítica contemporânea permitiu-nos reconhecer que não há textos inocentes e que todos os produtos carregam mensagens, significados, valores, mas também preconceitos (DURHAM, 2001). Um dos princípios subjacentes às narrativas derivadas de construções culturais é que não apenas representam o mundo, mas que também o constroem e o fazem significar. Proponho a aplicação deste princípio às narrativas da coleção de livros *Os Animais da Quinta*. Sugiro, contudo, que esta coleção aporta mensagens e significados relativamente aos animais que são descoincidentes das práticas por eles vivenciadas diariamente – a uma escala aplicável globalmente.

## Questionando a aplicabilidade da designação Animais da Quinta

Importa, preliminarmente, atentar na designação comumente utilizada nesta e noutras coleções de livros infantojuvenis – **animais da quinta**. A designação permite depreender que os animais vivem em uma quinta – portanto, livres em determinados espaços naturais, ou em espaços (semi)humanizados, onde coexistem e levam uma vida relativamente autónoma. **Animais da quinta** é um termo que pode também aludir aos contextos rurais pré-Revolução Industrial, ou mesmo aos escassos contextos situados fora dos aglomerados urbanos, onde os animais vivem em relativa tranquilidade, liberdade e em bem-estar.

É relevante compreender se a designação **animais da quinta** e os significados que aporta, podem ser enquadráveis na realidade contemporânea. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2013) estima que, mundialmente, 80% do crescimento no sector da pecuária resulta de sistemas de produção agropecuária intensiva. Estes dados contabilizam os países menos desenvolvidos onde as técnicas agrícolas são mais tradicionais/rurais. Nos países mais desenvolvidos, como os da comunidade europeia, a agropecuária tradicional ocupa presentemente um lugar infinitesimal no mercado nacional e estrangeiro, o que pressupõe que a grande maioria da população consumidora acede a produtos de origem animal oriundos de fábricas de produção intensiva. A concentração intensiva de animais é, de facto, a predominante em Portugal (FONSECA *in* ECODEEP, 2014) – e o seu objetivo consiste na obtenção de maior saída de produtos de origem animal, no período mais rápido, e com o menor investimento possível.

Sendo a produção intensiva mais lucrativa acarreta, contudo, condições de exploração de animais completamente antagónicas às da produção rural, ou ao que alude o termo **animais da quinta**. Numa descrição geral e introdutória, os animais da pecuária intensiva (incluindo a portuguesa) vivem geralmente enclausurados, portanto privados de liberdade. Os seus comportamentos naturais (práticas de socialização com os da mesma e outras espécies, bem como as práticas de reprodução) são artificialmente regulados; é-lhes fornecida ração, hormonas de crescimento e antibióticos com vista ao desenvolvimento galopante. Complementarmente, a castração, a amputação (muitas vezes sem o uso de anestésicos), a matança de crias (*e.g.* pintos, leitões, bezerras), o transporte, a morte, sumarizam algumas das práticas infligidas aos animais.

A história da exploração agropecuária está associada a uma eliminação progressiva do contacto físico dos animais (na qualidade de vivos) para com a população consumidora – fator decisivo que tem vindo a permitir a separação emocional. Mas a separação emocional é também complementada por outros

fatores: representações culturais<sup>4</sup> e a linguagem que usualmente é utilizada<sup>5</sup>. Em conjunto são fundamentais no processo de objetificação dos animais, convertendo-os em referenciais ausentes (ADAMS, 2010), em que o sentido original de cada animal/indivíduo desaparece passando a ser integrado numa categoria diferente de significação – como, por exemplo, enquanto produtos alimentares.

## **Análise comparativa entre as narrativas de *A Vaca* e práticas descritas pelo setor da agropecuária em Portugal**

No âmbito das representações, os animais são praticamente omnipresentes na literatura infantil. A literatura infantil caracteriza-se por ser relativamente curta na extensão das histórias convergindo, muitas vezes, determinados conteúdos com a diversão. Usualmente, os aspetos imagéticos e linguísticos apresentam-se visualmente estimulantes e podem proporcionar significados experienciais para as crianças (MÖLLENHOFF, 1989). As narrativas da coleção *Os Animais da Quinta*, enquadram-se na descrição anterior: histórias breves, visualmente simplificadas, e lúdicas. Nesta coleção, todos os animais (quer os percebidos como alimento quer os de companhia) surgem como personagens que ocupam determinadas funções na quinta.

O livro (de capa dura) *A Vaca*, da coleção mencionada, é composto por vinte e cinco páginas, e contém diversas secções onde são apresentadas algumas especificidades em relação à vaca, cria e boi. São descritas algumas características biológicas e comportamentais da vaca, e os produtos que dela se extraem. Por exemplo, como passa ela o dia; o que come; como convive com o seu filhote; como é feita a ordenha; que produtos derivam do leite; quais as distinções entre o touro e o boi; e que tipo de raças de vacas existem. Não só neste livro em particular, mas em toda a coleção *Os Animais da Quinta*, Margarida e Celestino (pais de Paulo e Maria) apresentam-se como uma família de agricultores que convidam o/a leitor/a a descobrir a sua quinta, as tarefas diárias e os animais que lá se encontram: “Vais conhecer cada animal ao pormenor e ficarás a saber como são, como vivem, o que comem, as diferentes raças, entre tantas outras curiosidades”<sup>6</sup>.

Os animais são representados (visualmente e linguisticamente) em imagens idílicas de pastoreio, ou mesmo em contextos humanizados, convivendo entre várias espécies, ou em grupos familiares, ora movendo-se em manadas pelo pasto, ora

<sup>4</sup> E.g.: publicidade, cinema, discurso noticioso, etc.

<sup>5</sup> E.g. uso de dicotomias como animal vs humano. Ou o uso de designações culinárias como fêvera, chouriço, bitoque, bife, etc..

<sup>6</sup> Informação que consta no folheto informativo ou no *website* da Editora Planeta DeAgostini.

descansando, ora alimentando-se. Por exemplo, as vacas pastam nos vastos prados verdejantes (*A Vaca*, p. 4), ou nos pastos da montanha (*A Vaca*, p. 15).

Contrariamente, por serem exíguas e confinantes, as instalações pecuárias são antagónicas a estas representações, portanto avessas à autonomia e liberdade dos animais. Os animais em produção intensiva não podem correr, estender-se, procurar comida, ou interagir com membros da família ou com membros de outras espécies: o que acarreta atrofias físicas e emocionais; ou seja, mal-estar (TABELA 2).

Nas narrativas as vacas e as crias pastam pelos prados e dormem juntas no estábulo (sua habitação). À semelhança das representações publicitárias da pecuária intensiva, a carne e derivados (e.g.: “chouriço”) são evocados. Contudo, a morte, o transporte para o matadouro, o sofrimento (condições essenciais para obtenção da carne) e a fragmentação de animais, são processos tornados omissos nessas narrativas.

Nas narrativas os animais surgem individualizados, designados por nomes como Branquinha, Violeta, Bonita, Papoila, Malhada, etc.. Em oposição, os animais da agropecuária apresentam números de série, são tratados como objetos e abstrações – objetos porque são convertidos em unidades de produção em linhas de desmontagem, e abstrações porque o volume bruto de animais mortos pela carne (em toneladas) reforça a sua desindividualização (JOY, 2010).

Nestas narrativas infantis, os animais ostentam características humanas (antropocentrismo) e atuam em nossa conformidade, portanto coniventes com a sua exploração. Por exemplo, a Vaca Malhada produz o “leite mais branco e mais cremoso” (*A Vaca*, p. 21 e Imagem 3) como oferenda para a família de agricultores. Não é mencionada no livro a separação forçada das progenitoras de suas crias – prática usual na indústria leiteira<sup>7</sup>.

Na imagética e nas narrativas as vacas progenitoras e suas crias mantêm-se inseparáveis, seja no contexto noturno, “no estábulo com o meu vitelinho” (*A Vaca*, p. 5), seja no contexto diurno. A relação entre mães e crias é representada como natural e harmónica, a tal ponto que é indicado que as crias só deixam de mamar nos úberes das progenitoras ao fim de alguns meses quando já têm força suficiente para comer erva com os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos (*A Vaca*, p. 9 e Imagem 1). Mais uma vez, a intervenção humana apresenta-se essencialmente como benigna: quando está no estábulo com o seu vitelinho, o agricultor põe feno nas manjedouras e palha no chão para que as vacas possam deitar (*A Vaca*, p. 5).

---

<sup>7</sup> Em qualquer indústria de laticínios (incluindo a biológica) a extração de leite de vaca para consumo humano implica a separação forçada das progenitoras dos/as vitelos/as (os machos tornam-se invariavelmente num subproduto deste sector e são usados para a obtenção de carne). Este e outros processos violentos encontram-se omissos nesta publicação.

As narrativas fazem menção aos sintomas emocionais das progenitoras expressos por mugidos após o afastamento das suas crias (*A Vaca* p. 8). Contudo, nas práticas mencionadas neste livro, a progenitora e a cria não são separadas.

Já na indústria agropecuária, como gatilho para a descarga hormonal, as vacas são forçadas a procriar reiteradamente através da fecundação artificial, com intervalos regulares entre 12 a 14 meses (CARNEIRO *et. al.*, 2010). Como forma a maximizar a produção e a rentabilidade econômica, os processos de produção da indústria leiteira (incluindo a produção orgânica) requerem, obrigatoriamente, a interrupção do elo entre a progenitora e a cria. Publicações da agropecuária portuguesa e estrangeira registram que 52% das explorações separam o vitelo imediatamente após o parto; 22% fazem-no após as 12 horas; 16% separam-no entre as 12 e as 24 horas; e cerca de 10% deixam mãe e cria por mais de 24 horas (TABELA 2). Publicações da agropecuária portuguesa reiteram, aliás, a importância de separar as crias das mães seguidamente ao nascimento, enclausurando as primeiras no que designam como viteleiros limpos e individuais<sup>8 9</sup> (TABELA 2). A separação e o isolamento das progenitoras das suas crias impedem o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos, acarretando sinais de *stress* para ambas: sintomas visuais (*e.g.*: movimentos reiterados da cabeça); auditivos (*e.g.*: o que a indústria designa como chamamentos); e químicos (*e.g.*: aumento dos níveis de cortisol). De acordo com a literatura da agropecuária portuguesa diversas outras patologias são posteriormente detetadas: do sistema músculo-esqueléticos, digestivas, respiratórias, da glândula mamária, pneumonia, sanidade mental, etc. (TABELA 2).

Na quinta, Celestino e a esposa Margarida cumprem funções de protecionismo e são proclamadores do bem-estar animal (*e.g.*: colhem ramos de flores para oferecer à vaca Malhada como pequeno almoço que, por sua vez, oferece ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso (*A Vaca*, p. 21 e Imagem 3) – uma troca de privilégios, entre animais e exploradores que (semanticamente e nas práticas) é representada como benigna para ambas as espécies (TABELA 1).

---

<sup>8</sup> De atentar no eufemismo da expressão viteleiro individual - aludindo à exploração benigna. Na verdade, o viteleiro individual é um cubículo, sem luz solar, e sem espaço para os bezerros se moverem. Nestes cubículos, os bezerros são privados do contato físico com sua progenitora, bem como de nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde (Ver TABELA 2)

<sup>9</sup> O destino das crias é geralmente orientado pelo seu género: os bezerros machos por serem considerados inúteis para a indústria de laticínios, são geralmente vendidos e depois mortos para o processamento de carne. Este procedimento reiterado da agropecuária em relação ao enclausuramento temporário de vitelos (sobretudo machos) em cubículos, a maior parte das vezes sem luz solar, acedendo-lhes muitas vezes muito pouco alimento, tem como função essencial mantê-los anémicos até ao abate – é também a anemia derivada da falta do alimento materno, bem como e falta de luz e de exercício físico que confere depois à sua carne a textura tenra e o aspeto esbranquiçado. Já as fêmeas podem ser convertidas em carne ou usadas para posteriormente substituírem vacas leiteiras esgotadas ou já demasiado doentes.



No que concerne à extração do leite menciona-se que a ordenha da vaca é feita duas vezes por dia; e no caso de serem muitas vacas é utilizada uma ordenhadora mecânica. É a própria vaca que em uma postura coadjuvante, menciona que a “ordenha mecânica” é mais “cómoda e rápida” (*A Vaca* p. 10) – contudo, no livro, apenas se encontra visualmente representada a ordenha manual (Imagem 2).

Porém, a ordenha mecânica realizada no setor leiteiro (geralmente maximizada com hormonas) é extremamente dolorosa. Chega a ser efetivada até três vezes por dia podendo chegar às seis horas, o que implica uma intensa atividade glandular que usualmente deriva em lesões (*e.g.*: inflamações mamárias/infeções nos úberes), claudicação crónica (COMPASSION IN WORLD FARMING, 2006) e consequentes dores (TABELA 2). Outra doença dolorosa que surge com frequência nas vacas exploradas para produção de leite é a laminite - derivada da ordenha mecânica, da alimentação e do pavimento onde se encontram confinadas (TABELA 2).

Em *Os Animais da Quinta* estão também omissas outras práticas industriais (e mesmo artesanais), muitas vezes, realizadas sem anestésicos quer a bezerras, quer a progenitoras: corte da cauda, descorna e a castração.

No que concerne à alimentação na quinta, *A Vaca* (p.5) acede a muita erva e água, a milho e beterraba (*A Vaca* p. 7) e a ramos de flores como pequeno-almoço oferecidos pelo Celestino (*A Vaca*, p. 21).

Nos processos reais do sector agropecuário a velocidade de produção é muito importante, sendo que um dos grandes objetivos é minimizar o tempo em que os animais crescem para depois serem abatidos e processados, nos *timings* designados pelo sector. Para acelerar o crescimento de animais e maximizar maior secreção de leite, mesmo que desadequado ao seu sistema digestivo, é utilizada a ração<sup>10</sup>, hormonas de crescimento (o que muitas vezes pode causar doenças, incluindo dores crónicas, ou mesmo a morte).

As narrativas da coleção *Os Animais da Quinta* não fazem qualquer menção ao tempo de vida, nem ao abate, dos animais.

Na indústria agropecuária, o tempo de vida útil de uma vaca leiteira explorada é de 6 anos (CARNEIRO *et. al*, 2010). Livre de exploração (*i.e.*: inseminações forçadas, partos dolorosos, separações das crias, ordenhas, rações, confinamento, etc.), uma vaca não explorada poderá ter um tempo útil de vida de 20 anos.

---

<sup>10</sup> No contexto português, a ração utilizada pelo sector pecuária é essencialmente um composto proteico de silagem de milho e erva (MATOSMIX, 2014).



## Análise dos dados e conclusões

A realidade diária é reveladora que, à luz das (legalizadas) práticas exploratórias da agropecuária, milhões de animais utilizados para alimentação são considerados propriedade. A condição de propriedade implica que os animais sejam objeto, no sentido literal, de práticas coercivas e violentas – fisicamente e emocionalmente. As práticas exploratórias da indústria agropecuária portuguesa relativamente às vacas (progenitoras) e crias, algumas delas transcritas neste artigo: violação/fecundação forçada de fêmeas, separação das fêmeas de suas crias, confinamento das fêmeas e crias, mutilações, o número extenso de doenças (digestivas, respiratórias, no aparelho reprodutivo, nas glândulas mamárias, nos cascos, de foro emocional, etc.) derivadas das práticas exploratórias (TABELA 2) – afiguram-se como avessas ao princípio da sciência.

Um princípio elementar, aplicável a Portugal e à generalidade dos países ocidentais, é de que todos os processos violentos das indústrias agropecuárias são tornados omissos face à população consumidora. Não assistimos a uma única parte dos processos pelos quais os animais são convertidos em produtos: nem diretamente, através da presença física; nem indiretamente, através das convencionadas representações (escola, televisão, jornais, etc.) o que permite que permaneçamos confortáveis e insensibilizados relativamente às respetivas práticas de consumo (JOY, 2010).

O caso do livro *A Vaca*, corresponde às demais representações culturais hegemónicas pelo princípio da **invisibilidade**: os animais surgem livres de confinamento; o sofrimento das progenitoras e das crias derivado da separação forçada é ausente; a subjugação, as doenças, o sofrimento físico e emocional, a morte, a fragmentação dos animais, etc., consubstanciam em práticas não mencionadas. A carne é mencionada, mas a morte – condição necessária para a conversão dos animais em carne, não o é.

O outro fator ancorado à generalidade das construções culturais dos animais é a sua **mitificação**. A **mitificação**, também efetivada na coleção *Os Animais da Quinta*, consiste em representar os animais com características e em situações que não correspondem com as reais. Ao contrário do que acontece na indústria agropecuária, que serializa os animais e os concebe como cabeças de gado, todos os animais nesta coleção surgem com nomes, portanto individualizados. No livro *A Vaca*, os animais surgem representados livres, em prados ou em montanhas, convivendo harmoniosamente entre si, com total autonomia. As progenitoras e as crias mantêm uma relação perfeitamente natural. Também chegam a ser antropomorfizados (e.g., sorriem e falam) cumprindo com funções de favorecimento dos interesses humanos. A vaca “oferece ao Celestino” o leite mais branco e mais

cremoso (*A Vaca*, p. 21), em detrimento de, por exemplo, – o Celestino apropria-se do leite da vaca que teria como natural destinatário o seu bezerro. Complementarmente, os exploradores (Celestino e Margarida) – apesar de se apropriarem do leite bovino de uma outra espécie e de terem, necessariamente, de exercer violência e provocar a morte a animais para a obtenção de carne – têm todas as suas práticas representadas como benignas. Ou seja, surgem como protetores e proclamadores do bem-estar animal.

Em suma, as condições de vida na coleção *Os Animais da Quinta*, e a sua relação com as personagens humanas, não têm qualquer ligação com aquelas experienciadas por milhões de animais que diariamente são explorados e mortos pela indústria agropecuária. Contudo, apesar de divergentes, as narrativas funcionam como blocos de referência que contribuem para sedimentar perceções e atitudes que estão em consonância com o *status quo* sedimentado pela cultura alimentar hegemónica. Ao promover a **invisibilidade** e a **mitificação** essa coleção contribui para perpetuar a separação emocional entre a população consumidora e os animais explorados.

**TABELA 1** – Exemplos de Enredos Antropocêntricos em *A Vaca* da coleção *Os Animais Da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014)

<b>Vaca</b>	<p>“Ajudo o Celestino a ordenhar as vacas e as cabras. Se nos demorarmos muito aborrecem-se e começam a fazer ouvir os seus “muuu” e os seus “beee”, porque quando os seus uberes têm muito leite, isso incomoda-as muito.” (<i>A Vaca</i>, p. 4, 5)</p> <p>“Raramente mujo e sempre que o faço é por uma boa razão: porque estou a chamar o meu filhote, porque tenho fome ou porque o agricultor não vem há muito tempo à quinta ordenar-me.” (<i>A Vaca</i>, p. 9)</p> <p>“(O Agricultor, Celestino) Acariciou a vaca que lhe lançou um grande “muu...” de agradecimento. Nesse dia, ofereceu ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso.” (<i>A Vaca</i>, p. 21)</p>
-------------	---

**TABELA 2** – Narrativas de *A Vaca* da coleção *Os Animais da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014) versus condições reais de exploração das vacas na indústria pecuária portuguesa

	<b>Contextos de vivência: Como vive/ come/interrelaciona a Vaca e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i></b>	<b>Contextos de vivência: como vive/ come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa</b>
<b>Vaca e cria</b>	<p>“Tenho quatro tetas, que estão cheias de leite. O agricultor vem ordenhar-me duas vezes por dia para recolher o meu saboroso leite.” (<i>A Vaca</i>, p.3)</p> <p>“O agricultor a ordenhar-me: aperta as tetas e o leite vai correndo para um balde.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p> <p>“O leite e a ordenha” – “O agricultor e a agricultora ordenham-me de manhã e à noite. Sentam-se ao meu lado, põem um balde debaixo do meu úbere e apertam-me as tetas para fazer sair leite.” (<i>A Vaca</i>, p. 10)</p> <p>“Quando há muitas vacas utiliza-se uma ordenhadora mecânica. É uma máquina que aspira o leite das quatro tetas ao mesmo tempo. É muito mais rápido e muito mais cómodo!” (<i>A Vaca</i>, p. 11)</p>	<p>Vaca é ordenhada 2 a 6 horas, três vezes por dia e a ordenha é, por regra, feita mecanicamente.</p> <p>Atualmente, a quantidade de leite extraído das vacas (de três a vinte vezes mais do que era possível há meio século) requer uma intensa atividade glandular (FELIPE, 2013) (...). Atualmente a glândula mamária das vacas pode ser forçada a produzir 10, 20, 40, 60, 80 e 95, em vez de 3 litros de leite diários (FELIPE, 2013). Para maximizar a produção são administradas hormonas (<i>E.g.</i> rBGH). Como consequência da sucção mecânica, aparecem lesões: os tecidos distendem, inflamam, e rompem-se vasos sanguíneos, chegam a ganhar ferida. Como a agressão é contínua, o sistema imunológico é forçado a recompor as mazelas. (...) A vaca sente dor, o que leva a que permaneça estática (FELIPE, 2013).</p> <p>A mastite<sup>11</sup> mamária é a causa principal que leva os produtores a ordenarem o abate prematuro das vacas (FELIPE, 2013).</p>

<sup>11</sup> A mastite é a inflamação da glândula mamária causada pela exposição a bactérias *Staphylococcus aureus* ou *E. coli*, entre outras (...). De acordo com um relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a mastite é geralmente recorrente e requer tratamento com antibióticos. O tratamento é adotado por 85% das empresas.

	<b>Contextos de vivência: Como vive/ come/interrelaciona a <i>Vaca</i> e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i></b>	<b>Contextos de vivência: como vive/ come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa</b>
<b>Vaca e cria</b>	<p>“O vitelo – sou o filho do touro e da vaca. Para crescer alimento-me do leite da minha mãe.” (<i>A Vaca</i>, p. 3)</p> <p>“O touro é o macho com que tive o meu vitelinho. É o seu papá. (...)” (<i>A Vaca</i> p.12)</p>	<p>A nascença dos vitelos é resultante de um processo de inseminação artificial oriunda de bancos do sémen de bovino especialmente selecionado (LIMOUSINE PORTUGAL, 2008), e resultante da manipulação genética. O crescimento dos vitelos, concretamente os machos, é interrompido pelo seu abate dos seis aos doze meses ou dos doze aos trinta meses (LIMOUSINE PORTUGAL, 2008).</p> <p>Os vitelos são colocados num cubículo, sem luz solar, sem espaço para se moverem, privados do contato físico com sua progenitora, de alimentos com nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde, de água (assim como de alimentos sem ferro, o que os mantém anémicos até o abate) (FELIPE, 2013).</p>
	<p>“O agricultor leva-me ao prado a pastar erva fresca e flores do campo. Passo aí todo o dia.” (<i>A Vaca</i>, p. 4)</p>	<p>Instalações pecuárias contêm espaços exíguos, antagónicos à pastagem dos campos. A condição de vida dos animais não humanos confinados em espaços industriais acarreta atrofia física, mentais, ou seja – mal-estar.</p> <p>Fatores essenciais intervenientes no mau estar animal: sociais (relacionamento entre animais); manejo (relação explorador – animal); ambientais (interação entre o animal e o meio onde se encontra); patológicos (doenças que afetam os animais)</p>

	<b>Contextos de vivência: Como vive/come/interrelaciona a Vaca e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i></b>	<b>Contextos de vivência: como vive/come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa</b>
<b>Vaca e cria</b>	<p>“Para ter um bom leite, como muita erva e bebo muita água.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p> <p>“Dá-me também uns pós de milho e de beterraba para que eu tenha força.” (<i>A Vaca</i>, p. 7)</p> <p>“No verão – quando está bom tempo pasto a erva fresca, arrancando-a com a língua, e engulo-a. Depois vou deitar-me debaixo de uma árvore.” (<i>A Vaca</i>, p.6)</p> <p>“Durante o verão, o agricultor levamos aos pastos de manhã, no cimo do monte, onde a erva é mais tenra.” (“<i>A Vaca</i>” p. 15)</p> <p>“Era Verão e as vacas tinham dormido no prado. (...)”. (<i>A Vaca</i>, p. 21)</p>	<p>Mesmo que desadequado ao seu sistema digestivo, o alimento das vacas criadas pela agropecuária portuguesa é, sobretudo, um composto proteico de silagem de milho e erva (MATOSMIX, 2014). Resultante deste tipo de compostos alimentares inventados para maximizar maior secreção de leite surge a laminite - uma das doenças extremamente dolorosas recorrentes em vacas usadas para extração do leite. A laminite consiste em lesões degenerativas das lâminas epidérmicas dos cascos, associadas às alterações circulatórias e inflamação das lâminas sensitivas, lâminas dérmicas e córneo laminar, com conseqüente necrose e perda do estojo córneo ou crescimento anormal e deformação do casco (FELIPE, 2013). Pisos não adequados e alimentação também originam a Dermatite Digital, Dermatite Interdigital, Panarício, Laminite, Úlcera da Sola, Abscessos Podais, Tiloma, Erosão do Talão, Fissura Vertical, Fissura Horizontal (SERRÃO, 2007).</p>

	<p><b>Contextos de vivência: Como vive/come/inter-relaciona a <i>Vaca</i> e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i></b></p>	<p><b>Contextos de vivência: como vive/come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa</b></p>
<p><b>Vaca e cria</b></p>	<p>“A minha noite – à noite volto ao estábulo com o meu vitelinho. É aí que durmo. O agricultor põe feno nas manjedouras para as vacas que tenham fome, e palha no chão para podermos deitar-nos.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p> <p>“Quando o meu filhote se afasta demasiado chamo-o com os meus mugidos.” (<i>A Vaca</i>, p. 8)</p> <p>“O meu vitelo – Umás horas depois de nascer, o meu filhote consegue pôr-se de pé, sozinho. Mama o meu leite várias vezes ao dia. Quando já tem forças suficientes, o agricultor dá-lhe biberão para poder ordenhar-me. Só ao fim de alguns meses ele consegue comer erva, como os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos.” (<i>A Vaca</i>, p. 9)</p>	<p>Um inquérito realizado nos EUA revela que cerca de 52% das explorações separam o vitelo imediatamente após o parto, 22% fazem-no depois do vitelo mamar, mas antes das 12 horas; 16% separam entre as 12 e as 24 horas e cerca de 10% deixa mãe e cria por mais de 24 horas (STILWELL, 2008). Números mais recentes não mostram grandes diferenças com mais de 40% das explorações a deixarem o vitelo mamar o primeiro colostro na vaca - as proporções serão bastante parecidas em Portugal (STILWELL, 2008).</p> <p>Os vitelos devem ser separados das mães ao nascimento, alojando-os em viteiros limpos e individuais (DEFESA, 2013).</p> <p>O confinamento impede as vacas e as suas crias de estabelecerem vínculos sociais entre si, bem como com animais de outras espécies. A manutenção do vitelo com a mãe durante poucos minutos é o suficiente para se formar um elo muito forte (HUDSON &amp; MULLORD, 1977). Depois de 5 minutos de contacto com o vitelo já se notam sinais do <i>stress</i> derivados da separação, nomeadamente através do aumento dos níveis do cortisol plasmático da vaca e vocalizações (HUDSON &amp; MULLORD, 1977).</p> <p>Numa clinica de bovinos do distrito de Barcelos foram detetadas patologias diagnosticadas em vitelos: sistema músculo-esquelético; patologias digestivas e respiratórias; reprodução e obstetria; problemas que atingem a glândula mamária; sanidade animal (70%); patologias do sistema reprodutor e digestivo; patologias da glândula mamária (HUDSON &amp; MULLORD, 1977).</p> <p>As doenças respiratórias, como pneumonia, são frequentes nos vitelos devido a causas ambientais: as temperaturas ou humidades extremas, o <i>stress</i> que envolve certas manipulações de rotina (como o desmame ou o agrupamento dos vitelos), fazem com que os animais fiquem mais sensíveis aos micróbios respiratórios presentes, na maioria das explorações) e causas microbianas. Estima-se que até 17% das mortes ocorridas em vitelos com menos de 1 ano se devam a casos de pneumonia (MATOSMIX, 2014).</p>



Imagem 1: (Livro *A Vaca*)

Nas representações de *Os Animais da Quinta* as vacas progenitoras e as suas crias mantêm-se inseparáveis. A relação entre mães e crias é representada como natural e harmónica, a tal ponto que é indicado que as crias só deixam de mamar nos úberes das progenitoras ao fim de alguns meses quando já têm força suficiente para comer erva como os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos. A intervenção humana, quando existe, apresenta-se essencialmente como benéfica (*A Vaca*, capa e p. 8).

Ao invés, na realidade diária destes animais, os processos de produção da indústria leiteira (incluindo a produção orgânica) requerem, obrigatoriamente, a agonizante interrupção do elo entre a progenitora e a cria. Publicações da agropecuária portuguesa reiteram, aliás, a importância de separar as crias das mães logo após o nascimento, enclausurando as primeiras no que designam como vitleiros limpos e individuais. Nesses cubículos, muitas vezes sem luz solar e sem espaço para se moverem, as crias permanecem privadas do contacto com sua progenitora, bem como de nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde. A separação e o isolamento das progenitoras vacas das suas crias impedem o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos, acarretando sinais de *stress* e patologias para ambas (TABELA 2).



Imagem 2: (Livro *A Vaca*)

Representada de forma antropocêntrica (postura coadjuvante) a vaca menciona que a “ordenha mecânica” é mais “cómoda e rápida” (*A Vaca*, p. 10). Na indústria agropecuária a ordenha da vaca, relatada como dolorosa, implica uma intensa atividade glandular potenciada com hormonas que derivam em vários tipos de doenças e lesões (TABELA 2).



Imagem 3: (Livro *A Vaca*)

Não são representados indícios de exploração/violência do agricultor em relação à vaca, mas uma troca de privilégios. Por exemplo, o Celestino colhe ramos de flores para oferecer à vaca Malhada como pequeno-almoço que, por sua vez, “oferece ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso” (*A Vaca*, p. 21).

### ***PERPETUATING INVISIBILITY AND MYTHIFICATION OF ANIMALS IN A CHILDREN’S BOOKS COLLECTION***

**ABSTRACT:** *A collection of books addressed to children titled “Farm Animals” aims, according to its publishing company, to be didactic on the subject of the animals in question. This study intends to question the didacticism of this collection through a comparative analysis between the case of “The Cow” (book) and the exploitation practices described by Portuguese livestock industry reports.*

*It was concluded that there are considerable gaps between the narratives in this collection and the realities experienced by the animals in the livestock industry. That is, the narratives in question act in accordance with a hegemonic (food) culture, ultimately promoting invisibility and mythification - perpetuating the emotional separation between the consuming population and the evoked animals.*

**KEYWORDS:** *Animals. Farm. Farming. Representations. Literature. Children.*



## REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **The Sexual Politics of Meat: a Feminist Vegetarian Critical Theory**. Continuum: New York, 2010.

\_\_\_\_\_. "An interview with C. J. Adams: Gender, Identity, and Vegan Feminism in the TwentyFirst Century", by Tom Tyler, in **Parallax**, vol. 12, nº 1, 120128, 2006

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CRIADORES DA RAÇA BOVINA Associação Portuguesa de Criadores da Raça Bovina. **Notícias Limousine**. Portugal. Nº 17, 2008. Disponível em: <[http://www.limousineportugal.com/n17\\_abril\\_2008.pdf](http://www.limousineportugal.com/n17_abril_2008.pdf)> Acesso em: 8 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Le Sens Pratique**, Paris, Minuit, 1980.

CARNEIRO, Marco Aurélio; *et. al.* **Eficiência reprodutiva das vacas leiteiras**. Circular Técnica, 2010. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/29218/1/Circular64-2.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

COMPASSION IN WORLD FARMING. Stop – Look – Listen: Recognising the Sentience of Farm Animals. **Summary Report by Compassion in World Farming**. 2006. Disponível em: <[http://www.fao.org/fileadmin/user\\_upload/animalwelfare/stop\\_look\\_listen\\_2006.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/animalwelfare/stop_look_listen_2006.pdf)>. Acesso em mar. 2013.

DEFESA, Ana Cristina. Enterites neonatais em vitelos. **Repositório Universidade do Porto**, 2013. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66967/2/93173.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

DIJK, Teun A. Van. Discourse semantics and ideology. **Discourse & Society**, London: SAGE vol. 6(2), p. 243-289, 1995.

DURHAM, M. G. **Media and cultural studies: keywords**. Malden, Mass: Blackwell Publishers, 2001.

ECODEEP. Fileira do Leite e Derivados (Avaliação de ciclo de vida do leite UHT, iogurte e queijo). **Relatório Técnico**, 2014. Disponível em: <[http://ecodeep.org/wp-content/uploads/2016/01/2-Relat%C3%B3rio-T%C3%A9cnico\\_Fileira-do-Leite-e-Derivados\\_ECDEEP.pdf](http://ecodeep.org/wp-content/uploads/2016/01/2-Relat%C3%B3rio-T%C3%A9cnico_Fileira-do-Leite-e-Derivados_ECDEEP.pdf)>. Acesso em: 8 ago. 2017.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. Tackling climate change through livestock. Roma, 2013. Disponível em: [www.fao.org/3/a-i3437e.pdf](http://www.fao.org/3/a-i3437e.pdf). Acesso em: 2 mai. 2018.

FELIPE, Sônia T. Implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino: uma abordagem crítica. **Pensata Animal**, 2013. Disponível em: <<http://www.pensataanimal.net/pensadores/152-sonia-t-felipe/384-implicacoes-eticas-ambientais-e-nutricionais-do>>

consumo-de-leite-bovino-uma-abordagem-critica-o-sofrimento-das-vacas-e-vitelos.> Acesso em: 9 jun. 2016.

FISKE, J. **Introdução ao Estudo da Comunicação**. Edições Asa, Porto, 1990.

HUDSON, Susan J.; MULLORD, M. M. Investigations of maternal bonding in dairy cattle. **Applied Animal Ethology**, Volume 3, Issue 3, 271-276, 1977. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0304-3762\(77\)90008-6](https://doi.org/10.1016/0304-3762(77)90008-6)>. Acesso em: 2 mar. 2018.

JOY, Melanie. **Why we love dogs, eat pigs, and wear cows**. San Francisco: Conari Press, 2010.

LENNKO, Désirée. **Anthropomorphic animals in commercials** (Why fake animals tell good stories). Lund University, 2010. Disponível em: <<http://lup.lub.lu.se/student-papers/record/1601027>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MATOSMIX. 2014. Disponível em: <<http://www.matosmix.pt/bovinos.php>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

MÖLLENHOFF, Fritz. Remarks on the popularity of Mickey Mouse (1940). **American Imago**, 46(2-3), 105-119. 1989. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/1990-22120-001>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

OS ANIMAIS DA QUINTA. Editora Planeta DeAgostini, 2014. Disponível em: <<https://www.planetadeagostini.pt/infantil-juvenil/os-animais-da-quinta-2014>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

SERRÃO, Armando. **IV Manual de Patologia Podal Bovina**. 2007. Disponível em: <[http://www.apcrf.pt/fotos/editor2/iv\\_manual.pdf](http://www.apcrf.pt/fotos/editor2/iv_manual.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2016.

STEWART, Kate; COLE, Matthew. The Conceptual Separation of Food and Animals in Childhood. **Food, Culture & Society**. Vol. 12 p. 457-476, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.2752/175174409X456746>>. Acesso em: 3 mai. 2018.

STIBBE, Arran. Language, Power and the Social Construction of Animals. **Society & Animals**, v. 9, nº 2, p. 145-161, 2001. Disponível em: <<http://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2015/11/stibbe.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

STILWELL, George. Quando separar o vitelo recém-nascido da vaca leiteira? Uma revisão dos efeitos sobre bem-estar animal, produção leiteira e reprodução. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, 2008. Disponível em: <[http://www.fmv.utl.pt/spcv/PDF/pdf/12\\_2008/117-125.pdf](http://www.fmv.utl.pt/spcv/PDF/pdf/12_2008/117-125.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2015.

Recebido em 08/01/2018.

Aprovado em 01/03/2018.

# **Artigos/Articles**



# **SUBJETIVAÇÃO AUTÔNOMA, INDEPENDENTE E LETRADA: CONCEPÇÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS SOBRE LINGUAGEM EM PRODUÇÕES ESCRITAS DE MULHERES NEGRAS**

*Michel Soares do CARMO\**

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados do estudo das ideias e dos argumentos sobre linguagem e seus derivados presentes em produções de mulheres autoras que se auto identificam como negras, a partir de uma perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais contemporâneos. Para isso, foi efetuado levantamento de produções escritas de mulheres autoidentificadas negras, disponíveis em acervos online, que contivessem as palavras-chave “língua”, “linguagem”, “escrever”, “escrita”, “discurso”, “oral/oralidade” e “fala”. Foram encontradas vinte produções. Para estas escritoras, a linguagem, principalmente a escrita, por ter sido a literatura o contexto temático da maioria dos textos encontrados, é marcada pelo corpo, isto é, pela raça e pelo gênero que guiam suas escritas, mesmo que para algumas isto não deva ser considerado o foco de sua escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Concepções de linguagem. Mulheres negras. Escritoras.

## **Introdução**

Ao longo da história do Brasil, as mulheres negras têm sofrido constantes desvantagens nos campos sócio-político e econômico. Elas sofrem discriminações face à sua dupla condição: ser negra e ser mulher. (Regina M. Parente, 2008)

---

\* UFG – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação. Goiânia – GO – Brasil. 74605050 - michel.linguista@gmail.com.

A proposição da pesquisa de concepções de linguagem em produções escritas de mulheres negras surgiu no decorrer de uma etapa de pesquisa anterior<sup>1</sup> (CARMO; PINTO, 2012). Na etapa anterior, foi bastante perceptível que há uma predominância da visibilidade da autoria masculina, mais precisamente de homens negros, em produções conhecidas como literatura marginal. Quando aparecem textos ou dados referentes a produções de mulheres negras, geralmente, elas recebem outro *status* ou pouco destaque ou são destacadas em posição diferente ao próprio movimento da periferia. Silva (2012) sobreleva que

desde muito cedo, as interdições à participação política das mulheres colocadas pelo patriarcado se impuseram. Às dificuldades materiais se somaram as lutas mais íntimas por construção de uma identidade não-subjugada, uma subjetividade de resistência aos imperativos do racismo e do machismo na vida cotidiana e nos espaços políticos de atuação. (SILVA, 2012, p. 01)

Estas interdições não cessam sua atuação político-social, mas, como se verá adiante, trazem conotações específicas para suas construções identitárias, lugares de participação e formas de resistência específicos e, por conseguinte, formas de vivenciar, conceber e avaliar linguagens situadas. Ainda pode-se acrescentar que, como pontua hooks<sup>2</sup> (1994b):

Há um conhecimento singular que surge do sofrimento, uma maneira de conhecer expressa frequentemente através do corpo, do que ele sabe, do que tem sido profundamente inscrito nele através da experiência. Esta complexidade da experiência raramente pode ser nomeada ou dada voz à distância. É um local privilegiado, mesmo não sendo o único ou mesmo sempre o mais importante local do que se pode saber. (hooks, 1994b, p. 91).

A autora faz tal afirmação a partir de sua experiência de feminista negra, defendendo que os corpos das mulheres, especialmente as mulheres negras, são locais contra-hegemônicos de resistência à opressão de gênero e à produção do conhecimento colonizada. Tendo em vista esta perspectiva, o que este grupo contra-

---

<sup>1</sup> Ambas são etapas de pesquisa de Iniciação Científica (“Linguajamentos e contra-hegemonias sobre linguagem em produções escritas de literatura na periferia” 2011-2012, e “Linguajamentos e contra-hegemonias sobre linguagem em produções escritas de mulheres negras” 2012-2013) desenvolvidas por Michel Soares do Carmo, integrante do projeto de pesquisa “Linguajamentos, corpos em crise e crítica do conhecimento: contra-hegemonias epistêmicas contemporâneas sobre linguagem” (2009-2013), coordenado por Joana Plaza Pinto. Agradeço muitíssimo a Joana Plaza Pinto por todas as discussões e orientações que geraram este artigo.

<sup>2</sup> A escritora e intelectual bell hooks, nascida Gloria Watkins, assina seu nome sempre em caixas baixas e pede que assim seja feito em todas as citações de sua obra.

hegemônico identitário, mulheres negras escritoras, teria a dizer sobre linguagem? Onde estão as reflexões das mulheres negras escritoras sobre linguagem? Quais são as suas concepções? Como seus textos se articulam a suas práticas identitárias para produzir conhecimento sobre linguagem?

Como hooks (1995, p. 468) defende: “É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de vocação intelectual”. Dessa forma, para ampliarmos nossas concepções de linguagem e seus conceitos correlatos a partir de pontos de vistas contra-hegemônicos e assim mudarmos nossas possibilidades de pensar, fez-se necessário incluir a produção desse grupo não hegemônico, mulheres negras, na discussão sobre concepções de linguagem, língua, discurso e escrita. Para isso, este artigo se propõe a apresentar e discutir ideias e argumentos sobre linguagem e seus derivados presentes em produções de autoras que se autoidentificam como mulheres negras.

Assim, tem-se como objetivos 1) analisar as concepções de linguagem construídas em produções de mulheres autoidentificadas como negras, e 2) discutir o papel destas concepções de linguagem na contraposição às desigualdades a que este grupo identitário está exposto.

## Metodologia

Para atingir os objetivos dispostos na seção anterior, seguiu-se a metodologia qualitativa de base documental. Foram estudadas produções escritas de participantes autodenominadas mulheres negras disponíveis em sites na web no ano de 2012. Essas produções são interpretadas no pano de fundo dos estudos culturais e pós-coloniais contemporâneos (FROW; MORRIS, 2006; HALL, 2002; MAKONI; PENNYCOOK, 2007; MIGNOLO, 2003) e também com fundamentação nas discussões teóricas feitas por bell hooks (1984; 1994a; 1994b, 1995), pois sua obra relaciona questões relativas às mulheres negras com questões relativas à linguagem e à produção do conhecimento.

Os critérios de pesquisa delimitados foram os seguintes: busca por palavras-chave referentes a conceitos de linguagem, sendo elas “língua”, “linguagem”, “escrever”, “escrita”, “discurso”, “oral/oralidade” e “fala”; buscas em blogs/sites. O levantamento de nomes de autoras negras deu-se inicialmente no portal Literafro – Literatura afro-brasileira (UFMG, 2012). Neste mesmo portal, iniciou-se a busca por páginas virtuais que possuíssem textos das autoras encontradas ou mesmo que fossem mantidos por elas. As autoras encontradas no portal Literafro foram pesquisadas no Portal *Google* por meio de seus nomes. Foram feitas também buscas

neste mesmo portal a partir do marcador ‘mulher(es) negra(s)’ e com alternância dos seguintes termos: ‘escritora(s)’, ‘acadêmica(s)’, ‘blogueira(s)’ para se tentar encontrar outras escritoras além daquelas encontradas no portal Literafro. A partir destes mesmos marcadores, também foram efetuadas buscas no portal da Biblioteca Local. Somente textos em língua portuguesa foram selecionados.

Por fim, foram encontradas 20 produções: Dinha (2008), Evaristo (2003, [1990]2011, 2006, 2009a, 2009b), Natália (2012), Palmeira (2011a, 2011b), Salgueiro (2008), Silva (2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2010a, 2010b), Silva (2010), Sobral (2011, 2012a, 2012b).

## Resultados e discussão

Foram encontrados vinte textos de escritoras que se autodenominam como negras, os quais estão distribuídos entre oito autoras: Cidinha da Silva, Dinha, Cristiane Sobral, Lívia Natália, Conceição Evaristo, Francineide Santos Palmeira, Ana Rita Santiago da Silva, Maria Aparecida Andrade Salgueiro. Os textos das escritoras Cidinha da Silva, Cristiane Sobral e Conceição Evaristo foram todos encontrados em seus *blogs* individuais, mesmo que tenham sido publicados anteriormente em revistas ou sites (acadêmicos ou não). Os demais foram encontrados em sites acadêmicos, a partir da busca com as palavras-chave no portal *Google*.

Dos vinte textos encontrados, dezesseis concentraram suas concepções de linguagem em uma mesma área temática vinculada à escrita ou escrever, sendo eles: *Entrevista à Revista Urbana* (SILVA, 2008a); *Barack Obama e Dinha - entrevista* (DINHA, 2008); *Entrevista da Cidinha para a Ana* (SILVA, 2008b); *Entrevista da Cidinha para Luana* (SILVA, 2008c); *Notas sobre o processo de criação literária, ao poeta Rique Aleixo* (SILVA, 2009); *Entrevista da Cidinha para Literatura Subversiva* (Silva, 2010a); *Entrevista da Cidinha para Película Negra* (SILVA, 2010b); *Dos desejos* (NATÁLIA, 2012); *Representações das mulheres negras sob a ótica feminina nos Cadernos Negros* (PALMEIRA, 2011a); *Eu não sei cantar - Entrevista à Raça* (EVARISTO, 2006); *Diálogos com a cultura afro-brasileira* (SALGUEIRO, 2008); *A literatura de escritoras negras: uma voz (des)silenciadora e emancipatória* (SILVA, 2010); *Dos sorrisos, dos silêncios e das falas* (EVARISTO, 2009a); *Literatura Negra: uma poética de Afro-brasilidade* (EVARISTO, 2009b); *Assenhorando-se do poder da palavra: Escritoras afro-brasileiras e auto-representações* (PALMEIRA, 2011b); *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (EVARISTO, 2003).

Os outros quatro não se vinculam às palavras-chave escrever e escrita diretamente: *20 de Novembro* (SOBRAL, 2011); *Erro de português* (SOBRAL,



2012a); *Provocações* (SOBRAL, 2012b); *Vozes-Mulheres* (EVARISTO, [1990] 2011). Como seria esperado, estes também são os únicos textos que não têm a literatura ou fazer literário como tema principal, refletindo sobre o uso da língua e/ou fala em geral. De todo modo, estes também apresentam uma perspectiva temática, ao conceber linguagem, que está em consonância com o grafocentrismo (SIGNORINI, 2008).

Dois aspectos contextuais são significativos e adquirem relevância se comparados com os dados contextuais do estudo anterior, *Linguajamentos e contra-hegemonias sobre linguagem em produções escritas de literatura na periferia*. O primeiro é o fato de as publicações se concentrarem em **blogs individuais**, apesar de também serem *blogs* com temática, principalmente literária, como aqueles de literatura marginal, os quais, no entanto, apresentavam um tom de coletividade em relação à autoria (mesmo que predominantemente masculina) não encontrado nos *blogs* das autoras. O segundo aspecto é o de todas as autoras estarem vinculadas à **academia**, direta ou indiretamente, enquanto que entre as produções de literatura marginal encontradas no estudo anterior, também conduzido em ambiente *online*, isso não ocorreu.

Há de se ressaltar que o vínculo entre as concepções de linguagem e a literatura é estreito, pois elas pensam a linguagem de um lugar/contexto específico que ocorre a partir do entrelaçamento e articulação de várias categorias (ANZALDÚA, 2009; CALDWELL, 2000; PISCITELLI, 2008). Esta intersecção de categorias (mulheres, negras, escritoras, acadêmicas) produz uma forma de lidar com a linguagem e pensá-la muito situada, o que também transparece na maneira pela qual as escritoras associam linguagem, literatura e corpo num processo de construção da identidade.

Não que esta forma de pensar a linguagem não tenha pontos em comum com outros grupos contra-hegemônicos. Certamente, há. O principal deles é, assim como no caso dos escritores de literatura marginal, o reconhecimento de que a língua tem sido usada como um mecanismo do poder e de uma tradição eurocêntrica que regula o dizer (MIGNOLO, 2003). A partir dessa consciência, as autoras estudadas fizeram da escrita um instrumento de resistência ao discurso que as inferioriza e no qual o corpo e a linguagem são elementos que possibilitam a construção de uma identidade própria, local e positiva. É nesse sentido que Dinha (2008), na entrevista *Barack Obama e Dinha*, ao se referir à escrita da periferia, expõe:

Nem o que vem da periferia e nem o que é alheio a ela são simplesmente positivos ou negativos. O Movimento Hip Hop, por exemplo, vem narrando, oralmente, através do Rap, várias nuances da periferia. Isso é bastante positivo pra mim que nunca havia lido/visto/ouvido minha história, da minha família e

dos meus vizinhos, a não ser a partir de olhares de fora, estrangeiros. Entretanto, o Movimento é mesmo machista e sexista, assim como a grande maioria das pessoas da nossa sociedade também o são. Isso não tira sua importância. [...]. Quero reforçar que apesar de escrever PARA todas as pessoas, escrevo, principalmente, POR mim. E eu sou mais que eu mesma. Sou meus irmãos, minha comunidade. (DINHA, 2008, n.p.).

Para essas escritoras, a linguagem, principalmente a escrita por ter sido a literatura o contexto temático da maioria dos textos, é **marcada pelo corpo**, isto é, pela raça e pelo gênero que guiam suas escritas, como delinea Cidinha da Silva (2010b) em *Entrevista da Cidinha para Película Negra*:

Eu sou uma mulher negra aqui e em qualquer lugar do mundo. Mais do que uma escritora negra sou uma negra escritora, tal como seria uma negra médica, gari, cozinheira, professora universitária. Ser negra é nome. É substantivo, principalmente em sociedades racistas e racializadas como a brasileira. (SILVA, 2010b, n.p.).

Cidinha da Silva (2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2010a, 2010b), em todos os seus textos encontrados que refletem sobre linguagem, coloca que é inevitável fugir da experiência de uma escrita marcada pela experiência corporal (do lugar do qual se escreve), mas que isso não deve ser a essência daquilo que se propõe como fazer literário: “Sou negra, isto posto, intento produzir uma manufatura (ops, literatura) em que as pessoas negras possam também se reconhecer, sem que para isso eu tenha de produzir um discurso direto e, em muitos casos, sem literariedade” (SILVA, 2008c, n.p.). Dessa forma, ela propõe que a literatura produzida por elas não deve ser reconhecida apenas como ou principalmente por sua militância, seu caráter político.

Por outro lado, também aparece a defesa de uma experiência com a linguagem que se dê de forma mais militante, que afirme o lugar de onde se escreve, como estabelece Conceição Evaristo (2009b) em *Literatura Negra: uma poética de Afro-brasilidade*:

Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais

experimental. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. (EVARISTO 2009b, p. 18).

Cristiane Sobral (2011, 2012a, 2012b) é a única autora estudada que não define linguagem vinculando diretamente à literatura e sim à língua em sentido mais amplo, apesar de haver marcações associadas a escrita. Todos os seus textos apresentam também **o corpo como o lugar de onde se parte para se conceber a língua(gem)**, a qual se aproxima da proposta de Conceição Evaristo, como no trecho: “É preciso estudar os dicionários para criar outras línguas e perceber que ainda podemos desdobrar, articular a nossa língua misturando bantu com iorubá, [...] Pela criação de uma nova gramática repleta de negrume, para que possamos recitar em bom negrês, que chegará a nossa vez” (SOBRAL, 2012a, n.p.).

Diferentemente do que ocorreu nas concepções de linguagem dos escritores de literatura marginal, não houve uma ligação estreita ou mesmo uma associação entre oralidade e escrita, nas concepções das escritoras negras encontradas. O que se justifica pelo lugar de onde estas escritoras falam, que não é uma imaginada **periferia iletrada**, mas sim de um **ambiente marcadamente letrado**, muitas vezes acadêmico e outras vezes não acadêmico, no qual a forma de se conceber a escrita não está, pelo menos *a priori*, ligada à oralidade. Por outro lado, outras formas de identificação as unem: suas experiências como mulheres negras, uma experiência com a linguagem marcada pelo corpo. Ademais, ressalta-se que a construção de suas identidades, textos e concepções são marcadas historicamente por temáticas culturais associadas a culturas africanas e afro-brasileiras, as quais são indiciadas em diversos trechos sejam por palavras específicas (bantu com ioruba, gegê, nagô), figuras de linguagem ou por afirmações específicas.

Em consonância com o que têm pesquisado Dalcastagnè (2007) e argumentado Anzaldúa (2009) sobre se buscar uma ruptura com o silêncio e se iniciar um movimento de autorrepresentação literária, Conceição Evaristo (2003, p. 06) explicita como esta dupla condição de negra e mulher, marcadas corporalmente, traz implicações quando “colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, como atos de criação linguística, [...] apresenta um discurso que

se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra” e quando adicionada uma outra categoria intersectiva que é o ambiente específico de atuação desta escritora (e que pode se estender às demais aqui estudadas), basicamente letrado, traz uma forma bastante específica de se pensar sua escrita literária:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra”. (PALMEIRA, 2011b, p. 8)

As concepções de linguagem apresentadas estavam circundadas para mostrar que a escrita da mulher negra é marcada por uma desvalorização e/ou subestimação, sendo isto ainda uma herança patriarcal, pois, como expõe Conceição Evaristo (2006, n.p.) em *Eu não sei cantar*, “se você não está na mídia e ainda é negro e mulher, a situação se complica mais, porque espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar - mas não escrever” e, também Cidinha da Silva (2010a, n.p.) em *Entrevista da Cidinha para Literatura Subversiva*, “nossas particularidades humanas negras não geram interesse editorial, não são tratadas como o particular que fala do humano e é, portanto, universal”. Estas associações entre lugar social, desvalorização e linguagem indiciam que concepções de linguagem são afetadas por suas jornadas e fazem com que se posicionem de modo a criar resistências específicas por meio articulações criativas entre suas marcas corporais e espaços (concretos ou simbólicos) sociais que se tem à disposição.

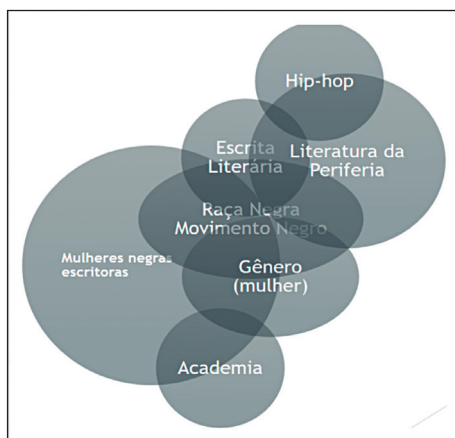
De todo modo, das articulações que marcam as formas como essas escritoras negras concebem linguagem, os processos de marcação do corpo e suas relações com a literatura e o ambiente acadêmico, surgem muitas possibilidades de se pensar linguagem que são situadas e, de modo explícito, marcadas pela experiência. Ao contrário do cenário acadêmico-literário que, muitas vezes, se vale de discursos sobre linguagem que buscam uma univocidade e totalização conceitual na qual não se marca o lugar de onde se fala e, menos ainda, como ele afeta nossas visões e concepções. Assim, o movimento dessas escritoras e suas reflexões sobre linguagem apontam para o que Gomes argumenta em 2008 ao discutir a literatura afro-brasileira:

A literatura afro-brasileira subtrai do discurso dominante as presumíveis univocidades na medida em que a sua escrita rasura e subverte a construção das

narrativas da história oficial, investindo em outras possibilidades de elaboração. É uma escrita que acrescenta, nega, questiona, incomoda (DHYTTA, 1995, p. 122).

Estas possibilidades de elaboração que subvertem narrativas oficiais mostram que estas mulheres se valem do que têm acesso simbolicamente para construir resistências situadas acerca de linguagem e de representatividade social. É isto que é sumarizado no diagrama a seguir. Na Figura 1, o maior círculo, **Mulheres negras**, representa as concepções dessas mulheres e o segundo maior, **Literatura da periferia**, representa as concepções deste grupo de literatura periférica, majoritariamente composto de homens negros. Como é possível perceber, não há uma intersecção direta entre as concepções dos dois grupos apesar de elas terem marcadores sociais e/ou experiências em comum que aparecem em ambos os conjuntos: as experiências com a escrita literária; a raça negra que se vincula ao movimento negro; e gênero. No entanto, como já apontado nas discussões, a forma como as articulações entre esses marcadores e experiências ocorrem é alterada quando situamos o contexto de produção destes grupos, produzindo tanto apagamentos quanto visibilizações.

**Figura 1** – Diagrama das intersecções apresentadas pelas concepções de linguagem identificadas



**Fonte:** Elaborado pelo autor

Neste caso, por exemplo, como podemos ver na intersecção do círculo que marca **gênero**, ele é um marcador apagado nas concepções do grupo de **Literatura da periferia** enquanto, por outro lado, é ressaltado nas concepções destas mulheres negras, o que indica um determinado tipo de subjetivação que reflete bastante a importância da sua identidade/experiências de gênero em suas concepções de

linguagem, mais especificamente a escrita e seu vínculo à academia. Quando mencionamos este apagamento, não pretendemos dizer que no movimento de literatura periférica não haja mulheres, mas sim que elas pouco aparecem e que questões vinculadas a seu corpo são, justamente por isso, apagadas, não discutidas.

Dois exemplos de visibilizações, no sentido daquilo que toma destaque ou importância nestas concepções, por fazer parte das estratégias/práticas destes grupos, que aparecem na análise comparativa são: as concepções destas mulheres negras são altamente impactadas por seu pertencimento à academia, por falarem/escreverem a partir de um lugar de fala de prestígio letrado; e as concepções de escritores de literatura marginal são altamente articuladas com o pertencimento deste grupo a práticas orais, como o Hip-Hop, pois é deste local que eles escrevem/falam. Porém, tais visibilizações não se intersectam nas concepções analisadas, como é possível ver no diagrama nos círculos **academia** e **Hip-Hop**, sendo a academia um marcador que não aparece como relevante nas concepções dos escritores de literatura da periferia e o Hip-Hop, de mesmo modo, não é tratado como um lugar de fala importante para estas escritoras negras.

Por outro lado, o círculo **raça negra** – Movimento negro está presente em ambos e é elemento central que se articula com os outros marcadores de diferença presentes nas concepções de cada grupo. Isto é, para as escritoras negras, raça se articula de maneira sumária com gênero para marcar como elas experienciam seu corpo e refletem sobre isso linguisticamente e, ainda, esta articulação se vincula a um terceiro marcador de diferença, a **academia**. No entanto, esse último está muito mais vinculado a como estas mulheres atuam no mundo e buscam ambientes de resistência nos quais sua voz tenha mais plenitude, autonomia e independência, e que possam contrapor-se às desigualdades a que estão sujeitas.

## Considerações finais

É peculiar às produções aqui estudadas que sua circulação se dê em contextos individualizados (colunas em *blogs* e entrevistas etc.) e mais acadêmicos, em que as autoras, para ganhar espaço legitimado (EVARISTO, 2003; hooks, 1984, 1995), investem na construção de uma **subjetivação autônoma, independente e letrada** como ganho e rebeldia para o lugar discursivo da mulher negra, como foi possível ver no diagrama (Figura 1).

Portanto, as produções encontradas apresentam concepções de linguagem que são comuns a vários grupos minoritarizados e contra-hegemônicos (OLIVEIRA & PINTO, 2011; PINTO & BADAN, 2012), no caso a ideia da **linguagem como resistência**. Porém, há nuances que são específicas para o grupo de mulheres negras.

Essas produções defendem a busca de elementos identitários e de resistência por meio das práticas linguísticas que se vinculam ao campo da literatura e se baseiam em suas experiências corporais. Assim, as concepções de linguagem identificadas vão ao encontro do que é teorizado por autoras e autores que propõem a rearticulação das práticas linguísticas e a marcação “[d] o lugar geopolítico [que] compõe o contexto hegemônico ou subalterno de uma língua em relação às demais” (PINTO, 2011, p. 70).

**AUTONOMOUS, INDEPENDENT AND LETTERED SUBJECTIVATION:  
CONTRA-HEGEMONIC LANGUAGE CONCEPTIONS IN  
WRITTEN PRODUCTIONS OF BLACK WOMEN WRITERS**

**ABSTRACT:** *This article analyses ideas and arguments about language and its derivatives in written productions of self-identified black women writers, from the viewpoint of contemporary cultural and post-colonial studies. For that, we mapped the written productions of self-identified black women writers available online, selected through the key-words “language”, “to write”, “written”, “discourse”, “oral/ity”, and “speech”. Twenty productions were found as a result. For these authors, language – particularly the written word considering literature is the main thematic context of the texts that were found – is marked by the body, that is, by the race and gender which guide their writings. However, to some of them, this should not be considered as the main focus of their writings.*

**KEYWORDS:** *Body. Language conceptions. Black women. Writers.*

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. Trad.: Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 39, p. 297-309, 2009.

CALDWELL, Kia L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v., out, p. 203-216, 2000.

CARMO, Michel S. do; PINTO, Joana P. Linguajamentos e contra-hegemonias sobre linguagem em produções escritas de literatura na periferia. **Anais do Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão- CONPEEX**, Goiânia, UFG, 2012, p. 3613-3622.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.



DINHA, **Barack Obama e Dinha**. 2008. Disponível em: <<http://cidinhadasilva.blogspot.com/2008/03/barack-obama-e-dinha.html>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

DHYTTA, Lourdes [Lourdes Benedita da Silva]. Perdas nas mãos. In: ALVES, Miriam Aparecida; DURHAM, Carolyn Richarson (Orgs.). **Enfim... Nós/Finally... Us: Escritoras negras brasileiras contemporâneas/Contemporary black Brazilian women writers**. Colorado Springs: Three Continents Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. Eu não sei cantar - Entrevista à Raça. In: **Revista Raça**. 2006. Disponível em: <<http://nossaescrevencia.blogspot.com.br>> Acesso em 13 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Vozes-Mulheres. In: PALMEIRA, Francineide Santos. Representações de Mulheres Negras Sob a Ótica Feminina nos Cadernos Negros. **Revista da ABPN**. vol. 1, n. 3, nov. 2010/fev. 2011. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/71>> Acesso em: 17 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane e MACHADO, Charliton (orgs.). **Mulheres no Brasil – Resistência, lutas e conquistas**. João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 2009a. Disponível em: <<http://nossaescrevencia.blogspot.com.br/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>> Acesso em: 13 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Literatura Negra: uma poética de Afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem, 2009b. Disponível em: <<http://nossaescrevencia.blogspot.com.br>> Acesso em: 13 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: **Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB**, 2003. Disponível em: <[https://b5af303c-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/nossaescrevencia/ensaios/SESS%2B%C3%A2O%20ESCREVIV%2B%C3%A8NCIA%20Ensaio%201.pdf?attachauth=ANoY7coYpT0TDFVa0AhGKXRebW6s4yZBRpuy0k1gWNnFim5oaFfobR\\_cCbO5Xf66Rwd4jgB1RIGYqOfUilSpvLIK7DJTD66sskWzLfwwbQIjKIP7SkfgY4WhYvofirtozzD5gWyXpy0\\_pANVkdUwCfu3xKN-mpXJJIRI3aBJwBaJJ0aO9XSfHPMRbKLQh9eqi83WSM-LAuBWIrglxmh6e4\\_mimGzFEUTcU7k4jwPyyvzbPUMIvXYKrer60RqXJxEriF9ui7aDwZp52R78PWM7QyoncuHg32stdg%3D%3D&attredirects=0](https://b5af303c-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/nossaescrevencia/ensaios/SESS%2B%C3%A2O%20ESCREVIV%2B%C3%A8NCIA%20Ensaio%201.pdf?attachauth=ANoY7coYpT0TDFVa0AhGKXRebW6s4yZBRpuy0k1gWNnFim5oaFfobR_cCbO5Xf66Rwd4jgB1RIGYqOfUilSpvLIK7DJTD66sskWzLfwwbQIjKIP7SkfgY4WhYvofirtozzD5gWyXpy0_pANVkdUwCfu3xKN-mpXJJIRI3aBJwBaJJ0aO9XSfHPMRbKLQh9eqi83WSM-LAuBWIrglxmh6e4_mimGzFEUTcU7k4jwPyyvzbPUMIvXYKrer60RqXJxEriF9ui7aDwZp52R78PWM7QyoncuHg32stdg%3D%3D&attredirects=0)>. Acesso em: 07 ago. 2013.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos culturais. In: DENZIN, Norman K. (ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. 2. ed. Trad.: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 11: p. 315-343.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, dez. 2008.



*Subjetivação autônoma, independente e letrada: concepções contra-hegemônicas sobre linguagem em produções escritas de mulheres negras*

\_\_\_\_\_. Intelectuais negras. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, N. 3, 2º sem./1995, p. 464-478.

\_\_\_\_\_. **Outlaw culture: resisting representations**. New York: Routledge, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Feminist theory from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing and reconstituting languages. In:

\_\_\_\_\_. **Disinventing and reconstituting languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

NATÁLIA, Livia. Dos desejos. 2012. Disponível em: <outrasaguas.blogspot.com.br/2012/02-do-desejo.html.> Acesso em: 04 fev. 2013.

OLIVEIRA, Elismennia A.; PINTO, Joana Plaza. Linguajamentos e contra-hegemonias epistêmicas sobre linguagem em produções escritas indígenas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 11, n. 2, p. 311-335, 2011.

PALMEIRA, Francineide Santos. Representações de Mulheres Negras Sob a Ótica Feminina nos Cadernos Negros. **Revista da ABPN**. V. 1, N. 3, nov. 2010/fev. 2011a. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/71>.> Acesso em: 17 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Assenhoreando-se do poder da palavra: Escritoras afro-brasileiras e auto-representações. In: **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011b. Disponível em: <[http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/francineide\\_santos.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/francineide_santos.pdf).> Acesso em: 17 fev. 2013.

PARENTE, Regina Marques. O silêncio da cor. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. **Corpo, violência e poder**, 2008. v. 1. p. 1-5.

PINTO, Joana Plaza. Da língua-objeto à práxis linguística: desarticulações e rearticulações contra hegemônicas. **Linguagem em Foco**, v. 2, p. 69-83, 2011.

PINTO, Joana Plaza; BADAN, Suzana C. Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa. **Calidoscópio (UNISINOS)**, v. 10, n. 2, p. 133-139, 2012.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263-274. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/5247/4295>.> Acesso em: 21 jul. 2013.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Diálogos com a Cultura Afro-Brasileira - Varsóvia, Polônia. In: **Colóquio dos 30 Anos da Secção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008. Varsóvia - Polónia.** Actas do Colóquio dos 30 Anos da Secção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008. Disponível em: <[http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio\\_ISII-UW\\_28\\_SALGUEIRO-Maria-Aparecida\\_Dialogos-com-a-cultura-afro-brasileira.pdf](http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISII-UW_28_SALGUEIRO-Maria-Aparecida_Dialogos-com-a-cultura-afro-brasileira.pdf)> Acesso em: 04 mar. 2013.

SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da Língua em uso: Unidades e níveis de análise. In: BLOMMAERT, J. (org.) Contexto é/como crítica. **Situar a linguagem.** São Paulo: Parábola, 2008, p. 117-148.

SILVA, Ana Rita Santiago da. A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória. **Interdisciplinar.** v. 10, jan-jun de 2010, p. 175-188. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_11/INTER11\\_15.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_11/INTER11_15.pdf)> Acesso em: 04 mar. 2013.

SILVA, Carmen. Feminismo e pensamento pós-colonial. Website **SOS Corpo.** 2012. Disponível em: <[http://www.soscorpo.org.br/images/PDFs\\_do\\_blog/Feminismo\\_e\\_Pos-Colonialidade\\_CarmenSilvaSOSCorpo22JULHO12.pdf](http://www.soscorpo.org.br/images/PDFs_do_blog/Feminismo_e_Pos-Colonialidade_CarmenSilvaSOSCorpo22JULHO12.pdf)> Acesso em: 21 jul. 2013.

SILVA, cidinha da. **Entrevista da Cidinha para Literatura Subversiva.** 2010a. Disponível em: <[cidinhadasilva.blogspot.com.br/2010/03/entrevista-de-cidinha-da-silva-para-o.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2010/03/entrevista-de-cidinha-da-silva-para-o.html)> Acesso em: 11 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Entrevista da Cidinha para Película Negra.** 2010b. Disponível em: <[cidinhadasilva.blogspot.com.br/2010/06/cidinha-da-silva-em-entrevista-no.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2010/06/cidinha-da-silva-em-entrevista-no.html)> Acesso em: 11 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre um processo de criação literária, ao poeta Rique Aleixo.** 2009. Disponível em: <[cidinhadasilva.blogspot.com.br/2009/12/notas-sobre-um-processo-de-criacao.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2009/12/notas-sobre-um-processo-de-criacao.html)> Acesso em: 11 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Entrevista à Revista Urbana.** 2008a. Disponível em: <[cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/03/cidinha-na-revista-urbana.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/03/cidinha-na-revista-urbana.html)> Acesso em: 11 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Entrevista da Cidinha.** 2008b. Disponível em: [cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/08/entrevista.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/08/entrevista.html). Acessado em: 11 de abril de 2013.

\_\_\_\_\_. **Entrevista da Cidinha para professora Luana.** 2008c. Disponível em: [cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/12/entrevista-para-professora-luana.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/2008/12/entrevista-para-professora-luana.html). Acessado em: 11 de abril de 2013.

SOBRAL, Cristiane. **Erro de português.** 2012a. Disponível em: <[cristianesobral.blogspot.com.br-2012/06/erro-de-portugues-poesia.html](http://cristianesobral.blogspot.com.br-2012/06/erro-de-portugues-poesia.html)> Acessado em: 02 de março de 2013.

*Subjetivação autônoma, independente e letrada: concepções contra-hegemônicas sobre linguagem em produções escritas de mulheres negras*

\_\_\_\_\_. **Provocações.** 2012b. Disponível em: <[cristianesobral.blogspot.com.br-2012/08/provocacoes.html](http://cristianesobral.blogspot.com.br-2012/08/provocacoes.html)> Acesso em: 02 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **20 de novembro.** 2011. Disponível em: [cristianesobral.blogspot.com.br-2011/03/20-de-novembro.html](http://cristianesobral.blogspot.com.br-2011/03/20-de-novembro.html). Acesso em: 02 mar. 2013.

UFMG. **Portal LITERAFRO.** Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/>>. Múltiplos acessos em 2012.

Recebido em 10/02/2018.

Aprovado em 22/04/2018.



# **SOCIOLOGIA E LITERATURA: UM EXERCÍCIO TEÓRICO SOBRE AGÊNCIA, RUPTURAS E PERMANÊNCIAS A PARTIR DE *NIKETCHE* - UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA**

*Jacqueline Carvalho da SILVA\**

**RESUMO:** Utilizar um texto literário como uma porta para acessar e pensar sobre as dinâmicas sociais no campo da agência é o exercício proposto neste artigo. Primeiro se discute brevemente os desafios da sociologia da literatura desde a demarcação do seu campo em relação a crítica literária aos limites e possibilidades da literatura como objeto de análise sociológica. Posteriormente, através da obra literária *Nikette: uma história de poligamia* se realiza um exercício teórico, utilizando a teoria da prática em Ortner (2007), para entender a trajetória da personagem principal, Rami, que oscila entre ruptura e aquiescência à situação subalterna feminina. *Nikette* nos abre uma porta para pensar sobre as relações de gênero em Moçambique, apesar de tratar-se de uma obra ficcional (talvez justamente por isso!).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Sociologia. Agência. Rupturas. Permanências.

## **Introdução**

Em 1990, Paulina Chiziane publicou *Balada de Amor ao Vento* e tornou-se a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. *Nikette: uma história de poligamia* foi publicada em 2002 e, tendo a personagem principal como narradora, conta a história de uma mulher (Rami), dona de casa, casada há vinte anos e mãe de cinco filhos, que, diante da ausência de seu marido (Tony), decide

---

\* UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Recife - PE – Brasil. 50670-901 - scarvj@gmail.com.

ir em busca das mulheres com as quais ele mantém relações extraconjugais. A narração torna-se um testemunho da situação da mulher no país, já que as cinco mulheres de Tony são de zonas distintas de Moçambique: Rami é de Maputo (sul), Julieta de Inhambane (centro), Luísa de Zambésia (centro norte), Mauá (Macua) e Sally (Maconde), no norte. Fica evidente também a tensão entre a tradição e a nova ordem pós-independência, onde a poligamia é proibida, porém se mantém de modo informal.

A narração do livro oscila entre ruptura e aquiescência de Rami à situação subalterna feminina em Moçambique, apontando para a capacidade das mulheres de resistir, exercer certo poder no âmbito doméstico e alçar uma posição laboral de sucesso, apesar da situação de dominação masculina. O desfecho da obra aponta para a possibilidade de ruptura das relações de poder masculino sobre as mulheres através da entrada das mulheres no mercado de trabalho. Isso não significa a superação da desigualdade entre homens e mulheres nesse contexto, porém, ainda que as estruturas de poder masculino se mantenham fortemente pela tradição, há espaço para a resistência.

O objetivo do presente artigo é apontar na obra literária *Niketche* a trajetória de resistência e aquiescência de Rami, a partir das noções de agência em Sherry Ortner (2007). Ortner (2007) aponta a possibilidade de compreender agência como um elemento colado à estrutura social, propondo uma teoria da prática, ao modo de Giddens e sua teoria da estruturação (1979), nos dando a possibilidade de compreender o movimento de mudança iniciado por Rami, a partir do seu discurso que oscila entre resistir e aceitar o lugar de desprestígio ocupado pelas mulheres tanto na cultura tradicional quanto no momento pós-colonização portuguesa.

Antes de iniciar propriamente o exercício de aplicar a perspectiva de Sherry Ortner (2007) na interpretação das ações da personagem principal de *Niketche*, vale discutir brevemente os desafios da sociologia da literatura desde a demarcação do seu campo em relação à crítica literária, bem como os limites e possibilidades de ter uma obra literária como objeto de análise sociológica, o que deixará mais claras as pretensões do presente artigo.

## Sociologia, literatura e desafios

O campo da sociologia da literatura precisa lidar constantemente com o fato de ter a obra literária como objeto de estudo. Isso incita embates com o campo da crítica literária que reclama para si a capacidade de lidar com o funcionamento próprio da obra literária que obedece a regras que seriam da competência da linguística.

Costa Lima (2002) é um dos autores que é partidário da ideia de que na sociologia a literatura perde importância própria e se torna epifenômeno do tecido social. A obra literária tornar-se-ia um documento revelador da realidade social e seria minimizada enquanto objeto de estudo dotado de uma forma específica. O autor reconhece que a sociologia pode conectar a obra com o lugar social onde ela foi concebida, com o seu contexto socio-histórico, porém, afirma que o significado da obra literária não está em si, mas na interpretação de quem lê. Assim, critica: é possível pensar em análises sociológicas da literatura que só são capazes de ver o que a teoria ilumina, mas toda interpretação sociológica permite uma contra interpretação. Desse modo, para Costa Lima (2002), a apreciação sociológica não pode vir em primeiro lugar. É preciso focar primeiro no entendimento da raiz ficcional do objeto estudado, estar mais próximo da análise específica do objeto discursivo analisado. Por isso a necessidade de parcerias entre sociólogos y teóricos da literatura, que estariam mais aptos a detectar a especificidade do objeto de estudo em questão.

É claro que toda obra partilha do social, e Costa Lima (2002, p. 681) assim o entende, o problema para ele é como verificar essa parte social da obra sem torná-la apenas veículo do que é o social: “O paradoxo do romance é o de toda obra de arte: ela é irreduzível a uma realidade que, entretanto, traduz”. A proposta de Costa Lima (2002) seria combinar o estudo do contexto histórico da obra com um conhecimento preciso das características do discurso a ser analisado. Assim seria possível evitar dois erros: minimizar a obra literária como apenas ilustração do social e estetizar a obra, descolando do contexto onde foi produzida.

Uma perspectiva mais flexível em relação ao campo da sociologia da literatura é trazida por Antonio Candido (1976) que aponta a necessidade de se chegar a um meio termo em relação à análise sociológica da literatura vis-à-vis à análise estética, no campo da crítica literária. Não se trata de apontar nem uma nem outra como primordial, mas de entender a literatura “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 1976, p.04.). Aí entra a necessidade de reconhecimento dos limites e possibilidades de cada disciplina:

O tratamento **externo** dos fatores **externos** pode ser legítimo quando se trata da sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se justamente por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística de um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política, etc. É uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica (CANDIDO, 1976, p. 04).

Assim, a proposta de Candido (1976) nos aponta que compreendendo a polissemia das obras literárias e as distintas maneiras de analisá-las, é possível um estudo sociológico de uma obra literária sem necessariamente a análise dos aspectos estéticos de sua estrutura interna. É possível também fazer um duplo caminho: identificar os aspectos sociais presentes nas obras e perceber como esses elementos podem funcionar estruturando-as do ponto de vista da forma e da estética. Nessa segunda acepção, o interno e externo já não se separam, o elemento social torna-se expresso na própria construção formal e estética do texto.

Sendo este um artigo situado no campo da sociologia, tomarei a posição de Candido (1976) como norte e procurarei analisar a trajetória da personagem principal da obra *Niketché* de Paulina Chiziane, a partir das noções de agência propostas por Ortner (2007). Trata-se de um exercício de aproximação ao contexto socio-histórico em que o livro é escrito **através** do aspecto formal e estético da obra literária. Assumimos então que, os aspectos internos (ou formais) e externos (ou sociais) à obra não podem ser separados neste tipo de análise. Lançamos o olhar sobre a trajetória da personagem Rami ao longo do livro, iniciada como uma história de anuência da posição subalterna feminina no casamento e um lamento pela poligamia ilegal vivida pelo marido e que, aos poucos, se transforma em resistência e acaba por reconfigurar as relações do marido com ela e com as outras mulheres.

É preciso, porém, deixar claro os desafios e limitações presentes neste tipo de análise. A obra literária apesar de ser ficcional traz consigo elementos de um contexto socio-histórico. Por isso, é preciso tomá-la como uma porta à realidade histórica do país, especialmente no que tange a posição social das mulheres em Moçambique, para identificar esses elementos sociais que interessam para a análise. Porém, o ficcional também nos interessa como discurso, atribuído não apenas à autora. Claro que todos temos um lugar de fala e esse lugar de fala não é absolutamente moldado pela estrutura. Ele é muito mais fluido, envolve *status*, poder, uma história de vida. Aceitando essa pluralidade, a produção literária pode ser entendida como discurso de um indivíduo, mas parte da sociedade da qual é impossível desligar-se.

Além disso, admitimos que todo estudo sociológico é sempre orientado teoricamente e, portanto, há outras perspectivas e exercícios válidos para a análise da obra. A crítica de Costa Lima (2002) a respeito do significado da obra literária não estar em si mesma, mas nos olhos, por vezes guiados pela teoria, de quem a lê e, portanto, sempre permite contra interpretação, não invalida os estudos sociológicos da literatura. Uma vez expostos os pressupostos e marco teórico da análise, um estudo no campo da sociologia da literatura passará pela validação do campo acadêmico da mesma forma que todos os outros estudos do campo na sociologia, que é uma ciência multiparadigmática. Sendo assim, não pretendemos aqui esgotar as possibilidades de análise, apenas propor um exercício teórico para apontar uma



das possibilidades de compreender a capacidade de agência da mulher na sociedade Moçambicana a partir da trajetória da personagem Rami em *Niketche: uma história de poligamia*.

## Agência, rupturas e permanências: a trajetória de Rami

As noções de agência propostas por Ortner (2007, p. 45) têm como pressuposto a ideia de que “a cultura constrói as pessoas como tipos particulares de atores sociais – mas atores sociais mesmo assim – embora sua vivência concreta de práticas variáveis reproduza ou transforme – normalmente um pouco de cada – a cultura que os fez”. Sob essa perspectiva da teoria da prática, agência e estrutura não se opõem, mas se interpenetram sem que haja uma sobreposição de uma sobre a outra:

[...] nem os ‘indivíduos’ nem as ‘forças sociais’ têm ‘precedência’, [mas na qual] há, contudo, uma relação dinâmica, forte e, às vezes, transformadora entre as práticas de pessoas reais e as estruturas da sociedade, da cultura e da história (ORTNER, 2007, p.50).

Assim, todos os indivíduos são agentes, mas estão imbricados nas relações sociais, o que impossibilita-nos dizer que são absolutamente livres para agir. A agência, porém, é possível dentro dos limites da estrutura que por sua vez vai sendo afetada pelas ações e suas consequências intencionais e não intencionais, possibilitando outros cursos de ação, sendo possível então pensar tanto em reprodução quanto em mudança social através da ação individual. Essa definição de agência em Ortner é parte do processo que Giddens (1979) chamaria de estruturação: “o fazer e refazer de formações sociais e culturais mais amplas” (ORTNER, 2007, p. 52). É preciso pontuar também que Ortner (2007) propõe pensar agência dentro de uma perspectiva em que o indivíduo está imerso em relações de poder, de desigualdade e de competição, bem como em relações de solidariedade.

A trajetória de Rami pode ser entendida por essa perspectiva teórica, uma vez que se trata de uma mulher socializada nos moldes de uma cultura machista formada tanto pela tradição moçambicana quanto pela presença colonial portuguesa, que após de anos de aceitação, age diante das traições conjugais do marido e seus novos cursos de ação, juntamente com o contexto em que está inserida, permitem novos cursos de ação possíveis. Em suas ações iniciais Rami não tem a intenção de quebrar com as expectativas tradicionais e desiguais em seu casamento, sua intenção primeira era apenas recuperar seu marido ausente.

Agência aqui, sob a perspectiva de Ortner (2007), se refere as ações intencionais, diferenciando-as das ações de rotina. Essas duas categorias não podem ser totalmente separadas, são mais como um contínuo entre ações de rotina e ações com um fim específico. Está em jogo a intencionalidade da ação, menos presente na obra de Giddens (1979), e mais destacada por Ortner (2007). Não se trata de entender que toda ação humana é intencional, há uma série de ações de rotina com resultados não esperados ou racionalizadas pós-ação, onde também atua o inconsciente e a intencionalidade como um processo que não domina totalmente o foco dos indivíduos durante suas ações. Mas nos interessa aqui as ações voltadas para um fim mais claro pois essa abordagem nos leva a focar mais adiante na relação agência e poder. Assim Ortner (2007) diferencia práticas de rotina e agência, vista precisamente como ação mais intencional.

Entendendo agência como intencional (mas não necessariamente totalmente consciente), todos os seres humanos são dotados da capacidade de agir, mas há uma distribuição desigual de recursos para tal. As relações de poder, porém, são em alguma medida instáveis e passíveis de resistência por parte dos dominados, que sempre possuem algum grau de agência, ainda que limitado. Desse modo, em Ortner (2007) temos duas acepções para definir agência: ações intencionais ativas (ou a perseguição de projetos culturalmente definidos) e agência em contexto de desigualdade (podendo ser tanto agir exercendo poder – dominação - ou agir contra o poder – resistência.). A perseguição de projetos pode significar a vontade de realizar algo no âmbito pessoal (conseguir um emprego, uma viagem, a passagem para a idade adulta, e no caso de Rami, recuperar seu marido) ou envolver estruturas mais amplas como conservar uma língua, resistir à invasão territorial, lutar pelos direitos das mulheres, etc. Essas duas possibilidades estão circunscritas culturalmente e só podem ser entendidas dentro da estrutura social em que os agentes estão inseridos e a transformam e reproduzem.

A história de Rami começa quando se dá conta de que, apesar de cumprir com o seu papel de mulher submissa, seu marido, Tony, estava sempre ausente. O primeiro impulso para ação vem através do seu encontro com uma imagem no espelho, que surge no livro como um *alter ego* que aponta para cursos de ação diferentes dos que tem tido, decide lutar. Mas lutar pelo que?

Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei [...]. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazemos todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor (CHIZIANE, 2002, p. 14).

Sem ser consciente do que fazer exatamente para realizar seu projeto, Rami vai até a casa das amantes, uma a uma, para lutar fisicamente pelo Tony, mas descobre que todas tem o mesmo destino: serem abandonadas por ele, que sempre sai em busca de outras. É o espelho que diz a Rami: “Agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada” (CHIZIANE, 2002, p.27).

O projeto de Rami é recuperar seu marido e para isso passa a buscar uma série de maneiras para consegui-lo: conselhos na família, uma conselheira do amor, magia. Tudo sem sucesso. Não se trata de uma empreitada contra o poder masculino e sua posição subalterna como mulher, trata-se a princípio de reestabelecer seu casamento. Enquanto conta sua história, sua empreitada para descobrir a maneira de ter o marido de volta, ela vai refletindo sobre o que é ser mulher e identificando o papel secundário que ela ocupa. É então que Rami vai pouco a pouco rompendo com sua posição passiva e, junto com as outras mulheres de Tony, toma uma série de atitudes que questionam o poder masculino e passa a ter um projeto de resistência “nas margens do poder” como definiria Ortner (2007, p. 68). Assim, Rami tem um projeto pessoal que é superar suas rivais para voltar a ter Tony em casa, sem alterar mais nada na ordem das coisas. Tal projeto acaba por ir se transformando ao longo do tempo, quando vai se relacionando com as outras mulheres e novos cursos de ação vão tornando-se possíveis.

A diferenciação entre agência de poder (seja como resistência, seja como dominação) e agência de projetos também não pode ser tomada como estanque. É possível pensar em perseguição de projetos em contextos de desigualdade, o que nos levaria a agência como dominação, quando o dominador busca realizar seus projetos, ou como resistência, quando é o dominado que busca realizar os seus:

As pessoas em posições de poder têm – legitimamente ou não – o que poderia ser considerado “muita agência”, mas também os dominados sempre têm certa capacidade, as vezes muito significativa, de exercer algum tipo de influência sobre a maneira como os acontecimentos se desenrolam. Portanto, resistência também é uma forma de “agência de projeto” (ORTNER, 2007, p. 64).

A própria noção de resistência pode ser entendida como a busca pela possibilidade de exercer uma agência de projetos. Pessoas dominadas podem manter a agência tanto resistindo quanto tentando construir e perseguir seus projetos mais individuais ou mais coletivos. Essas relações de poder são chamadas por Ortner (2007) de jogos sérios. A possibilidade de resistência está sempre presente, ainda que não se concretize, ainda que seus resultados sejam mínimos, presentes apenas nas relações micro sociais.

Diante da situação que vive, com um marido ausente e com quatro outras famílias, Rami se vê sem saídas para recuperá-lo e começa a avaliar a poligamia, que tradicionalmente era aceita e que foi proibida com a colonização. Apesar das mudanças na cultura tradicional, tanto a poligamia, de forma informal em todo país, quanto as escolas do amor e os ritos de iniciação, mais frequentes no norte do país, continuam a existir. É a tia Maria, que viveu um casamento polígamo, que indica que esse sistema quando era permitido dava mais poder às mulheres: “a poligamia tem vantagens. Vantagens? Vantagens, sim. Quando as mulheres se entendem, o homem não abusa” (CHIZIANE, 2002, p.74). A poligamia começa a surgir como possibilidade de adquirir mais poder na relação com Tony.

A essa altura, não há agência de poder, como resistência, frente a Tony ou frente a tradição machista no discurso de Rami. Sua estória começa justo quando sai da posição passiva e torna-se ativa no projeto de recuperar seu marido e manter o *status quo*, e os efeitos não pretendidos dessa ação acabam por se revelar aos poucos, transformando o próprio projeto inicial de Rami em resistência nas margens do poder. É assim que, em busca de conseguir realizar seu projeto de ter o Tony por perto e sem mais saídas, Rami resolve reunir as mulheres e apresentá-las na festa de cinquenta anos de Tony, na frente de toda a família. Se na prática tinha um marido polígamo, decide tornar a situação pública e se vingar expondo-o a todos. Isso a torna a primeira mulher e lhe dá direitos na família. Juntas e reconhecidas, tornam-se mais fortes. A estória começa a dar um giro. Essa é a primeira de uma série de ações que questionam o poder de Tony sobre suas relações.

A segunda é quando Rami, consciente das dificuldades de depender economicamente de Tony, consegue dinheiro e empresta às outras mulheres de Tony. Elas montam um negócio, têm sucesso e pagam suas dívidas. Rami se junta a uma delas para vender roupas no mercado e, em companhia de outras mulheres, também vai aprendendo maneiras de resistir ao controle do marido para com o dinheiro ganhado. Em conversa no mercado com as mulheres Rami conta:

Digo-lhes que presto contas de todos os meus negócios ao meu marido. Digo quanto ganho e quanto gasto. As colegas riem-se. Aos homens nunca se deve prestar contas certas. Os homens foram feitos para controlar e as mulheres para trabalhar. Nenhuma dessas mulheres prestam contas certas aos companheiros e contam-lhes estórias tristes: o dia não rendeu, há muita concorrência no mercado, há ladrões na rua e roubaram-me os produtos todos, não ganhei nada (CHIZIANE, 2002, p.120).

Acabou, por pressão das amigas, a entrar em um sistema de crédito e junto com as suas ainda chamadas rivais (as outras mulheres de Tony) prosperou o suficiente

para não ter que pedir dinheiro ao marido. Tornaram-se todas empreendedoras de sucesso.

Depois veio o *lobolo*, o reconhecimento das esposas mediante o pagamento de um dote para cada uma. A partir desse momento todas tornaram-se oficiais e fortaleceram-se a ponto de questionar o comportamento de Tony como marido. Diante da descoberta do encontro de Tony com outra mulher, as cinco esposas o convidam para jantar e o questionam sobre ela. Rami já o havia feito quando tinha um casamento monogâmico, mas não tinha conseguido nenhuma explicação. Dessa vez eram cinco contra um: “Ah, Tony. Já não estou sozinha no teu encaço. Agora somos cinco. Quero ver se nos escapas com tua esperteza de rato.” (CHIZIANE, 2002, p.127)

A capacidade de resistência feminina torna-se cada vez mais clara. Porém convive com o comportamento submisso em relação ao Tony, que, ao se queixar para a família sobre o comportamento desafiante, ao final não desdiz a obediência de suas mulheres:

numa coisa o Tony tem razão: somos maquinas de obediência. Perfeitas. Se não fôssemos estaríamos já na rua, na lua, a gozar de todos os prazeres dessa vida. Somos obedientes, sim senhor, somos. Por isso estamos aqui gravitando, quais satélites à volta do astro rei (CHIZIANE, 2002, p.157).

As estruturas de poder não foram quebradas, mas há agência de poder, como resistência, claramente presente. A poligamia também se apresenta como uma faca de dois gumes para Rami, ela sofre com o processo de reconhecimento das novas mulheres, mas o aceita como único caminho de manter seu casamento: “francamente falando, não tenho nada a ver com a poligamia. O meu problema já expliquei: se eu reclamo demais, perco o marido todo. Se entrar no seu jogo fico quieta no meu cantinho e ele fica mais pertinho” (CHIZIANE, 2002, p.131). Ao fim e a cabo, quem tem o poder de decidir reconhecido e legítimo a respeito da relação conjugal é Tony, Rami está apenas jogando o jogo utilizando-se do quinhão de agência que possui.

A tradição é um elemento que está sempre presente ao longo da obra. Ela aparece sempre como instrução para a submissão como um destino feminino. Um exemplo disso é quando Rami recebe orientação da sogra para lidar, agora formalmente, com uma família polígama. Tais orientações marcam regras de como servir corretamente a comida ao homem, a necessidade de organizar uma escala conjugal e etc. É a voz da tradição que a narradora rejeita nos seus pensamentos, mas na prática obedece. Sobre os conselhos da sogra, Rami afirma: “essas vozes são sal na brisa, roendo lentamente como salitre. Elas só sabem aquilo que a dor ensina. Não

conhecem outro mundo senão a própria noite. E colocam a noite aos nossos olhos, como único saber ao seu alcance”. (CHIZIANE, 2002, p.127). Apesar disso, ela reúne as mulheres para organizar as tarefas. Rami, mesmo com o poder que usufrui como primeira esposa em relação às outras e da relação que desenvolveram, não é feliz com a situação e ainda as chama de suas rivais. A escala é feita, as comidas e modos de servir são respeitados segundo a tradição. Porém, já nessa nova posição, Rami não quer apenas ter o marido por perto, mas quer vingar-se. Seu projeto começa a transformar-se e sua postura torna-se cada vez mais ativa.

A agência feminina como resistência é motivo de punição, já que ainda de modo micro questiona a ordem estabelecida e suas posições de poder. Tony, portanto, pede o divórcio para punir Rami por sua rebeldia:

Interferes demasiado na minha vida. O teu zelo excessivo me prejudica. Estou zangado contigo desde a data do meu aniversário e toda a trama que me obrigou a assumir compromissos polígamos que eu nem queria. A orgia de vingança foi a gota de água para transbordar tudo. Basta, vamos divorciar-nos (CHIZIANE, 2002, p.166).

Rami, consciente da marginalidade a qual será submetida ao divorciar-se, se nega. Ato seguido, Tony desaparece e acaba dado como morto uma vez que foi encontrado um homem atropelado com características físicas parecidas. Diante disso, Rami cumpre os ritos de viuvez como esposa oficial<sup>1</sup>. Dentre eles há o *kutchinga*,<sup>2</sup> um rito de purificação sexual no qual a viúva deve passar uma noite com um homem da família do marido, podendo tornar-se sua mulher. Rami então passa a noite com o irmão de Toni, Levy. Apesar de tratar-se de uma obrigação, Rami desfruta dessa noite: “Ai meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu deus, o paraíso está dentro do meu corpo” (CHIZIANE, 2002, p.225).

Na verdade, Tony não havia morrido e tudo aconteceu fruto de um engano. Tony viajou a Paris sem avisar e ao regressar, Rami conta para ele, com prazer, todo o ocorrido. Mais uma vez atua indo de encontro às estruturas de poder e utiliza a tradição para justificar a razão pela qual não resistiu ao ritual de purificação sexual. A tradição aí aparece como aliada na sua resistência, tradição esta que até agora

---

<sup>1</sup> O relatório alternativo sobre a situação da mulher em Moçambique apresentado para Comitê de Eliminação da discriminação contra as mulheres em maio 2007, aponta, dentre outros temas, para a situação das viúvas no país trazendo alguns relatos. <http://www.fidh.org/IMG/pdf/mz042008p.pdf>.

<sup>2</sup> Em 2012, a prática de *kutchinga*, que obriga a viúva a envolvimento sexual desprotegido com um parente do defunto, foi abolida, em Moçambique. A abolição foi decretada pela Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique. Fonte: <http://www.noticias.mozmaniacos.com/2012/06/ametramo-abole-ritual-tradicional.html#ixzz2saM1y3R0>.

havia aparecido no discurso de Rami como sempre reservando às mulheres uma posição submissa:

— Não reagiste, não resististe?

— Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão. Falo com muito prazer e ele sente a dor de marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força desse mundo” (CHIZIANE, 2002, p.227).

As cinco mulheres, agora bem-sucedidas já não têm mais o tempo disponível para cuidar do Tony e passam de disputar por sua atenção para tentar livrar-se de sua presença em casa. É Saly que deixa clara sua insatisfação:

O que se passa? Ele já está há mais de quinze dias na minha casa e nunca mais sai e vocês nada reclamam. Não fizemos o pacto da partilha, semana aqui, semana ali? Eu também preciso do meu tempo. Quero cuidar dos meus negócios, ganhar dinheiro para criar este filho, e projetar meu futuro. Se nenhuma de vós o quer, eu juro, hei de enxotá-lo a pedrada. Não posso viver com ele eternamente (CHIZIANE, 2002, p.264).

Ju acaba por aceitar recebê-lo, “mas aviso desde já, cuidar dele tornou-se um fardo. Cozinhar para o almoço e jantar. Preparar a mesa, levantar a mesa. Suportar-lhes os caprichos a que vocês o habituaram é coisa que nunca mais irei fazer” (CHIZIANE, 2002, p.264).

Daí em diante a posição de poder Tony torna-se cada vez mais frágil. Lu decide casar-se formalmente e o abandona, seguindo os conselhos de Rami. Rami ao ver o sofrimento de Tony, apesar de falar em vingança, ainda sofre pela situação e apesar de ter se aproximado das mulheres continua a chamá-las de rivais. Porém, quando Tony decide que quer ficar apenas com Rami diante da indiferença das outras, ela nega e comunica as rivais os planos do marido. Nenhuma se dispõe a satisfazer os caprichos de Tony e decidem que a solução é encontrar outra mulher para ele. Diante da recusa de Tony, que afirma estar cansado, as outras três mulheres se vão, cada uma com seus amantes, viver suas vidas como primeiras mulheres. Ficam Tony e Rami.

Tony tenta reaproximar-se dela e percebe sua barriga. Está grávida: “Diz que é meu e salva-me” (CHIZIANE, 2002, p.332). Rami reflete sobre o seu poder de dizer sim, tê-lo de volta e realizar aquilo que tanto buscara. Seu discurso torna-se claramente ativo: “Meu Deus, eu sou poderosa, eu sinto que posso salvá-lo dessa



queda. Tenho nas mãos a fórmula mágica. Dizer que sim e resgatá-lo. Dizer não e perdê-lo. Mas eu o perdi antes o encontrar. Ignorou-me muito antes de me conhecer” (CHIZIANE, 2002, p.333). Sua fala acaba por trazer mais uma vez a tradição como justificativa irônica, agora para sua nova posição de resistência: “Não te posso salvar. Tento salvar-te, mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é que salvam as mulheres, não o contrário. O filho é do Levy!” (CHIZIANE, 2002, p. 333).

## Considerações finais

A trajetória de Rami iniciada como uma busca pela reprodução da situação social vivida por ela enquanto mulher e esposa, e não pela mudança, acaba por tornar-se uma trajetória de resistência contra o poder masculino e contra a própria tradição que assim o estabelece. As formas como esses elementos de dominação são questionadas como exemplos de agência enquanto resistência nas margens do poder, como define Ortner (2007), uma vez que é através de pequenas brechas que a agência feminina passa de passiva a ativa e ganha espaço para conseguir mudanças. Se entendemos agência ativa como colada aos elementos da estrutura social, fica evidente a razão pela qual é possível ver que a agência da personagem Rami é de início ambígua, mescla rupturas e reproduções com a ordem tradicional das relações de gênero.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho, graças à ajuda de Rami, aparece como fundamental para a emergência de novos cursos de ação que vão de encontro as relações tradicionais antes estabelecidas entre Tony e suas esposas. A mudança se dá, porém aos poucos, e não significa a superação definitiva da desigualdade entre homens e mulheres no livro. Trata-se de uma história sobre mudança, mudança através das possibilidades de ação no plano micro, em uma sociedade extremamente desigual no que tange a relações de gênero.

*Niketche* nos abre uma porta para pensar sobre as relações de gênero em Moçambique, apesar de tratar-se de uma obra ficcional (ou talvez justamente por isso!), e, contribui para reflexões a respeito da resistência como uma possibilidade sempre presente, ainda que oscile entre rupturas e permanências e produza efeitos inicialmente apenas no plano micro social.



**SOCIOLOGY AND LITERATURE: A THEORETICAL EXERCISE  
ABOUT AGENCY, RUPTURES AND REPRODUCTIONS  
IN NIKETCHE: A STORY OF POLYGAMY**

**ABSTRACT:** *This essay is a theoretical exercise that attempts to use a literary text as a window to access and analyze social dynamics and to think about agency in Practice Theory. To begin with, we briefly discuss the difference between a sociological approach of literature and literary criticism. Then, using the notion of Practice Theory by Ortner we analyze the literary work Niketche: a story of polygamy and discuss the journey of the main character, Rami, which oscillates between ruptures with and reproductions of the social role of Mozambican women. Even though Niketche is a work of fiction – or maybe precisely because it is fiction! – it is a doorway to understanding and discussing gender relations in Mozambique.*

**KEYWORDS:** *Literature. Sociology. Agency. Ruptures. Reproductions.*

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 3-15 e p. 17-39.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Maputo: Editorial Ndjira, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis**. Berkeley: University of California Press, 1979.

LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica da literatura. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 659-687.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pilar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Orgs.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007.

Recebido em 08/02/2018.

Aprovado em 18/04/2018.



## COMUNIDADE À MESA: A COMENSALIDADE EM *O PAI GORIOT* DE BALZAC

*Rebekka Fernandes DANTAS\**

*Alexsandro Galeno Araujo DANTAS\*\**

**RESUMO:** Nosso objetivo é compreender a comensalidade como um fenômeno da sociedade, que se modifica no mundo contemporâneo, a partir da obra *O pai Goriot*, de Balzac. A história se passa em uma pensão de um bairro decadente de Paris, chamada Casa Vauquer. Nesse ambiente, a mesa aparece como palco de práticas alimentares, bem como de desentendimentos e desarmonias na vida em grupo ou em comunidade. Que comunidade é essa? Para pensá-la utilizaremos as noções de comunidade inconfessável e inoperante de Maurice Blanchot e Jean-Luc Nancy. Essas comunidades não são possíveis na comunhão, mas sim no estranhamento. Com essa base pensamos na mesa da Casa Vauquer como um espaço de hostilidade e hospitalidade, que apresenta marcas do individual e do coletivo e onde prevalecem conflitos e desordens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade. Comensalidade. Balzac. *O pai Goriot*.

### Introdução

Há 500 mil anos o homem aprendeu a dominar o fogo e com ele surgiu a cozinha, fenômeno civilizatório que se acreditava ser elemento de distinção

---

\* UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal – RN – Brasil. 59078-970 - rebekkafernandes@hotmail.com

\*\* UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal – RN – Brasil. 59078-970 - alexgalenno@gmail.com

entre homens e animais. Passou-se a acreditar que o comportamento do homem se diferenciava do dos animais pela comensalidade, simplesmente definida como o ato de comer e beber junto. Comensal deriva do latim *commensalis* (de *cum*, com + *mensa*, mesa) (HOUAISS, 2009) e significa “conviver à mesa”. No entanto, ainda que os animais não façam refeições à mesa, a comensalidade é também uma atividade realizada por eles. Temos como exemplo os felinos, que estabelecem estratégias de caça pelos machos e levam a presa para o bando que a partilham (LANDINI, 1998).

O que nos diferenciaria então? O modo como fazemos a nossa cozinha e a nossa mesa. A alimentação, além de ser uma ação que partilhamos com os animais, é algo que nos distingue deles (PERLÉS, 1979) pela criação de normas, de mitos, pela escolha minuciosa dos ingredientes, pelos diferentes modos de cocção que descobrimos e ensinamos e pela função civilizadora que damos às refeições, longe de serem utilizadas unicamente para matarmos a fome.

As regras que marcam esse processo civilizador não são as mesmas para as sociedades, de modo que as pessoas de unidades sociais diferentes se comportam de forma diferente e em maneiras muito específicas, e é por isso que achamos estranhos os hábitos alimentares do homem da Idade Média, como o de limpar o nariz com a mão, desde que não o assoasse na toalha da mesa (ELIAS, 1994b).

Diz-se que para ser aceito em uma mesa é necessário saber comportar-se como os demais para, então, ser considerado parte de um grupo ou de uma comunidade. A família, o monastério, o *symposium*, o *convivium* reafirmam à mesa uma ideia de pertencimento e identidade, apesar de que comer junto não significa necessariamente estar em perfeita harmonia, uma vez que “se a mesa é a metáfora da vida, ela representa de modo direto e preciso não apenas o pertencimento a um grupo, mas também as relações que se definem nesse grupo” (MONTANARI, 2008, p. 160).

Refeições cotidianas, almoços de domingos, comemorações de aniversários, refeições para tratar de negócios, confraternizações natalinas etc. fazem parte da nossa rotina ainda hoje. Porém, ainda que essa prática não esteja desaparecida, percebemos um individualismo da alimentação que acompanha as transformações da sociedade.

Sloterdijk (2009, p. 450) aponta para o espaço de individualismo do apartamento, onde o comensal desempenha duas funções diferentes: “quem se abasta da própria cozinha desempenha *eo ipso* o duplo papel de anfitrião e convidado, de cozinheiro e comensal”.

Em oposição ao individualismo, mas também a uma ideia de comunhão, harmonia e coesão, Jean-Luc Nancy (2000) e Maurice Blanchot (2013) pensam uma comunidade de estranhamento e desarmonia que guiará as nossas ideias para pensar a comensalidade, comunidade formada à mesa.

Nancy (2000) considera que a comunidade é inoperante. Não como se ela estivesse perdida ou limitada a comunidades tradicionais, pois para ele, a comunidade perdida é um fantasma. Dialogando com esse filósofo, Blanchot (2013, p. 60) discute essa ideia, expondo que a comunidade perdida só é provável na impossibilidade da sua existência. Mesmo a comunidade dos amantes não almeja a fusão, mas funda-se mais na estranheza que na proximidade. “Paradigma do amor compartilhado, exclui tanto a simples mutualidade quanto a unidade em que o Outro se fundiria no Mesmo”.

Do mesmo modo, apesar de a comensalidade apresentar uma forte dimensão social que implica na presença de um grupo ou de uma comunidade, não necessariamente ocorre em uma atmosfera de comunhão, ou de partilha e bem-estar. Como percebemos à mesa da pensão Vauquer em *O pai Goriot* (BALZAC, 2012), comer junto torna-se momento de desavenças e conflitos, onde, mais do que unir os iguais, coloca os diferentes em convívio.

Assim, guiados pelas ideias apresentadas, temos o objetivo de compreender o ato de comer e beber juntos no romance *O pai Goriot*, de Balzac (2012). Realizamos uma primeira leitura do romance e em seguida transcrevemos todos os momentos em que havia alguma referência à alimentação. Parte dessas referências caracterizava os espaços da obra e os personagens, contribuindo para descrever as suas singularidades e compreender o romance. Outra parte das referências estava presente ao longo das treze cenas que se passam à mesa, investigadas por análise temática, proposta por Mayring (1983) e que consiste em um procedimento gradual de redução do texto qualitativo em séries de paráfrases. A partir daí, identificamos temas que caracterizam a comensalidade na Casa Vauquer.

Com isso foi possível discutir três temas que dizem respeito à comensalidade que acontece na pensão Vauquer: é um espaço de hostilidade e de hospitalidade; apresenta marcas do individual e do coletivo; nela prevalece a desordem. No entanto, antes de passarmos à discussão desses temas faremos uma reflexão sobre a relação entre alimentação e literatura, tentando responder à seguinte pergunta: Por que, a partir da literatura de Honoré de Balzac, podemos pensar a alimentação e fazer Ciência?

## A alimentação na literatura de Balzac

A alimentação e as letras estão relacionadas de tal maneira que Cadmo, herói que trouxe a escrita para a Grécia, foi o cozinheiro do rei de Sidon, além do fato de que tanto a linguagem quanto a gastronomia utilizam o mesmo órgão, a língua (BARTHES, 1988).

Desde a Antiguidade a literatura narra as refeições como forma de alimentar o prazer, é bem verdade que desde então também a literatura expressa momentos de comensalidade, permitindo-nos conhecer e compreender esse rito.

Em *O Pai Goriot*, (BALZAC, 2012) diversas referências são feitas à alimentação, incluindo alimentos, utensílios, hábitos, práticas alimentares e modos à mesa. A sala de refeições é recorrente, e os almoços e jantares participam do desenrolar da história, estando presente em treze momentos ao longo das mais de 300 páginas, o que configura a obra como um campo de pesquisa farto para o estudo da comensalidade. O comer é um aspecto marcante da literatura de Balzac. Para ele, “nada evoca melhor a atmosfera de uma casa ou a característica de um protagonista que a descrição de sua mesa” (MUHLSTEIN, 2010, p. 9, tradução nossa).

O protagonista deste romance, na sua simplicidade, tinha como jantar predileto a sopa, o cozido e um prato de legumes, comido com pão que ele, como fabricante de massas que fora, cheirava para identificar a qualidade da farinha. Sua felicidade era poder tomar o café numa tigelinha cuja tampa tinha duas pombas beijando-se, presente de sua falecida esposa. Há dias em que sofre tanto por amor às filhas que mal come, mas anima-se com o jantar encomendado pela sua filha no Café des Anglais.

Léon Gozlan (1863, p. I-II, tradução nossa), amigo e secretário de Balzac e autor de algumas de suas biografias, define-o pela palavra composta alemã *tischreden*, (mesa e conversa). Em português, poderíamos traduzir para conversas à mesa, “cotovelos sobre a mesa, risos, a boca plena, encantadores vinhos sensíveis, abandono adorável do coração seguindo o estômago, poesia da digestão, discussões a facas maçantes”.

Convidava frequentemente os amigos para verdadeiros banquetes, ainda que não tivesse dinheiro para pagar o aluguel da casa. Presunto cozido, tarambolas gratinadas, vitela recheada, filés de esturjão, aspargos brancos, abacaxi empanado, costeletas, ostras, são pratos que compunham os jantares requintados que Balzac habitualmente realizava aos sábados (MONTEILHET, 2011).

No entanto, mesmo Balzac, conhecido pelo seu estilo glutão e o exagerado pedido: “*Garçon, un cent d’huitres*” (MUHLSTEIN, 2010), longe de ser insaciável, tinha longos momentos de moderação. Alternava a comilança com períodos de esforço, contentando-se com refeições rápidas, correspondentes aos momentos em que escrevia, trabalhando por horas a fio noite adentro, bebendo grandes quantidades de café forte.

Balzac (2009) discorre sobre o café em seu texto *Tratado dos Excitantes Modernos*, que serviu, inicialmente, como prefácio à segunda edição de *A fisiologia do Gosto*, escrita pelo cozinheiro Brillat-Savarin (1995). Ambos viveram o século XIX, época caracterizada por uma viagem positivista e romântica, mas também

por um mal de viver (BARTHES, 1988). É nesse século que surge o realismo na França, contrapondo-se ao idealismo romântico e ligando-se às correntes filosóficas da época, como o positivismo.

O positivismo que tem como grande expoente Auguste Comte, lembrado pela definição dos fatos sociológicos e por uma compulsão pela sistematização que correspondia à forma como moldava a própria vida (LEPENIES, 1996). Entusiasma as ideias de Émile Durkheim (2007) e o seu método, definindo-o na obra clássica *As regras do método sociológico*, em que, já no prefácio, defende o racionalismo científico e a separação entre sociologia e psicologia. A primeira regra que propõe é considerar os fatos sociais como coisas, do mesmo modo como os cientistas naturais tratam os seus objetos de pesquisa.

Lepenies (1996, p. 14) explica que até o século XVIII não existia uma separação nítida entre a produção da obra literária e da científica. O conde de Buffon, naturalista e escritor francês, por exemplo, escreve a sua *Historie naturelle*, que é um sucesso de vendas. Após cem anos da publicação de sua obra, Balzac refere-se a ele como “um homem da ciência natural que por fim foi rejeitado por sua corporação como literato”, e que, como *grand seigneur* da ciência, sabia tirar proveito de sua atividade.

Se por um lado a ciência exerceu influência na literatura, sobretudo em “A Comédia Humana”, por outro, a sociologia positivista expulsa todo e qualquer saber que não seja científico, trazendo consequências para a forma de pensar dos tempos modernos.

A sociedade percebia a importância da literatura para pensar a ciência. Instruía ao mesmo tempo em que divertia. Porém, após essa época, aquelas obras com caráter tanto literário quanto científico, passam a ser consideradas para leigos e mulheres e ocorre uma ruptura entre literatura e ciência. A reforma da Universidade de Sorbonne exemplifica bem isto. Influenciada por Émile Durkheim, a ciência só teria valor se servisse às profissões econômicas, e a literatura acaba por perder terreno no campo científico (LEPENIES, 1996).

Assim, a emergência do positivismo contribui para gerar um paradigma científico que supervaloriza as ciências naturais e exclui saberes como, as artes, que apesar de distintas da ciência, também constitui uma forma de compreender o homem.

A literatura, por exemplo, pode ser interessante para pensar ciência porque ambas são discursos, mesmo que as suas linguagens não sejam professadas da mesma maneira. As características de realidade e irreabilidade da literatura permitem que todas as ciências estejam presentes na literatura: “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. A literatura é o mal, ainda que não contrário ao bem, que decorre da possibilidade de

infringir a regra” (BARTHES, 1988, p. 24), ela angustia e desordena, permitindo-nos pensar uma ciência que foge à rigidez, diferentemente da ciência que segue regras, como aquelas definidas por Durkheim em seu método.

## Hostilidade e hospitalidade

Estamos em Paris no ano de 1819 e chegamos à parte baixa da rue Neuve-Sainte-Geneviève, hoje rue Turnefort, entre o Quartier Latin e o Fauborg Saint-Marceau, um ponto em que o terreno se inclina para a rue de l’Arbalète de forma tão íngreme que nem mesmo os cavalos a sobem ou a descem, resultando em um silêncio que reina nos arredores. [...]

Chegamos a uma pensão com fachada de cor amarela e uma portinha encimada por uma tabuleta, em que se lê: “CASA VAUQUER. Pensão burguesa para os dois sexos e outros” (BALZAC, 2012, p. 28).

A tabuleta da propriedade da Sra. Vauquer, sugere receber qualquer desconhecido que se disponha a atravessar a alameda orlada de gerânios, louros-rosa e romãzeiras. Era uma pensão que abrigava estudantes, foragidos das galés, aposentados e deserdados em busca de abrigo.

A Sra. Vauquer se pergunta: “Onde teriam aqueles infelizes encontrado, em Paris, pelo preço que ela cobrava, alimentos são, abundantes e um quarto que eles tinham o direito de tornar, se não elegante ou cômodo, pelo menos limpo e salubre?” (BALZAC, 2012, p. 42).

A relação entre os hóspedes e o hospedeiro é sempre ambígua. Curiosamente, a palavra hóspede vem do latim *hospes* (hóspede) ou *hostis* (inimigo, estrangeiro) (HOUAISS, 2009), corroborando com o temor sempre existente diante do estrangeiro, do desconhecido, do outro (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003). Existe uma relação de interdependência entre, por exemplo, a Sra. Vauquer – que oferece abrigo e alimentação a preço baixo – e os seus pensionistas, sem os quais ela está falida. Ao final do romance, a Casa é praticamente esvaziada e a proprietária se desespera:



— Amanhã de manhã só precisa fazer três taças de café, Sílvia! Imagina! Minha casa vazia! Não é de cortar o coração? Que será a vida sem meus pensionistas? Absolutamente nada. Aí está minha casa desmobilizada de seus homens. A vida está toda nos móveis. Que fiz eu para merecer todos esses desastres? Nossas provisões de feijão e batatas foram feitas para vinte pessoas. A polícia em minha casa! Vamos passar a comer somente batatas! E terei de despedir Cristóvão! (BALZAC, 2012, p. 252).

A hospitalidade, ainda que ligada a uma acolhida cortês e afável, nunca é cômoda nem espontânea. Aquele que procura uma morada não sabe se será bem recebido, e aquele que recebe sempre se pergunta se o hóspede é um vagabundo desamparado, uma pessoa de boas intenções ou se terá dinheiro para pagar o aluguel (MONTANDON, 2011), preocupação constante da Sra. Vauquer.

Jacques Derrida e Anne Dufourmantelle (2003), propõem a hospitalidade incondicional como uma forma de lidarmos com o outro. No entanto, em oposição a essa hospitalidade ritual foram instituídos locais de acolhimento, como hospitais e hospícios, refúgios oferecidos no século XIX aos indigentes (GUILLAUME, 2011) como forma de acolhê-los, mas também de separá-los e excluí-los, protegendo os outros das doenças morais e físicas (FOUCAULT, 1984). Com eles também vieram as hospedarias: albergues, alojamentos e pensões. Esses locais instauram o pagamento em troca de abrigo e alimentação (GRASSI, 2011), fazendo desvanecer a ideia de uma hospitalidade gratuita.

O pai Goriot casou suas filhas - Anastácia e Delfina - a primeira com o conde de Restaud e a última, com o banqueiro e barão de Nucingen. Os genros e as filhas sentem-se chocados e envergonhados ao verem o Sr. Goriot continuar na vida comercial e por isso ele a deixa e resolve morar na pensão Vauquer. Ao chegar nesse estabelecimento, o pai Goriot era um ancião de cerca de 69 anos. Ocupou um dos melhores quartos e pagava mil e duzentos francos, vestindo-se com um traje azul-claro e um colete de piquê branco, mas aos poucos é arruinado pelas filhas e passa a viver no pior quarto da pensão. Seus alimentos preferidos? Pão, sopa e um prato de legumes. Esses alimentos são ricos em carboidratos e carentes em proteínas, principal nutriente das carnes, lembrando os hábitos alimentares dos monges da Idade Média, que, como já dito anteriormente, formavam uma comunidade, à mesa, de pertencimento.

Enquanto os monges se abstêm em prol de uma questão religiosa, o pai Goriot se dispõe a sacrifícios pelas filhas: “Ora, comerei somente pão!” (BALZAC, 2012, p. 283). E afirma, no auge de seu delírio, que voltará ao comércio e comprará cereais em Odessa, onde o trigo custa três vezes menos. O lucro destinará às filhas, que arruinaram a si mesmas e ao próprio pai. O simples fato de tocarem no nome delas

provoca no velho um estado meditativo que o faz comer maquinalmente. É sem dúvidas um personagem estranho. Se inicialmente é bem recebido e aceito à mesa da Sra. Vauquer, ao longo dos acontecimentos do romance acaba hostilizado e alvo de chacotas, permitindo-nos pensar a relação ambivalente que temos com o Outro: hospitaleira ou hostil.

A Sra. Vauquer media com precisão os cuidados dispensados aos pensionistas de acordo com a mensalidade que pagavam e, com a presença do pai Goriot, passou a esforçar-se em dar à casa certo decoro. “Passou a cuidar da mesa, acendeu o fogo nas salas durante quase seis meses e cumpriu as promessas dos prospectos tão bem que até fez despesas” (BALZAC, 2012, p. 46). No entanto, um episódio transformou o tratamento despendido pela Sra. Vauquer.

No mesmo período em que o pai Goriot chega à pensão, instala-se lá a Sra. d’Ambermesnil, uma mulher acima dos trinta anos que esperava a regularização de uma pensão que lhe era devida por ser viúva de um general. “As duas viúvas, após o jantar, subiam juntas ao quarto da Sra. Vauquer e lá ficavam a tagarelar bebendo cassis e comendo gulodices, reservadas à boca da dona da casa” (BALZAC, 2012, p. 46), bem como planejando as investidas ao Sr. Goriot. Porém, Sra. d’Ambermesnil também se interessou pelo fabricante de massas e, em vez de elogiar a dona da pensão para ele, assediou o velho, que foi refratário às suas tentativas. Desgostosa, parte da pensão sem pagar seis meses de aluguel. O que faz a proprietária? Acostumada a responsabilizar os outros por seus infortúnios, considera o Sr. Goriot como a causa de seu prejuízo e influencia todos os outros moradores a compartilharem da mesma antipatia. Ela começa por suprimir as coisas supérfluas que introduzira na pensão: “Basta de pepinos e de anchovas! Isso é bobagem! – Disse a Sílvia, no dia em que restabeleceu o programa” (BALZAC, 2012, p. 49).

Nos momentos das refeições, todos os pensionistas desconfiam desse homem e não acreditam que as duas moças bem vestidas que o visitam algumas vezes fossem suas filhas. Durante um jantar, a Sra. Vauquer põe em dúvida a sua paternidade. Com ar de troça pergunta: “Então, suas filhas não vêm visitá-lo?” O pai Goriot responde que vêm às vezes e todos passam a criar hipóteses sobre o velho: é um libertino que se arruinou por mulheres (BALZAC, 2012, p. 54). É motivo de zombaria: o pobre velho, aturdido com um falatório à mesa, ficou momentaneamente imóvel. “Cristóvão retirou o prato do bom homem, pensando que ele tivesse terminado a sopa e quando o pai Goriot, depois de ter arrancado o chapéu, baixou a colher, bateu com ela na mesa. Todos soltaram uma gargalhada” (BALZAC, 2012, p. 79).

Em contraposição à hospitalidade que lhe é assistida quando chega à Casa Vauquer, servem-lhe leite bebido por um gato. Cristóvão, o criado, mandado por Sílvia, responsabiliza-se por olhar o leite. No entanto, quando a Sra. Vauquer desce, o gato Mistigris acabara de derrubar com uma patada um prato que cobria

uma tigela, da qual ele bebia apressadamente. Sílvia encontra uma solução: “Não se preocupe, patroa. Vou fazer com este leite o café do pai Goriot. Vou pôr mais água e ele nem notará. Ele não presta atenção em nada, nem mesmo no que come” (BALZAC, 2012, p. 66).

Não percebemos, portanto, nesses momentos de comensalidade da pensão Vauquer a visão idílica da comunhão, frequentemente vista como uma reunião de iguais, como nos mostra Montanari (2008):

Em todos os níveis sociais, a participação na mesa comum é o principal sinal de pertencimento ao grupo. Esse pode ser a família, mas também uma comunidade mais ampla: toda confraria, corporação, associação reafirma à mesa a própria identidade coletiva; toda comunidade monástica se reconhece no refeitório, onde todos são obrigados a dividir a refeição (e somente os “excomungados”, aqueles que se mancharam com alguma culpa, são excluídos temporariamente). (MONTANARI, 2008, p. 159).

É uma comensalidade que se forma em uma comunidade como a que nos mostra Nancy (2000), distante do paradigma da família, da cidade ateniense, da república romana, das corporações e das fraternidades, sempre referências a idades perdidas no passado, em que a comunidade se tecia com vínculos estreitos, harmoniosos e irrompíveis, ou como Blanchot (2013, p.16-17), em sua obra *A comunidade inconfessável* que tem a ideia de que a comunidade não almeja a fusão, mas funda-se mais na estranheza que na proximidade, pois o homem “não busca se associar a um outro ser para formar uma substância de integridade. A consciência da insuficiência vem da sua própria colocação em questão, a qual tem necessidade do outro ou de um outro para ser efetuada”.

A comunidade que esses autores propõem não se funda na ideia de identidade, que corriqueiramente nos aparece com uma ideia de pureza e tradição imutável, desconsiderando as constantes trocas e adaptações, mas sim na de alteridade, de modo que o outro, em enfrentamento com outros, promove uma outra coisa.

## Marcas de coletividade e de individualismo na mesa da Casa Vauquer

A liberdade associa-se à ideia de individualidade e a segurança, à de coletividade. Na verdade, o individual e o coletivo, o indivíduo e a sociedade, a liberdade e a segurança não são antinomias: os indivíduos formam a sociedade, assim como a sociedade é uma sociedade de indivíduos. O ser humano singular é sempre gerado por outros seres humanos, pois todo homem nasce de um grupo de pessoas já

existentes antes dele. “Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos” (ELIAS, 1994a, p. 22).

Simmel (2004) chama a atenção para as dimensões individual e coletiva que perpassam o comer:

De tudo o que os seres humanos têm em comum, o mais comum é que precisam comer e beber. E é singular que este seja o elemento mais egoísta, que é por sinal o mais imprescindível e imediatamente restrito ao indivíduo. Já o que se pensa, pode-se dar a conhecer a outros; o que se vê, pode-se deixar que outros vejam; o que se fala, centenas podem escutar; mas o que se come não pode, de modo algum, ser igualmente comido por outro. Em nenhuma esfera elevada da vida humana pode-se encontrar uma tal situação: de que o que um deva possuir seja absolutamente impossível para o outro. (SIMMEL, 2004, p. 160).

Para ele, aliamos o estar junto à exclusividade fisiológica de nutrirmo-nos. Não comemos nem bebemos do mesmo e sim de porções exclusivas de alimentos e bebidas. O prato no qual servimos a refeição é uma criação individualista e indica que aquela porção de comida é para uma única pessoa. Isso é demarcado inclusive pela linha circular desse utensílio, diferentemente da gamela, usada em épocas primitivas, de formato oval ou contendo cantos. Por outro lado, os pratos também estabelecem um compartilhamento, devendo ser iguais para todos os comensais, assim como os copos. Ao redor da refeição surgem prescrições quanto à forma de consumação. Por exemplo, enquanto alguns povos antigos comiam anarquicamente, quando tinham fome, outros seguiam uma regularidade nas refeições, permitindo que um círculo de pessoas se encontre em horários predeterminados.

Também podemos pensar em que situações comemos juntos. Onde? A que horas? Quem cozinha? O que se come em determinados momentos? Por que nos reunimos? Que relações acontecem no momento das refeições?

Percebemos na Casa Vauquer a presença de marcas da coletividade: espaços, horários, regras alimentares etc. e de individualidade: hábitos dos personagens que não agem em prol da harmonia e de comer juntos ou em comunidade. Inicialmente, serão apresentadas essas dimensões para entendermos e caracterizarmos as refeições que acontecem na pensão e para dar subsídios à compreensão das comunidades inoperante e inconfessável, opostas ao comunismo que é a coletividade em excesso e em comunhão, bem como à mera justaposição individualista, sobre a qual temos uma visão contratual.

Às sete horas da manhã, o gato da Sra. Vauquer surge na sala de refeições precedendo sua dona e salta sobre o armário, farejando o leite contido em várias tigelas. Na Casa Vauquer, apesar da existência dos dois cômodos, a sala de refeições tinha duplo papel, e quase todas as noites os pensionistas a deixavam de acordo com o grau de interesse que a palestra lhe causava ou segundo a preguiça decorrente da digestão.

Por volta das nove horas e quinze minutos, Sílvia está aprontando o almoço, que geralmente sai às dez horas, como gosta a patroa. Nesse momento, alguns pensionistas descem atraídos pelo cheiro do refogado que está sendo preparado para aproveitar os restos de um carneiro. “Justamente quando os sete convivas tomaram lugar à mesa dando os bons-dias, soaram dez horas: ouviram-se na rua os passos do estudante” (BALZAC, 2012, p. 69). Pela manhã, além da Sra. Vauquer, sentavam-se à mesa os sete pensionistas internos: o pai Goriot, Eugênio de Rastignac, Vautrin, Srta. Michonneau, Poiret, Vitorina e a Sra. Couture. Mas também havia estudantes de direito ou medicina, e dois ou três fregueses que moravam no bairro, que ali apenas jantavam. É no almoço que a Casa Vauquer se apresentava como um espaço doméstico. Para aqueles sete pensionistas, a Casa Vauquer era sua casa.

A sala continha, ao jantar, dezoito pessoas e podia admitir vinte; pela manhã, porém, só apareciam os sete locatários, cuja reunião oferecia, durante o almoço, o aspecto de uma refeição em família. Desciam de chinelos, permitiam-se observações confidenciais a propósito das roupas ou da expressão dos externos e sobre os acontecimentos da tarde precedente, exprimindo-se com a confiança da intimidade (BALZAC, 2012, p. 35).

Para o jantar, agregavam Bianchon, interno no Hospital dos Capuchinhos, o pintor e o empregado do museu, que pagavam trinta francos por mês. Bem mais interessados em matar a fome do que em socializar-se com os demais, comiam uma refeição relacionada à situação do trabalho e não do cotidiano doméstico como pela manhã. É no jantar que a pensão abre as portas ao público, como os restaurantes, frequentados por qualquer um que tivesse dinheiro suficiente para usufruir de uma refeição.

Corbeau (1992) classifica as refeições em ordinárias e extraordinárias. A maioria das refeições realizadas na Casa Vauquer é ordinária e está relacionada aos tempos de trabalho que acabam por substituir a alimentação ordinária no seio familiar. É um momento para matar a fome e recarregar as energias gastas no serviço. No entanto, esse momento também poderia transformar-se em sociabilidade.

Alguns pensionistas ainda estavam à mesa, comendo nozes, enquanto outros passeavam de um lado para o outro, continuando discussões iniciadas. (...). No inverno, era raro que a sala de jantar se esvaziasse inteiramente antes das oito horas, momento em que as quatro mulheres ficavam sós e se vingavam do silêncio que seu sexo lhe impunha naquela reunião masculina (BALZAC, 2012, p. 188).

Além de ser também palco de refeições festivas, como a comemoração promovida por Vautrin, um foragido que arquiteta um plano para matar o Sr. Taillefer, pai de Vitorina, e, dessa forma, fazer com que a jovem tivesse uma fortuna e se casasse com Eugênio. Ele resolve comemorar às vésperas do acontecimento com vinho de Bordéus. Ordena a Cristóvão que traga as garrafas, serve-se de algumas gotas e, sentindo um gosto estranho, dá a garrafa para Cristóvão, Eugênio e o pai Goriot.

Um traço do caráter de Vautrin “era pagar generosamente quinze francos pelo ponche de café e aguardente que tomava à sobremesa” (BALZAC, 2012, p. 40-41). A Srta. Michonneau, na iminência de ser expulsa da casa por desmascarar Vautrin, lembra: “Mas a minha pensão está paga, estou aqui graças ao meu dinheiro, como todos os outros – disse ela, lançando um olhar de víbora sobre os pensionistas” (BALZAC, 2012, p. 50). Diferentemente dos salões, aos quais só podiam ir convidados, as casas de pensão, como também os restaurantes, eram espaços que aceitam qualquer pessoa que possa pagar pelo serviço do estabelecimento.

Outros, como Vitorina, sentavam-se à mesa, esse espaço de sociabilidade e coletividade, mas não comiam, como os demais, expressando uma liberdade, mas também uma coletividade, uma vez que participavam do convívio. “Realmente — comentou Bianchon, que estava junto de Rastignac. — A senhorita podia intentar um processo reclamando alimentos, pois não come. Oh! Reparem como o pai Goriot olha para a srta. Vitorina” (BALZAC, 2012, p. 70).

Para o jantar, simplicidade: sopa, pão e um prato de legumes, alimentos preferidos do pai Goriot. Para os almoços ordinários a Sra. Vauquer ordena à cozinheira Sílvia: “Alcança-me a camisola e vai tratar do almoço. Prepara o resto do carneiro com batatas e serve peras cozidas, dessas que custam meio soldo cada uma” (BALZAC, 2012, p. 65).

As situações são diversas e dentro delas podemos encontrar singularidades entre os comensais, bem como a liberdade que permite aos personagens recusar determinadas condutas. Ainda que se reúnam à mesa para almoçar e jantar, eles têm direito de expressar suas singularidades.

Em oposição a esses momentos de refeições compartilhadas, seja no cotidiano doméstico, na alimentação ligada ao trabalho ou à festa, os pensionistas podem ter seus próprios utensílios, ausentarem-se e usufruir de almoços e jantares com outras pessoas ou até mesmo sentarem-se à mesa e não comer.

O pai Goriot, por exemplo, trazia seus próprios utensílios, diferentes dos demais: conchas, colheres de servir, talheres, galhateiros, molheiras, pratos, aparelhos de chá e uma tigelinha que apresentava duas pombas beijando-se:

é o primeiro presente que minha mulher me deu, no dia de nosso aniversário. Pobrezinha! Guardou suas economias de solteira para comprá-la. Veja, eu preferiria cavar a terra com as unhas a separar-me disto. Graças a Deus! Poderei tomar meu café nesta tigela todas as manhãs, durante o resto dos meus dias. Não tenho de que me queixar, estou com meu pão garantido por muito tempo (BALZAC, 2012, p. 44).

Outro traço de individualismo era não existir a obrigação de almoçarem todos juntos. “Goriot frequentemente jantara fora uma ou duas vezes por semana. Aos poucos, porém, esses jantares foram se espaçando, até não passarem de dois por mês” (BALZAC, 2012, p. 50). Essas ausências do Sr. Goriot convinham muito aos interesses da avarenta Sra. Vauquer, de modo que a progressiva pontualidade com que seu pensionista voltou a fazer as refeições na pensão a desagradou.

Rastignac também preferia o luxo nos grandes salões e frequentemente recebia convites íntimos para a casa da prima ou da amante. Assim, quando aparecia na pensão no horário das refeições, era recebido com ironia: “Muito bem! Sr. Eugênio – disse Sílvia –, hoje o senhor vai almoçar com os outros” (BALZAC, 2012, p. 70).

Comer junto, portanto, não implica, necessariamente, uma relação de coletividade em que necessitamos suprimir nossos hábitos e vontades em prol da harmonia e coesão do grupo. No entanto, para estarmos juntos, algumas regras podem ser necessárias para que se promova a reunião, sem que para isso desconsideremos o diferente.

## Conflito e desordem

Percebemos duas questões relacionados à desordem na Casa Vauquer. A primeira diz respeito ao ambiente em que as refeições são realizadas e o segundo à fragilidade das regras de etiqueta, parte do processo civilizador.

O ambiente em que as refeições são realizadas é miserável e sujo: “Reina ali, enfim, a miséria sem poesia; uma miséria econômica, concentrada, gasta, que não tem ainda lodo, mas manchas; que não tem buracos nem andrajos, mas uma podridão envelhecida” (BALZAC, 2012, p. 32). Se tomarmos a ideia de higiene de Mary Douglas (1990), poderemos considerá-lo em estado de desordem, que não se limita ao espaço, mas também atinge as relações, sempre desarmônicas, entre os personagens. Para essa autora



a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo covarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sentimos. As ideias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reações de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio (DOUGLAS, 1990, p. 6-7).

Mesmo Douglas (1990), que acreditava tolerar bem a desordem, lembra-se do quanto se sentiu tensa num quarto de banho que, apesar de livre de impurezas, fora improvisado numa velha casa e o lugar tinha um sentido perdido com a sua transformação em quarto de banho.

Sujeira e civilização são duas coisas inconciliáveis. Elias (1994a, p. 23) nos mostra que o conceito de civilização pode englobar uma grande variedade de fatos, como tecnologia, tipos de maneiras, ciência, ideias religiosas e costumes. “Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos”. Na verdade, qualquer coisa pode ser feita de forma civilizada ou incivilizada.

Sem dúvidas, a forma como nos comportamos à mesa e as regras de etiqueta que utilizamos para isso é parte do processo civilizador. No entanto, este diz respeito à consciência que o mundo ocidental tem de si mesmo e, portanto, apresenta também algo de excludente por se julgar superior a outras sociedades (ELIAS, 1994a).

Assim, tendemos a reprimir ou interditar nossos sentimentos por uma questão de comportamento. É pela etiqueta que apresentamos distinção social: diferenciamos-nos daqueles que não conhecem as regras para fazer parte de uma comunidade de pertencimento. É uma forma de dissolver as diferenças dentro de um grupo e, portanto, de gerar igualdade, mas que, como dito anteriormente, é uma igualdade excludente. É o caso, por exemplo, de Eugênio de Rastignac: ele frequenta os bailes da alta sociedade, veste-se e comporta-se como os demais, sendo visto como um primo da Sra. Béauseant e não como um morador da Casa Vauquer.

A Casa Vauquer, localizada em um bairro decadente e marginalizado de Paris, tinha durante os almoços e jantares o aspecto de uma refeição íntima. Os pensionistas, internos e externos, entram uns após os outros, trocando cumprimentos e, constantemente, gracejos: “Aqui está sua excelência o marquês de Rastignac, doutor em direito-torto — exclamou Bianchon, agarrando Eugênio pelo pescoço e apertando-o até quase sufocá-lo” (BALZAC, 2012, p. 77).

Bianchon não reprime sua fome: “Vamos todos para a mesa, depressa!” (BALZAC, 2012, p. 76); “Vamos à boia? — gritou Horácio Bianchon, um estudante



de medicina muito ligado a Rastignac. — Meu estomagozinho já está lá nos calcanhares” (BALZAC, 2012, p. 77). E Rastignac serve-se abundantemente do carneiro e corta um pedaço de pão que a avarenta Sra. Vauquer mede com os olhos.

Enquanto prega-se que devemos ter conversas tranquilas e controle de nossos comportamentos, essas refeições cotidianas apresentam marcas de barulho, conflito e desordem, que se exacerbam quando o vinho de Bordéus começa a circular entre os comensais. Nesse momento “Ouviram-se risos ferozes, no meio dos quais se destacaram algumas imitações de diversas vozes de animais. Como o empregado do museu tivesse tido a ideia de reproduzir um pregão de Paris que tinha analogia com o mio do gato amoroso, imediatamente oito vozes berraram simultaneamente” (BALZAC, 2012, p. 214).

Estar junto e, portanto, comer junto, é afetar e ser afetado. “O ‘contato’ – a contiguidade, a fricção, o encontro e a colisão – é a modalidade fundamental do afeto” (NANCY, 2007, p. 51). Praticamos a comensalidade não como continuidade nem refletindo uma comunicação eficaz, mas sim na contrariedade e no conflito.

Perguntamo-nos, assim, se comer junto é conflituoso, por que estamos sempre nostálgicos em relação a essa prática que, diante de uma sociedade cada vez mais individualista, não realizamos com tanta frequência?

Rossi (2014, p. 121) considera essa nostalgia como um primitivismo que busca a volta à natureza e que não leva em conta o sofrimento envolvido na grande luta pela sobrevivência, quando as pessoas sofriam muito e morriam jovens. A natureza, longe de ser uma divindade intacta, é resultado da presença humana na Terra. Na maior parte da história, o homem conviveu e convive com o medo e a violência. Se por um lado as comidas de nossos antepassados eram mais naturais, genuínas e saborosas, por outro, desconsideramos a desnutrição, a falta de higiene e problemas de saúde decorrentes dela e o patriarcalismo que envolvia a produção e o consumo das refeições, em que o chefe da família era o provedor e para ele deveriam ir todas as regalias.

Essa ideia de uma comunidade perdida ou nostálgica associa-se à família, às civilizações primitivas ou tradicionais ou à ágape cristã, que nos remetem a uma ideia de harmonia e laços sociais resistentes que proporcionam a formação de uma unidade. No entanto, Nancy (2000, p. 23, tradução nossa) afirma que os que andam perdidos somos nós mesmos, “sobre quem o ‘vínculo social’ (as relações, a comunicação), nossa invenção, recai pesadamente como a rede de uma armadilha econômica, técnica, política, cultural”, assim procuramos uma comensalidade formada em uma comunidade de união e harmonia que pensamos ter ficado no passado.

## Considerações finais

A literatura foge à regra, torna-se importante para pensarmos a alimentação como amor, prazer, solidariedade e afeto, mas também como algo que pode ser cruel e provocar a negação e a exclusão do outro.

No *symposium* grego, na cena romana ou nos cerimoniais feudais, a comida está presente em nosso imaginário e configura-se como elemento unificador em reuniões de iguais. Igualdade, comunhão e fraternidade rondam o nosso imaginário ao pensarmos no comer junto. A mesa é um espaço de prazer, mas também de poder. Desde a pré-história, com o domínio do fogo e da agricultura, é isso que o homem deseja.

Reunir os envolvidos em uma vitória militar da Antiguidade ou os monges da era medieval promove a formação de uma comunidade que nos remete a um ideal de segurança e fraternidade. No entanto, o espaço de igualdade provoca também separação e distinção.

Comer é poder, é pecado, é gula. Se por uma questão ética criamos a etiqueta, ela também surge como agente excludente que rejeita aqueles que não a seguem. Ela é uma marca de coletividade e civilização, como também são as regras que permeiam a refeição: horário das refeições, alimentos que são servidos em determinadas ocasiões, onde se come, com quem se come. É em meio à coletividade que podemos também expor nossas individualidades.

Em oposição à reunião de iguais, bem como a um individualismo, acreditamos ser de extrema importância pensarmos na hospitalidade e *O Pai Goriot* de Balzac (2012), nos permite esta reflexão. Quando a Sra. Vauquer aceita em seu estabelecimento qualquer um, ela se abre ao outro, ainda que com desconfiança e estranhamento. Ela nos mostra como é difícil lidar com a alteridade. O Outro, seja ele um estrangeiro de outra nacionalidade, a comida de um outro lugar, alguém com um hábito alimentar diferente: vegano, intolerante ao glúten ou à lactose, crudivorista etc. está sempre em relação de enfrentamento e é preciso saber lidar com isso.

### **COMMUNITY AT THE TABLE: COMMENSALITY IN THE NOVEL FATHER GORIOT BY BALZAC**

**ABSTRACT:** *Our objective is to understand commensality as a social phenomenon through the novel Father Goriot by Balzac, which constitutes our research corpus. The story takes place in a pension in a poor neighborhood in Paris, called Maison Vauquer. In this setting, the dining table appears as a background for eating habits,*

*as well as disagreements and disharmony in the group and in the community. From there, the question of what constitutes this community can be raised. In order to reflect upon it, we will use the notions of unavowable community and inoperative community by Maurice Blanchot and Jean-Luc Nancy. These communities are not possible in communion, but in estrangement. Therefore, we are able to consider the table of Vauquer's pension as a place of both hostility and hospitality; with signs of the individual and the collective; and where conflicts and disorder prevail.*

**KEYWORDS:** *Community. Commensality. Balzac. Father Goriot.*

## REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. O pai Goriot. Tradução de Gomes da Silveira. In: BALZAC, Honoré de. **A Comédia Humana: estudos de costumes: cenas da vida privada**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2012.

BALZAC, Honoré de. **Tratados da vida moderna**. Tradução de Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Tradução de Eclair Antonio Almeida Filho. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

CORBEAU, Jean-Pierre. Rituels alimentaires et mutations sociales. **Cahiers internationaux de sociologie**, p. 101-120, 1992.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. Escuta, 2003.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Tradução de Sónia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70; 1990.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b. (Vol. 1).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GOZLAN, León. **Balzac Chez lui**: souvenirs des Jardies. 12.ed. Michel Lévy Frères: Paris, 1863.

GRASSI, Marie-Claire. Hospedaria: do albergue ao hotel. In: MONTANDON, Alain. **O livro da Hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na História e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

GUILLAUME, Pierre. Hospital: entre o técnico e o humano. In: MONTANDON, Alain. **O livro da Hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na História e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LANDINI, José Carlos. **Do animal ao humano**: uma leitura psicodramática. Editora Ágora, 1998.

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas**. Tradução de Maria Clara Ceseato. São Paulo: Edusp, 1996.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Tradução de Leticia Martins de Andrade. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

MAYRING, Philipp. **Qualitative Inhaltsanalyse**: Grundlagen und Techniken. Basel: Beltz, 1983.

MONTANDON, Alain. **O livro da Hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na História e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MONTEILHET, Véronique. HONORÉ DE BALZAC. Sociologia da vida parisiense. In: MONTANDON, Alain. **O livro da Hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na História e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MUHLSTEIN, Anka. **Garçon, un cent d'huîtres!**: Balzac et la table. Paris: Odile Jacob, 2010.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad enfrentada**. Tradução de Juan Manuel Garrido. Buenos Aires: La Cebra, 2007.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad inoperante**. Tradução de Juan Manuel Garrido Wainer. Santiago de Chile: Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, 2000.

PERLÉS, Catherine. Les origines de la cuisine - l'acte alimentaire dans l'histoire de l'homme. **Communications**, n. 31, 1979.

ROSSI, Paolo. **Comer**: necessidade, desejo e obsessão. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Unesp, 2014.

SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, jan-jun, p. 159-166, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III**: Espumas. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2009.

Recebido em 23/01/2018.

Aprovado em 22/04/2018.



# **MAPEANDO ESFERAS DE LETRAMENTO: O AMBIENTE FAMILIAR E O ESCOLAR NA INVENÇÃO DO SUJEITO LEITOR**

*Thaise da SILVA\**

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir as práticas sociais de leitura utilizadas por alunos no ambiente doméstico e sua interação com o escolar. Para tanto, sob a ótica dos estudos sobre letramento, ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais, pretende analisar os espaços e os portadores de textos que comumente as abarcam, discutindo a inserção do discurso renovador da leitura na forma como os pesquisados se posicionam frente ao tema. As ferramentas metodológicas utilizadas para a investigação são as análises textual e do discurso. Os materiais foram coletados durante a investigação, mediante questionários respondidos por alunos e seus familiares, com perguntas referentes aos hábitos de leitura e aos materiais utilizados principalmente em suas residências. Os resultados obtidos permitem perceber que a maioria das famílias e das crianças, objetos deste estudo, entende a leitura como fundamental para formação do futuro cidadão e traz consigo os princípios que amparam o discurso renovador da leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Letramento. Família. Educação.

## **Introdução**

A criança que nasce em uma sociedade letrada já está imersa em um ambiente composto por letras, palavras, frases, textos, números; a leitura e a escrita se fazem presentes na grande maioria dos atos do cotidiano e é presenciada pelos pequenos

---

\* UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Educação. Dourados – MS – Brasil. 79804-970 - thaisedasilva77@gmail.com

desde muito cedo. À escola cabe formalizar a utilização deste sistema de escrita que perpassa a vida das crianças e é para esta instituição que direcionamos nossos olhos quando falamos na formação do sujeito leitor, mas como nos lembra Street (1995) o letramento escolar é apenas um entre os vários existentes e capazes de habilitar os sujeitos ao domínio do código escrito, sendo através dos usos que se faz dele em contextos variados que irá se definir sua continuidade e o seu aperfeiçoamento.

Foi observando os diversos eventos que envolvem o ato de ler que senti a necessidade de investigar como estes ocorrem em espaços que vão além do escolar. Entendendo a abrangência dos espaços de leitura presentes em uma sociedade letrada busquei delimitar meu foco de análise e para isso me utilizei das esferas de leitura (Ribeiro, 2004, p.21-23) classificadas como: doméstica, do lazer, da educação, religiosa, do trabalho e a da participação cidadã<sup>1</sup>. A esfera doméstica inclui a administração da residência, o convívio familiar, o cuidado, a educação de seus membros e os gastos. O acervo dessa esfera é constituído comumente de: calendários, correspondências, livros, jornais, lista de compras, manuais de equipamentos domésticos, extratos bancários, cartas pessoais, lista telefônica. A esfera do lazer envolve as leituras feitas por distração, além das relacionadas a hábitos como assistir à televisão, ir ao cinema, ao teatro, a museus e a eventos esportivos. A esfera da educação inclui práticas relacionadas à educação formal e não-formal. Na esfera religiosa estão incluídos livros, folhetos religiosos e demais materiais relacionados diretamente a essa área. A esfera do trabalho inclui, em seu acervo, todos os materiais que têm por objetivo buscar o emprego e efetuar as atividades que envolvem o dia-a-dia no trabalho. A esfera da participação cidadã inclui documentos relacionados ao acesso a benefícios sociais, votar nas eleições, declarar imposto de renda, etc.

Assim sendo, este estudo tem por objetivo discutir algumas das práticas de leitura usadas por alunos do quarto ano do Ensino Fundamental no ambiente de suas residências e na escola, além de pretender analisar a interação das esferas doméstica com outras esferas na produção da competência letrada dos estudantes, examinando artefatos e eventos que a produzem, bem como os discursos e as representações de leitura que as envolvem. Para isso utilizo dos aportes teóricos dos estudos sobre letramento, ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais.

Fez parte do material organizado para esta investigação dois questionários: um aplicado em alunos do quarto ano de uma escola pública da região sul do país e outro para os familiares desses estudantes. A partir das questões formuladas, os pesquisados puderam expor suas opiniões e vivências domésticas com relação ao

---

<sup>1</sup> As duas últimas esferas não serão examinadas neste estudo, pois não reconheço as mesmas como significativas para as crianças que participaram da pesquisa, embora haja o acervo de ambas no convívio familiar.



uso da leitura em situações do cotidiano. Para a análise dos dados utilizou-se a perspectiva da análise textual, associada à análise do discurso.

A turma investigada era composta por vinte e uma crianças com idades que variavam entre 8 e 12 anos. Estudavam em uma escola pública estadual localizada em um bairro central de Porto Alegre. O grupo de alunos pertencia, em sua maioria, à classe média. Seus pais eram funcionários públicos, professores, técnicos de enfermagem, empregadas domésticas, vendedora, técnico contábil, atendente de nutrição, *web designer*, donas de casa, contador, auxiliar de serviços gerais, secretária, aposentado, auxiliar de cozinha, comerciante, etc. A maioria dos familiares que respondeu ao questionário tem Ensino Médio completo, à exceção de cinco pessoas com Curso Superior e de duas com Ensino Fundamental incompleto. Quanto aos alunos, são crianças que moram no bairro da escola ou vêm de bairros distantes do centro, pela manhã, com seus pais, que trabalham nas imediações da mesma.

Este estudo, além da introdução, será organizado em outras quatro seções: a primeira contextualiza o campo dos Estudos Culturais pós-estruturalistas; a segunda situa o campo leitura frente a esta concepção teórica; a terceira apresenta e analisa os dados da pesquisa e a última tece as conclusões obtidas a partir da investigação.

## Contextualizando

A intenção desta análise consiste em se debruçar sobre um campo determinado da educação brasileira: a dos usos e das práticas de leitura<sup>2</sup> utilizando uma concepção pós-estruturalista, a partir do campo dos Estudos Culturais. Pretende-se repensar o que tem sido dito sobre as práticas sociais que envolvem o ato de ler e a forma como as crianças vêm se utilizando desses aprendizados no ambiente doméstico, bem como sua hibridização com o espaço escolar.

A escola, nos moldes como a temos hoje, foi uma invenção da modernidade. Ela surge como sendo o espaço responsável pela detenção e propagação da grande cultura. Os Estudos Culturais questionam essa visão de cultura, entendendo-a como os modos de vida de uma população. Essa revolução cultural vem ao encontro da abordagem dada à cultura pelos Estudos Culturais que a define como o modo de vida global de uma sociedade (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003). Assim, a cultura deixa de ser unitária e soberana e passa a ser plural, fruto de disputas entre as diferentes identidades que compõem o cenário atual, sendo impossível trabalhar com este conceito sem relacioná-la com as estratégias de mudança social e as relações de poder. (MATTELART, 2004).

---

<sup>2</sup> Vou focar, durante minha análise, as práticas de leitura, embora, em vários momentos, discuta a escrita e a oralidade, uma vez que a concepção teórica utilizada percebe os três aspectos interligados.

O papel central dado à cultura passa a ter uma dimensão epistemológica denominada de virada cultural<sup>3</sup>, referindo-se ao poder instituidor dos discursos que circulam nesse espaço cultural. Esse poder se manifesta por meio dos artefatos produtivos (notícias veiculadas pelos meios de comunicação, livros didáticos, músicas, filmes) que, pelas práticas de representação, produzem sentidos que circulam e operam nos meios culturais, nos quais os significados são estabelecidos (VEIGA-NETO, 2003).

Para que se possa entender o conceito de cultura como um campo de disputas, faz-se necessário entender o conceito de poder dentro desse contexto. De acordo com Veiga-Neto (1995), dando ênfase a uma visão foucaultiana de poder, este não é visto como sendo algo que possui apenas um lado eficiente poderoso, mas sim como atuante e funcionando de inúmeras formas, capilarizando-se no tecido social, como uma rede de fluxo constante de forças e resistência. Nesse sentido, o poder se torna produtivo, já que gera saberes, produz discursos, produz sujeitos, atravessando todo o corpo social.

A linguagem, sob essa ótica, tem um papel central, pelo fato de ser ela a responsável pela produção de significados – sendo estes constantemente ressignificados por meio das lutas que ocorrem entre o simbólico e o discursivo, uma vez que são as práticas discursivas que constituem e subjetivam sujeitos e objetos, e não apenas transmitem significados. A linguagem não é um meio neutro de explicar e representar o mundo, mas é a constituidora do discurso.

Essa forma de perceber a linguagem denomina-se virada linguística. Nesse contexto, a ideia de sujeito uno se desfaz e surge a ideia de um sujeito constituído por múltiplas identidades que se compõem por meio das/nas narrativas formuladas nas confluências discursivas (ARFUCH, 2002). Logo, ao se produzir um enunciado, não é o nosso pensamento em essência que está sendo expresso, mas a pluralidade de vozes que nos constituem no decorrer de nossas vivências sociais e históricas.

As narrativas agora passam a ser vistas como constituidoras do sujeito e, de acordo com Larrosa (1996), elas produzem as identidades. Com a virada linguística, a verdade única deixa de existir, sendo substituída por verdades constituídas. Estas, a partir de então, são consideradas crenças, tendo como alvo de análise o processo pelo qual algo se torna verdade (SILVA, 1999).

Os discursos, dentro dessa perspectiva, são entendidos como práticas que instituem significados por meio dos quais se torna possível nomear, classificar, julgar, incluir e excluir ideias, pessoas, coisas e objetos, buscando pôr em evidência o funcionamento de mecanismos instituidores de significados. Foucault (1996) explica que a linguagem, e conseqüentemente os discursos, não funcionam imunes aos controles sociais porque são atravessados pelas relações de poder.

<sup>3</sup> Stuart Hall (1997), Fredric Jameson (1996), Néstor Canclini (1990), Beatriz Sarlo (1999) e David Harvey (1996) são alguns pensadores que trabalham com a temática da centralidade da cultura.

Nesse contexto, Silva (1999) explica que o campo de análise dos Estudos Culturais trabalha comumente com duas correntes metodológicas de pesquisa: a etnográfica e a análise textual. É a análise textual, associada à análise do discurso, que serve como suporte para a análise dos dados deste estudo. Barker e Galasinski (2001, p. 1) afirmam que a “Análise Crítica do Discurso é capaz de oferecer o entendimento, habilidades e ferramentas com as quais se pode demonstrar o lugar da linguagem na construção, constituição e regulação do mundo social”. Segundo Gill (2004, p. 244), essa perspectiva não vê a linguagem como algo neutro que apenas descreve o mundo e reflete sobre ele, mas acredita que o discurso constrói a vida social. Dessa forma, tal ideia está ancorada nos pressupostos da virada linguística, já discutidos anteriormente.

Luke (2000, p. 93) constata que fazer uso da teoria pós-estruturalista do discurso nos leva a analisar o “modo como as relações sociais, a identidade, o conhecimento e o poder são construídos por meio de textos falados e escritos nas comunidades, nas escolas e nas salas de aula”, uma vez que a linguagem e o discurso não são neutros ou transparentes, não apenas descrevem ou analisam o mundo, mas os constroem e regulam através dos conhecimentos legitimados.

Barker e Galasinski (2001, p. 07) explicam que a análise textual trabalha com a concepção de que os textos são considerados polissêmicos. “O entendimento cultural dos textos não pode permanecer com o texto, mas deve se relacionar por si só com os processos envolvidos na compreensão do significado pelos leitores”. Frente a isso, os Estudos Culturais procuram verificar como ocorre o consumo e a recepção desses materiais, pensando que o indivíduo não apenas é um receptor passivo, mas também criador ativo de significados.

## A invenção do sujeito leitor

Dalla Zen e Trindade (2002) explicam que a escola, ao longo de sua história, privilegiou certos discursos em detrimento de outros. Analisando cada fase por que passaram os discursos que regeram as práticas de alfabetização e de linguagem em nosso país, as autoras concluem que as práticas de leitura, escrita e oralidade escolares são fruto das representações que receberam determinados discursos, defendidos conforme concepções de ensino que não podem se pretender como únicas ou detentoras da verdade.

Sobre a produção do sujeito leitor/escritor, Dalla Zen (2006) explica que, durante a década de 1980, teve início uma série de discussões que ampliaram e diversificaram a forma de trabalhar com o texto produzido em sala de aula, flexibilizando os aspectos gramaticais e dando maior importância ao conteúdo do

texto escrito, levando em consideração os aspectos linguísticos e socioculturais. Das obras que iniciaram esse novo trabalho frente à produção textual destaca-se o trabalho de Geraldi (1984), *O texto na sala de aula: leitura & produção*, que, segundo Mortatti (2000), foi o pioneiro, incluindo, em suas propostas e reflexões, o ensino, desde o primeiro ano, da leitura e da escrita e sua abordagem do ponto de vista do interacionismo linguístico. Geraldi (1984) apontava para a ausência do trabalho com o texto na alfabetização, observando que, na maioria das vezes, quando ele se fazia presente, era apenas um pretexto (instrumento) para o ensino da língua. Silveira (1991) salienta que, ao mesmo tempo em que as concepções vigentes sobre a produção textual passam por modificações, os princípios referentes à leitura também são repensados. A publicação do livro *Como incentivar o hábito de leitura*, escrito por Bamberger (1977), dá início à ênfase na concepção da leitura como um hábito, como atividade que, mesmo na escola, não deve se restringir à leitura dos clássicos escolares, não deve ser objeto da avaliação (fichas de leitura) e deve ser orientada para a formação do leitor.

Esse discurso que doravante chamaremos de “discurso renovador da leitura na escola”, emanou primordialmente das esferas acadêmicas, espalhando-se por documentos oficiais, recomendações curriculares, revistas de divulgação pedagógica e mídia, e passou a constituir uma arquitetura de representações de professor, aluno, leitura e escola diretamente implicadas em si. (SILVEIRA, 1998, p. 106).

O prazer de ler passa a ser visto como fundamental para que haja uma recuperação da leitura no contexto escolar e, para isso, são criadas estratégias, como diversificação dos materiais de leitura em sala de aula, socialização das leituras, busca de livros que se diferenciem do caráter estereotipado dos livros infantis.

Assim, vão surgindo os discursos que começam a reger a produção dos sujeitos leitor e autor no ambiente de sala de aula, por meio da formação do hábito de leitura, mediante a liberdade de escolha e do caminho prazeroso, e da valorização da produção textual, através da constituição do autor como sujeito do seu texto.

## A presença do “discurso renovador da leitura”

Nas respostas obtidas através dos questionários encaminhados para as crianças e seus familiares, é possível perceber o quanto um discurso, que passa a ser tomado como verdade, começa a definir as formas de agir de um determinado grupo social. Alguns dos pressupostos básicos do discurso renovador da leitura que, segundo

Silveira (1998, p. 112), se fundamentam na equação “prazer-interesse-leitura-hábito-gosto” aparecem nas respostas dos alunos que dão respostas afirmativas, quando perguntados se gostam de ler.

A leitura cativa o aluno através da ênfase dada aos aspectos lúdicos, nos quais a imaginação, a fantasia e a criatividade são resultado do acesso à literatura infantil. Tal discurso ganha visibilidade nas respostas dadas pelas crianças:

C9: Eu acho, porque faz eu imaginar muito mais [falando sobre a importância da leitura de livros de histórias, em sala de aula, pela professora].

C6: Porque eu acho muito importante ler livros. Eu começo a sonhar [quando perguntada do porquê vai à biblioteca da escola].

Os familiares também têm respostas parecidas sobre o assunto:

F5: Sim. Descobre o mundo.

F9: Muito, pois através dela [a leitura] a imaginação dele pode ser exercitada e faz com que possa aprender a ler com mais facilidade e ter conhecimento do que acontece nas nossas vidas.

Além do prazer, outro pressuposto que fica evidente é o de que, por meio da leitura, há uma democratização da cultura e do conhecimento, uma vez que seria através dela que o educando teria acesso ao conhecimento:

C19: Sim [é importante que a professora leia livros], porque assim nós podemos fazer as coisas melhor.

C16: Eu acho importante saber ler e escrever porque podemos aprender muitas coisas.

C16: Ler e escrever me ajudam a aprender fora da escola.

A leitura também é vista como uma forma de ascender socialmente, a partir dos conhecimentos adquiridos por meio dela. Essa representação se faz presente desde a infância, como pode ser percebido em:

C5: Eu acho [importante saber ler e escrever] porque não podemos trabalhar depois.

C13: Sim, porque se a gente não souber ler e escrever a gente fica burro.

Algumas atitudes esperadas do aluno, com base no discurso renovador da leitura cujo objetivo é formar o leitor crítico e criativo (SILVEIRA, 1998), podem

ser reconhecidas nas respostas dos familiares. Entre elas estão a formação do hábito da leitura, que ocorre através do hábito de ouvir histórias quando pequenos, contadas pelos adultos, a oferta de grande quantidade de livros de história, o incentivo a ir à biblioteca.

Street (1995) afirma que os pais estão, na maioria das vezes, comprometidos com a aprendizagem de seus filhos, segundo formas legitimadas pela escola, acompanhando e incentivando seus filhos na realização das tarefas escolares. O autor ressalta que, na prática, o primeiro movimento interativo família-escola mostraria que a casa seria dominada pela escola, explicando a pedagogização desse espaço pela escola. Entretanto, uma análise mais atenta dessa interpretação fez com que percebesse que a extensão e a internalização da voz pedagógica, que remete à aquisição e à disseminação da *literacy*, é diversa, fazendo parte de tendências sociais e culturais mais amplas, sendo, portanto, reforçada e discutida em jornais, rótulos e brinquedos educacionais, e em debates políticos. Dessa forma, os pais se tornam os guardiões da *literacy* escolar, cobrando da escola quando ela se afasta dos princípios trabalhados dentro dessa concepção. Vejamos alguns exemplos de como os familiares se portam como guardiões das práticas de *literacy* estabelecidas pelo discurso renovador.

Dezenove familiares responderam “sim” para a pergunta “Você costuma ler em casa?”, e apenas duas famílias, responderam “às vezes”. Os materiais mencionados quanto ao seu uso para leitura foram: revistas, jornais, livros, gibi, internet, palavras cruzadas, materiais do trabalho e informativos da empresa.

Segundo Marcuschi (2005), existe uma relação direta entre os gêneros textuais e o letramento. O grupo analisado não fez menção sobre a leitura de gêneros minimalistas<sup>4</sup>, uma vez que os materiais listados foram, em sua maioria, os pertencentes a outras esferas da vida social, recebendo destaque os utilizados para a informação e prazer da leitura, proporcionados, em especial no segundo caso, pelos gêneros literários.

Em resposta à pergunta “O que tem para ler em sua casa?”, obtive as seguintes informações: livros (aventura, ação, autoajuda, didáticos, técnicos, espíritos, clássicos, literatura infantil e sobre educação infantil), jornal, revistas, gibis e materiais da internet. Como exemplo das respostas obtidas, enfatizo as dadas pelos seguintes familiares:

F4: Todos os tipos: livros, revistas e jornais.

F9: Livros de histórias infantis, ação, autoajuda.

F19: Livros referentes à administração, livros espíritos, jornais e gibis.

---

<sup>4</sup> Gêneros utilizados por toda a população como organizadores da vida social (escritura da casa, contas...).

É importante mencionar que os adultos citaram apenas os materiais escritos legitimados pela sociedade como sendo de leitura. Não houve nenhuma menção à leitura de etiquetas, lista telefônica. Nesse aspecto, podemos perceber que esses adultos têm uma representação do que possa ser lido marcada por uma concepção do senso comum. Isto é, os materiais de leitura e escrita lembrados são os gêneros mais clássicos, os trabalhados na escola ou os marcados pela periodicidade – leitura diária, semanal, quinzenal ou mensal. Mais uma vez a figura do guardião da *literacy* escolar é representado pelos pais por meio da seleção de materiais disponibilizados em casa e com os quais os seus filhos são incentivados a ter contato. Atualmente, tal postura vem sendo questionada pelos estudiosos que entendem os gêneros textuais como sendo produção histórica diretamente relacionada com a cultura e a vida de uma determinada sociedade. Marcuschi (2002) pensa que os gêneros surgem por meio de um esforço coletivo de organização e estabilização das atividades comunicativas do nosso cotidiano. Mesmo tendo padrões de organização, os gêneros textuais são flexíveis às inovações que ocorrem em nossa sociedade. Nas palavras do autor (MARCUSCHI, 2002, p. 20), “isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”.

Dentro e fora da escola, as crianças, que vivem em uma sociedade letrada, convivem com uma variedade de gêneros textuais. O contato com diferentes portadores e gêneros textuais faz com que a competência sociocomunicativa do indivíduo vá sendo construída e aprimorada. Logo, os falantes e ouvintes de uma determinada língua vão detectando qual a forma mais adequada e conveniente em cada situação de uso e de comunicação e, com isso, desenvolvem a competência de distinguir diferentes gêneros textuais.

Com o objetivo de perceber como os familiares interagem com seus filhos no que se refere ao incentivo às práticas de leitura, fiz a seguinte pergunta: “Costuma ler para seu filho?”. A maioria dos entrevistados (nove pessoas) respondeu sim, que lê para seu filho (F3: Sim.); sete dizem ler só às vezes, quando as crianças solicitam que eles o façam (F15: Agora, devido ao tempo por causa das minhas aulas à noite, não. Mas quando ele pede eu leio.) e seis dizem não ler para seus filhos (F12: Não porque agora ele já sabe ler. F13: Não, só quando ele era menor.). Devo destacar que os entrevistados mencionaram que a leitura não é realizada mais pelos adultos para as crianças, pois estas já sabem ler, mas afirmam ter lido muito para elas quando eram menores.

Nas respostas dos familiares é possível identificar o que Silveira (2002) reconhece como discurso renovador da leitura. Conforme tal concepção, quanto mais cedo a família expusesse seu filho a ambientes ricos em práticas de leitura e escrita, e o incentivasse a ler e escrever, maiores seriam as chances dele ter sucesso na escola.

Fica evidente, nas palavras de Silveira (2002), a crença de que por meio do contato com os eventos de letramento, se chegaria ao progresso e sucesso escolares.

As formas com as quais os pais incentivam seus filhos a ler variam significativamente e podem ser observadas a partir das transcrições de suas respostas:

F4: Eu estou sempre falando que a leitura faz muita falta em nossa vida, que é preciso ler muito para entender mais coisas, saber falar e se expressar. Que eles precisam acostumar a ler para ter mais cultura e sabedoria.

F6: De todas as formas, livros, revistas, internet. Gosto de ler em voz alta para as duas e gosto de ouvir elas ler também.

F15: Nós compramos juntos [livros], ele ganha de presente e também compra. E aluga na biblioteca da escola. E coleciona o das bancas de revista.

F17: Quando era menor, desde nenê, sempre fiz o livro fazer parte da vida dele.

Pode-se perceber que o exemplo, a conversa, os materiais disponíveis e o incentivo são as formas mencionadas pelos familiares para estimular o gosto pela leitura. É possível perceber que a resposta da família (F4) deixa explícito um dos grandes mitos do letramento, o de que por meio de uma das habilidades adquiridas com a alfabetização – a da leitura – nos tornamos mais cultos, sábios, com maior capacidade de comunicação e compreensão. Graff (1995) por meio de seus estudos desconstrói algumas crenças criadas em torno do alfabetismo. Como as ideias de que os sujeitos alfabetizados teriam um maior potencial cognitivo e melhores condições de vida. Maior também seria o grau de civilidade e a participação ativa dos cidadãos que soubessem ler e escrever, uma vez que teriam maior poder de reflexão e análise sobre as questões do mundo. Tais mitos, criados pela sociedade moderna, foram desconstruídos ao longo das investigações deste e de outros historiadores, ao demonstrar o quanto o domínio de determinadas habilidades não está, necessariamente, associado ao progresso individual e social.

Os familiares dizem incentivar o gosto pela leitura, pois julgam que ela é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Entre os motivos que justificam a importância da leitura, incluem, também, o reflexo dessa habilidade no uso adequado da escrita entre outras habilidades exigidas em um mundo letrado, como veremos nas próximas respostas:

F8: Sim, porque vai ajudá-la a escrever textos e ter maior conhecimento.

F9: Muito, pois através dela a imaginação dele pode ser exercitada e faz com que possa aprender a ler com mais facilidade e ter conhecimento do que acontece nas nossas vidas.



F11: Sim, porque é questão de cultura, se manter informado e aumenta o nível de conhecimento.

F12: Sim. Porque lendo a criança aperfeiçoa a leitura e aprende muitas coisas como novas palavras.

Este é outro pressuposto defendido pelo discurso renovador da leitura: o do aprimoramento do sujeito autor visto como uma consequência do gosto pela leitura. Ao ler a criança estaria desenvolvendo sua escrita e adquirindo conhecimentos referentes à língua. As crianças assim manifestam essas ideias:

C14: Sim [é importante que a professora leia histórias] porque ela pode ensinar a fazer histórias.

C18: Sim [é importante saber ler] porque assim posso fazer histórias.

Os familiares, quando perguntados sobre a importância da leitura, respondem:

F1: Sim. Pois é lendo que se aprende, pois ali tem pontuação, acentuação e parágrafos.

F2: Sim. Pois lendo aprende a se expressar de maneira correta e a formar frases com clareza.

F13: Claro que a leitura é importante, porque lendo eles conseguem se expressar melhor, escrever melhor e a visão deles fica maior.

F14: Observa-se qualidade na escrita e na concordância sobre os assuntos.

De acordo com as concepções dos familiares, a oralidade também é transformada pela leitura. Nesse caso, ela se tornaria mais elaborada, próxima da norma culta, valorizada pela sociedade. Isso pode ser observado nas respostas de alguns familiares:

F18: (...) só lendo que se aprende, e falamos bem, através da leitura.

F19: Através da leitura a pessoa aprende a escrever e enriquece o vocabulário.

F20: Sim [a leitura é importante], para um bom desenvolvimento oral e escrito.

O espectro da valorização da leitura mais uma vez se faz presente. Mesmo com alguns familiares mencionando que a leitura prepara as crianças para a vida, fica evidente a valorização escolar dessa prática incorporada e guarnecida pelo ambiente doméstico. Lê-se para aprender a falar e escrever melhor, ou seja, de acordo com a norma padrão utilizada pela escola, e com isso ter sucesso futuro. Isso demonstra a produtividade do discurso renovador da leitura, ou seja, como ele opera para

qualificar a leitura, a escrita, a oralidade, os conhecimentos linguísticos, tornar os sujeitos cidadãos, etc.

Os pais declaram ter uma preocupação em incentivar seus filhos a ler, mesmo os que não têm essa prática como corriqueira, devido à falta de tempo ou outros fatores. Salientam que gostariam que as crianças fossem à biblioteca e lessem mais e se posicionam como responsáveis, guardiãs dessa prática. A leitura parece ser vista como algo que pode resolver vários problemas, pois é descrita como uma forma de organizar o pensamento, melhorar a escrita, ampliar o vocabulário, fazer pensar melhor, entre algumas possibilidades descritas anteriormente. Essas vozes ilustram a formação da criança leitora, objetivo final do discurso renovador da leitura:

A natureza da obra literária e do “ser criança” devem ser respeitados nesse processo, o qual, ao formar um leitor ou uma leitora, automaticamente (ou quase) lhe possibilitará um enriquecimento de conhecimento, de sensibilidade, e tornará um cidadão crítico ou uma cidadã, capazes de desvelar o que há “por trás” dos discursos, e imbuídos de um ideal de libertação, conscientização e democratização da sociedade. (SILVEIRA, 1998, p. 109);

Não estou questionando se a leitura tem todas essas propriedades, uma vez que possivelmente as tenha, o que estou tentando mostrar é a produtividade de um discurso que diz respeito à importância atribuída a ela em nossa sociedade. É preciso ler para poder escrever e falar melhor. Parece estar aí internalizado mais um dos mitos do letramento, o do poder da leitura, mas não parece ser qualquer tipo de leitura e sim a utilizada na escolarização, para aumentar as capacidades cognitivas, o que pode ser entendido, no contexto atual, como sendo progredir na escola e chegar a uma formação em curso superior, porta para o mundo do trabalho e para as vantagens decorrentes do seu exercício, se o cidadão estiver inserido em uma profissão prestigiada economicamente.

Analisando as respostas dadas pelos familiares, pode-se identificar algumas regularidades narrativas nos discursos apresentados. Faz-se presente de forma evidente, nas respostas aos questionários, a importância dada às práticas de leitura. Essas representações de leitura são fruto de uma construção social inspirada no discurso renovador da leitura, que se espalha dos discursos acadêmicos para discursos outros, como observa Silveira (2002), incluindo o doméstico, uma vez que este acaba por orientar as falas dos sujeitos desta pesquisa. Caso analisemos os discursos presentes na mídia, veiculados por meio de especialistas que tratam sobre o tema, fica evidente a importância dada às práticas que envolvem a leitura, logo, é a nossa sociedade que cria e divulga os mitos do letramento, mediante várias práticas

sociais e discursos presentes nelas. Nas falas dos familiares, evidenciam-se as redes de coerência que sustentam essas afirmações.

O questionário respondido pelos alunos forneceu várias informações de como a leitura é utilizada no seu cotidiano, tornando possível perceber alguns dos efeitos e práticas do discurso renovador da leitura. Onze das vinte e uma crianças que estão sendo investigadas relatam ouvir histórias lidas por outras pessoas. Essa tarefa está associada à figura da mãe (C4: Minha mãe.), sendo que apenas uma criança incluiu o pai nessa atividade (C6: Sim. Minha mãe e meu pai.), e outra mencionou a professora (C20: Conta para mim é a professora na escola.).

Os alunos acreditam ser importante ouvir histórias lidas pela professora durante as aulas, e responderam de forma afirmativa ao serem interrogados se a mesma lê histórias na sala. Os motivos de considerarem importante essa prática estão em pensar que ao ouvir histórias estão aprendendo coisas novas, se desenvolvendo melhor, tornando-se mais criativos, distraíndo-se e dando o exemplo, no caso da professora, para que os alunos se tornem leitores. É importante mencionar que ouvir histórias dentro da escola contém uma função pedagógica, a de ensinar, listada pela grande maioria dos alunos, sendo que apenas uma criança reconheceu a leitura como uma atividade de lazer, enquanto outras duas referiram o exemplo que a professora estaria dando ao contar histórias. Vejamos algumas dessas respostas:

C7: Sim. Porque a gente se interessa mais pela leitura.

C8: Eu acho importante porque a gente aprende mais na escola.

C11: Sim. Porque nós aprendemos mais a imaginar.

C12: Sim porque a gente aprende coisas novas.

C17: Acho muito importante porque ela está dando o maior exemplo.

Podemos ver aqui a escolarização da literatura, sendo que as histórias são ouvidas com o intuito de servirem para algum tipo de aprendizagem. Cook-Gumperz (1991), ao comentar as práticas sociais que envolviam a leitura e a escrita, como ler histórias em voz alta para as pessoas ouvirem, observa que esta, entre outras atividades desse tipo, mostrou-se uma prática corriqueira de uma época que antecedeu a escolarização da alfabetização.

Percebe-se que as respostas dos alunos sobre a importância de se ouvir histórias é muito parecida com a de seus familiares no que se refere aos benefícios inerentes à leitura. Mais uma vez, generaliza-se tal discurso sobre a prática da leitura. Esta é vista como imprescindível e, dessa forma, subjetivam-se identidades desde a infância. Aqui se pode perceber a legitimação do que é considerado indispensável para se viver em um determinado grupo social. No caso desses alunos, o valor dispensado à leitura é tido como algo fundamental para o desenvolvimento pleno dos mesmos.

Em resposta à pergunta “Em que ler e escrever te ajuda nas atividades que você realiza fora da escola?”, obtive as seguintes respostas:

C2: A “fazer os temas”.

C3: Ler para ler livros e escrever para escrever histórias.

C6: A ler livros, a escrever mensagens e muito mais.

C7: Ler gibis.

C12: Eu posso fazer compras.

C13: A entender as coisas.

C16: Ler e escrever me ajuda a aprender fora da escola.

Em algumas respostas pode-se perceber a presença de práticas reconhecidas como escolares: fazer os temas<sup>5</sup>, escrever histórias. Em outras, já é possível notar aquelas práticas que são reconhecidas comumente como sociais, como é o caso de fazer compras, escrever mensagens, se informar e se distrair.

Ao serem questionados sobre “a importância de saber ler e escrever”, a aprendizagem e a preparação para o trabalho foram os itens mais mencionados. Foi possível notar que a relevância dada ao domínio da linguagem escrita ultrapassa os muros escolares e se torna prática social. Torna-se necessário saber ler e escrever para que situações do dia-a-dia (localização, comunicação, leitura de história) sejam possíveis. Alguns exemplos são:

C3: Sim. Porque sem saber ler como vamos saber onde é a padaria? E sem escrever a gente não poderia assinar alguma coisa.

C6: Sim eu acho. Porque sem saber ler você não pode ler para o seu irmão, seu primo etc.

C11: Sim. Porque um dia vai trabalhar e tem que saber ler e escrever.

C12: Sim. Porque eu consigo me comunicar com as pessoas.

C13: Eu acho importante porque a gente pode ler livros.

C14: Sim porque assim posso fazer histórias.

C15: Sim. Porque você não vai poder ler coisas importantes como carta e etc.

C16: Eu acho importante saber ler e escrever porque podemos aprender muitas coisas.

Analisando as respostas uma a uma, ficam ainda mais evidentes os pressupostos discutidos no início deste artigo: Se, em alguns momentos, a prática da professora, com relação ao ensino da língua, parece ser mais tradicional (digo

---

<sup>5</sup> A expressão “fazer os temas” é típica do Rio Grande do Sul e pode ser traduzida como “realizar as tarefas escolares de casa”.

isso tendo por base os questionários dos alunos), cria-se todo um espaço escolar e familiar de incentivo e valorização aos atos de ler e escrever.

Mães, pais, avós e irmãos, nessa ordem, são os mais citados no que se refere à questão “Você costuma ver alguém lendo e o que eles leem?”. Apenas uma criança disse não presenciar essa prática em sua residência, e outra citou a si mesma. Algumas mencionaram observar tal prática, mas não souberam dizer o tipo de leitura que estaria sendo realizada. Quando esse é identificado, as mães são vistas lendo filmes legendados, jornal, revistas, livros e contos. Os pais/padrastos são lembrados lendo jornal, contos, livros e revistas. Os avós são vistos lendo livros e os irmãos exploram uma literatura variada.

Ao presenciarem a leitura de seus familiares, percebe-se que os usos sociais da escrita aparecem de forma mais variada do que os mencionados no espaço escolar. Aqui os materiais parecem ter um caráter mais prático: informação (jornal e revistas), estudo do texto (livros didáticos), fruição (livros, poesias, filmes legendados), e para a solução de problemas (contos), categorias estas criadas por Geraldí (1984).

Street (2003) alerta para a padronização do letramento, através da escolarização, o que acaba por marginalizar outras práticas sociais de leitura e de escrita que ocorrem em diferentes espaços por onde as crianças circulam. Muitas vezes, essas práticas são tidas como inferiores, por não corresponderem aos padrões da escola. Street (1995) chama isso de pedagogização da *literacy*. A análise dos dados mostra que as práticas escolares são apenas uma das vividas por essas crianças, embora as práticas escolares acabem por determinar quais os conhecimentos sobre a escrita que devem ser trabalhados e de que forma, valorizando uns e descartando outros.

## Conclusão

Foi possível perceber, ao longo dos questionários, que as várias esferas de letramento (religiosa, da educação, do lazer e a doméstica) aparecem de forma híbrida se relacionando e interferindo umas nas outras. A esfera da educação exerce grande influência sobre as outras, fazendo com que alguns dos seus discursos invadam o espaço doméstico, ditando normas que influenciam outras práticas sociais.

De maneira geral, pode-se concluir que os alunos demonstram compreender a leitura como algo que vai além das práticas escolares e dos seus deveres. Ela também é vista como prazer e distração, e se faz presente nas várias esferas da vida cotidiana. Isso pode ser entendido como um efeito do discurso renovador da leitura que permeou boa parte das respostas, no que diz respeito às práticas de leitura e

escrita, salientando a importância de formar o aluno que vê com prazer o ato de ler e que o transfere para outros espaços sociais, fazendo uso de suas capacidades.

Este trabalho também pode evidenciar que a leitura, a escrita e a oralidade vão muito além de habilidades a serem desenvolvidas para a aquisição de um conhecimento, servindo não apenas para formar e informar, mas também para resolver situações do cotidiano.

No que se refere à utilização das práticas de letramento foi possível perceber que as crianças utilizam a escrita, principalmente, como formas de registro e comunicação entre pessoas, sendo possível notar também que as novas tecnologias da escrita estão o tempo todo presentes e vêm sendo incorporadas ao universo infantil através do uso do computador e do celular. Saliento, ainda, a diversidade de materiais, práticas, funções e agências com que as crianças convivem como usuárias de nossa língua.

Por fim, deve-se mencionar a visibilidade que ganha o discurso renovador da leitura ao longo das análises das respostas dadas aos questionários, o que acaba por reforçar ainda mais o mito do letramento tendo como consequência um incentivo ainda maior das práticas escolares e sociais de valorização do ato de ler, fazendo com que não só a escola, mas os familiares se envolvam nessa tarefa.

### ***MAPPING SPHERES OF LITERACY: THE HOME AND SCHOOL ENVIRONMENT IN THE INVENTION OF THE READER***

***ABSTRACT:*** *This article aims to discuss the reading social practices of students in the domestic environment and their interactions with the school sphere. From the perspective of literacy studies, itself based on cultural studies, it analyzes the spaces and the bearers of texts that usually populate them, and also discusses the “discourse on reading renewal” which colors the way respondents relate to the subject. The methodological tools used for this research are textual and discursive analysis. The materials collected during the investigation were questionnaires presented to students and their families with enquiries regarding their reading habits and the materials used, primarily in their homes. The results obtained show that the vast majority of the families and children targeted by the study perceive reading as a fundamental tool in forming future citizens, and that many also brought with them the principles that guide the “discourse on reading renewal”.*

***KEYWORDS :*** *Reading. Literacy. Family. Education.*

## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor (Org). **Identidades, sujetos y subjetividades**. Buenos Aires: Trama Editorial, 2002.
- BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. Cultural Studies and Discourse Analysis. In: \_\_\_\_\_. **A dialogue on language and identity**. London: Sage, 2001. p.01-27.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo, SP: Ática, 1977.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de La modernidad**. México:Grijalbo, 1990.
- COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.
- COOK-GUMPERZ, Jenny. **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DALLA ZEN, Maria Isabel. **“Foi num dia ensolarado que tudo aconteceu”**: Práticas culturais em narrativas escolares. 2006. 211f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DALLA ZEN, Maria Isabel; TRINDADE, Iole Faviero. Leitura, escrita e oralidade como artefatos culturais. In: XAVIER, Maria Luiza (org). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, p. 123-134, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. In: \_\_\_\_\_. **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: ASSOEST, 1984. p. 77-92.
- GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 244-270.
- GRAFF, Harrey. **Os labirintos da alfabetização – reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez, 1997.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de La lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LUKE, Allan. Análise do discurso numa perspectiva crítica. In: HYPÓLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando. **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 93-110.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas, União da Vitória: Kayganguê, 2005. p. 17-34.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 19-36.

MATTELART, Armand. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização: construtivismo e desmetodização. In: \_\_\_\_\_. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP/CONPED, 2000. p. 251-292.

RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2004. p.9-32.

SARLO, Beatriz. **Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Textos e diferenças. **Leitura em Revista**, Ijuí, Associação de Leitura Brasil Sul, n.3, p. 19-22, jan/jun. 2002.

\_\_\_\_\_. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 105-128.

\_\_\_\_\_. Leitura e produção textual: novas ideias numa velha escola. In: **Em aberto**. Brasília, Ano X, n. 52, p. 39-51. out./dez.1991.

STREET, Brian. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to *literacy* in theory and practice. In: **Current issues in comparative education**. New York: Teachers College/Columbia University. v.5, n.2, p. 77-91. May. 2003.



*Mapeando esferas de letramento: o ambiente familiar e o escolar na invenção do sujeito leitor*

\_\_\_\_\_. **Social literacies**: critical approaches to *literacy* in development, ethnography and education. London: Longman, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n.23, p. 05-15. maio/ago 2003.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol? In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 09-56.

Recebido em 07/02/2018.

Aprovado em 19/05/2018.



# O JECA DOENTE DE *PROBLEMA VITAL*: MONTEIRO LOBATO E OS HIGIENISTAS DE SÃO PAULO EM 1918<sup>1</sup>

*José Wellington SOUZA\**

**RESUMO:** Neste artigo, trato da relação de Monteiro Lobato com o movimento Higienista-Sanitarista brasileiro e a conseqüente mudança de sua definição sobre o homem pobre do campo, que o levou a publicar diversos artigos em defesa da campanha sanitaria, resultando na edição desses artigos sob a forma do livro *Problema Vital*, de 1918, custeada pela Sociedade Eugênica de São Paulo. A partir de *Problema Vital*, Jeca Tatu não mais desempenhava o papel da figura emblemática que apresentou em *Urupês* (1918), mas passa a ser o resultado de infindáveis doenças tropicais passíveis de serem remediadas pelas práticas de higiene, e a literatura lobatiana abandona o caráter literário realista dos primeiros contos, e assume o cientificismo sanitaria, do qual o autor tornou-se espécie de propagandista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Higienismo. Eugenia.

## Jeca Tatu: o *Sertanejo* de Monteiro Lobato

Segundo Lilia M. Schwarcz (1995), na virada do século XIX para o século XX, diversos questionamentos sobre as possibilidades de constituição do Brasil enquanto Estado-nação sólido e viável tornaram-se pauta entre a classe dominante brasileira. Intelectuais, como Arthur de Gobineau, há muito já vinham proclamando a inviabilidade da nação brasileira, inviabilidade dita como consequência direta

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036900 - josewco@gmail.com.

<sup>1</sup> O presente trabalho faz parte das reflexões desenvolvidas em minha tese *Raça e Eugenia na Obra Geral de Monteiro Lobato* (2017), defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação do Prof. Dr. Dmitri C. Fernandes, e financiada com bolsa de doutorado da FAPEMIG.

da nefasta miscigenação que degenerava a população do país e que teria sido testemunhada pelo próprio autor, na cidade do Rio de Janeiro, durante o breve período em que viveu no Brasil. A sentença de Gobineau era seguida de perto por outros intelectuais, como, por exemplo, Henry Thomas Burkle, que considerava a civilização nos trópicos impraticável, devido às condições climáticas, por Louis Couty, que via na colonização do Brasil pelos africanos a fonte de todos os males do país e que propunha a emigração de colonos europeus como a única solução para a nação, e Louis Agassiz, para quem o Brasil era a prova concreta das consequências disgênicas da miscigenação (SKIDMORE, 1976; STEPAN, 2005).

A problematização do que se convencionou chamar de questão racial, logo tomou a forma de discussões sobre eugenia e disgenia racial, em todas as suas variedades, e reverberou por toda produção intelectual em solo brasileiro, aparecendo de forma privilegiada na literária de Monteiro Lobato, em especial em seus escritos não direcionados às crianças, ao ponto do autor poder ser selecionado como o intelectual adequado para servir de base para um estudo sobre tal fenômeno.

Desde o início de sua produção literária, Monteiro Lobato apresentou uma posição ambígua e vacilante quanto à questão racial, com diversas alterações nos sentidos dados ao termo raça, e nas conclusões derivadas desses sentidos dado ao termo, ao longo das décadas nas quais escreveu sobre o tema e tentou definir a relação entre a constituição fisiológica do homem brasileiro e a repercussão deste homem no futuro da nação.

As preocupações de Lobato sobre a problemática racial já aparecem nas cartas do autor quando este ainda era estudante de direito, numa argumentação que, de certa forma, o coloca como herdeiro da chamada geração de 1870, tendo Lobato encampado posições apresentadas por Sílvio Romero (1954), especialmente sobre Euclides da Cunha. Ainda nos primeiros anos da década de 1910, Lobato reelabora questões raciais advindas da obra de Euclides para definir a condição das sub-raças<sup>2</sup> esquecidas pela recente República, e trata do drama do caboclo do Vale do Paraíba nos contos que mais tarde fariam parte da coletânea *Cidades Mortas* (1919/ 2010), que embora lançada em 1919 trazia artigos datados de 1904 e 1905 (LOBATO, 1944/1972), nos artigos *Urupês* e *Velha Praga*, inicialmente publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1912, e mais tarde lançados na primeira coletânea do autor *Urupês*, de 1918, e principalmente nos contos escritos entre 1914 e 1917 que compõem este primeiro livro do autor (LOBATO, 1944/1972). É especialmente em *Urupês*, que o autor retomar algumas concepções do homem sertanejo, com certo cunho racial, apresentadas por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902/1905).

---

<sup>2</sup> Não no sentido de raças inferiores, mas no sentido de variações raciais ainda não completamente definidas e desprendidas das raças, ou misturas raciais, de onde se originam.

Euclides foi um autor muito admirado por Lobato, tanto que em 1907, estando na cidade de Areias, o autor escreveu em uma de suas correspondências a Godofredo Rangel, com indisfarçável entusiasmo, relatando ter dormido no mesmo quarto de pensão que havia abrigado Euclides da Cunha. Sobre suas impressões a respeito da cidade de Areias, Monteiro Lobato ainda escreveu, talvez impressionado pela passagem de Euclides da Cunha por ali, “Areias, Rangel! Isto dá um livro a<sup>3</sup> Euclides” (LOBATO, 1944/1972, p. 93).

Anos mais tarde, Monteiro Lobato escreveu o artigo “*Euclides, um gênio americano*” (1933/1968), onde materializa sua admiração por Euclides e o compara a gênios literários universais:

Gênios como Euclides não merecem fins de vida sórdidos. São explosões da Natureza - e devem acabar em explosões. Fiquem para nós outros, “medepalmos”, a “aposentadoria” com seus reumatismos, seus pigarros, sua imbecilidade caquética. O premio de Nietzsche foi à loucura. O premio de Shelley foi o afogamento. Num mundo mais mecanizado, como o nosso, está muito bem que o premio de Euclides haja sido uma bala de parabelum no peito (LOBATO, 1933/1968, p. 255).

As inquietações estilísticas de Monteiro Lobato de 1907 até 1917, expostas em suas cartas a Godofredo Rangel, também dão impressão quase palpável de que o objetivo de Monteiro Lobato era mesmo escrever “um livro a Euclides”, o que também pode ser percebido na concepção racial que Lobato assume em seus primeiros escritos, (concepção que numa primeira leitura nos passa a impressão de imprecisão, dada a variedade de fatores (como clima, economia, condições históricas etc.) envolvidos em sua definição, mas que definitivamente não podem ser reduzidas a questão da mestiçagem como fazem autores como Skidmore, (1976) e Schwarcz (1995), para citar os destacados<sup>4</sup>, tendo o próprio Jeca Tatu, personificação máxima do tipo humano-literário elaborado por Lobato, sido formado sobre os construtos simbólicos que Euclides havia cunhado para o tipo-literário que criou, o Sertanejo.

As semelhanças entre os dois tipos literários tornam-se explícitas se tomarmos a descrição que Monteiro Lobato faz de seu caboclo e a sobrepormos à certas passagens de *Os Sertões*, o que se dá especialmente nos trechos, nos quais os autores definem o homem do sertão, em sua dinâmica corporal, segundo seu tipo-literário, o que talvez poderíamos designar, mais sociologicamente, como sendo seu *ethos*.

Lobato descreve seu caboclo:

<sup>3</sup> Mantenho aqui, como em outras ocasiões, a acentuação original da obra citada.

<sup>4</sup> A complexidade do pensamento racial em Monteiro Lobato no período em questão não pode ser resumida aqui. Sobre esse tema a obra de Araujo (2005) é bastante instrutiva. O mesmo que aplica ao pensamento racial de Euclides da Cunha, que por si só merece um trabalho à parte.

O caboclo continua de cocoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferroteada o põe de pé.

Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se. [...].

Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d'esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

— “Não vê que...”

De peou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não ha de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para “esquentá-lo”, imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foíce, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Ha de ser de cocoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cocoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de tres palmitos (LOBATO, 1918/1951, p. 244-245).

O que se assemelha muito do que foi dito por Euclides sobre o sertanejo:

Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. **E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cocaras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável** (CUNHA, 1902/1905, p. 114-115) [grifo meu].

A constatação de que Lobato teria escrito *Urupês e Cidades Mortas* “a Euclides” não é inédita, e já foi efetivada por Luciana Meire da Silva (2013). Segundo a autora, a forma de pensar o homem rural presente em Lobato foi amplamente fundamentada sobre escritos euclidianos, e:

Neste sentido, não podemos deixar de observar no conto “Cidades Mortas”, escrito em 1906, ressoam influências dos artigos “Fazedores de Deserto” e “Entre Ruínas”, de Euclides da Cunha, escritos em 1901. Talvez pudéssemos dizer, nesse primeiro momento, Monteiro Lobato “imitava” o verbo euclidiano, a começar

pelo título, a linguagem e o significado da expressão “cidades mortas” muito próxima dos títulos dos artigos de Euclides da Cunha (SILVA, 2013, p. 44- 45).

Em seu trabalho, Silva (2013) ainda chama a atenção para um artigo escrito por Euclides sobre o decadente Vale do Paraíba, em que se critica o uso esterilizante que se fazia da terra naquela região, e que em muito se assemelha ao que posteriormente foi escrito por Monteiro Lobato sobre o interior paulista do início do século passado. De acordo com Silva (2013):

No artigo “Fazedores de Deserto”, Euclides da Cunha critica veementemente a crise agrária na região do Vale do Paraíba, e entende que o que a produziu foi o ataque à terra de forma irracional, por parte dos aborígenes, dos bandeirantes, dos sertanejos e dos fazendeiros, prática de queimadas das matas, devastadora e a deixara estéril e degradada, com a argila árida revolvida a céu aberto: “tais selvatiquezas atravessaram toda a nossa história”. Euclides critica a agricultura extensiva, pois não permitia períodos de descanso às terras, para reposição do húmus tonificante, era uma atividade predadora ao meio ambiente produtora de infertilidade e irracional porque se constituía em um entrave ao progresso nacional (SILVA, 2013, p. 47).

E mais adiante, a autora destaca outro artigo de Euclides da Cunha sobre a mesma região:

No artigo “Entre as Ruínas”, Euclides chama a atenção para o estado de decadência e pobreza da região do Vale do Paraíba, ela se destacara no passado como “o cenário predileto da nossa história”. Observa no presente a região se compõe de “traços expressivos de grandezas decaídas”, um lugar desabrigado e pobre. Euclides reclama da devastação da natureza expressão do apogeu do café, porque os pés do precioso grão estão lá: “cafezais de 80 anos, ralos e ressequidos”. Os antigos caminhos percorridos pelos escravos na lida com os cafezais atestam as “grandezas decaídas”, as moradias humildes e esparsas são a imagem do declínio, e os morros desnudos de vegetações, vitimados pelos desmatamentos, com as correntezas das águas das chuvas se enfraquecem porque o solo é levado pelas águas, provoca os desmoronamentos das encostas, processo que acelera o empobrecimento do solo. Nota, ainda, a monotonia do horizonte descampado sem a exuberante natureza (SILVA, 2013, p. 48-49).

Mas, as similaridades entre os autores vão além, e a mesma causalidade multifatorial que envolve em um mesmo complexo, noções muitas vezes pouco

definidas, de variáveis sociológicas, raciais, climáticas e econômicas que se apresentam na obra de Euclides, são replicadas em Lobato, quando este produz uma problematização literária da personagem do homem caipira, também multifatorial e notadamente sociológica, que o aproxima das construções do realismo moderno, sendo que muito da configuração de seu homem sertanejo (somada à rejeição do autor ao indianismo romântico), pode ser compreendida pelo conceito de **criaturidade** elaborado por Auerbach, conforme afirma Souza (2017).

Lobato apontava, como causas do atraso e do subdesenvolvimento da região, o café e a economia baseada na monocultura, bem como a estagnação das coisas e dos seres, e considerava a existência de uma **unidade de estilo** que se estabelecia na relação de **harmonia** entre o tipo humano e o **meio**, de forma muito parecida àquela que Auerbach (2009) diz ser própria do realismo moderno, cujo exemplo mais obvio aparece em Balzac que, curiosamente era um dos autores preferidos de Monteiro Lobato.

Sobre a forma que Balzac constrói seu realismo, Auerbach (2009) escreve:

Não parece existir uma ordenação consciente das diferentes retomadas dos motivos da harmonia, assim como não parece que Balzac tivesse seguido um plano sistemático na descrição da aparência de Mme Vauquer; a sequência das coisas mencionadas – cobertura da cabeça, penteado, chinelos, rosto, mãos, corpo, novamente rosto, olhos, corpulência, saiote – não permite reconhecer qualquer traço de composição; também não é indicada nenhuma separação entre roupa e corpo, nem entre um traço físico e o seu significado moral. A descrição toda, até o ponto em que a consideramos, dirige-se para a fantasia mimética do leitor, às imagens lembradas de pessoas semelhantes e de meios semelhantes, que ele possa ter conhecido. A tese da “unidade de estilo” do meio, na qual são também incluídos os seres humanos não é fundamentada racionalmente, mas é apresentada como um estado de coisas imediatamente apreensíveis, de maneira puramente sugestiva, sem provas. Numa frase como esta: *ses petites mains potelées, sa personne dodue comme un rat d`église... sont en harmonie avec cette salle où suinte le malheur...et dont Mme Vauquer respire d`air chaudement fétide...* pressupõe a tese da harmonia, com tudo o que traz consigo (significação sociológico-moral dos móveis e das peças de vestuário, possibilidade de determinar os elementos ainda não visíveis do meio a partir dos que já foram dados etc.) (AUERBACH, 2009, p. 421).

A tese da “unidade de estilo” ressoa em Lobato, e toma uma forma figurativa de *Tapera*. A tapera na obra de Lobato é o efeito das “cidades mortas”, “dessa coisa chamada interior”, do “nosso progresso nômade”, que suga a seiva da terra, e parte, deixando atrás de si um “rastilho de tapers”. Mas, embora nomeie essa “condição”:



Lobato não distingue as barreiras entre a tapera nas coisas e a tapera nas almas, sendo que uma vem implicar em outra. A tragédia oriunda de causas materiais que se abate sobre as personagens e que levam à “taperização das almas” repercute sobre as condições materiais, levando ao ruir da casa e ao abandono do terreiro às pragas e ao mato. Esse terreiro é tomado por Lobato como sinônimo de mente ou intelecto, o qual pode ser cultivado ou, por outro lado, tomado pelo mato, “com pés de jóas, erva de Santa Maria, cordão-de-frade e guanxumas no terreirinho outrora tão limpo” (SOUZA, 2017, p. 55).

Tal apropriação criatural e realista do homem rural, cristalizado no Jeca Tatu, foi, entretanto, deixada de lado por Lobato quando ele se filiou ao Movimento Sanitarista e passou a estabelecer que a doença era o elemento explicativo fundamental da condição trágica do caboclo. A disgenia da raça, causada por fatores sociais e ambientais, de acordo com a genética francesa neolamarckiana, passa ser a chave de leitura para explicar o caboclo e, de forma mais ampla, o homem pobre do campo.

## Lobato e os higienistas

Lançado pela primeira vez em 1918, o livro *Problema Vital* traz uma série de artigos nos quais Monteiro Lobato elogia o movimento sanitarista no Brasil. Em sua reedição de 1968, em *Obras Completas de Monteiro Lobato, (lançado junto de Mister Slang e o Brasil e Problema Vital)* uma nota de esclarecimento denota a profundidade das relações que o autor havia travado com os responsáveis pelo movimento eugenista no Brasil. Segundo a nota, a 1ª edição deste livro é de 1918 e trazia o seguinte esclarecimento: “Artigos publicados n’O Estado de São Paulo, e enfaixados em volume por decisão da “Sociedade de Eugenia de S, Paulo” e da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”. (LOBATO, 1918/1927/1968, p. 221)<sup>5</sup>.

A ligação de Monteiro Lobato com os higienistas de São Paulo, que levou a produção e publicação dos artigos que compõem *Problema Vital* coincide com a época em que Monteiro Lobato tornou-se editor em São Paulo, quando procurava se inteirar dos movimentos políticos e sociais da cidade (CAVALHEIRO, 1962), e ao aproximar-se do higienismo, levado a cabo por médicos empenhados em uma campanha que visava o controle de doenças e que, segundo acreditavam, incapacitavam o homem brasileiro de fazer do Brasil uma grande nação, que só seria possível com uma população nacional eugênica, Lobato passou a fazer parte de um dos grandes projetos de reforma política na Primeira República, conforme

<sup>5</sup> A acentuação reproduzida nas citações segue a gramática oficial da época de lançamento das obras.

Nancy Stepan considera ter sido o movimento Higienista no Brasil (STEPAN, 2005).

Antes de tratar da relação de Lobato com o movimento higienista brasileiro, entretanto, é preciso desfazer alguns equívocos quanto a sua constituição e propósito, muitas vezes reduzido à sua vertente darwinista e mais que isso, à versão que o nazismo fez do pensamento eugenista. Um exemplo do uso inadequado do termo pode ser encontrado no artigo de Eisenberg, Feres Junior e Nascimento (2013), no qual os autores tratam o racismo em Monteiro Lobato. Segundo a definição dos autores:

Eugenia, palavra que em grego significa “bem nascer”, é uma ideologia que tem como base o projeto do melhoramento racial da espécie ou de grupos humanos por meio de seu controle reprodutivo, manipulando características fenotípicas, genéticas e psicológicas para tal fim. Historicamente influenciada pelo evolucionismo surgido na segunda metade do século XIX, particularmente o darwinismo social, tal ideologia atingiu grande popularidade na Europa e nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, e foi também recebida no Brasil. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, e a derrota do projeto eugenista nazista, perdeu grande parte de seu apelo. Para a história geral dessa doutrina ver Carlson (2001). Para sua recepção no Brasil, ver Stepan (1991). (EISENBERG; FERES JUNIOR; NASCIMENTO, 2013, p. 101).

Entretanto, segundo a Nancy Stepan (2005), a eugenia defendida pelo movimento higienista em voga no Brasil daquele período estava baseada numa biologia neolamarckiana, uma teoria sobre a hereditariedade derivada da teoria lamarckiana, e que considera a possibilidade de que caracteres adquiridos ao longo da vida pelos progenitores pudessem ser transmitidos aos descendentes. Nessa perspectiva, nutrir e curar uma geração adoentada pode favorecer as novas gerações e, conseqüentemente, melhorar a raça, promovendo a eugenia, o que a diferenciava radicalmente da concepção de hereditariedade genética weismann-mendeliana, concepção biológica segundo a qual o meio não interferia na carga genética do indivíduo, cujas características eram racialmente determinadas. De acordo com Stepan (2005) é notável a predominância entre os higienistas brasileiros da vertente biologicista francesa, e conseqüentemente das teorias eugenistas neolamarckianas, em detrimento do tipo de eugenia “germânica” ou eugenia “anglo-saxã” de base mendeliana, o que segundo a autora fazia uma grande diferença:

(...) os eugenistas brasileiros baseavam sua eugenia não na concepção mendeliana da genética, a estrutura dominante na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na

Alemanha, mas em uma corrente alternativa de noções neolamarckianas de hereditariedade. Esse estilo de eugenia refletia conexões científicas de longa data com a França, bem como fatores mais locais de cultura política; ajudava também a estruturar os debates sobre degeneração e determinava como a nova genética e as ciências do saneamento interagiram de forma inovadora na “eugenia” (STEPAN, 2005, p.14).

As conseqüências mais evidentes do predomínio da vertente neolamarckiana entre os brasileiros foram à constituição das políticas de saneamento e higienização, uma vez que estas eram tidas como formas legítimas de promover a eugenia, sendo esse termo considerado sinônimo da política higienista, entre os profissionais de saúde nacionais.

Daí, por exemplo, a insistência de Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, em dizer que “sanear é eugenzar”. Ele afirmava que saneamento era a mesma coisa do que algumas pessoas chamavam eugenia, (...) apesar de a palavra “eugenia” ser “cientificamente” melhor. Ele próprio fazia a correspondência entre as duas da seguinte maneira: “Saneamento-eugenia é ordem e progresso” (STEPAN, 2005, p. 93).

Dessa forma, a exemplo do que aconteceu na França, houve no Brasil atuações de organizações em prol do saneamento, movimento de forte vertente nacionalista que via em suas ações as bases de constituição de uma nação civilizada. Nesse sentido, Stepan (2005) argumenta que:

(...) a eugenia lamarkiana conquistou aliados no movimento em prol do saneamento rural, como Belisário Penna, cuja longa viagem a cavalo, em 1912, entre as populações doentes dos estados do Nordeste brasileiro fez com que encetasse uma cruzada em prol da saúde rural. Como sogro de Kehl, que veio a ser, a adesão de Penna foi extremamente útil e estratégica para a eugenia, permitindo-lhe conquistar o apoio dos higienistas que pensavam como ele. Outros aliados foram recrutados entre as ligas nacionalistas e pró-saneamento que brotaram no Brasil antes e depois da Primeira Guerra Mundial. As relações de seus respectivos membros e os estilos e discursos da Liga Nacionalista de São Paulo e da Sociedade Eugênica de São Paulo tinham consideráveis superposições (STEPAN, 2005, p. 98).

É importante notar que durante a República Velha, especialmente a partir da publicação de *Os Sertões* (1902/1905) de Euclides da Cunha, as condições

precárias dos homens do sertão apareceram como um dos maiores desafios para a viabilidade nacional, transformada em preocupação médica, principalmente após a expedição exploratória de Miguel Pereira e Belisário Penna, cujos resultados foram publicados em artigos de jornal e mais tarde encadernados no livro *Saneamento do Brasil*, de Belisário Penna (1918/1923). Tal diagnóstico ressoava ainda pelas vozes de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Álvaro Osório de Almeida, Belisário Penna e Arthur Neiva, alguns dos homens mais relevantes para a República (STEPAN, 2005).

Dentre os higienistas, Lobato parece ter tido maiores contatos e afinidades com o médico Renato Kehl, que após clinicar em São Paulo por alguns anos, aproximou-se do Movimento Sanitarista e da eugenia. Foi Kehl quem fundou, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo, e foi também responsável por diversos boletins, livros e panfletos, nos quais divulgava e discutia os princípios da eugenia.

A consideração de Lobato por Kehl ficou registrada em uma carta escrita por Lobato em 1918, cujo trecho reproduzo a seguir:

Acabo de ler sua conferência sobre eugenia, lida na A. C. de M. e confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular (LOBATO, 1918 apud HABIB, 2007, p. 1).

Não podemos perder de vista, entretanto, que a conversão de Lobato ao movimento higienista não se limitou apenas a afinidade pessoal ou ideológica com os médicos eugenistas. Ao escrever sobre o sanitarismo, Lobato conseguiu ter acesso a um público leitor formado por médicos e outros profissionais de saúde, assim como conquistou o patrocínio para a publicação de *Problema Vital*, e pode compartilhar do prestígio social alcançado pelos sanitaristas à época.

Deu-se então uma grande virada no pensamento racial de Monteiro Lobato, que então assumiu uma clara perspectiva racialista, só que em termos neolamarckianos, que para Lobato passaram a explicar os danos causados pela doença de Chagas e outras moléstias que corroíam os indivíduos, e que passaram a explicar o “porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfibrados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz. [E concluía] Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesmas de Jeca Tatu” (LOBATO, 1918/1968, p. 305-306), e da mesma forma pôde fazer a famosa afirmação de que “O Jeca não é assim: *está* assim”.

## Um microscópio sobre o Problema Vital

Após afirmar o estado transitório do Jeca, o primeiro artigo que aparece em *Problema Vital* (LOBATO, 1918/1968) e *A ação de Osvaldo Cruz* (LOBATO, 1918/1968), Lobato critica o ufanismo ingênuo da elite brasileira, pautado na “tríplice miragem”, que teria como alicerces as seguintes afirmações: a de que “somos um dos povos mais inteligentes e sensatos do Mundo”, somadas a de que “Somos o país mais rico do mundo” (Lobato, 1918/1968, p. 223) e de que “O Brasil é o único país que, além do Japão, jamais foi vencido em uma guerra...”. Após essas pontuações, Lobato restringe o alvo ao campo literário e aos poetas responsáveis por apreçoar as maravilhas da terra materna, fazendo críticas muito parecidas às feitas contra o escritor romântico que descrevia o Brasil de forma idílica e desprovida de realismo, conforme o fizeram, segundo a crítica Lobatiana: “Cardumes de poetas menores - desses para quem em sua republica Platão Legislava: Coroai-os de rosas e expulsai-os – por sua vez puseram em verso a grande ilusão, de modo a perpetua-la pela mnemônica da rima e do metrona cabeça fraca do povo” (LOBATO, 1918/1968, p. 224).

Adiante, o autor comenta as supostas maravilhas de nossa pátria sob os prismas literários ufanistas:

Riqueza. Te-la no seio da terra, no azoto do ar, nas essencias florestais, na literatura côr de rosa e não te-la sonante no bolso, é ser nabado á moda do chinês em transe megalomaniaco se sonho d’opio. A noção economica de riqueza, desde Adam Smith, é um pouquinho diversa – a mesma diversidade que vai da *palavra* libra-esterlina á *rodinha* amarela chamada libra-esterlina (LOBATO, 1918/1968, p. 225).

Após apontar as críticas, Lobato aponta a nomeação de Osvaldo Cruz para chefe da higiene no Rio de Janeiro como marco para a reconstrução do Brasil. Com ele, teria vindo para o país a ciência moderna de Pasteur e da microbiologia. Sem pudores, Lobato elogia a ação dos cientistas sediados em Manguinhos (Belisário Pena, Carlos Chagas e Arthur Neiva) e a revolução do microscópio, o qual poderia livrar o Brasil de suas mazelas. Por fim, apresenta o livro de Belisário Penna, *O Saneamento do Brasil* (1918/1923), como marco denunciador de um Brasil esquecido:

(...) voz de sábio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento, e grito de indignação dum homem de bem contra a ftiríase organizada em sistema político que roi com fúria acarina o pobre organismo inanime (LOBATO, 1918/1968, p. 229).

O artigo seguinte é intitulado *Dezessete milhões de opilados* (LOBATO, 1918/1968). Segundo os dados apresentados no texto, de uma população de 25 milhões de habitantes, 17 milhões sofriam de ancilostomose. Lobato explica superficialmente (em um texto claramente direcionado para leigos) as características fisiológicas e reprodutivas dos vermes causadores do popularmente chamado “mal da terra” ou amarelão. Depois de descrever o verme e sua ação, compara-o (em um breve adendo) a um parasita que se acosta em ócio ao Estado, para sorver o **sangue-dinheiro elaborado pelas classes produtoras** (LOBATO, 1918/1968, p. 232). Descreve os efeitos maléficos do verme no organismo, da anemia, do prejuízo sobre o “tonus vital”, a inclinação “ao vício da cachaça, lenitivo a que recorre para combater a permanente sensação de frio que o desequilíbrio sanguíneo acarreta” (LOBATO, 1918/1968, p. 223).

Lobato faz um curioso jogo duplo que tende a se repetir nos artigos seguintes, a crítica ferrenha à produção literária brasileira de cunho não realista, com seus heroicos sertanejos, crítica semelhante a que fez nos contos que compõem *Urupês*, embora sem a profundidade criatural que havia dado ao drama do caboclo, que em *Problema Vital* é reduzido ao drama do sertanejo opilado.

Ademais, segundo as teorias defendidas por Lobato, de que adiantariam problematizações sociológicas sobre as condições de existência do homem do campo chamado de caboclo, assim como as propostas políticas da época de revisão constitucional, o voto feminino, o serviço militar obrigatório ou as reformas parlamentaristas se a guerra definitiva pelo futuro do Brasil era travada em fantásticos combates micro-orgânicos?

Lobato também trata como secundária a questão da imigração para o Brasil, questão elencada por Thomas E. Skidmore (1976, p. 154-162) como ponto central para os intelectuais brasileiros que pretendiam branquear a população brasileira, num projeto chamado pelo brasilianista de tese do branqueamento. Lobato, entretanto, alheio ao que afirma Skidmore (1976) sobre demais intelectuais do período, não apresenta a imigração como solução definitiva para o problema racial brasileiro, uma vez que a falta de trabalhadores aptos é tida por ele como produto de infecções parasitárias que desconhecem fronteiras raciais. O problema, para Lobato, era outro.

É que os braços estão aleijados.

Há-os de sobra, mas ineficientes, de músculos roídos pela infecção parasitaria. O que obriga a lavoura ao ônus indireto de importar músculos europeus, ou chineses, ou japoneses - o que haja, contanto que seja carne sadia e não fibras em decomposição.

Entretanto, a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem a dará é a higiene (LOBATO, 1918/1968, p. 242-243).

Por fim, Lobato conclui que, mais do que qualquer outra coisa, é preciso sanear o Brasil. No artigo subsequente, é apresentada a última doença a devastar o país: *Dez milhões de impaludados*.

O Brasil é o país mais rico do mundo, diz com entono o Pangloss indígena. Em parasitos hematófagos transmissores de molestias letais – conclui Manguinhos.

E é. Não bastasse o anciolostomo. Não bastava o barbeiro. Vem completar a trindade infernal a anafelina, mosquito que veicula o hematozoario de Laveran, pai da Malária (LOBATO, 1918/1968, p. 247).

Repetidamente, Lobato critica a posição da elite brasileira, especialmente por parte dos literatos ufanistas que retratam o Brasil como um paraíso nos trópicos, mas não aponta a multiplicidade racial como a responsável pela condição deplorável do povo brasileiro. Os trechos que seguem nos indicam outro caminho:

O quinto país do mundo em tamanho a cair aos pedaços, de verminosa lazeira, vendo, ao norte, o maravilhoso surto americano, e ao sul, a pujante floração argentina. E para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasílico, com a consciencia<sup>6</sup> de que desmedrou arrastado por males evitáveis e de facil cura. Males de que todos os paises de mesologia semelhante se libertaram pela profilatica inteligência, com lentidão uns, com rapidez fulgurante outros.

Aí está Cuba, a pobre ilha degradada em rápida consumpção por molestias irmãs as nossas e que em poucos anos, ao influxo da higiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos (LOBATO, 1918/1968, p. 257).

Higiene e sanitarismo são, portanto, o eixo que coordena os textos escritos por Lobato nesse período, assim como são a solução para a raça (no singular) corroída pela fome e pelos vermes.

Ao considerar os problemas raciais como flagelos referentes ao grande número de doentes nos sertões, Lobato estabelece uma nova plataforma para a discussão racial no Brasil, e passa ao problema como sanitário-racial, por meio de uma perspectiva biológico-racial até então inédita:

Imagine-se agora que a ação desses parasitas é ininterrupta, começa na infancia e prolonga-se até á morte.

As lesões que eles praticam nas paredes intestinais, ulcerando-as, funcionam como outras tantas portas abertas ao livre transito das toxinas.

---

<sup>6</sup> Lembro ao/a leitor/a que a “ausência” de acentuação se deve as regras gramáticas observadas na edição citada.

O pai dessa pobre criatura já foi um bichado, como o foi o avô e o bisavô. Deles recebeu ela uma vitalidade menor, uma tonicidade orgânica decaída, um índice de defesa natural. E por sua vez transmitirá ao filho a má herança acrescida funestamente da sua contribuição pessoal de degenerescência, consecutiva à continuação do trabalho do verme em seu organismo.

Isto explica porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfiados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz.

**Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu.** É um longo e ininterrupto estado de doença transmitida de pais a filhos e agravado dia a dia.

Examinando-lhe o sangue, assombra a pobreza em hemoglobinas: não é mais sangue o que lhes corre nas veias, senão um aguado soro. E nessa suja, para remate dos males, ainda vem aboletar-se o protozoário da malária... (LOBATO, 1918/1968, p. 305-306) [grifo meu].

Definitivamente, nos textos de *Problema Vital* a degenerescência em questão se trata da degeneração da raça em sua totalidade, e não das sub-raças substancialmente deterioradas pela mestiçagem. A raça dos grandes desbravadores bandeirantes é, segundo Lobato, a mesma do Jeca Tatu, deteriorada pela doença e pelas verminoses, e a degenerescência racial se dá a partir da transmissão hereditária de tonicidade e vitalidade insuficientes – de um “bisavô bichado” para um “avô bichado” e assim sucessivamente –, déficits devidos às infecções parasitárias adquiridas e transmitidas, somada à própria degenerescência do indivíduo.

“Não é a raça”, não no sentido darwinista ou mendeliano, a responsável pela decadente condição física e mental do indivíduo; mas é a raça no sentido de características assimiladas e legadas aos descendentes, ou seja, a raça no sentido neolamarckiano do termo.

O último texto que compõe *Problema Vital* é *Jeca Tatu: a ressurreição*, o qual, como o título sugere, demonstra a possibilidade de ressurreição do Jeca, que representa a ressurreição potencial da raça. *A Ressurreição* começa por descrever o Jeca e as condições de vida que o cercam:

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé (...) passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa (LOBATO, 1918/1968, p. 329).



O Jeca Tatu de *Problema Vital* é uma espécie de bricolagem das personagens apresentadas em *Urupês*. A economia extrativista, o banquinho de três pernas, a espingardinha de carregar pela boca e o cachorrinho magro e cheio de bernes a acompanhar o dono bêbado reaparecem aqui para definir o Jeca e seu modo de vida. Apesar disso, não é o **meio** descrito que é simultaneamente causa e consequência da desgraça do caboclo, como acontece nos contos de *Urupês*, mas um problema de saúde pública, pois o Jeca é, antes de tudo, um doente. E assim segue, até que:

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

\_ Amigo Jeca, o que você tem é doença.

\_ Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.

\_ Isso mesmo. Você sofre de anquilostomíase (...) (LOBATO, 1918/1968, p. 331-332).

Uma vez diagnosticado o mal que afligia o Jeca, o doutor, membro individual do corpo coletivo dos sanitaristas, receita o remédio e a técnica que livraram o pobre homem da miséria.

O doutor receitou-se o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”[...].

Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. (LOBATO, 1918/1968, p. 332).

E o Jeca curado faz uso das técnicas da “Nhá Ciência” para manter-se saudável, produtivo e empreendedor.

Quando o doutor reapareceu, Jeca estava bem melhor, graças ao remédio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas.

\_ Veja, são Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais anquilostomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos (...) (LOBATO, 1918/1968, p. 333).

[...]

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

\_Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

\_Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos assombrado.

\_E não é que é mesmo? Quem “haverá” de dizer!...

\_ Pois é isso, são Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a ciência disser.

\_ Nunca mais! Daqui por diante Nhá Ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem p’ra remédio... (LOBATO, 1918/1968, p. 333-334).

Salvo de todos os males, mas destituído da complexidade socioeconômica que o constituem na vida, o caipira é definitivamente salvo pela técnica médica e higienista. Ao deixar de duvidar da ciência, e começar a medicar-se e tomar medidas profiláticas como o uso de botinas, o Jeca ressurge, como que renascendo de suas próprias cinzas, na forma de um novo ser social capaz de proezas até então inimagináveis.

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. (...) Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires (...) consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves (...) (LOBATO, 1918/1968, p. 334).

E livre das doenças que o consumiam, graças aos medicamentos e as técnicas de higiene, o Jeca acaba por transmutar-se em dedicado trabalhador e, por fim, em empreendedor e empresário capitalista.

(...) Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra.(...).

E Jeca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

\_ Mas para que tanta roça, homem? Ele respondia:

\_ É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel... (...) (LOBATO, 1918/1968, p. 336).

Por fim, o Jeca norte-americaniza-se em um processo pelo qual as complexidades culturais, históricas e econômicas das civilizações norte-americana e brasileira são reduzidas a estereótipos que, em última instância, são determinados por causas biológicas, de forma que o homem biologicamente saudável, livre dos elementos patogênicos, se transforma, naturalmente, no homem economicamente fordista:

Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! fon-fon!...

As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês (LOBATO, 1918/1968, p. 337).

[...]

A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraía todo o galinhamo...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio. (LOBATO, 1918/1968, p. 338-339).

O ápice dessa peça de propaganda se dá quando, no parágrafo XVII, já rico e estabelecido, o Jeca retribui o bem que lhe foi feito pela “Nhá Medicina”, montando Postos de Maleita e Postos de Anquilostomose na fazenda e nas vilas. Dessa forma, enfatiza claramente que a campanha sanitarista é a maneira verdadeiramente patriótica de se salvar o Brasil, assim como destaca o dever do cidadão de contribuir para essa campanha. Fica clara, nesse ponto, a submissão do campo literário e do autor ao polo dominante das políticas públicas sanitaristas, das quais era quase um porta-voz (LOBATO, 1918/1968, p. 339-340).

## Considerações finais

Por fim, é importante ressaltar que a afinidade existente entre Lobato e os sanitaristas, originada na mesma visão que esses tinham da condição do homem do campo e do Sertão, esteve pautada na adesão de Lobato às posições dos médicos sanitaristas que se redobravam em avaliações literárias sobre o homem do campo, sobreposição reafirmada por autores que estudam diretamente a história do sanitarismo no Brasil, como, por exemplo Lima e Hochman (2000):

Os médicos Belisário Penna e Arthur Neiva ressaltam o contraste entre a retórica romântica sobre o caboclo e o sertanejo e o que observam e relatam. A descrição real era de um povo ignorante, abandonado, isolado, com instrumentos primitivos de trabalho, desconhecendo o uso da moeda, tradicionalista e refratário ao progresso. Esse quadro de isolamento era responsável pela ausência de qualquer sentimento de identidade nacional. Um povo que desconhecia qualquer símbolo ou referência nacional, ou melhor, “a única bandeira que conhecem é a do divino” (NEIVA; PENNA, 1916 *apud* LIMA; HOCHMAN, 2000, p. 500).

Nesse processo, fazendo frente ao entusiasmo dos românticos em relação à figura do caboclo, Monteiro Lobato deu maiores cores à falta de saúde deste, nos artigos que compõem *Problema Vital* –, apesar de, no processo, reduzir parte considerável da complexidade da condição social do homem abandonado no interior decadente de São Paulo, presentes em sua obra precedente.

### **SICK JECA IN PROBLEMA VITAL: MONTEIRO LOBATO AND THE HYGIENISTS OF SÃO PAULO IN 1918**

**ABSTRACT:** *In this paper, I deal with the relationship between Monteiro Lobato and the Brazilian Hygienist-Sanitarian movement, as well as the consequent change in the author's definition of the poor country man. This relationship led him to publish several papers supporting the sanitary campaign, finally resulting in the collection of these articles under the title Problema Vital, which appeared in 1918, and whose publication was financed by the Eugenic Society of São Paulo. Starting with Problema Vital, Jeca Tatu ceased playing the role of the emblematic figure he appeared as in Urupês (1918), becoming instead the result of endless tropical diseases that could be remedied by hygienic practices. From thence, Lobatian literature abandons the literary realism characteristic of its first stories, and adopts sanitary scientism, of which the author became a sort of propagandist.*

**KEY WORDS:** *Literature. Hygiene. Eugenics.*

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. São Paulo: Editora 34, 2005.

AUERBACH, Erich. **Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. Rio de Janeiro- São Paulo: Laemmert & C. 1905. [1902].

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato, Vida e Obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962. 2v.

EISENBERG, Zena Winona; FERES JUNIOR, João; NASCIMENTO; Leonardo Fernandes. **Monteiro Lobato e o Politicamente Correto**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, pp. 69 a 108, 2013.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato.(1914-1926)**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, – São Leopoldo, 2007.

LIMA, N. T.; HOCHMAN, G. **Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país**. Ciência & Saúde Coletiva, v.5 n°2, pp, 313 a 332, 2000.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_, **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Globo, 2010. [1919].

\_\_\_\_\_, **Na Antevéspera**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968. [1933].

\_\_\_\_\_, **Mister Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1968. [1927]; [1918].

\_\_\_\_\_, **Urupês**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1951. [1918].

PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1923. [1918].

SILVA, Luciana Meire da. **O Brasil Rural nas obras de Monteiro Lobato nas décadas de 1910 a 1930**. 2013. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2013.

SOUZA, José Wellington de. **Raça e Eugenia na Obra Geral de Monteiro Lobato**. 2017. 177 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

ROMERO, Silvio. **Contos Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia: Raça, Gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Recebido em 22/01/2018.

Aprovado em 19/05/2018.

## A ERA DAS INDEPENDÊNCIAS NA OBRA DE AHMADOU KOUROUMA

Adalberto Gregório BACK\*  
Kedrini Domingos dos SANTOS\*\*

**RESUMO:** O escritor costa-marfinense Ahmadou Kourouma (1927-2003) aborda a temática da colonização africana e da era das independências em *Os sóis das independências*, romance publicado em 1968. Partindo do contexto social da Costa do Marfim dos anos 1960, o autor cria uma obra romanesca que nos permite entrever o universo pós-colonial através do percurso do personagem Fama, príncipe Horodougou despojado de seu título, seus bens e de sua dignidade. Pretendemos observar, neste artigo, como se deu o processo de colonização e de independência da Costa do Marfim e pensar, a partir da perspectiva apresentada por Ahmadou Kourouma no romance, a questão da degradação da tradição *malinké* na era das independências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ahmadou Kourouma. *Les Soleils des indépendances*. Colonização. Independência.

A literatura tem um papel importante na sociedade, pois permite-nos aprender mais sobre outras culturas e outros mundos, como o universo africano, o qual ainda permanece desconhecido para a maior parte da população brasileira. O romance *Les soleils des indépendances* (1983), ou, *Os sóis das independências* (1970), do escritor costa-marfinense Ahmadou Kourouma (1927-2003) foi publicado em 1968 e faz referência à independência da Costa do Marfim, em 1960. O país fazia, até então, parte do território africano colonizado pela França, em decorrência do processo de expansão do imperialismo europeu no século XIX.

\* UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. São Carlos - SP – Brasil. 13565-905 - backgregor@hotmail.com

\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - santkelif@gmail.com

A conquista imperialista na África deu-se por vários motivos. Em plena Revolução Industrial, a Europa necessitava de matérias-primas e minerais que não eram encontrados no continente europeu. Além disso, havia o desejo, por parte dos grandes Estados, de afirmar sua força, seu poder e influência e para isso viram a necessidade de anexar territórios na África e na Ásia. Em meados de 1870, o tema da África ocasiona conflitos entre as potências europeias e, para evitar confrontos abertos, a Conferência de Berlim, de 1884-1885, que contou com a participação de vários países europeus, dos Estados Unidos e da Turquia, regulamenta a ocupação e as áreas de influência e domínio na África (BOAHEN, 1987).

Na França, o discurso colonialista na segunda metade do século XIX marca a eclosão do racismo científico e da teoria da hierarquia das raças, com a publicação do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, em 1853-1855, de Arthur Gobineau (1816-1882)<sup>1</sup>, assim como trabalhos de antropólogos e naturalistas que, a partir da craniometria ou da cor da pele, pretendem provar que a raça negra é inferior à raça branca, a qual era vista como superior e civilizada. A imprensa popular, os livros de aventura e as exposições também tiveram um papel importante na construção da imagem do africano como selvagem, discurso que visa legitimar a colonização.

Em 1884, Jules Ferry (1832-1893), político influente francês e defensor ativo da expansão colonialista, buscando justificar uma missão civilizadora, afirma na Câmara dos Deputados: “Se temos o direito de ir a esses bárbaros, é porque temos o dever de civilizá-los. [...] Não devemos tratá-los como iguais, mas nos colocarmos no ponto de vista de uma raça superior que conquista.” (FERRY *apud* MANCERON, 2004, p.60, tradução nossa). O filósofo Ernest Renan (1823-1892), por sua vez, entende que: “A colonização em grande escala é uma necessidade política de primeira ordem. Uma nação que não coloniza é irrevogavelmente condenada ao socialismo, à guerra do rico e do pobre. A conquista de um país de raça inferior por uma raça superior, que se instala ali para governá-lo, não é chocante.” (RENAN, 1950, p.62, tradução nossa).

Segundo Eugène Etienne (1844-1921), subsecretário de Estado nas colônias entre 1887 e 1892 e presidente do grupo colonial na Câmara dos deputados em 1895, a colonização é necessária “[...] para garantir o futuro do nosso país nos novos continentes, para reservar uma saída para nossos produtos e encontrar matérias-primas para nossas indústrias.” (FRANCE, 1894, p.404, tradução nossa). As plantações e explorações de matérias-primas são a finalidade essencial das colônias, entretanto, a França busca passar a impressão de que a colonização se faz em nome dos direitos do homem, como se o objetivo fosse colocar fim à escravidão e levar progresso e civilização à África.

---

<sup>1</sup> Conferir Gobineau (2004).



A França ocupa, desde a segunda metade do século XIX, vastas extensões territoriais no mundo. Instalada no Oriente, na América, na Oceania e na Índia, a África surge como o maior domínio colonial francês, cujo território era compreendido por países no Magrebe, região situada na parte ocidental da África do Norte, entre o mar Mediterrâneo, o oceano Atlântico e o Egito; na África Ocidental Francesa (AOF) e na África Equatorial Francesa (AEF). No Magrebe, a França ocupa a Argélia, a Tunísia e o Marrocos, colônias do tipo povoamento. A AEF possuía quatro colônias: Gabão, Médio Congo (atual República do Congo), Chade e Ubangi-Chari (atual República Centro-Africana), enquanto a AOF era um governo geral com oito colônias francesas, do tipo exploração, dentre as quais podemos citar Senegal, Guiné, Mauritânia, Mali, Costa do Marfim e Nigéria. Madagascar e Somália completam as colônias francesas na África (BOAHEN, 1987).

A política colonial francesa variava de acordo com a zona colonizada, mas em geral o colonialismo é descrito como um sistema de dominação e de administração direta, com forte intervenção nas estruturas autóctones africanas. Esse sistema tinha uma política de assimilação cultural e os territórios africanos foram considerados partes da França. A colonização direta realiza-se sistematicamente, seja pelos acordos estabelecidos com os chefes locais, seja pelas frequentes guerras e violência. Há ainda a instalação de administradores, mercadores e missionários franceses, além de um controle militar da área colonizada. Os povos autóctones são expropriados, as riquezas são exportadas a despeito da subsistência local e a mão de obra é mal paga ou submetida a trabalhos forçados, caso da construção da estrada de ferro Congo-Oceano (THIMONIER, 2006).

A colonização da Costa do Marfim fez-se a partir dessas diretrizes: a conquista colonial, a instauração da administração e a exploração da colônia. Inicialmente, ela ocorre de forma pacífica, entre 1893-1908, momento em que há a exploração do litoral, a aproximação com os chefes locais, a fim de assinar tratados com eles, e a instalação de postos militares, representando a autoridade e a bandeira francesa. Embora os missionários franceses tenham convertido parte dos animistas que habitavam a zona litorânea à fé católica, os povos da região já tinham uma relação com o islamismo, devido às relações comerciais entre os mulçumanos do norte da África e os chefes tribais, e tal situação impôs resistência, por parte dos colonos, à penetração dos missionários e dos militares nas savanas do Norte. Devido a isso, houve várias insurreições: o chefe Samory Touré, um dos maiores rebeldes, conseguiu resistir à penetração e à colonização francesa, mas foi capturado em 1898 e morreu na prisão em 1900. Assim, até 1908, a França controlava apenas parte do território, enquanto algumas regiões ainda eram hostis à política de colonização. Foram várias as causas de resistência, como a recusa das populações em abandonar suas autoridades locais em proveito dos franceses; o

desejo da população costeira de controlar o comércio entre as populações internas e os europeus ou, ainda, a recusa de alguns nativos de ter qualquer contato com os estrangeiros (DAGO, 2016).

No entanto, a política pacífica já não era satisfatória para a França, situação que desencadeou a aplicação de outra política de colonização, entre 1908 e 1915, mais violenta, a fim de conter a resistência. Nesse caso, há reforço militar para consolidar a política de repressão, destruição de vilas e acampamentos rebeldes, desarmamento da população e prisão e deportação dos chefes de guerra. Tal repressão reduziu fortemente a população e, em 1920, todo o território da costamarfinense estava pacificado. As consequências da colonização são numerosas. Como são submetidos às autoridades francesas, esses povos perdem sua autonomia e os resistentes são deportados ou aprisionados. No âmbito político, os chefes tradicionais perdem o poder, sendo destituídos pela administração colonial em proveito de pessoas que cooperam com eles. O enfraquecimento do poder tradicional e as diversas transformações ocorridas na sociedade são percebidas no modo de vida das populações colonizadas, que se veem mergulhadas em valores e costumes que lhes são estranhos (DAGO, 2016).

Por meio da administração direta, a França impôs sua vontade aos habitantes da Costa do Marfim até 1960, ano da independência. O processo de descolonização das zonas ocupadas pelos franceses na África foi um processo difícil. A guerra da Argélia (1954-1962), por exemplo, foi uma das mais terríveis guerras africanas de independência no contexto de descolonização, com a morte de milhares de argelinos. No caso da Costa do Marfim, houve um referendo, em 1958, a partir do qual o país se tornou uma República autônoma e em 7 de agosto de 1960 o país se torna independente. No entanto, a Costa do Marfim ainda permaneceu ligada à França, porque sua moeda era dirigida pelo Banco da França e os investimentos franceses tornam a economia costamarfinense dependente do país europeu. O presidente Félix Houphouët-Boigny, apoiado por seu partido único, o Partido Democrata da Costa do Marfim (PDCI), é constantemente reeleito a cada 5 anos, desde 1965. Além disso, seu partido único ocupava todas as cadeiras na Assembleia Nacional. Em 1961, ele assina um acordo de assistência militar com a França. Em 1990, próximo de sua morte, Félix Houphouët-Boigny abre a via da democratização através de algumas reformas, como a autorização de formação partidos políticos, de modo que, pela primeira vez, após 30 anos, houve dois candidatos à eleição presidencial (PENNA FILHO, P.; BADOU, 2014).

Assim, apesar da independência, a França persistiu em suas intervenções na Costa do Marfim, de 1960 até meados de 1990, mas essa intervenção deu-se de forma indireta e foi feita em conformidade com os setores das elites locais que dela se beneficiavam. O apoio da França foi crucial para a manutenção de numerosos

dirigentes africanos no poder, sobretudo no período imediato à descolonização; em contrapartida, após a independência, foram assinados acordos de cooperação, com assistência técnica e financeira e cooperação militar, assim como a instalação de tropas francesas nos países considerados estratégicos para a França, como Senegal, Gabão e Costa do Marfim. É nesse contexto conturbado que surge o escritor Ahmadou Kourouma.

## Kourouma e o *malinké*

Ahadou Kourouma nasceu em 1927, em Boundiali, no norte da Costa do Marfim e pertencia ao grupo étnico *malinké*. Filho de pais separados, foi educado por um tio que lhe ensinou as tradições dos *malinkés* e suas referências geo-culturais e religiosas, assim como seu engajamento político, vão marcar profundamente sua obra.

A população da Costa do Marfim é multiétnica e, antes da colonização, os territórios eram divididos de acordo com as tribos. A colônia tinha aproximadamente 60 grupos étnicos ou tribos, e a mesma diversidade de línguas ou de dialetos, os quais eram divididos em quatro grupos principais: No centro, leste e sudeste, havia o grupo *Akans*, parentes dos habitantes de Gana e distribuídos entre *Baoulés* e *Sanwis*; o norte e nordeste era ocupado pelos *Sénoufos*; a sudoeste e oeste, na fronteira com a Libéria, havia os *Krous* e ocupando parte do norte (noroeste e nordeste) e parte do oeste estava o grupo Mandé do Norte, compostos essencialmente de etnias *Malinké* (também conhecidas como *Mandingues*), como podemos ver na figura 1 (BOTAU, 2004; ASSN, 2017):



à excelência administrativa estabelecida por Soundjata que o império Mandingue conseguiu estender suas fronteiras. No século XV, esse império entra em declínio, com sua dissolução, sendo conquistado por outros povos. Foi apenas no século XIX que Almany Samory Touré fundou um reino muçulmano, com o espírito *malinké* de conquista e expansão. Samory Touré aumentou consideravelmente a área *malinké* e foi um dos maiores obstáculos para a conquista colonial da África Ocidental, visto que resistiu à penetração das tropas francesas até o início do século XX (ABIODUN-ENIAYEKAN, 2013). O avô de Ahmadou Kourouma foi, inclusive, um dos generais de Samory.

Ahmadou Kourouma passou sua infância em Togobala, na Guiné, que se tornará mais tarde a cidade natal de Fama, o personagem principal de *Les Soleils des indépendances*. Ele frequentou a escola primária em Bingerville, na Costa do Marfim, e a Escola Técnica Superior de Bamako, no Mali. Ao voltar para a Costa do Marfim, é recrutado para a armada colonial, mas, após recusar participar de um ato de repressão, é enviado à Indochina, no corpo de soldados senegaleses, onde vive de 1951 a 1954. Ali, atuou como jornalista, pois era um dos poucos soldados que sabia ler e escrever em francês. Após esta experiência, Kourouma vai estudar na França, onde faz Ciências Atuariais, uma formação útil ao seu país. Diplomado em Nantes, instala-se em Lyon e casa-se com uma francesa, entretanto, engajado com a situação política da Costa do Marfim, ele volta a seu país pouco antes da independência, em 1960 (CARMO, 2007).

A independência representou uma decepção para Kourouma e à luta anticolonialista segue-se o combate contra a nova orientação política encarnada no poder totalitário do presidente. Em 1963, Kourouma é preso, acusado de ter participado de um complô contra o presidente. Embora tenha sido uma situação criada para desmoralizar os rebeldes, ele foi libertado apenas depois que o presidente considerou o risco de mantê-lo na prisão, tendo em vista o fato de que sua mulher poderia alertar as autoridades francesas e criar problemas diplomáticos. Após ser liberado, passa sete meses em Abidjan, mas não encontra emprego porque as empresas foram proibidas de empregá-lo em razão de seu engajamento político e sua presumida implicação no complô. Durante esse período, começa a escrever seu primeiro romance *Les Soleils des indépendances*, concebido inicialmente como uma forma de denúncia contra os abusos da tirania e da corrupção. O romance foi rejeitado por vários editores franceses devido aos erros de língua francesa, visto que a obra não respeitava a língua formal francesa. Mas, após receber um prêmio literário do Québec, em 1968, e publicar o livro pela *Presses de l'Université de Montréal*, a editora francesa *Éditions du Seuil* compra, em 1970, os direitos de edição do livro (CARMO, 2007).

Depois de *Les Soleils des indépendances* (1983), Kourouma escreveu, em 1990, *Monnè, outrages et défis* (*Monnè, ultrajes e desafios*), onde conta a descoberta da África pelos europeus, destacando a degradação causada pela colonização e os conflitos interculturais. Em 1998, publica *En attendant le vote des bêtes sauvages* (*A espera do voto das bestas selvagens*), em que apresenta a trajetória de Koyaga, um ditador que fica no poder graças à corrupção e a tirania. Nessa obra, o autor nos mostra que os povos africanos viveram regimes ditatoriais e foram submetidos à tirania depois da independência e durante a Guerra Fria. Em *Allah n'est pas obligé* (*Alá não é obrigado*), de 2000, encontramos um garoto de 10 anos, que conta seu caminho de órfão sem educação, que é obrigado a se tornar uma criança-soldado nas guerras tribais. Nela, o autor denuncia a violência das guerras na África do Oeste, especialmente em Serra Leoa, e o recrutamento de crianças para lutar nos exércitos rebeldes contra as forças governamentais. Além dessas obras, Kourouma dedicou-se igualmente à literatura para crianças, escrevendo sobre a cultura e os costumes da tradição africana (CARMO, 2007).

A literatura surge na vida de Kourouma como um modo de expor e denunciar os problemas na África causados pelos europeus. Essa necessidade concerne a toda uma geração de escritores africanos, seja em língua francesa, inglesa ou portuguesa, caso do escritor moçambicano Mia Couto. O poder ou a situação política tornam-se temas constantes da literatura, um modo de expor os regimes políticos tirânicos que governam, desde a independência, por meio do terror e da violência. Os autores denunciam os sistemas de partidos únicos, e a aparência de democracia, bem como a elite nacional incompetente e corrupta e apresentam a vida dos heróis em busca de um novo mundo para o povo, acostumado com a miséria.

A criação romanesca da geração de escritores independentes torna-se uma forma de denúncia e de crítica aos regimes políticos ditatoriais, aos partidos únicos e à corrupção, bem como a contestação do modelo literário europeu. A literatura também se torna um veículo de informação etnográfica e sociológica, em uma busca por uma identidade nacional. Podemos dizer que o intelectual africano, envolvido com os problemas de seu país, vai desafiar a imagem da África que lhes é imposta de forma e empreender, por si mesmo, pesquisas sobre a África e os africanos, é isso que faz Ahmadou Kourouma.

Os romances de Kourouma são uma retomada ficcional da História, um testemunho (DIANDUE, 2003), como diz o escritor: “Escrevo coisas que são verdadeiras. Não escrevo para apoiar uma teoria, uma ideologia política, uma revolução, etc. Eu escrevo verdades, como eu as sinto, sem tomar partido. Eu escrevo as coisas como elas são.” (KOUROUMA *apud* CARMO, 2007, p.31). Entretanto, é importante considerar, conforme as palavras do autor, que se trata de uma história, uma ficção: “Não é a História que eu conto, tomo as bases históricas

a partir das quais eu analiso os fatos que eu conto [...] É minha ficção, é minha leitura da História [...] Quando um romancista trabalha, ele se baseia sempre em um personagem. Ele começa sempre com um personagem real e depois ele o transforma.” (KOUROUMA *apud* CARMO, 2007, p.31). É o que ocorre no romance *Les Soleils des indépendances*.

## ***Les Soleils des indépendances***

*Les Soleils des indépendances* foi escrito quando os países africanos de língua francesa começam a dar seus primeiros passos como nações independentes e surge em meio às mudanças resultantes da colonização e da desilusão da independência. O romance é dividido em três partes, as quais são autônomas entre si, embora sua justaposição dê unidade ao texto. A narrativa conta a história de Fama Doumbouya, príncipe Horodougou, que vive no país Costa dos Ébanos (país que faz referência à Costa do Marfim), enquanto sua terra natal, Horodougou, território onde está a tribo Doumbouya e cuja capital é Togobala, encontra-se na República Socialista de Nikinai, país que faz fronteira com a Costa dos Ébanos (corresponderia à Guiné no romance). A referência geográfica é evidente na obra do escritor, no entanto há a substituição dos nomes reais de lugares, embora seja possível reconhecer os países aos quais o autor faz referência. Ele também muda os nomes de governantes locais, devido às implicações jurídicas (DIANDUE, 2003).

A narrativa começa com o funeral de Koné Ibrahima, realizado na capital da Costa dos Ébanos:

Houve uma semana que Koné Ibrahima, de raça malinké, acabara na capital, ou como se diz em malinké: ele não suportara um pequeno resfriado. Como todo malinké, quando a vida escapou de seus restos, sua sombra levantou-se, escarrou, vestiu-se e partiu para o longínquo país natal malinké a fim de aí fazer estourar a notícia funesta das obséquias. Por caminhos perdidos na selva desabitada, dois vendedores malinkés encontraram a sombra e reconheceram-na. A sombra andava depressa e não os cumprimentou. Os vendedores não se enganaram: “Ibrahima acabou”, disseram eles. Na cidade natal a sombra mexeu e arrumou seus bens. Por trás da choupana ouviu-se bater as cantinas do defunto e suas cabaças serem esfregadas; mesmo seus animais se agitavam e baliavam bizarramente. Ninguém se enganava: “Ibrahima Koné acabou, é sua sombra”, disseram todos. A sombra voltara à capital para seguir as exéquias: ida e volta, mais de dois mil quilômetros. O tempo de piscar um olho! (KOUROUMA, 1970, p.7).



O desejo do autor de afirmar suas origens faz-se evidente, considerando que a palavra *malinké* é repetida cinco vezes. O termo qualifica o indivíduo que pertence ao grupo *malinké*, mas também designa a língua e, para o leitor, essa ocorrência inicial funciona como um sinal, que será reiterado ao longo do romance e servirá para construir um universo dito *malinké*, que passa pela referência a personagens, com seus patrônimos e profissões, ao território e à língua. Aos poucos, o ser *malinké* surge como chave de compreensão da situação narrada e o leitor, considerado como não *malinké*, será guiado pelo universo *malinké* pelo narrador, ao longo do romance (VAN DEN AVENNE, 2005).

Temos no romance um narrador heterodiegético, aquele que não pertence à história que narra: ele fala dos personagens, o que são e o que fazem, e de suas relações. Sendo onisciente, ele sabe tudo e entra na consciência dos personagens, especialmente de Fama. Mas a oralidade, que faz parte das culturas autóctones, também se faz presente em *Les Soleils des indépendances*. O narrador apresenta por vezes a perspectiva de um contador tradicional, dirigindo-se a um público e dialogando com o leitor, surgindo então como um narrador-contador. Esse é o modo escolhido pelo autor para reproduzir a comunicação oral na narrativa. Vemos, assim, a junção de dois sistemas culturais, do oral e do escrito, assim como a presença de dois sistemas linguísticos, visto que a língua escrita, o francês, considerada uma língua de passagem, é interceptada constantemente pelo *malinké* (GAUVIN, 2007).

A introdução de estruturas lógicas cognitivas da língua *malinké* na língua francesa mobilizou parte da crítica acerca do romance. Kourouma reconhece que a língua foi um problema, visto que sentia sua impotência em colocar seus personagens na língua francesa. O autor buscou, então, meios para transferir a língua materna, o *malinké*, com sua carga emocional, seu pensamento, suas expressões e imagens na língua escrita. Tem-se então a inserção de um estilo e léxico completamente extrínseco à língua francesa, situação chamada de fiel traição, por Makhily Grassama (*apud* CARMO, 2007):

Ahmadou Kourouma tortura e trai a língua francesa como quem pretende manter-se fiel à linguagem *malinké* com a qual parece ter “jurado uma santa aliança”. [...] emprega as palavras da França para nelas inserir o pensamento de sua floresta natal; ele as destrói para destituí-las de qualquer valor e, progressivamente, as preenche com novos valores, que são os da sua região e que, às vezes, fazem as palavras brilharem como pepitas de ouro. (GRASSAMA *apud* CARMO, 2007, p.33)

A busca por transcrever as conotações africanas na língua francesa foi, de acordo com Grassama (1995, p.115, tradução nossa), a grande inovação de Kourouma, que, para isso, “[...] não apelou, como se poderia esperar, nem para



a gíria, nem para a língua popular, nem para o *pidgin* da Costa do Marfim ou o *petit-nègre*.” Essa particularidade do romance pode ser percebida ainda no primeiro parágrafo, quando o narrador diz: “Koné Ibrahima, de raça malinké, acabara na capital, ou como se diz em malinké: ele não suportara um pequeno resfriado” (KOUROUMA, 1970, p.7). Aqui, o verbo acabar aparece como verbo intransitivo, sendo um eufemismo *malinké* para morrer, o qual será confirmado com o processo de tradução a partir de “como se diz em malinké”, quando o narrador assinala a passagem para o imaginário *malinké*, apresentando uma expressão própria da língua que significa morrer. Ao inserir uma tradução *malinké*, Kourouma faz com que a locução seja vista como *standard*, ou seja, como parte da língua de comunicação. O mesmo recurso é usado no trecho a seguir, onde o narrador explica o título do romance ao leitor não *malinké*: “[...] se não estivéssemos na **era das Independências (os sóis das Independências, dizem os malinkés)**, eu juro [...]” (KOURUMA, 1970, p.9, grifo nosso). A partir da explicação, entendemos que os sóis das independências correspondem ao modo como os *malinkés* veem os novos tempos, a nova era. Além disso, o plural, “os sóis”, diz respeito igualmente ao conjunto do processo de independência dos países sob o domínio da colonização francesa.

O termo “sombra” presente no trecho do romance citado anteriormente também causa estranhamento, visto que faz referência não a um ser vivo, mas a um indivíduo após sua morte. A sombra levanta-se, escarra, veste-se, caminha, move objetos e volta para perto do corpo morto para seu funeral. Essa fusão da realidade com o sobrenatural cria um ambiente extraordinário e revela uma maneira particular de ver a relação entre a vida e a morte, já que a vida parece continuar, mesmo depois da morte do corpo (COUSSY, 2000). Para os *malinkés*, após a morte, a sombra, ou o espírito do morto, caminha até sua terra natal para avisar de sua partida. Em seguida, ele volta para conduzir o cortejo fúnebre, sentado sobre o caixão. O funeral se desenrola durante quarenta dias de festa e é acompanhado pela sombra, invisível para o *malinké* comum. Participam desta festa, amigos, parentes e mesmo transeuntes que depositam oferendas e sacrifícios. Depois disso, a sombra parte definitivamente e voltará reencarnada em um bebê *malinké*. Ao descrever a cerimônia fúnebre, o narrador faz referência à figura do *griot*:

Como toda cerimônia funerária rende, compreende-se que os griots malinkés, os velhos malinkés, aqueles que não vendem mais porque arruinados pelas Independência (e só Alá pode contar o número de velhos comerciantes na capital arruinados pelas Independências!) “trabalham” todos nas exéquias e nos funerais. Verdadeiros profissionais! Noite e dia eles andam de bairro em bairro para assistir a todas as cerimônias. Entre os malinkés, eles são chamados muito maldosamente, “os abutres” ou “bando de hienas”. (KOUROUMA, 1970, p.8).

O *griot* era inicialmente um músico na África ocidental, mas pode ser compreendido também como guardião da tradição e da literatura oral africana. Sua atividade essencial é contar os mitos e as histórias do passado e narrar ou cantar os nomes e as ações heroicas dos ancestrais. Para os povos do Mandigue, a tradição oral está presente nos discursos e cantos produzidos pelos *griots* em cerimônias que marcam eventos importantes na vida social, como o nascimento, o casamento ou a morte. No ritual, suas palavras são acompanhadas e validadas por danças, músicas e doações (ZEMP, 1966). Entretanto, no romance de Kourouma, a imagem do *griot* é descrita de maneira negativa, porque suas funções tradicionais foram corrompidas pelos novos tempos. O *griot* torna-se um verdadeiro profissional e o aspecto econômico de sua atividade parece mais importante do que o caráter simbólico. Os *griots* “[...] trocaram o ouro por cobre. Eles são apenas animadores públicos que exibem os ornamentos de sua eloquência por algumas moedas [...] Se os *griots* rompem com sua função primária [...] isso é um sinal, desfavorável, do futuro da cultura maliana.” (DOUYON *apud* OGIER-GUINDO, 2010, tradução nossa).

Em Kourouma, a tragédia da colonização e a era das independências atingem os *malinkés* de tal forma que mesmo o príncipe Horodougou, que deveria estar no meio da riqueza via-se em uma situação miserável: “Ele, Fama, nascido no ouro, no comer, na honra e nas mulheres! Educado para preferir o ouro ao ouro, para escolher o comer entre outros e deitar com sua favorita entre cem esposas! O que se tinha tornado ele? Uma carcaça ambulante...” (KOUROUMA, 1970, p.10). Despojado de seu título, de seus bens e, sob os “sóis das independências”, Fama é obrigado a sair de funeral em funeral, coletando doações das cerimônias, seu único meio de sobrevivência, sendo, por isso, insultado e humilhado:

- Os descendentes de grandes guerreiros (era Fama!) viviam de mentiras e de mendicância (ainda era Fama); autênticos descendentes de grandes chefes (sempre Fama) haviam trocado a dignidade pelas plumas dos abutres e procuravam o cheiro penetrante de um acontecimento – nascimento, casamento, enterro – para pular de cerimônia em cerimônia. (KOUROUMA, 1970, p.15).

Como os *griots*, Fama, o príncipe Doumbouya, outrora honrado torna-se um príncipe deposto, que vai de uma cerimônia a outra, vivendo dos restos ofertados pelo povo *malinké*. Reduzido à imagem de “abutre”, de “hiena”, animais que vivem dos restos deixados pelos outros, Fama torna-se um animal. Despojado de todos os seus bens, Fama também se vê despojado de sua humanidade e através dessa metáfora, o novo *status* do personagem se desenha:

Fama Doumbouya! Verdadeiro Doumbouya [...], último e legítimo descendente dos príncipes Doumbouya de Horodougou, totem pantera, era um “abutre”. Um príncipe Doumbouya! Totem pantera juntava-se com as hienas. Oh! Os sóis das Independências! (KOUROUMA, 1970, p.9).

Fama passa pelos períodos da colonização e da independência e para pensar sua situação, é preciso compreender o impacto das modificações produzidas pela administração colonial na sociedade existente durante esse período. Quando chegaram na região oeste da África, os europeus perceberam que o poder da organização político-religiosa se concentrava na figura dos chefes autóctones. Em decorrência disso, viram a necessidade de estabelecer acordos que assegurassem a soberania europeia nas regiões ocupadas, a livre circulação e o comércio dos produtos e os meios encontrados pelos franceses para seduzir e comprometer os africanos nos acordos e tratados era o pagamento regular com produtos como fuzis, pólvora, tabaco e álcool. Quando ocorre uma ruptura das relações diplomáticas, a França coloca em prática políticas que visam enfraquecer a autoridade dos chefes tradicionais e substituí-los pela administração colonial. Diante de estruturas preexistentes já organizadas, com sociedades com uma estrutura monárquica baseada no exercício do poder hereditário, os franceses decidem manter as cheferias tradicionais, mas substituir os velhos chefes analfabetos por intelectuais e universitários, provocando uma modernização e a intelectualização dos poderes tradicionais. Para que a gestão fosse eficaz e a ordem mantida, a administração ocorria à distância, de modo que o intelectual nomeado permanecia na cidade, enquanto seu adjunto, através de uma procuração, administrava pessoalmente a aldeia (CARMO, 2007). Para Fama, esse período é doloroso, porque marca a tomada do poder das monarquias locais e sua decadência, visto que é nessa época que ele se vê destituído de sua posição e substituído por seu primo Lacina:

Seu pai morto, o legítimo Fama deveria sucedê-lo como chefe de todo o Horodougou. [...] Primeiro porque um rapazinho, um pequeno enfeite europeu de administrador, sempre de calças curtas e sujas, agitado e grosseiro como a barbicha de um bode, comandava o Hororodugu. Evidentemente Fama não podia respeitá-lo; suas orelhas ficaram vermelhas e o comandante preferiu, sabem quem? O primo Lacina, um primo distante [...] (KOUROUMA, 1970, p.19).

Fama perdeu o direito à chefia de Togobala devido a seu desprezo pelo administrador colonial e por não reconhecer a autoridade europeia no Horodougou. Diante de sua recusa em submeter-se às regras impostas, um novo chefe é anunciado entre os Doumbouya: Lacina, um jovem sem experiência, que sabe ler e escrever na

língua do colonizador e concorda com as diretrizes estabelecidas pela administração colonial. Assim, os costumes ancestrais seculares fundados na herança sanguínea dos chefes saídos da dinastia são perdidos nos novos tempos.

A partir de então, Fama torna-se inimigo do sistema colonial, combatendo-o incessantemente e, por esse motivo, ele apoia a chegada de uma nova era que será aquela das independências. Para a monarquia nativa arruinada pelo colonialismo, a transição para a independência seria a ocasião de recuperar a supremacia política e econômica, por isso ela lutou contra a colonização e a favor da independência, mas a nova estrutura político-administrativa não implicava mais o retorno a uma gestão tradicional, inadaptada ao Estado moderno. A antiga classe dirigente marginalizada pela independência vê-se rejeitada porque era baseada em valores ancestrais de honra e dignidade, incompatíveis com a nova ideologia, baseada na individualidade e no dinheiro. Desse modo, a sociedade das independências não responde às expectativas da antiga classe, a qual vê-se relegada definitivamente à marginalização com a chegada do Estado moderno. A situação dessa aristocracia representa as dificuldades encontradas pelas sociedades africanas durante o período de transformação política, econômica e cultural. Os tempos transformam-se e o sistema social tradicional não tem lugar na sociedade moderna, situação que tem como resultado um profundo ressentimento.

Com a morte do primo Lacina, Fama torna-se o herdeiro de Togobala, segundo as leis ancestrais que fixam as normas de sucessão no reino do Horodougou, mas essa decisão deve ser aprovada pela administração do partido único. Assim, motivado pelo dever de assistir aos funerais e o desejo de reabilitar o posto de chefe da tribo, depois da morte do primo, Fama decide viajar a Togobala, seu vilarejo natal e capital do Horodougou, que está localizado na República Popular do Níger.

Togobala seria a cidade mítica, lugar onde há uma comunicação entre os homens e os deuses. É nesse lugar que se fundou a dinastia do povo Doumbouya, sendo Fama o último descendente legítimo de Souleymane, fundador da dinastia e ancestral mítico que tem as características de um grande rei e líder. Em sua juventude, Fama teve uma vida despreocupada, pois conheceu a riqueza material e os privilégios de sua posição. Por isso, no inconsciente individual do personagem, Togobala é um espaço paradisíaco. A ausência de sofrimento e a abundância de alimento não o preparam para as dificuldades que ele enfrenta com a chegada da colonização na África. A grandeza do passado é rompida dando passagem aos novos tempos onde reinam a fome, as epidemias e a seca (GUÉDALLA, 2015). É isso que ele encontra quando chega a Togobala:

Como herança, nada de polpudo, nada de pesado, nada de gordo. Até uma galinha espantada poderia fazer-lhe a volta. Oito casas em pé, apenas em pé, com paredes

rachadas do teto ao chão, o teto de palha negro e velho de cinco anos. Muito a fazer e a cobrir antes da grande internada. O estábulo vazio à frente; grande casa comum, onde eram amarrados os cavalos, não se lembrava mais nem do cheiro da urina. Entre os dois, a pequena casa dos caprinos que continha ao todo: três bodes, duas cabras e um cabritinho, famélicos e fedorentos, destinados a ser degolados nos feitiços de Balla. Na verdade, de humanos, poucos braços trabalhadores. Quatro homens, dos quais dois velhos, nove mulheres das quais sete velhotas que se recusam a morrer. Dois cultivadores! Jamais dois lavradores tinham rins bastante para encher quatorze comedores, inverno e verão! E os impostos, as cotizações do partido único e todas as outras contribuições monetárias e bastardas da independência, de onde tirá-los? Fama, na verdade, não estava certo do real, do sólido, do definitivo... (KOUROUMA, 1970, p.93).

Fama herdará um reino arruinado e sem riquezas:

Em nome da grandeza dos ancestrais, Fama esfregou os olhos para se certificar que ele não se enganava. De Togobala da sua infância, Togobala que ele tinha no coração, não restava nem o último cheiro do último peido. Em vinte anos o mundo não tinha, no entanto, acabado. E eis aí o que existia. De longe em longe uma ou duas casas inclinadas, um tanto velhas, torradas pelo sol, isoladas como cupinzeiros em uma planície. Entre as ruínas do que tinham sido concessões, lixos e ervas que os animais tinham pastado, pelo fogo queimadas e pelo verão lambidas. Crianças fugidas das casas [...] titubeando sobre pernas de hastes de milho e balançando pequenas cabaças de ventres empoeirados. (KOUROUMA, 1970, p.88).

Togobala deveria representar a grandeza do passado diante das transformações da modernidade, no entanto, em meio ao espaço paradisíaco de sua infância, Fama vê a degradação. No Horodougou, a ruína material do lugar é partilhado pelos habitantes, assim, a descrição dos lugares e das casas, pobres cabanas destruídas pelo sol ardente, reflete a condição dos habitantes do local. A pobreza gangrena tudo, como vemos na descrição do estado físico das crianças, de modo que a vida se torna difícil nesse lugar.

A degradação física revela a degradação moral, na medida em que Diamourou, o *griot* Doumbouya, responsável por defender a tradição, sobrevive à miséria de Togobala graças ao dinheiro de sua filha, concubina de um comandante branco. Balla, um velho feiticeiro, por sua vez, tornou-se o homem mais rico do lugar, porque os *malinkés* usam sempre seus feitiços e, independentemente dos resultados, os serviços sempre são pagos. Desse modo, vemos que o espaço do Horodougou se

transforma com as novas práticas e ideias, os valores tradicionais são ignorados e deturpados e há o enriquecimento de grupos que deveriam representar da tradição.

Se Fama lutou contra a colonização e a favor de transformações que viriam com a independência, a nova era criou novas estruturas que fragilizam ainda mais as monarquias e acabam por destruir definitivamente as tradições e os valores que ele busca defender e preservar. Com a independência, tem-se efetivamente o fim da realeza e o início de uma nova era, que será, como diz Fama, o “reino da corrupção”: a corrupção na natureza, a alteração da cultura e a desordem na sociedade, transformando drasticamente as relações do homem com sua terra natal. Para Fama: “[...] a colonização, os comandantes, as requisições, as epidemias, as secas, as independências, o partido único, a carta de identidade e a revolução são estranhos no Horodougou, são tipos de maldições inventadas pelo diabo [...]” (KOUROUMA, 1970, p.137), ou seja, pelo europeu. A ação do homem modificou o curso da história para dar nascimento a uma sociedade improdutiva, onde a terra natal é dessacralizada.

Com as independências, o Horodougou, território sagrado dos Doumbouya, é dividido em dois territórios que pertencem a países distintos, Nikinai e Costa dos Ébanos, os quais possuem ideologias antagônicas: o Socialismo e a República, respectivamente. As ideologias ocidentais assolam, assim, o imaginário africano e passam a regular a nova sociedade do Mandingue. Os partidos únicos, após a independência, substituem o poder colonial e tornam-se as novas autoridades, transtornando, desse modo, a hierarquia dos vilarejos do Horodougou e o exercício do poder do chefe. Com as políticas totalitárias, o povo foi privado do que ele tem de mais valioso: sua cultura, seus costumes e sua alma (GUÉDALLA, 2015).

O romance apresenta experiências de alguns personagens que vivem no Nikinai e que tiveram suas vidas transformadas com as mudanças políticas decorrentes da independência. Com a criação do partido único, ou seja, a ditadura socialista, era preciso aderir ao partido único L.D.N, e, por conseguinte, pagar uma cotização para cada indivíduo da família, suas propriedades (animais, carros, etc.); também era preciso pagar as cotizações desde a criação do partido único, quer dizer, pagar dez anos de cotizações em relação a todos os bens. A partir dessa situação, muitos indivíduos perderam suas propriedades, a liberdade de expressão e o direito de ir e vir. Ainda havia aqueles que perderam a vida por se rebelar contra o novo sistema. Os novos tempos também fazem com que Fama se confronte pela primeira vez com a exigência da carta de identidade, ao atravessar a fronteira que separa os países. Esse objeto lhe é completamente estranho e, como não tem uma, o príncipe Doumbouya só consegue atravessar, porque um guarda o reconhece e, respeitando ainda as tradições, o deixa passar sem documentos.

Fama depara-se com o absurdo da situação: os dois países ocupam terras Horodougou que pertenceram, outrora, aos Doumbouya, ou seja, à sua família; no entanto, na nova era, ele é visto como um estrangeiro nas terras de seus antepassados e precisa de um documento dizendo quem ele é para passar de um país a outro. No final do romance, o personagem morre no Horodougou e a morte do último descendente dos Doumbouya marca o fim dessa dinastia secular e com ela a força da tradição e dos ideais do passado.

## Conclusão

Por causa da instituição do Estado-nação, Fama perde a ligação com a única comunidade que conheceu como legítima até então e ele não pode encontrar um sentido no novo sistema social. Ele representa não apenas a trajetória de um nobre *malinké* sem seus direitos e privilégios, mas simboliza o destino de muitos homens que não entendem ou aceitam as consequências da colonização.

A ruína de Togobala, e, portanto, do Horodougou, simboliza a morte da tradição, embora esta resista ainda na figura de Fama que, mesmo diante da nova realidade, continua a viver no imaginário antigo, no qual o Horodougou ainda é um vasto império. Preso aos valores ancestrais, o príncipe Doumbouya não compreende e não se adequa às novas exigências da era das independências, sendo confrontado com o absurdo do mundo em que vive. Como nos lembra Zouagui (2013), ele é como Dom Quixote, em ruptura total com a realidade que o envolve e encarna a condição trágica e absurda do homem africano da era pós-colonização, cujo destino Kourouma buscou apresentar-nos em *Les Soleils des indépendances*.

## **THE AGE OF INDEPENDENCE IN AHMADOU KOUROUMA'S WORK**

**ABSTRACT:** *The Ivorian writer Ahmadou Kourouma (1927-2003) addresses the theme of African colonization and the dawn of independence in The Suns of Independence, a novel published in 1968. Starting from the social context of the Ivory Coast of the 1960s, the author creates a fictional work that allows us a glimpse of its postcolonial universe through the evolution of the character Fama, a Horodougou prince stripped of his title, his property and his dignity. We intend to observe in this article how the process of colonization and independence in the Ivory Coast took place and to consider the question of the degradation of Malinké tradition in the era of independence, from the perspective presented by Ahmadou Kourouma in the novel.*

**KEYWORDS:** *Ahadou Kourouma. Les Soleils des indépendances. Colonisation. Independence.*



## REFERÊNCIAS

- ABIODUN-ENIAYEKAN, E. N. **L'écrivain comme historien**: une étude de quelques romans d'Ahmadou Kourouma. 2013. 260f. Thèse (Doctorat en études françaises) - College of development studies, Covenant University, Ota, Nigeria, 2013.
- AFRICAN SECURITY SECTOR NETWORK [ASSN]. **Les Malinké en Côte d'Ivoire, Analyse sociétale africaine**, Madina, fév. 2017. Disponível em: <<http://africansecuritynetwork.org/assn/wp-content/uploads/2017/02/Les-Malinké%CC%81-en-Cote-d'Ivoire.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- BOAHEN, A. A. (Dir.). **Histoire générale de l'Afrique**: l'Afrique sous domination coloniale, 1880-1935. Paris: Éditions UNESCO, 1987. v.7.
- BOTAU, A. B. (Org.). **Intégration et autonomie des minorités en Côte d'Ivoire**. Document de travail du Groupe de travail sur les minorités, COMMISSION DES DROITS DE L'HOMME Sous-Commission de la promotion et de la protection des droits de l'homme. Abidjan: Université de Cocody, 2004. Disponível em: <<http://www2.ohchr.org/english/issues/minorities/docs/2004-WP8fr.doc>>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- CARMO, M. S. M. do. **Les soleils des Indépendances**: da sociedade sólida ao prelúdio dos laços efêmeros. 2007. 216f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.
- COUSSY, D. **La littérature africaine moderne au sud du Sahara**. Paris: Karthala, 2000.
- DAGO, G. J. **Histoire économique et sociale de la Côte d'Ivoire de 1843 à nos jours**. Paris: L'Harmattan, 2016.
- DIANDUE, B. K. P. **Histoire et fiction dans la production romanesque d'Ahmadou Kourouma**. 2003. 644 f. Thèse (Doctorat en Littérature comparée) - École Doctorale des Sciences de l'Homme et de la Société, Université de Limoges, Limoges, 2003.
- FRANCE. Assemblée nationale. Chambre des députés. **Annales de la Chambre des députés**. Session ordinaire. 1894, t.II. Disponível em: <<https://archive.org/details/AnnalesDelacham01unkngoog>>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- GAUVIN, L. **L'écrivain francophone et ses publics**. Paris: Les Éditions Karthala, 2007.
- GOBINEAU, A. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Chicoutimi: J.-M. Tremblay, 2004.
- GRASSAMA, M. **La langue d'Ahmadou Kourouma, ou Le français sous le soleil d'Afrique**. Paris: ACCT, 1995.



GUÉDALLA, O. L'itinéraire spatial de Fama dans Les Soleils des Indépendances d'Ahmadou Kourouma. **Les Cahiers du GRELCEF**, London, n.7, p.51-64, 2015.

KOUROUMA, A. **Les soleils des indépendances**. Paris: Editions du Seuil, 1983. (Points Roman, 419).

\_\_\_\_\_. **O sol das independências**. Tradução de Marisa Murray. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

MANCERON, G. Les paradoxes de l'orientalisme. In: FABRE, T. **Colonialisme et postcolonialisme en Méditerranée**. Marseille: Édition Parenthèses, 2004. p.59-69.

OGIER-GUINDO, J. Le griot manding, artisan de la construction sociale: étude d'un chant jula. **Signes, Discours et Sociétés** [en ligne], Villejuif, v.6, déc. 2010. Não paginado. Disponível em: <<http://www.revue-signes.info/document.php?id=2074>>. ISSN 1308-8378. Acesso em: 22 nov. 2017.

PENNA FILHO, P.; BADOU, K. R. A França na África: as intervenções militares e suas motivações – o caso da Costa do Marfim. **Carta Internacional**, v.9, n. 2, p. 156-172, jul.-dez. 2014.

RENAN, E. **La réforme intellectuelle et morale de la France**. Cambridge: At the University Press, 1950.

THIMONIER, O. (Coord.). **La France coloniale d'hier et d'aujourd'hui**. Paris: Babel, 2006.

VAN DEN AVENNE, C. Passer d'un monde à l'autre, d'une langue à l'autre: Lecture de deux incipit d'Ahmadou Kourouma. MOCHET, M. A. et al. (Org.). **Plurilinguisme et apprentissages**: Mélanges Daniel Coste. Lyon: ENS, 2005. p.237-246.

ZEMP, H. La légende des griots *malinké*. **Cahiers d'Études africaines**, Paris, v.24, p.611-642, 1966.

ZOUAGUI, S. La mort de Fama dans Les soleils des indépendances d'A. Kourouma: entre logique mythique et logique romanesque. **Multilinguales**, Bejaia, v.1, n.1, p.45-55, 2013.

Recebido em 08/02/2018.

Aprovado em 18/04/2018.



## **MOÇO EM ESTADO DE SÍTIO: RUPTURA E EXPERIMENTAÇÃO EM TEMPOS DE DITADURA**

*Luiz Paixão Lima BORGES\**

**RESUMO:** O presente artigo pretende apresentar alguns aspectos estéticos e dramáticos da peça *Moço em estado de sítio*, de Oduvaldo Vianna Filho. A peça representa um salto qualitativo na produção dramática de um autor que sempre se debruçou sobre as contradições de nossa sociedade, tentando entendê-las, e a elas respondeu com uma obra consciente e empenhada na luta pela transformação social. Ao confrontar seus personagens com a realidade objetiva, demonstra que sua vinculação com as forças materiais condiciona dialeticamente seu desenvolvimento humano. As formas dramáticas revelam tais condições, numa relação metonímica, visando a desvendar as contradições sociais e, com isso, revelar o caráter do personagem em seu processo de formação e atuação política. A peça inaugura um ciclo (*Moço em estado de sítio*, *Mão na luva*, *Papa Highirte* e *Rasga coração*) que têm no *flashback* sua técnica de composição e aprofundamento da utilização das formas do realismo psicológico e realismo dialético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dramaturgia brasileira. Teatro engajado. Realismo psicológico. Realismo dialético. Oduvaldo Vianna Filho.

### A condição do artista

O artista não está alijado do processo de luta que cada momento histórico trava dentro de si mesmo. Embora a realidade se manifeste na obra de arte de forma consciente ou mesmo à margem da consciência do seu autor, consideramos

---

\* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte – MG – Brasil. 31270-901 - luizpaixaoteatro@gmail.com.

que a visão de mundo, a ideologia do criador, pode amplificar as possibilidades de representação da realidade histórica na construção ficcional. Nesse sentido, entendemos que cabe ao escritor engajado<sup>1</sup> perceber, compreender e configurar literariamente essa realidade, utilizando os recursos formais que se encontram à sua disposição, e que são, eles mesmos, condicionados pela realidade objetiva e subjetiva.

Como afirma Lukács (2010, p. 178), “toda estrutura poética é profundamente determinada, exatamente nos critérios de composição que a inspiram, por um dado modo de conceber o mundo”. A concepção de mundo está intimamente vinculada ao contexto histórico, e sua variação ideológica responde à própria dinâmica do movimento da história, com o qual estabelece uma relação dialética. As ideologias se batem no esforço de se colocarem hegemonicamente uma sobre a outra: a luta entre suas contradições e o conseqüente acúmulo de forças promovem saltos qualitativos, que visam a compreender a realidade sob determinada concepção do mundo e criar respostas alternativas a cada um desses momentos.

[...] o escritor precisa ter uma concepção do mundo sólida e profunda; precisa ver o mundo em seu caráter contraditório para ser capaz de selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. As concepções de mundo próprias dos grandes escritores se manifestam no plano da concepção épica. Na verdade, quanto mais uma concepção de mundo é profunda, diferenciada, alimentada por experiências concretas, tanto mais variada e multifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva. [...] não há composição sem concepção de mundo. (LUKÁCS, 2010, p. 179).

O teatro de Oduvaldo Vianna Filho – Vianninha – se caracteriza por uma profunda tentativa de compreender e apresentar, no âmbito da literatura dramática, o homem brasileiro em confronto com suas necessidades e suas possibilidades. Uma dramaturgia carregada de significados sociais e forjada na procura de uma linguagem que pretende se aproximar à do homem comum, que estava bastante distante de nossa realidade teatral, profundamente influenciada que era pelo teatro europeu. Somente no final dos anos cinquenta do século passado o teatro brasileiro encontra as condições necessárias para criar e desenvolver uma dramaturgia empenhada numa discussão que tenha como objeto o debate franco sobre as questões mais pungentes de nossa sociedade. Em Vianninha, deparamo-nos com uma obra que tem no nacional e no popular dois de seus objetivos fundamentais: o nacional enquanto

---

<sup>1</sup> Utilizamos aqui o verbo *engajar* no sentido de “pôr-se a serviço de uma causa”, como o define o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 1986), e que Raymond Williams categoriza como “alinhamento” ou “compromisso” (WILLIAMS, 1979, p. 198).

rigorosa reflexão sobre a realidade brasileira e suas contradições sociais mais profundas; e o popular enquanto realização de um teatro que, além de se identificar com o homem brasileiro, traga-o para a cena como protagonista de seus próprios conflitos, e a ele retorne, enquanto uma política de conscientização, através da arte e da cultura.

Arguto observador da realidade e dotado de uma percepção privilegiada, de uma apurada consciência marxista, Vianninha foi um autor que se debruçou sobre as contradições de nossa sociedade, e a elas respondeu com uma obra consciente e empenhada na luta pela transformação social. Acompanhou o movimento histórico e político do país, participando destacadamente dos principais movimentos culturais nos anos de 1950 e 1960, adequando sua obra, tanto em seus aspectos formais quanto contedústicos, à reflexão crítica de cada momento.

Vianninha encontrou no pensamento brechtiano os elementos necessários para uma escrita que, nos parâmetros do realismo dialético, apresente a realidade como passível de mudança. Brecht (1978), que entendia o teatro como um poderoso agente de transformação social, buscou novos elementos que contribuiriam para o melhor entendimento das relações sociais a que os homens estão subordinados. Para se entender o mundo como passível de modificação, é preciso compreender o homem como agente transformador e, ao mesmo tempo, transformável. Compreender a dinâmica do movimento e suas leis, regidas pela dialética; compreender que o movimento é absoluto e o repouso relativo; compreender que da observação nasce o espanto, do espanto surge a compreensão do observado. Brecht (1978) rompeu com a chamada **forma dramática** e formulou um novo e revolucionário pensamento para o teatro, o realismo épico-dialético, pois acreditava que

[...] só poderemos descrever o mundo atual para o homem atual, na medida em que o descrevermos como mundo passível de modificação. Para o homem atual, o valor das perguntas reside nas respostas. O homem de hoje interessa-se por situações e por ocorrências que possa enfrentar ativamente. (BRECHT, 1978, p. 6).

Por outro lado, consciente de que as relações sociais condicionam o comportamento humano, Vianninha investe no realismo psicológico como forma de compreensão do que se estabelece entre as motivações interiores e a práxis diária de seus personagens, acentuando como isso as suas contradições mais profundas.

A utilização de dois modelos de escrita dramaturgica – realismo psicológico e realismo épico-dialético –, como operadores estéticos da peça *Moço em estado de sítio*, ao contrapor tempos e espaços diversos possibilitam uma realização estética em que forma e conteúdo experimentam uma complexa relação dialética,

mesmo que consideremos a primazia do conteúdo, uma vez que a determinação estética se efetiva a partir de sua organização. O dramático e o épico se completam e se explicam: os acontecimentos ganham forma e se traduzem dramaticamente; o comportamento do personagem central é confrontado, colocando-o em permanente estado de conflito e contradição.

Ao apresentar seus personagens em choque constante com a realidade social, Vianna demonstra que essa vinculação com as forças materiais condiciona dialeticamente seu desenvolvimento humano e sua consciência, reafirmando na prática dramatúrgica, a teoria marxista que ensina: “O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual de maneira geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, seu ser social determina sua consciência.” (MARX; ENGELS, 1979, p. 13).

As formas dramatúrgicas revelam tais condições, numa relação metonímica, visando a desvendar as contradições sociais e, com isso, revelar o caráter do personagem em seu processo de formação e atuação política. O aprimoramento de sua consciência ou a manifestação de sua alienação se realizam no momento em que se confronta com a realidade e, dela, retira matéria para a construção e afirmação de seus compromissos com a transformação social, política e econômica do país, visando a construção de uma etapa superior do desenvolvimento humano, bem como, em sua contraparte dialética, assumir o jogo determinado pelo sistema e a ele se entregar.

## Por um teatro empenhado

A opção por realizar uma arte engajada vincula-se à percepção de que a realidade é passível de ser modificada, e cabe ao homem, e somente a ele, essa tarefa. No entanto, para que o homem a execute, é preciso que ele compreenda determinados mecanismos reguladores da ação coletiva e rompa com essa estrutura; é preciso que saiba que a transformação só se dá, efetivamente, com o deslocamento do poder de determinadas mãos para outras. A arte engajada tem como compromisso primeiro sensibilizar e despertar o homem para uma tomada de posição, uma vez que “a avaliação [do público] resulta da percepção consciente da obra de arte e dos sentimentos suscitados por esta” (OVSIANNIKOV, 1982, p. 154).

A resistência, forjada por um preconceito ideológico, que se criou em relação à arte engajada ou arte política, ou qualquer denominação que se dê a uma arte voltada para a defesa dos interesses dos trabalhadores, contrapondo-se, portanto, aos interesses da burguesia, favoreceu ao longo dos anos, particularmente, durante guerra fria – mas, também, depois dela, uma vez que “a retórica do mercado pós-

guerra fria chega a ser mais anticomunista que a dos velhos tempos” (JAMESON, 1999, p. 13) – a ideia perversa de que a arte para apresentar qualidades literárias precisa afastar-se das questões de classe. Essa postura considera a arte política como arte menor; arte engajada é sempre arremedo, pois traz a marca do radicalismo e fanatismo político. No entanto, não existe arte que não seja política: “não existe qualquer obra de arte que seja inteiramente livre de conteúdo ideológico” (PLEKHANOV *apud* EAGLETON, 2011, p. 37).

Julgamos correto afirmar que a arte, seja ela proletária, seja ela burguesa, é engajada se defende os interesses de sua classe. Porém, não se diz que a arte burguesa é uma arte engajada. Tal epíteto se aplica, via de regra, apenas à arte que defende interesses da classe trabalhadora, de esquerda, socializante ou comunizante. Percebemos, portanto, uma clara manipulação ideológica por trás de tal postura, já que alimenta discriminação a uma literatura, ou qualquer outra forma de arte, que seja contra os interesses da classe dominante, no caso, a burguesia.

É preciso, antes, distinguir arte política e/ou engajada de arte de protesto, que, muitos, alguns por ignorância, outros por preconceito ou mesmo má-fé, insistem em confundir. Ainda que tenham uma mesma origem, as duas se diferenciam substancialmente em sua proposta estética e imediatismo da discussão proposta. A arte de protesto se caracteriza por responder a uma realidade determinada, de maneira crítica, denunciando os seus desvios e servindo a objetivos imediatos; nesses momentos específicos, ela se apresenta como uma poderosa arma de combate.

Em nosso país, particularmente nos anos de ditadura militar, a consciência dos artistas, intelectuais e escritores, não os traiu e os levou a um enfrentamento aguerrido contra as forças da repressão. A arte engajada e, em particular, o teatro com sua “vocalização política” (DORT, 1977, p. 366), se colocou na frente de luta em favor das liberdades democráticas e melhores condições de vida para todos, não abriu mão de sua função social e engajou-se, correndo todos os riscos inerentes a uma luta política travada sob um regime de exceção.

O golpe de 1964 interrompeu um dos momentos mais ricos do nosso teatro, tanto em seu aspecto estético quanto em seu engajamento político, que compreendia a manifestação cênica como resultado de uma análise dialética da realidade, para, dando-lhe contornos artísticos, interferir na própria realidade e transformá-la. Como resposta e resistência ao golpe, nossos artistas se armaram com todas as suas forças e não se calaram diante ameaças constantes, como também não se calaram diversos segmentos da sociedade civil brasileira. Mas o teatro, por suas próprias características, foi a mais perseguida das artes.

A censura imposta pelo regime não foi apenas um mecanismo para impedir o acesso a determinadas obras de arte, consideradas ameaçadoras à ordem política e social: a censura foi substancialmente uma forma de impedir o artista de se

comunicar com o seu público. Alguns dos nossos maiores nomes no teatro, na música, na literatura, mereceram atenção especial dos órgãos de repressão política. O seu pensamento sobre a realidade nacional, expressado nas peças, nas músicas, nos romances ou nos poemas, sofreram, além da vigilância cerrada, um processo de desarticulação promovido pelo impedimento de acesso às suas obras. É preciso reafirmar: a censura não atingiu apenas aquelas obras que foram proibidas por se considerar que representavam ameaça à segurança nacional e ao bom ordenamento do governo. A censura cindiu uma relação que não pode ser cindida: artista e público se distanciaram, pois, tiveram entre si, a tesoura do censor, sempre pronta a agir de acordo com o humor do seu manipulador, que detinha o poder absoluto para determinar o que podia ou não ser assistido, ouvido ou lido. O censor lançou mão desse poder sem critérios objetivos, muitas vezes seguindo apenas sua intuição de agente da repressão política.

O ato de censurar não permanece confinado em si mesmo, pois desencadeia todo um processo que, analisado à luz de uma consciência histórica, revela a formação de um estado de terror que, dentre tantas outras mazelas, promove o surgimento da autocensura, que não deve ser confundida com o processo de seleção das opções estéticas e temáticas que são próprias da criação artística. A autocensura desencadeia uma vigilância interna, motivada pelo temor e receio de uma reação externa, que impede ao artista a plena realização de sua obra. A dialética da autocensura é resultante do estado de terror implantado no Brasil, e que alguns artistas não souberam, não conseguiram ou não quiseram enfrentar. O prejuízo produzido pela autocensura jamais será mensurado<sup>2</sup>.

Ao longo de todo o período de obscurantismo e perseguições políticas, o teatro procurou formas, as mais diversas, para escapular das garras do monstro da Censura Federal, e dizer, viva voz, o que pensava. Sem medo e sem se intimidar, trouxe para a cena discussões profundas e fundamentais, denúncias severas e críticas mordazes ao regime; lançou mão da metáfora e da parábola como seus principais recursos; às vezes, situando a ação dramática em outro tempo e espaço, ou mesmo criando situações absurdas, mostrou os desmandos cometidos pelo regime de força. O engajamento da dramaturgia se fez sentir de maneira clara e determinada.

## Um dramaturgo em estado de vigília

Uma das características que marcam a trajetória artística de Vianninha é a sua capacidade de percepção dos momentos mais significativos das transformações históricas e as respostas que formula, estética e tematicamente, com o seu teatro,

---

<sup>2</sup> Importante análise sobre a censura no teatro brasileiro, é a do crítico teatral Yan Michalsky (1979), em seu livro *O palco amordaçado*, em que destaca ação da censura em obras que sequer foram escritas.



a cada um desses novos momentos. Sua consciência artística, *pari passu* com sua consciência filosófica e política, fornece os instrumentos necessários para uma correta avaliação da realidade e adequação da prática artística ao momento histórico.

A adequação estética de sua obra responde a essas novas condições. Seu teatro é construído numa tentativa de compreender e atuar sobre a realidade, ainda que seja preciso abandonar métodos anteriores em favor de novas formas, que melhor possam responder a essas necessidades mais imediatas, para, num próximo momento, se necessário, voltar às antigas formas, agora já sob novas configurações, pois elas mesmas se transformaram. Ele não teme voltar para avançar. Sua dramaturgia opera saltos que revelam não apenas o acúmulo de experiências, como também radiografam sua trajetória enquanto artista atento ao movimento dialético da realidade e suas configurações estéticas.

A arte para mim é a transmissão de vivências, emoções, relações, representações e valores, que se incluem no aparelho imediato de conhecimento com que enfrentamos a realidade – desenvolvendo nossa capacidade de reagir sobre ela, nossa capacidade de inteli-la e representá-la. Arte não é útil – porque não ligada à produção de bens materiais, não pode transmitir conceitos, nem pode definir e formar atitudes diante de fenômenos isolados – mas se inclui na cultura do homem, no seu aparato imediato com que representa os fenômenos sociais – determinando suas aspirações, sentimentos, e criando as formas de ação com que representa e apreende esta realidade. A arte coordena e desenvolve as necessidades objetivas de representação do mundo que determinadas épocas e classe têm da realidade. (VIANNA FILHO, 1983a, p. 66-67).

Sua dramaturgia opera um extraordinário salto qualitativo na construção da peça *Moço em estado de sítio*: recuos e avanços no tempo, várias localizações espaciais, multiplicidade de ações e cenas que, simultaneamente, se confrontam e se completam, novo tratamento aplicado aos estados emocionais dos personagens que estão subordinados a um fluxo narrativo diferenciado e bem mais complexo. Tudo isso demonstra apuro técnico e domínio da carpintaria dramaturgica. O resultado surpreende por sua dinâmica, manifestada na simultaneidade de ações, interrupções bruscas de cenas e a variedade de planos.

Seja na forma inovadora de sua dramaturgia, seja na investigação criteriosa do comportamento humano, somos confrontados com um dramaturgo consciente de seu ofício e maduro na condução de seus personagens e manipulação dos conflitos. Novas possibilidades dramáticas são incorporadas ao texto, sendo que o grande destaque está na valorização da luz como recurso definidor das relações temporais e espaciais, fundamentais no desenvolvimento e compreensão cênica da peça.

Sua expressividade surge como elemento estético primordial para a resolução dos problemas de mobilidade cênica que, na sua ausência, certamente, seriam um entrave cenográfico de difícil resolução.

O *flashback* tem sido um recurso amplamente utilizado no teatro, e tem como objetivo principal ampliar as relações tempo/espaço na dramaturgia, permitindo que a memória do personagem seja presentificada e personificada em cena. Do confronto dialético, que possibilita a presentificação do passado e, em contrapartida, promove a historicização do presente, o *flashback* atua tecnicamente na resolução ou aprofundamento dos conflitos dos personagens. Em termos de aplicação prática, ele pode se manifestar de duas formas distintas: surge como recurso epicizado, pois manipulado externamente pelo autor, como pode se manifestar através da memória do personagem, resgatando momentos de sua história que se refletirão em seu presente. As experiências de Oduvaldo Vianna Filho com esse recurso têm início em 1965, com a peça *Moço em estado de sítio*, seguida de *Mão na luva* (1966), *Papa Highirte* (1968), até atingir sua construção mais bem realizada em *Rasga coração* (1974).

As novas condições de produção impunham a urgência de repensar tudo, não apenas o repertório e a forma cepecista, que já não respondiam às necessidades imediatas e objetivas: superar a perplexidade inicial e manter viva a reflexão política e organização dos artistas e intelectuais comprometidos com a transformação social, em torno de um projeto dramaturgicamente e cênico que extrapole sua função primeira de ser apenas um espetáculo à espera de um público. A posição do artista e do intelectual frente à realidade é posta em questão: o processo crítico e autocrítico, visando a encontrar outras possibilidades de formulação estética, depara-se agora com um contexto político que não fazia parte do seu repertório de atuação. Com o acesso às massas interditado, a classe média que havia apoiado o golpe se tornava, então, o alvo principal: a resistência à ditadura demandou uma discussão com outros setores da sociedade que se apresentavam dispostos a refletir sobre a realidade sócio-política do país, através das artes e da cultura.

Não se trata apenas de um redirecionamento mecanicista e automático do público, era preciso, antes, repensar as formas de expressão e a representação da classe média no interior da peça. Para retomar esse diálogo com os setores médios frequentadores de teatro, que fora interrompido durante o período de atuação do Centro Popular de Cultura (CPC), tornou-se urgente uma reorientação e reformulação de tudo o que havia sido feito anteriormente, tanto no âmbito dos temas a serem tratados, quanto na sua configuração estética.

Vianninha reorganiza o seu teatro investindo numa dramaturgia que se confronte com as novas condicionantes políticas e sociais; seu teatro busca oferecer formas e temas que se atualizam, sem perder o caráter de arte empenhada. O

primeiro impasse frente a um estado militarizado é superado pela percepção da necessidade imediata de revisão dos modos de composição e sua capacidade de operacionalização de um novo projeto de teatro<sup>3</sup>.

*Moço em estado de sítio* retoma a perspectiva realista do Arena, porém, imprimindo nesta nova configuração o recurso da fragmentação que entra em choque com a linearidade característica do realismo. A reflexão política e estética operada na peça se aprofunda e apresenta os conflitos sob nova formulação: a análise do comportamento humano, depois daquela experimentada em *Chapetuba Futebol Clube* e que cedeu lugar a uma dramaturgia de circunstância cepecista, na qual o imediatismo político ofuscou a condição humana dos personagens, retorna agora encontrando um equilíbrio em que a construção **realista psicológica** plasma-se com elementos do **realismo dialético**. A utilização de duas estéticas aparentemente antagônicas não se traduz em contradição inconciliável. O realismo dialético, com todas as suas possibilidades estéticas, absorve o realismo psicológico e, com ele, cria uma terceira via de expressão, que contribui, de maneira decisiva para a compreensão da complexidade técnica da escrita e da encenação, assim como o entendimento da abordagem política e histórica.

Das relações entre os personagens – no confronto de suas possibilidades e necessidades – atinge-se a realidade objetiva, de modo a compreender suas múltiplas influências no próprio debate que se trava, permitindo que o sensível e o inteligível sejam apreendidos através do filtro da observação crítica, enquanto nas peças do CPC a realidade é apresentada de maneira direta, nos impondo por si mesmas; a crítica, uma vez que a mediação atende a objetivos políticos que pretendem atuar diretamente sobre o momento histórico.

A peça é reveladora do processo de transformação do próprio autor: ao discutir, no âmbito dramático, a função do artista e formas de atuação através do teatro de agitação a ser levado para o trabalhador, dramatiza um grupo de teatro que resgata o modelo cepecista em suas propostas político-culturais; no entanto, sua configuração estética e concepção de seus personagens e seus conflitos, a caracterizam como uma peça destinada ao público de classe média. Melhor explicando: a peça ficcionaliza o processo de trabalho realizado no CPC – a utilização do teatro como transmissão de conhecimento e mobilizador de ações políticas através da conscientização das massas –, no entanto, a peça enquanto totalidade (escritura textual e espetacular), é dirigida à classe média, numa composição dramatúrgica cuja efetivação cênica só se torna possível numa casa que responda em seus recursos técnicos às necessidades de sua complexa estrutura.

<sup>3</sup> A primeira experiência com essa nova proposta estética será observada no espetáculo *Opinião* (1964), escrito por Armando Costa, Paulo Pontes e Oduvaldo Vianna Filho, em que se coloca em cena três “personagens” que metonimicamente representavam o Brasil: o nordestino (João do Vale), o favelado carioca (Zé Kéti) e a representante da classe média (Nara Leão).

A peça recria, em seu próprio interior e em sua configuração formal, um momento de perplexidade e também de definição, experienciado por Vianninha e artistas de sua geração. *Moço* é o testemunho de uma crise, uma reflexão sobre a arte engajada e o impasse vivenciado pela tomada de poder pelos militares, onde se sente, de maneira significativa, a presença do autor, “quase um testamento existencial e político, por estranha que possa soar esta expressão aplicada a uma obra escrita aos 29 anos de idade” (MICHALSKI *apud* PATRIOTA, 2007, p. 176).

A peça retrata um período histórico vigorosamente rico em debates políticos e culturais, com uma destacada participação dos artistas e intelectuais nesse processo, e ficcionaliza essas contradições que remontam às crises vivenciadas por Vianninha no seu rompimento com o Teatro de Arena para formação do CPC, e, diante da decretação de sua ilegalidade, culminando com o enfrentamento da nova realidade imposta pela ditadura. Tais condições forneceram farto material para a configuração dramática de *Moço*.

O deslocamento temático, iniciado com o espetáculo *Opinião*, trazendo para o eixo dos conflitos personagens da classe média, espaço antes restrito ao proletariado, confirma a necessidade e a capacidade de mudança do autor. Repensar o fazer teatral significava não apenas uma questão estética, mas, sobretudo, encontrar uma linguagem que conseguisse atingir as exigências de um público frequentador de teatro, do qual estava afastado desde os anos do Arena. O dramaturgo compreendeu que o momento impunha a urgência de se buscar um outro fórum e um outro público disponível para travar uma discussão sobre os rumos do país, reagindo de maneira decisiva ao atual estado. A peça mimetiza as condições de crise vivenciadas pelos artistas: que teatro fazer nesses tempos em que a realidade não permite a completa realização de obras comprometidas com as questões sociais e políticas?

A discussão sobre a função do artista e do intelectual frente à conjuntura social abandona o plano teórico dos ensaios e artigos e entra, definitivamente, na obra dramatúrgica de Vianninha com *Moço em estado de sítio*. O debate travado em torno de uma arte empenhada, a procura incessante de uma participação política, a horizontalização da cultura, a atuação do teatro como agente formador de uma consciência crítica e mobilizador em torno de luta comum, se aproxima de maneira bastante perceptível às ações desenvolvidas no Arena e no CPC. No entanto, frente às novas condições de produção, busca-se uma síntese estética e política para esse novo enfrentamento que se apresenta para o intelectual e o artista brasileiros.

A consciência sitiada do intelectual e do criador identificado ao projeto político-cultural do CPC luta com suas próprias contradições, revê seu passado e as opções que fez. [...] O trabalho desenvolvido e os métodos empregados [pelo grupo de teatro] constituem uma óbvia alusão ao CPC. (BETTI, 1997, p. 204-205)

O personagem central – Lúcio – assim como Vianninha, é um dramaturgo vinculado a um grupo de teatro que se propõe a um teatro de características populares, se aproximando do trabalhador e discutindo temas que julga relevantes para o crescimento de uma consciência política. Ainda que seja perceptível uma certa projeção do autor em seu personagem central, eles não se confundem: as dúvidas, conflitos e contradições pessoais de Vianninha são superadas pela ação objetiva, enquanto o personagem não consegue avançar em suas contradições, revelando uma incapacidade frente aos diversos impasses que lhe são apresentados: “a facilidade com que Lúcio transita de uma opção a outra revela a inconsistência de sua personalidade” (BETTI, 1997, p. 205). Embora existam vários pontos de contato entre criador e criatura, não se pode falar de uma peça autobiográfica, pois as diferenças se acentuam, ainda que as crises os aproxime. E a crise não é só do dramaturgo e do seu personagem, é a crise do teatro brasileiro que procura se reencontrar.

As divergências estéticas e políticas, surgidas no interior do grupo teatral, se apresentam em sua primeira cena: Lúcio defende uma atuação ampla, de maior proximidade com as massas trabalhadoras, num trabalho político de organização e mobilização, e não apenas de intervenção, desligada do contato íntimo e duradouro com o povo:

**Lúcio** – [...] Sem dinheiro, se mete em subúrbio, faz um espetáculo, não volta mais – se voltar é daqui um ano... a filosofia qual é, Suzana? [...]

**Suzana** – Você não vai nas reuniões, Lúcio. Fala lá. Você não ia trazer um plano pra levantar dinheiro?

**Lúcio** – Dinheiro para montar uma peça que prova que delatar é coisa feia? Isso, acho que tem gente dizendo desde que um tal de Judas... Judas, um palestino, lembra dele? (SILÊNCIO) Tem é que concentrar num bairro, só lá, Suzana. Fazer um clube, uma associação com o povo, não sei o que... mas não sair de lá... (1<sup>a</sup>./2)<sup>4</sup>.

A crise se efetiva motivada pelo choque de convicções divergentes sobre as formas de atuação política. Não há dúvida de que na fala de Lúcio identifica-se uma crítica aos métodos do CPC, que sofreu com a solução de continuidade em sua ação político-cultural. Num severo exercício de crítica e autocrítica, Vianninha parece estabelecer ligação entre os conflitos da peça e as ações cepecistas:

---

<sup>4</sup> Todas as citações da peça *Moço em estado de sítio* serão indicadas no corpo do trabalho apenas pelos números de página entre parêntesis, na edição que consta das referências bibliográficas. A forma de numeração da cópia xerografada respeita a divisão das partes da peça: são três partes e, em cada página consta o número da parte e o número da página daquela parte, separados por uma barra.

Qualquer trabalho de profundidade cultural, de horizontalização, de levar frutos culturais, exige em primeiro lugar um trabalho de continuidade, e essa continuidade para nós praticamente não existia. Eu acho que realizei espetáculos teatrais em praticamente todas as favelas do Rio de Janeiro. Mas eu devo ter realizado um ou dois em cada uma. Isso significa uma total descontinuidade. Realmente não tinha nenhum significado. Nós trabalhávamos em sindicatos, mas com condições de trabalho realmente utópicas. Era quase que o prazer da existência dessas condições e dessa atmosfera, e a dedicação, a capacidade de nos dedicarmos a esse trabalho, isso era quase que mais importante que os resultados concretos, que os frutos reais. Era, vamos dizer, a paixão por uma atmosfera. A paixão pelo encontro do intelectual com o povo, que realmente para nós era incandescente e ao mesmo tempo muito romântico, informou muito mais a nós do que aos trabalhadores com que nós entrávamos em contato. Eles continuavam com seus problemas salariais, de organização, de sindicato, de lutas. (VIANNA FILHO, 1983b, p. 175)<sup>5</sup>.

Por outro lado, é bastante significativo o confronto de ideias sobre a ação do teatro e, particularmente, sobre o processo de discussão do grupo, referente à peça de Lúcio, que, inevitavelmente, nos remete aos embates travados no Seminário de Dramaturgia do Arena em toda sua aspereza crítica e autocrítica, nos quais, não raras vezes chegou-se a agressões pessoais.

ENTRAM PESSOAS DO GRUPO E SENTAM. A LUZ MUDOU. SUZANA SENTA-SE AO LADO DE BAHIA. LÚCIO, NERVOSO, LÊ SUA PEÇA.

**Lúcio** – [Lendo a peça para o grupo] EMBAIXADOR – É uma bela medida, Governador. Mas se V. Excia. pedir ajuda dos russos, perderá a metade do apoio que tem dos comerciantes, dos homens de indústria. Metade, eu estou sendo otimista, otimista, Excelência? O Governador fica em silêncio. O Embaixador sorri. Levanta. Faz uma reverência. Sai. O Governador imóvel. Fim do 3º. Ato. (SILÊNCIO)

**Um** – Eu quero começar. Achei a peça muito importante. Parabéns ao companheiro. Dramaticamente talvez haja algum senão mas o sentido... anti-imperialista me pareceu justo. É uma denúncia. Acho que ela...

**Bahia** – Que denúncia? Denúncia de que?

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Vianninha a Ivo Cardoso, em fevereiro de 74, cinco meses antes de sua morte, acontecida em julho do mesmo ano. É importante ressaltar que Vianninha foi, talvez, aquele que melhor construiu uma autocrítica em relação ao Arena e ao CPC. Seus escritos e suas duas últimas entrevistas publicadas o demonstram de maneira bastante clara.

**Vozes** – Deixa ele falar, Bahia! – Espera a vez, Bahia.

**Um** – Denúncia da política do big stick, denúncia...

**Bahia** – Pra mim ele denuncia que política é uma coisa simples como água e que nós somos uma multidão de imbecis!

**Vozes** – Absolutamente! – Deixa ele falar! – Um de cada vez, um de cada...

**Suzana** – A burguesia vacilante está lá, o medo está lá, isso é simples?

**Lúcio** – O povo tem consciência mas não tem força, isso que eu...

**Dois** – Se ele tem consciência, ele tem força, companheiro...

**Vozes** – Não! – Quem disse isso? Quem? – A peça é simplista, meu velho...

**Lúcio** – Simples é essa crítica, não aceito assim, não aceito.

**Dois** – O que eu quero dizer é que a peça não mostra os erros do povo. Intenção em política não é nada. Em política, errou, pagou na hora.

**Vozes** – Mas é outra peça! – Assim não é possível! – A peça é didática! É simples, mas não é simplista...

**Bahia** – Política não é tragédia, não. Tragédia nem os gregos escreveram. O negócio é errou ou acertou. Essa revolução da peça entrou pelo cano porque eles erraram e o autor não sabe disso.

**Lúcio** – Eles erraram, pensaram que tinham força demais.

**Bahia** – Isso você está dizendo agora, porque na peça não tem, não.

**Vozes** – Como não tem? – A peça é didática! – Não pode querer obra-prima!

**Suzana** – A peça tem erros, sim. A peça do Bahia não tem erros? Só o Bahia acerta nessa praça? Isso não é maneira de tratar um trabalho de um companheiro. A peça é boa.

**Bahia** – Não é boa não. Que tem uma peça não ser boa? (LÚCIO FALA. AS LUZES EM VOLTA DOS OUTROS COMEÇAM A APAGAR)

**Lúcio** – Boa é a sua peça sobre delação, não é? Minha peça é sobre uma revolução, pomba. Ou só pode se escrever sobre delação aqui? Algumas colocações eu aceito, mas invalidar tudo? Não aceito. (2º/4-6).

Para Vianninha, as contradições que enfrentava no Arena já estavam superadas: não encarava mais como problema fazer teatro para a classe média discutindo os problemas dela, uma vez que nela poderia encontrar aliados para efetivar a luta.

O processo cultural, o aprofundamento cultural, tem de ser feito diante das forças que absorvem cultura na sociedade brasileira. Eu não posso inventar outros



componentes de absorção de cultura. O processo cultural deve ser feito de quem vive e absorve esse troço. (VIANNA FILHO, 1983b, p. 175-176).

A luta pela democracia, que está diretamente vinculada à luta pela liberdade de expressão e melhores condições de vida para a população, encontra no teatro um grande aliado. A repercussão positiva do espetáculo *Opinião* confirma a Vianninha a correção do caminho escolhido. A aproximação com “a classe média mais típica, aquela de Copacabana contemporânea” (ANTÔNIO MERCADO *apud* GUIMARÃES, 1984, p. 65-66) promove a identificação do público com os personagens e temas apresentados:

[...] as contradições, as angústias, os vagos anseios, as lutas, as frustrações dessa classe constituem acima de tudo mais a matéria prima que o autor molda e na qual incrusta a discussão dos temas que lhe parecem fundamentais, tanto do ponto de vista ideológico e existência como à luz da conjuntura sócio-política brasileira. Vianninha soube detectar com maestria os conflitos internos e externos desse extrato social. (ANTÔNIO MERCADO *apud* GUIMARÃES, 1984, p. 65-66).

A classe média, que vivia a contradição de ter apoiado o golpe e começava a sentir na carne a primeiras consequências de seu ato, é o alvo a ser confrontado com a disposição e atuação política dos personagens que, através do teatro pretendem a transformação social. Como seu representante, o personagem central traz no seu comportamento as mesmas fragilidades e inconsistência ideológica típicos de uma classe que, no processo histórico, tem se mostrado vacilante e oportunista<sup>6</sup>. A consciência política de Lúcio, demonstrada em sua participação no grupo de teatro, choca-se de frente com seus desvios éticos e morais, que irão ser apresentados ao longo da peça. O personagem não consegue administrar suas contradições, permitindo que tais desvios se manifestem de maneira a obliterar sua atuação política.

Através do debate em torno das contradições da classe média, é possível abordar, dentro dos limites impostos pela censura que começava a mostrar sua tesoura, a realidade em suas diversas manifestações. A discussão política e econômica repercute no comportamento dos personagens, para retornar, agora reconfigurada, como crítica implícita ao sistema e ao próprio regime. O que se vê no palco, “mesmo que se tenha que selecionar mais cuidadosamente a minha temática [...] para enquadrá-la nos padrões permitidos” (VIANNA FILHO *apud*

<sup>6</sup> Outras peças de Vianninha irão discutir as relações políticas e ideológicas da classe média, dentre elas, devemos destacar: *Mão na luva* (1966), *Corpo a corpo* (1970), *Em família* (1970), *Alegro desbum* (1972). O tema da classe média será imortalizado no seriado de televisão *A grande família* (1973), escrito em parceria com Armando Costa.



GUIMARÃES, 1984, p. 57), é o retrato de um país que se encontra num impasse em que a moral e a ética estão corrompidos, um país do “salve-se quem puder”, da lei do mais forte, da vantagem a qualquer custo, comportamento que em meados dos anos 70 viria a ser estigmatizado pela “lei de Gerson”.

Lúcio é a representação de um momento histórico, de uma classe que não consegue se impor, pois encontra-se no eterno dilema de não aceitar ser proletário e não conseguir ser dominante, mas continua alimentando o sonho de ascensão social. No microcosmo dramático, nos deparamos com um sistema semelhante, pois as possibilidades não estão abertas a todos, e, para a satisfação de suas necessidades, é preciso se vender a ele e fazer o jogo imposto pela classe dominante. Lúcio não consegue se impor frente ao grupo de teatro com sua obra dramaturgical e, para superar essa frustração, se vende ao sistema e trai os companheiros. Lúcio aceita o jogo e vai trabalhar numa revista que defende interesses do sistema: talvez se dê bem, talvez seja destruído pelo mesmo esquema que o absorveu e determinou as condições de convivência.

Para Vianninha, discutir a classe média e seus comportamentos contraditórios, foi a maneira de compreender um pouco mais o Brasil e sua realidade. Seu projeto se apoia na reconstrução de um teatro que continue afirmativo em seus propósitos fundamentais, embora as condições sejam as mais adversas, por isso mesmo a necessidade de outras formas e outros temas.

Para que o teatro possa atuar, possa divertir – possa reunir um mundo de sensações novas, originais, recém-reveladas – a condição política básica é a existência da democracia; a liberdade de expressão e de manifestação do pensamento. [...] Teatro participante é a paixão, a profunda paixão da descoberta do espírito humano contemporâneo. [...] A democracia foi destruída enquanto organização, mas não enquanto absoluta aspiração do povo e do artista brasileiro. A destruição dos valores democráticos custou também a destruição de vários mitos que enredavam a consciência social. (VIANNA FILHO, 1983c, p. 103-104)

### **MOÇO EM ESTADO DE SÍTIO: RUPTURE AND EXPERIMENTATION IN TIMES OF DICTATORSHIP**

**ABSTRACT:** *This article intends to present some aesthetic and dramaturgical aspects of the play Moço em estado de sítio, by Oduvaldo Vianna Filho. The play represents a qualitative leap in the dramaturgical production of an author who has always looked at the contradictions of our society, trying to understand them, and responding to them through a conscious and committed work in the struggle*

*for social transformation. By confronting his characters with objective reality, he demonstrates that his attachment to material forces dialectically conditions his human development. The dramaturgic form reveals such conditions in a metonymic relation, in order to unravel the social contradictions and, through this, to display the nature of the character in its process of formation and political action. The play inaugurates a cycle (Moço em estado de sítio, Mão na luva, Papa Highirte and Rasga coração) that uses flashbacks as a composition technique in order to deepen the psychological and dialectical realism.*

**KEYWORDS:** *Brazilian dramaturgy. Engaged theater. Psychological realism. Dialectical realism. Oduvaldo Vianna Filho.*

## REFERÊNCIAS

- BETTI, Maria Silvia. **Oduvaldo Vianna Filho**. São Paulo: Edusp, 1997.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Trad. Fiamma Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- DORT, Bernard. **O teatro e sua realidade**. Trad. Fernando Peixoto. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES, Carmelinda. **Um ato de resistência** – o teatro de Oduvaldo Vianna Filho. São Paulo: MG Editores Associados Ltda, 1984.
- JAMESON, Fredric. **O método Brecht**. Trad. Maria Silvia Betti. Revisão técnica Iná Camargo Costa. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- LUKACS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre literatura e arte**. Trad. Olinto Beckerman. São Paulo: Global, 1979.
- MICHALSKI, Yan. Longa jornada estado de sítio adentro. In: PATRIOTA, Rosângela. **A crítica de um teatro crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O palco amordaçado**: 15 anos de censura teatral no Brasil. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.

OVSÍANNIKOV, M. F. *et al.* **Fundamentos da estética marxista**. Trad. Iu. Mélnikov. Moscou: Progresso, 1982.

PATRIOTA, Rosângela. **A crítica de um teatro crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PEIXOTO, Fernando. (Seleção, organização e notas). **Vianinha** – teatro, televisão, política. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIANNA FILHO, Oduvaldo. **Moço em estado de sítio**. Cópia xerografada.

\_\_\_\_\_. O artista diante da realidade (um relatório). In: PEIXOTO, Fernando. (Seleção, organização e notas). **Vianinha** – teatro, televisão, política. São Paulo: Brasiliense, 1983a.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Ivo Cardoso. In: PEIXOTO, Fernando. (Seleção, organização e notas). **Vianinha** – teatro, televisão, política. São Paulo: Brasiliense, 1983b.

\_\_\_\_\_. Perspectivas do teatro em 1965. In: PEIXOTO, Fernando. (Seleção, organização e notas). **Vianinha** – teatro, televisão, política. São Paulo: Brasiliense, 1983c.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em 09/02/2018.

Aprovado em 18/04/2018.



# LITERATURA E SOCIEDADE: AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA OBRA *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA

*Marcos S. S. de LIMA\**

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise discursiva, utilizando uma obra literária que traz temas extremamente atuais tais como o preconceito social e homofóbico. Trabalharemos em especial com os personagens Amaro (Bom-crioulo), Aleixo e D. Carolina, da obra *Bom-Crioulo*, produzida em 1895 por Adolfo Caminha, um dos principais autores brasileiros do Estilo Naturalista. Especificamente, evidenciaremos os discursos, as relações de poder e a subjetividade dos sujeitos representados pelos protagonistas. Tal abordagem tem como fundamentação teórica conceitos de Michel Pêcheux e, principalmente, de Michel Foucault acerca do discurso e do sujeito. Tentaremos mostrar como estes conceitos se relacionam e moldam a sociedade, como os sujeitos que fazem parte de uma determinada época da sociedade são construídos pelas práticas discursivas e pelo exercício das relações de poder, pois eles são sujeitos criados, fabricados, construídos pelas práticas discursivas, pelos poderes constituídos, transformando-se em sujeitos “úteis” à sociedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Discurso. Sujeito. Literatura. Sociedade.

## Uma breve introdução

Sobre o que acontecia na sociedade no século XIX; Adolfo Caminha<sup>1</sup> seguia um movimento de estilo Naturalista<sup>2</sup> que surge no final desse século. Nessa

---

\* Secretaria Municipal de Educação de Canoas. Canoas - RS – Brasil. 92025370 - salmo.socram.ms@gmail.com.

<sup>1</sup> Adolfo Caminha (1867-1897) foi um escritor brasileiro. Um dos principais representantes do Naturalismo no Brasil.

<sup>2</sup> Surgiu na França, na segunda metade do séc. XIX, chegando ao Brasil no final do século. Teve como tema principal a análise comportamental patológica do homem, de suas taras sexuais, de seu lado animalesco.

época, desenvolvem-se as ciências humanas, o positivismo etc. A corrente literária adota teorias científicas como, por exemplo, a hereditariedade, a fim de explicar os problemas sociais. Nessa concepção, o homem é vítima das circunstâncias e é determinado pelo seu momento histórico e pelo meio em que vive. De acordo com Aburre, Pontara e Fadel (2003),

[...] os naturalistas viam, no comportamento do ser humano, traços de sua natureza animal e demonstravam a influência de tal natureza explorando temas como o homossexualismo, o incesto, o desequilíbrio que leva à loucura, criando personagens dominadas por seus instintos e desejos. A classe baixa foi, por excelência, o alvo das atenções naturalistas. A literatura de tese combinava bem com a apresentação das mazelas sociais, que se manifestavam de modo mais intenso entre as pessoas pobres e exploradas. (ABURRE; PONTARA; FADEL, 2003, p.83)

A obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (2003), apresenta características do estilo naturalista. Ela se passa na segunda metade do séc. XIX, no Rio de Janeiro, onde se destacam o espaço aberto, normalmente os dias são claros e quentes, no alto mar onde Amaro e Aleixo se conhecem; e o espaço fechado do quartinho que Amaro tem na Pousada de D. Carolina, localizado na Rua Misericórdia. Os dois lugares são descritos em seus aspectos mais degradantes e negativos, ressaltando a miséria daqueles que aí vivem. Narrado em 3ª pessoa, de característica onisciente, percebe-se que as inúmeras descrições que aparecem no romance, condizentes com o estilo naturalista que privilegia a observação meticulosa dos fatos, buscam não se confundir com a história, nem com as personagens.

A originalidade de *Bom-Crioulo* se manifesta no triângulo amoroso sobre o qual se sustenta. Tradicionalmente, um triângulo amoroso é composto por dois homens em luta por uma mulher, ou duas mulheres que disputam o mesmo homem. Em *Bom-Crioulo*, evidenciamos uma quebra neste estereótipo, o terceiro do triângulo, ou melhor, a terceira é uma mulher que atua com ações culturalmente masculinas, pois conquista Aleixo em vez de ser conquistada.

A abertura do romance se faz com uma detalhada descrição da corveta, local inicial da ação. Por meio de uma descrição minuciosa e da riqueza de detalhes que ajudam a compor o ambiente externo, percebe-se como o autor naturalista se debruça sobre o meio que terá um papel decisivo no comportamento das personagens. Conforme o trecho:

No entanto ela aí vinha — esquite agourento — singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça

branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar... (CAMINHA, 2003, p.14).

O ambiente de bordo é marcado pelo trabalho duro e por uma vida sem privacidade, o que possibilita a eclosão das mais diversas perversões. O ajuntamento de homens favorecia a promiscuidade entre seres que vivenciam a solidão da reclusão da vida no mar e que, sobretudo, sentiam a falta de liberdade, vítimas de um sistema duro e cruel, neste caso a vida na Marinha. Num segundo momento, a história se desloca para a terra, mais precisamente para um quarto na Rua da Misericórdia onde Amaro e Aleixo, após terem se conhecido no navio, vivem o ápice e o declínio de seu relacionamento:

O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão roído pelo cupim e tresandando a ácido fênico. Nele morrera de febre amarela um português recém-chegado. Mas Bom-Crioulo, conquanto receasse as febres de mau-caráter, não se importou com isso, tratando de esquecer o caso e instalando-se definitivamente (...) “O leito era uma cama de vento” já muito usada, sobre a qual o Bom-Crioulo tinha o zelo de estender, pela manhã, quando se levantava, um grosso cobertor encarnado “para ocultar as nódoas”. (CAMINHA, 2003, p.54).

Os moradores da Rua Misericórdia eram brancos, mulatos e mestiços - o retrato fiel de nossa brasilidade - sempre pessoas exploradas, oprimidas pela sua condição social. Há a presença de negociantes portugueses em ascensão, como o açougueiro que sustenta D. Carolina, estes se aproveitam de algum modo, da miséria dessas pessoas. Desta maneira, o comportamento das personagens está condicionado pela pobreza do ambiente que as circunda. Caminha constrói com segurança e coerência o personagem Amaro, mulato dominado pela paixão homoafetiva, que o leva para caminhos desagradáveis até o ato criminoso.

Amaro é o protagonista, ex-escravo convocado à Marinha. Homem muito forte, com trinta anos de idade e que não conseguiu realizar-se sexualmente com as mulheres. Duas tentativas deram-lhe grande decepção e o deixaram frustrado. Só conseguiu consumir o ato com Aleixo. Apresenta certa profundidade psicológica, mas que é totalmente envolvido por sentimentos e instintos que o dominam, impedindo-o de perceber com clareza a situação conflituosa que vive. Os castigos físicos que lhe foram praticados transformaram-no em um homem resistente e lhe deram a energia de um ser altivo, vaidoso, digno, enfim, uma pessoa de amor-próprio.

Aleixo, também protagonista, grumete, belo rapaz de olhos azuis, que embarca no Sul. Tem quinze anos e mexe sexualmente com Amaro. Cede às investidas e

caprichos do crioulo, mas quando aparece a ocasião o troca por uma mulher. Isso o leva ser assassinado por Amaro. Aleixo surge desde o princípio como o oposto de Amaro: branco, fisicamente fraco e pueril, subjugado pelas circunstâncias e por Amaro e D. Carolina. O ar de submissão de Aleixo vai se modificando ao longo da narrativa, isto é, suas experiências se transformam numa espécie de esperteza camaleônica. A ligação com Amaro lhe apresenta um novo mundo, bastante diferente daquele de sua origem, e que lhe propicia, acima de tudo, favores e proteção.

D. Carolina, antagonista, é a amiga e torna-se rival de Amaro. Ela é uma portuguesa que alugava quartos, na Rua Misericórdia, somente a pessoas de certa ordem, gente que não se fizesse de muito honrada e de muito boa, isso mesmo, rapazes de confiança, bons inquilinos, patrícios, amigos velhos. Desde o início, ela se revela uma mulher de negócios, cuja mercadoria era seu próprio corpo. Teve suas dificuldades, mas conseguiu se reerguer, observando como poderia lucrar com os outros, já que também lucravam com ela. No entanto, vive só.

Por fim, a narrativa do romance é simples e direta, mas não entrega o jogo facilmente, cria suspenses, vai e volta no tempo, de modo a dar a cada momento, a cada situação, a sua atualidade e a sua história, o seu desenvolvimento próprio. A intenção do romance se resume em acompanhar as personagens em sua movência de espaços e de suas práticas discursivas. Nele tudo caminha numa ordem inalterável até o fim, com uma supervalorização do instinto sobre os sentimentos, do animal sobre o homem, do irracional sobre o racional, do primitivo sobre o evoluído, e por fim, do amor sobre a razão.

É nesta narrativa que perceberemos que o sujeito, segundo Foucault (1984), tem a capacidade de se afirmar como ser singular - assumindo em termos morais a sua subjetividade que é uma atividade de libertação. Sem utopias, porém; a liberdade não quer dizer a independência de um livre arbítrio nem a libertação que tornaria o sujeito independente de qualquer coerção exterior ou interior como veremos no decorrer da análise. A liberdade não deixa de ser uma relação de poder. Ela articula-se simultaneamente e de forma estreita tanto com a subjetividade como com o poder, materializando-se nas práticas discursivas.

## A análise discursiva da obra

Analisando alguns elementos linguísticos da obra *Bom-crioulo*, observaremos o que se esconde por trás de determinados discursos. Segundo Brandão (2004), a partir de Foucault, o discurso é definido como um conjunto de enunciados (opondo-se ao conceito de frase, proposição, *speech acts*) que se constituem em uma mesma formação discursiva. Foucault (2009) chama de formação discursiva tudo que



No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e, no caso em que entre os objetos, os tipos e enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma **formação discursiva** (FOUCAULT, 2009, p.43).

A partir da perspectiva de Foucault (2009), Michel Pêcheux, fundador da análise de discurso francesa, vai reelaborar o conceito de formação discursiva (FD). “Será da *Arqueologia* que Pêcheux extrairá o termo FD do qual a Análise do Discurso francesa se reapropriará, submetendo alguns elementos conceituais a um trabalho específico” (COURTINE, 2014, p.70). Portanto, para Pêcheux e Fuchs (2010) uma FD será tudo

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes correspondem. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.160-161).

Assim, para Foucault (2009), a FD é um conjunto de enunciados que não estão reduzidos ao sistema da língua, mas que também não se submetem à continuidade histórica nem estão subordinados a uma mesma regulação e dispersão no modo ideológico, científico, de teorias etc. Para Pêcheux (2008), tal conceito parte do prisma do marxismo de Althusser, isto quer dizer que a FD enfatiza aquilo que deve e pode ser dito e se situa no espaço da luta de classes.

Foucault (2009) diz que um enunciado possui uma materialidade, uma substância, em um lugar, em uma data, e mais do que isso, possui uma função enunciativa. As sequências linguísticas do *corpus* para que sejam consideradas e analisadas como uma função enunciativa, sua existência material faz-se necessária, isto é, o enunciado será sempre mostrado em uma espessura material que o constitui. Gregolin (2006) afirma que Foucault procura compreender as ocorrências do discurso, isto é, o surgimento dos enunciados possibilitando o estabelecimento e a estabilização de determinados objetos em nossa cultura. O projeto de uma descrição de fatos discursivos constitui-se como um sistema finito

e efetivamente limitado das seqüências que tenham sido formuladas entendendo o enunciado em sua peculiaridade de ocorrências, em sua irrupção histórica, já que ele “é sempre acontecimentos que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente”(Foucault, 2009, p.88). Por outro lado, sua emergência pressupõe articulações com outros enunciados e é necessário descrever esses jogos de relações. Foucault (2009, p. 88) vê, portanto, no enunciado uma articulação dialética entre a singularidade e repetição: “de um lado, ele é um gesto; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é o único mais aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro” e que Pêcheux e Fuchs (2010), inicialmente, em sua teoria sobre o discurso vai chamar de efeito parafrástico.

Para Pêcheux (2010), o estudo do discurso, conseqüentemente para a análise do discurso (AD) francesa, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à língua, ao sujeito e à ideologia. Tendo como base o materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente da maneira de organizar as formas de produção social. A ideologia, nesse campo teórico-prático, surge como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que a signifique.

Conforme Pêcheux (2010), o sujeito tem uma marca no espaço e no tempo, sendo essencialmente histórico. Dito de outra forma, quando o sujeito fala, ele fala de um determinado local e de um determinado tempo. O autor vai unir a concepção de sujeito não somente histórico, mas também fundamentalmente ideológico. Ele rompe com as ideias de um sujeito uno, livre, que vai ser caracterizado pela consciência (sem inconsciente, sem ideologia) e tomado como origem do que diz. O sujeito, para a AD, não é considerado como um ser orgânico, um ser de pele e osso, um ser empírico, um falante, locutor ou mesmo um emissor, mas sim ele é constituído pela relação que possui com o outro.

Pêcheux (2010) define o sujeito como sendo clivado, não uno; um sujeito assujeitado, não livre, não estando na origem do discurso. Denuncia, nessa ideia, a ilusão do sujeito falante. A AD critica a teoria da subjetividade que reflete a ilusão do sujeito onipotente, intencional, dono do que pensa e diz. A compreensão do sujeito como centrado, consciente, não ideológico perde sua centralidade.

Logo, a AD francesa envolve uma análise contextual das práticas discursivas. O contexto histórico-político-social, em que os sujeitos estão inseridos, determina diretamente as ideologias presentes em um discurso. Assim, o discurso é uma criação da lingua(gem) atrelada ao contexto social onde aquele é desenvolvido. Sendo este objeto primordial da AD, o discurso, para Pêcheux (2008), considera a linguagem em ação, os efeitos engendrados através do seu uso e o sentido social que se constrói, e este sentido encontra-se sempre aberto à interpretação. Como afirma Pêcheux (2008),

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PECHEUX, 2008, p. 53).

A partir daí, tomamos como leitura os discursos que se encontram na obra de Caminha (2003), a fim de encontrar elementos linguísticos que fazem parte de discursos específicos e que possuem léxicos particulares de uma FD, isto é, de saberes aos quais os sujeitos se filiam. O narrador do romance a cada enunciado pronunciado vai nos encaminhando a uma prática discursiva que é responsável por formar um espaço comum que abordará temáticas a respeito do preconceito social e, principalmente, do homossexual. Ele é responsável em descrever todo o cenário hostil e preconceituoso em que os personagens estão inseridos, e descrever as ações destes, levando-nos para um tempo e lugar que possui discursos que são determinados pelos saberes nos quais se inscrevem. Cada enunciado produzido pelo narrador acerca do cenário ou dos personagens, conduz o leitor a um discurso de que percebemos ser de negação, de subordinação, de seres que vivem num ambiente, onde a sobrevivência se faz através do proibido e da submissão. Os sujeitos são aprisionados em um sistema disciplinar onde seus dizeres são controlados e vigiados, remetendo a um discurso de submissão, escravidão, opressão, marginalização, etc. A saber,

Silêncio absoluto nas fileiras da marinhagem. Cada olhar tinha um brilho especial de indiscreta curiosidade. Um frêmito de instintiva covardia, como uma corrente elétrica, vinha à face de toda aquela gente abespinhada ali assim perante um só homem, cuja a palavra trazia sempre o cunho áspera da disciplina. Era um respeito profundo chegando às raiais da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for. (CAMINHA, 2003, p.16)

- Corja! Regougou o comandante brandindo a luva. Não se compenetraram de seus deveres, não respeitam a autoridade! Hei de ensiná-los: ou racho-os! (CAMINHA, 2003, p.19).

Nada é dito por acaso, sempre o que dizemos tem uma intenção, um valor cultural, social e/ou político, o que significa dizer que ao escrever o romance, Adolfo Caminha (2003) está querendo nos dizer algo, sua prática discursiva tem uma intencionalidade produzindo um efeito de sentido em seu interlocutor, leitor. O autor, ao criar o espaço militar e as ações dos personagens, revela o que acontece dentro

desse espaço hierárquico que ninguém, além dos sujeitos que dali fazem parte, podem saber, e que muitas vezes, quando é externado sofrem severas punições.

Trazendo elementos linguísticos que remetem a um discurso homoerótico, podemos perceber que os enunciados dos personagens não são explícitos, isto é, eles não falam claramente acerca do envolvimento de Amaro e Aleixo ou das feições que alguns oficiais têm com seus subordinados, porque, conforme Pêcheux (2010), ao se inscrever em determinada FD, nem todo sujeito pode e deve dizer o que pensa. Tanto o narrador quanto alguns personagens possuem enunciados que nos encaminham para um discurso proibido, ou seja, do relacionamento entre seres iguais, rodeados por hostilidade, preconceito, negação do desejo, proibição e submissão. Como mostram os excertos,

[...] o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventam por aí... [...] Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo! Ninguém está livre de um vício. (CAMINHA, 2003, p.29)

Nas horas de folga, no serviço [...] ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo (Aleixo) como se ele fora de outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo! [...]

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo de posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? (CAMINHA, 2003, p.34)

Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres.

[...] havia exemplo ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam coisas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros é que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana... (CAMINHA, 2003, p.46)

Estava satisfeita a vontade de Bom-Crioulo, Aleixo surgia-lhe agora em plena e exuberante nudez (...) Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiuca da Rua da Misericórdia (...). (CAMINHA, 2003, p.56)

Observando os elementos que nos levam a um sistema hierárquico, objetivamos encaminhar o/a leitor/a à uma relação de poder que está representada

na instituição militar, que é a Marinha. Ela é o que Foucault (1996) chama de um poder cujo seu exercício encontra-se nos sujeitos envolvidos por ela e nela, enquanto isso, os discursos que se referem aos subordinados são sempre de tom pejorativo, tais como “a marinagem, analfabeta e rude (...)” (Caminha, p.15). Na instituição militar há uma relação de poder hierárquico bastante evidente, em que o militar de uma patente mais alta não pode ser desrespeitado, questionado, desobedecido; e que é detentor de poder e possui um saber que não pode ser contrariado, pois o subordinado sofrerá as sanções previstas e será punido severamente. Temos aí, a constituição de práticas discursivas em que determinados sujeitos podem e devem dizer algo e outros sujeitos que não podem e não devem dizer nada, ou seja, temos sujeitos antagonicos inscritos em uma mesma FD.

Os personagens representam bem as relações de poder; mas ainda, essas relações entre eles ratificam o que Foucault (1996) mostra acerca do poder. Para ele, não existe uma teoria geral do poder, o que significar dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário ou global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. Logo, o poder não é um objeto natural, uma coisa; mas sim, uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Este poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos sujeitos (o seu próprio corpo) e se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoder ou subpoder. O que o filósofo chamou de microfísica do poder significa, tanto um deslocamento do espaço da análise quanto o nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção as suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlata a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo (gestos, atitudes, comportamentos, hábitos).

Então, o poder não é um objeto, uma coisa que podemos pegar ou apalpar, algo tácito, mas uma relação entre sujeitos que exercem uma multiplicidade de forças. Seja entre os marinheiros entre si, entre estes e os oficiais; seja entre os oficiais e seu comandante; seja entre o comandante e a instituição militar; ou entre ela e o Estado, ou seja, uma teia de relações de poder.

Constatamos assim os princípios de controle do discurso de que Foucault (1996) menciona em sua obra *A ordem do discurso*. Os personagens representam sujeitos que pronunciam discursos que são rodeados por regularidades que envolvem tais princípios. A marinha representa uma instituição disciplinar com meios de controlar, organizar e gerenciar os discursos dos sujeitos que nela estão inseridos,

ou melhor, exerce um procedimento de interdição na qual os marinheiros têm que medir, modalizar o que vão dizer e/ou fazer, pois seus dizeres podem acarretar em severas punições.

Ora, aconteceu que (...) Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junta à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados.

(...) acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e inútil, a seiva geradora do homem. (CAMINHA, 2003, p. 19).

O homem não pode se masturbar, não pode ter relações sexuais para fins de seu prazer, a não ser para procriação; e, principalmente, não pode ter relações com um ser do mesmo sexo, caso contrário será castigado pela vontade divina. Assim, percebemos que o personagem a ser punido sente uma culpa em decorrência da efetivação dos prazeres corporais, esperando, desta forma, sua penalização. O trecho mostra um discurso cristão que é, até hoje, bastante utilizado. Um discurso que confirma o que Foucault (1996) esboça sobre o medo do discurso. Este é ao mesmo tempo respeitado e temeroso, surgindo daí sistemas de controle instituídos de maneira a dominar e proliferar. O personagem Bom-Crioulo, durante todo o romance, também sofre essa influência do discurso cristão, pois ao sentir um sentimento forte pelo grumete, o narrador tece discursos geradores de preconceitos acerca das ações daquele. Os enunciados abaixo confirmam essa tese:

(Aleixo) começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...

- Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 2003, p.43)

Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua (Amaro) vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não concebia, por forma alguma, esse comercio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria! o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que “aquilo” ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” lhe impunha esse castigo. (CAMINHA, 2003, p.46).

Outra instituição bastante forte em seu modo de controlar o discurso é a sociedade com suas regras e moralidade. Ela, talvez, abarque todos os princípios de controle do discurso, porque é nela que se convergem tais procedimentos de controle. É nela que vemos as manifestações do princípio da segregação e interdição. Na obra, os marinheiros e suas patentes, cada um sendo ou tendo seu subordinado; e exercendo a relação de poder entre eles; na rua Misericórdia, onde existem brancos, mulatos e mestiços (pessoas miseráveis), encontra-se sujeitos que sofrem o exercício desses procedimentos de controle do discurso.

A instituição militar exerce uma vontade de verdade, isto é, há um comandante que não pode ser contrariado ou questionado, pois seus discursos passam por verdadeiros, em virtude, é claro, de sua patente ser a mais elevada dentro do navio. Logo concluímos que os princípios de controles do discurso estão em todo o canto da obra de Caminha.

Na leitura do personagem de Amaro, podemos averiguar explicitamente um dos três procedimentos de controle do discurso do qual Foucault (1996) fala em *A ordem do discurso*. O ritual que é responsável pela definição da qualificação, dos comportamentos, das circunstâncias que devem possuir os sujeitos que falam e que são falados, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, fixando a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.

Alguns personagens, que fazem parte tanto do universo militar quanto dos moradores da rua Misericórdia, estão sendo controlados pelo princípio de controle das sociedades de discurso, isto é, esse controle possui a função de conservar ou produzir discursos específicos. Práticas discursivas que os sujeitos excluídos e /ou dominados não podem falar/fazer o que querem, estando aprisionados em uma rede de procedimentos de controle do discurso. Por exemplo, os marinheiros ao serem punidos tentam argumentar, persuadir, e até implorar aos seus superiores, a fim de não sofrerem as chibatadas.

A doutrina é um princípio de controle do discurso que tem a função inversa das sociedades de discurso, ela objetiva discursos restritos a certas FD's, ou seja, nem todos os sujeitos podem utilizar certos enunciados em todos os locais, tal como o relacionamento de Amaro com Aleixo, pois vão tentar construir um sentimento, relacionamento que irá de encontro com as regras sociais, em que não podem expor-se em todos os momentos e locais. O romance está repleto de discursos que nos levam à uma ideia de algo que não pode vir à tona ou que não pode ser revelado ou dito. O excerto a seguir descreve bem esse princípio da doutrina:

Nesse dia Priapo (Bom Crioulo) jurou chegar ao cabo da luta. Ou vencer ou morrer! – ou o pequeno se resolvia ou estavam desfeitas as relações. Era preciso resolver 'aquilo'.



— aquilo quê? Perguntou o rapazinho muito admirado.

— nada; o que eu quero é que não te zangues comigo. (CAMINHA, 2003, p. 41)

Bom-Crioulo ao avistar pela primeira vez o grumete, sente por este uma sensação incontrolável, nascendo um desejo de possuí-lo. A partir desse sentimento que se fortalece no decorrer do romance, Amaro passa a construir um conhecimento, enxergando o mundo a sua volta com outros olhos. Olhos que se abrem a um desejo de possessão, de estar a todo o momento com Aleixo, pois este, com todo seu erotismo, com toda sua beleza andrógena, hipnotiza tanto Amaro quanto D. Carolina. Aí, percebemos um sujeito submisso a seus instintos, esses que na sociedade da época são ditos imorais. No romance, a moral quase religiosa e imposta por esta sociedade não se destaca à questão dos desejos de um homem por outro, comparado a um *habitat* de animais em meio a natureza, os desejos acontecem independente do julgamento dos outros, reforçando a ideia do instinto como orientador do comportamento humano em tom amoral. Os excertos descrevem muito bem os sentimentos de Amaro e D. Carolina pelo grumetizinho, o bonitinho.

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetizinho. Nunca experimentara semelhante impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã.

(D. Carolina) Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar o Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele, secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçado, almoço e jantar nos dias de folga — dando-lhe tudo enfim. [...] Aleixo remoçava-a como um elixir estranho, milagrosamente afrodisíaco. Sentia-se outra depois que se metera com o pequerrucho: retesavam-se-lhe os nervos, abria-se-lhe o apetite, entrava n'alma uma extraordinária alegria de noiva em plena lua-de-mel, toda ela vibrava numa festiva exuberância de vida. (CAMINHA, 2003, p.48).

Percebemos em ambos os excertos que o discurso inserido é de seres dominados (Amaro e D. Carolina) e dominante (Aleixo), no qual este possui uma beleza que impulsiona de maneira irracional, ou melhor, abre o apetite incontrolável dos dominados. O amor entre Amaro e Aleixo é uma repetição das relações entre os



gregos que ocorria na Grécia antiguidade. Segundo Foucault (1984), neste período, era permitida e incentivada a relação entre sujeitos do mesmo sexo, tendo em vista que para a sociedade grega era importante que um rapaz mais novo tivesse suas experiências de vida iniciada com um homem mais velho, com a finalidade de fortalecer a mesma sociedade. O narrador nos leva a esse pensamento, pois a obra possui inúmeros enunciados a esse discurso, tal como quando Bom-Crioulo pegou o grumete experimentando um cigarro, aquele quase o fez chorar ao pegá-lo, ou no momento em que Amaro se gaba de conhecer o mundo, prometendo cuidar de Aleixo.

Aleixo é um rapaz bonito e, principalmente, jovem que se incorpora na Marinha; não conhece nada da vida, mas é com Amaro que conhece os prazeres carnavais. Contudo, quando este se vê afastado do grumete por motivo de enfermidade. D. Carolina se aproveita para se relacionar com Aleixo, do qual passa a gostar. Por fim, toda a sociedade tem sistemas que são responsáveis em gerenciar, cuidar do comportamento, da vida, da saúde dos sujeitos sociais. Estes sistemas institucionais fazem parte do controle de princípio das apropriações sociais do discurso que estão representadas na obra pela Marinha e pelo hospital onde Amaro está como enfermo.

Porém, essa rede de sistemas que se preocupa com o comportamento, a saúde dos sujeitos sociais, pode ser considerada como ponto positivo, isto é, quando Foucault (1999) esboça sobre a positividade do poder, ele define que este não é somente negativo, mas sim também positivo; o que se acarreta em uma produtividade, uma transformação e eficiência. A ideia básica de Foucault é de elucidar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência; nem são basicamente contratuais nem unicamente representativas. Em seus estudos sobre repressão, nos livros *Vigiar e Punir (1999)* e *A vontade de Saber(1988)*, ele quis demonstrar que é falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limite, que castiga. Há uma concepção negativa, que identifica o poder com o Estado e o considera essencialmente como aparelho repressivo, no sentido em que seu modo básico de intervenção sobre os cidadãos se daria em forma de violência, coerção, opressão; ele opõe, ou acrescenta uma concepção positiva que pretende dissociar os termos dominação e repressão.

Não se conceitua o poder somente como repressivo. O que lhe interessa não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida deles, controlar as ações para que seja possível e viável usá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um conjunto de aperfeiçoamento gradual e contínuo dessas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar homens forças de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de

revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder, isto é, tornar homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos; aumentar a força econômica e diminuir a força política.

Dado isso, vemos que o poder tem como objetivo aprimorar o sujeito através do corpo com a utilização de tecnologias de coerção. Na obra, Amaro e Aleixo são marinheiros e, acima de tudo, como tal se comportam, favorecendo a anulação das diferenças étnicas, que se dá não pela ascensão do negro fugido, mas à condição de prisioneiros do mesmo sistema (Marinha), a fim de moldá-los, adestrá-los, instruí-los, discipliná-los. Os personagens não serão expulsos do meio social, não serão mutilados, aniquilados, mas controlados, com a finalidade de serem gerenciados em suas ações. Com isso, será possível utilizá-los ao máximo, aproveitando suas capacidades, potencialidades, aperfeiçoando gradual e continuamente seus corpos, tanto física quanto mentalmente. É assim que a Marinha, o hospital, enfim, a sociedade como um todo com seus sistemas institucionais zelou por seus sujeitos, para que eles possam ter uma vida saudável e, principalmente, uma vida útil ao Estado.

Mas quando existem sujeitos que seguem um caminho que vai de encontro aos interesses do Poder, ou seja, quando há resistência a essas técnicas, a esses domínios de controle, os sujeitos acabam por serem esmagados pelas forças coercivas. É o que aconteceu com os moradores da rua Misericórdia, pois eles são os excluídos, tendo em vista que não se comportaram devidamente, ou melhor, como a sociedade impôs que fizessem.

D. Carolina era uma portuguesa que alugava quartos na Rua da Misericórdia somente a pessoas de “certa ordem” (...) Não fazia questão de cor e tampouco se importava com a classe ou profissão do sujeito. Marinheiro, soldado, embarcaçõ, caixeiro de venda, tudo era a mesmíssima coisa (...) (CAMINHA, 2003, p.50)

Quase nenhum movimento ainda na Rua da Misericórdia sujeitos malvestidos, operários e ganhadores, desciam com um ar miserável e bisonho de ovelhas mansas que seguem fatalmente, num passo ronco, numa lentidão arrastada, numa quase indolência de eunucos. (CAMINHA, 2003, p.113).

Por fim, encontramos práticas discursivas que regulam, controlam, gerenciam as atitudes dos personagens, inseridos em um espaço hostil e preconceituoso e que, às vezes, apresentam ações de rebelia inconsciente contra o(s) sistema(s) do qual fazem parte; e quando eles resistem a esse(s) sistema(s) sofrem com sua ousadia de rebelar-se contra está ideologia que os domina.

## Concluindo

A partir desta breve análise, entendemos que o sujeito não é aquilo que gostaria de ser, mas aquilo que o sistema, a sociedade determina que ele seja, por meio das FD's as quais eles se filiam. Isso nos mostrou que somos o resultado de uma fabricação, através dos discursos do poder, dos sistemas institucionais que são responsáveis por tais práticas discursivas. Estas com determinadas intenções nos constituem em sujeitos. É nesse sentido que tanto Foucault quanto Pêcheux, nos levam à conclusão de que cada um de nós enquanto sujeito, homem inserido em uma sociedade e por ela estruturado, fazemos não o que queremos ou gostaríamos, mas aquilo que podemos e/ou devemos; aquilo que nos cabe na posição de sujeitos que ocupamos um determinado lugar e tempo social, aprisionados por determinada ideologia.

É assim que procuramos, por meio da literatura, mais especificamente do romance *Bom-Crioulo*, ilustrar que o personagem de Amaro é um sujeito que está inserido em uma sociedade moralista e num lugar hostil e preconceituoso, enfrentando todos os dispositivos e técnicas de fabricação de um sujeito evidenciado por meio do seu discurso, e que apesar de se esforçar para conseguir o que deseja, não consegue vencê-la, pois suas práticas discursivas vão de encontro as práticas discursivas do sistema dominante do qual ele faz parte.

A leitura do romance é, portanto, ao mesmo tempo, uma representação de um espaço de controle do discurso e um lugar de infinitas possibilidades de produções de sentidos. É o movimento que pode constituir um lugar à subjetividade do/a leitor/a, no qual, por meio de seu conhecimento de mundo será capaz de variar sua produção de sentido; mas não com uma simples leitura, e sim uma leitura reflexiva e principalmente crítica. Exatamente o que fizemos a partir das ferramentas de Foucault e Pêcheux.

### **LITERATURE AND SOCIETY: DISCURSIVE PRACTICES IN BOM-CRIOULO BY ADOLFO CAMINHA**

**ABSTRACT:** *This work presents a discursive analysis of a literary work that explores extremely current topics, such as social and especially homophobic prejudices. We will examine in particular Amaro (Bom-crioulo), Aleixo and D. Carolina, characters from the creation O Bom-Crioulo, produced in 1895 by Adolfo Caminha, one of the main Brazilian authors of the Naturalist style. Specifically, we will highlight the discourses, power relations and subjectivity of the subjects represented here by the protagonists. Finally, we will show how these*

*concepts shape society, how subjects of a particular time period are constructed by its discursive practices and the exercise of power relations, and since these are manufactured subjects, fabricated, constructed by these discursive practices, by the constituted powers, they thus become “useful” subjects to society. Such an approach is based on theoretical concepts by Michel Pêcheux and, especially, by Michel Foucault.*

**KEYWORDS:** *Discourse. Subject. Literature. Society.*

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português: Língua e literatura.** Volume único. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagazine. **Introdução à análise do discurso.** 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CAMINHA, Adolfo. **O Bom-crioulo.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. *In:* \_\_\_\_\_. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Paulo: EduFSCar, 2014. p. 69-96.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão.** 20.ed. RJ, Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** 15 ed. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade I: A vontade do saber.** 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade II: O uso dos prazeres.** 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheaux na análise do discurso: diálogos e duelos.** 2. ed. São Paulo: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma**

**análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010. p. 159-250.

Recebido em 11/01/2018.

Aprovado em 19/05/2018.



**Varia**





# **TRABALHO, VAGABUNDAGEM E ANTICAPITALISMO: ENSAIO SOBRE A SOCIOLOGIA INCONFORMISTA DE JACK LONDON**

*Lúcio Vasconcellos de VERÇOZA\**

**RESUMO:** A obra de Jack London é atravessada pelo percurso de sua experiência viva de criança operária, pirata de água doce, vagabundo nômade, militante socialista e de tantas outras controversas facetas do que ele foi. Esses temas são recorrentes em seus escritos. Este ensaio investiga como London aborda algumas dessas temáticas e sugere que em seus contos a arte literária se confunde com uma forma insólita de sociologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte Literária. Sociologia. Anticapitalismo.

## Notas introdutórias

De vez em quando, em jornais, revistas e enciclopédias biográficas, leio esboços da minha vida nos quais, em frases polidas, dizem que foi para estudar sociologia que me tornei um vagabundo. É algo muito gentil e perspicaz da parte dos biógrafos, mas impreciso. Tornei-me um vadio por causa da vontade de viver dentro de mim, do desejo de aventura que corria em meu sangue e não me deixava descansar. A sociologia foi algo meramente acidental; veio depois, da mesma maneira que nos

---

\* SEUNE – Sociedade de Ensino Universitário do Nordeste. Faculdade de Direito. Maceió – AL – Brasil. 13565905 - luciovercoza@yahoo.com.br

molhamos depois de um mergulho na água. Peguei a estrada porque não conseguia ficar longe dela; porque não tinha um tostão no bolso para pagar por uma passagem de trem; porque não queria fazer a mesma coisa a vida inteira; ora, apenas porque era mais fácil do que não me aventurar (LONDON, 2008a, p. 143).

No prefácio de *Carta ao pai* de Franz Kafka (2004), Marcelo Bakers (2004, p. 11), sugere que “em vez de interpretar a obra [*Carta ao Pai*] a partir do complexo de Édipo, no entanto, o mais interessante talvez fosse interpretar o complexo de Édipo a partir da obra”. Essa provocante proposta de inversão metodológica em relação ao livro de Kafka possivelmente é válida também para os contos de Jack London. Porém, no caso do escritor estadunidense, não se trata de interpretar o complexo de Édipo, mas a complexidade social vista a partir do fundo do abismo, do porão da sociedade.

Esse itinerário de inversão metodológica, que norteia o presente ensaio, leva aos pontos de cruzamento entre a arte literária e a sociologia, aos lugares fronteiros ou de diluição dos limites que separam a escrita literária da escrita sociológica. Leva ainda à busca pelas pegadas do errante autor de *Caninos Brancos* (2001), aos rastros que possam contribuir para a compreensão dos sentidos de seus textos e para o desvelamento da realidade social.

## A vida e o anticapitalismo de Jack London

Os contos do insubordinado autor de *O tacho de ferro* (LONDON, 2002) são marcados pelo forte caráter autobiográfico. Por isso, sublinhar brevemente alguns traços gerais de sua vida, mais do que mera introdução, tem relação direta com a busca pelo chão que ancora seus textos. Para tal, nada melhor do que começar com próprio London (2008b) falando sobre si, no conto *O que a vida significa para mim*:

Nasci na classe trabalhadora. Cedo descobri o entusiasmo, a ambição e os ideais; e satisfazê-los tornou-se o problema da minha infância. [...]. Mas não é fácil para um homem ascender e sair da classe trabalhadora – especialmente se está cheio de ambições e ideais. [...]. Aos dez anos de idade, tornei-me jornalista nas ruas da cidade e descobri uma nova perspectiva [a dos negócios]. [...] Quando tinha dezesseis anos me chamavam de ‘príncipe’. Este título me foi dado por uma gangue de assassinos e ladrões, que me chamavam de ‘O Príncipe dos Piratas

*Trabalho, vagabundagem e anticapitalismo:  
ensaio sobre a sociologia inconformista de Jack London*

de Água Doce'. Naquele tempo eu tinha galgado o primeiro degrau no mundo dos negócios. Era um capitalista. Possuía um barco e uma tripulação completa de piratas de água doce. [...]. Este degrau foi o último que subi no mundo dos negócios [pois seu barco fora roubado] [...] Desde então fui implacavelmente explorado por outros capitalistas. [...]. Fui marinheiro, estivador e grumete. Trabalhei em fábricas de enlatados, indústria e lavanderias. Cortei grama, limpei tapetes e lavei janelas. [...] O excesso de trabalho me deixou doente. Eu não queria mais ver trabalho. Abandonei o emprego. Tornei-me um vagabundo, mendigando de porta em porta, perambulando pelos Estados Unidos e suando sangue em favelas e prisões. Eu nascera na classe operária, e agora, aos dezoito anos, estava abaixo do ponto em que tinha começado. [...]. Estava apavorado até a alma. Via a nu a complicada civilização em que vivia. A vida era uma questão de abrigo e de comida. Para conseguir abrigo e comida os homens vendem coisas [...]. Aprendi, ainda, que o cérebro também é uma mercadoria ainda que diferente dos músculos. [...]. Começou então uma frenética perseguição ao conhecimento. Voltei para a Califórnia e mergulhei nos livros. Como me preparava para ser um mercador de inteligência, achei que devia me aprofundar em Sociologia. [...] Como mercador da inteligência, fui um sucesso. A sociedade abriu suas portas para mim. Entrei direto no andar de luxo; mas meu desencanto foi rápido [...]. Percebi que não gostava de viver no andar de luxo da sociedade. Intelectualmente era aborrecido. Moralmente e espiritualmente, eu me sentia enjoado [...]. Então, voltei à classe operária, na qual havia nascido e à qual pertencia. Não me preocupava mais em subir. O imponente edifício da sociedade não reserva delícias para mim acima de minha cabeça. São os alicerces do edifício que me interessam [...]. Esta é a minha perspectiva. Vejo à frente um tempo em que o homem deverá caminhar para alguma coisa mais valiosa e mais elevada do que seu estômago, quando haverá maiores estímulos para levar o homem à ação do que o incentivo de hoje, que é o incentivo do estômago. (LONDON, 2008b, p. 17- 27)

Ainda que Bourdieu (2006) alerte sobre o risco de nos conformarmos com uma ilusão biográfica, quando se trata de narrativa de história de vida – pois o narrador é propenso a dar coerência e sentido lógico a acontecimentos que na maioria das vezes foram incoerentes e influenciados pela submersa camada do inconsciente –, achamos válido transcrever essa longa citação, porque nela estão contidos aspectos da vida de London que transbordam em seus contos. Podemos destacar ao menos três eixos: 1) trabalho; 2) vagabundagem; 3) crítica ao capitalismo. Como Jack London aborda essas temáticas é algo que nos interessa, entretanto cabe antes caracterizar melhor sua vida à luz do contexto histórico da época.

Jack London nasceu em janeiro de 1876, em São Francisco, Califórnia, e nunca chegou a conhecer o pai biológico. Oito meses após o seu nascimento, sua mãe casou-se com um agricultor, por isso, quando criança, morou por três anos em um rancho – em condições paupérrimas, chegando até a passar fome. Depois residiu na cidade de Oakland e encontrou muitas dificuldades para concluir a educação básica devido à falta de dinheiro. Nessas circunstâncias, antes de completar dezesseis anos de idade, foi obrigado a trabalhar como:

Entregador de jornais, faxineiro, arrumador de pinos de boliche e, depois, numa fábrica de enlatados, a Hickmott's Cannery, na rua Myrtle (na parte oeste da cidade), um antigo estábulo abandonado, insalubre, onde crianças costumavam suar a camisa por pelo menos dez horas por dia, a dez centavos a hora. A jornada laboral de Jack, contudo, era ainda mais longa, em média quatorze horas diárias (ele chegou, certa vez, a operar sua máquina por 36 horas seguidas, sem descanso). Todo salário que ganhava ia para a mãe e o padrasto (PERICÁS, 2008, p.12).

O trabalho aviltante e degradante é um tema que aparece com certa recorrência em seus contos. Mais especificamente no caso da experiência de labor infantil, o conto *O Herege* (LONDON, 2008c), que retrata o cotidiano de uma criança operária, traz à tona como o trabalho pode consumir a vida na mais tenra idade. Esse texto, que se transfigurou em arma nas mãos dos movimentos pela abolição do trabalho infantil nos Estados Unidos, certamente foi motivado pelo que o escritor viveu e testemunhou nos tempos de menino.

Não é por acaso que no conto a criança esteja trabalhando em uma fábrica em vez do campo. A conjuntura em que London estava inserido (fim do século XIX e início do XX) foi marcada nos Estados Unidos pela abrupta intensificação da industrialização e urbanização. A própria trajetória pessoal do autor expressa esse processo: nasceu na fazenda, mas foi criado na periferia da cidade. London era parte da multidão de expropriados da terra. Os becos, as fábricas, as máquinas eram um mundo novo recém-parido. Como destaca Luís Bernardo Pericás (2008), Jack London muito provavelmente não teria levado temporariamente uma vida de vagabundo itinerante, cruzando clandestinamente os Estados Unidos, se não fosse pela extensa malha ferroviária que cobria o imenso território norte-americano. O autor destaca ainda que os “trens, de fato, tiveram uma importância singular no desenvolvimento da ‘América’ até o final do século XIX, perdendo sua força apenas muitas décadas depois” (PERICÁS, 2008, p. 10).

Jack London viveu em uma época de crescimento vertiginoso do espaço urbano e do trabalho fabril, mas sua obra não se restringe a esse universo. O cenário urbano de São Francisco do início do século XX é tão bem retratado no conto

*Ao sul da fenda* (2008d) – logo no início do texto é mencionada a fronteira invisível que divide a cidade<sup>1</sup> – quanto as profundezas inóspitas do Alasca, no conto *Fazer uma fogueira* (2008e). Provavelmente, essa diversidade de cenários não se deve somente ao fato de ter sido um aventureiro (no melhor sentido da palavra), que dentre suas várias viagens, realizou expedições de barco até ilhas do Pacífico Sul e foi em busca de ouro nas montanhas geladas do Yukon. Talvez seu anticapitalismo, expresso claramente no conto *Como me tornei socialista* (2008f), em alguns momentos o levava a flertar com o mundo pré-capitalista.

No livro *O chamado da floresta* (1995), o autor conta a saga de um cachorro que aos poucos vai se desdomesticando, tornando-se selvagem, sendo essa história uma espécie de metáfora para emancipação. Ainda que as durezas da vida distante da urbe não sejam omitidas em seus escritos – o conto *Amor à vida* (2008g) que o diga –, existe neles uma tendência em considerar os confins da civilização não somente como um refúgio, mas também como uma espécie de alternativa.

A cidade nos contos de London aparece como ambiente mais carregado de atritos, pois se no rural arcaico ou no espaço não civilizado pode ser evidenciada a tensão entre o ser humano e a natureza, no ambiente urbano a natureza desaparece e a tensão entre os seres humanos ocorre de forma mais crua, sem direito sequer a caçar ou coletar sementes. Enquanto o universo rústico e selvagem é predominantemente retratado como local de atração, o urbano exerce constantemente atração e repulsa, encantamento e desencantamento. A atração pelo suposto não civilizado, pelo selvagem, claramente presente no livro *O chamado da floresta* (1995), talvez signifique a fuga ou a busca de superação da insuportável tensão entre os seres humanos.

Trata-se de algo um tanto diferente da tensão descrita por Simmel em *A metrópole e a vida mental* (1977). Enquanto o sociólogo alemão a coloca no plano da “reivindicação que faz o indivíduo preservar a autonomia e a individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida” (SIMMEL, 1977, p. 13), London destaca o caráter insuportável da tensão sobretudo no plano das classes sociais. Sua aposta contra a gula grosseira da sociabilidade capitalista estava tanto na luta de classes, quanto na doçura e no despojamento espiritual.

---

<sup>1</sup> A cidade de São Francisco é apresentada da seguinte forma: “Ao norte da fenda ficavam os teatros, hotéis, os grandes armazéns, os bancos e as sólidas e respeitáveis casas de negócios. Ao sul amontoavam-se as fábricas, as vielas, as lavanderias, as oficinas, as caldeiras de aquecimento e os casebres dos operários. Essa fenda metafórica expressava a divisão da cidade em classes e ninguém transpunha a metáfora, para cá e para lá, com mais entusiasmo do que Freddie Drummond” (LONDON, 2008d, p. 113). É válido mencionar que o personagem Freddie Drummond era um sociólogo que pesquisava o sul da fenda.

O urbano nos contos de London é atraente na medida em que se pode de alguma forma subverter a ordem, seja viajando milhares de quilômetros clandestinamente de trem e sem trabalhar (pingando de cidade em cidade), escrevendo textos críticos ao capitalismo ou participando das lutas sociais. Mas, logo aparecem os limites da subversão e com eles os desencantos: o vagabundo entrando no “abismo social”, o escritor como “mercador de inteligência” e a luta de classes realizada em condições muito desfavoráveis para os trabalhadores. Por isso o urbano talvez assuma em seus textos o sentido de atração e repulsa, como também o seu flerte com o chamado selvagem, com um anticapitalismo que aponta para o retorno à terra, para os primórdios da humanidade.

Essa hipótese é fortalecida na carta que ele enviou ao seu editor, no contexto de forte embate e de defesa da liberdade criativa no ofício de escritor:

Insisto agora, como sempre insisti, que a virtude literária cardeal é a sinceridade. Se estou errado nesta convicção e o mundo me renega, só me cabe dizer um adeus indiferente ao mundo e orgulhoso refugiar-me no rancho, plantar batatas e criar galinhas para conservar o estômago cheio. Foi a minha recusa de aceitar advertências sensatas que me fez o que sou hoje (LONDON, Jack *apud* GEBRIM, 2008, p. 10).

## Da ética ascética do labor à fuga do trabalho duro

No conto *Como me tornei socialista* (LONDON, 2008f), são descritas as suas visões de mundo em diferentes fases da sua vida:

Ser HOMEM significava escrever em letras maiúsculas no meu coração. Arriscar-me como homem, lutar como homem, fazer o trabalho de homem (mesmo que com o salário de menino) – essas eram coisas que me tocavam profundamente e ficavam gravadas em mim como nenhuma outra. [...] A dignidade do trabalho era para mim a coisa mais impressionante do mundo. Sem ter lido Carlyle ou Kipling, formulei um evangelho do trabalho que varriam os deles ‘no chinelo’. O trabalho era duro. Era a santificação ou salvação. O orgulho que sentia depois de um dia de trabalho árduo e bem feito seria algo incompreensível para os demais. É quase inconcebível para mim quando penso nisso agora. Nunca um capitalista explorou um escravo do salário tão fiel quanto eu. Embromar ou ludibriar o homem que me pagava era um pecado, primeiro contra mim mesmo, e depois contra ele. Para mim era um crime que vinha logo atrás da traição, mas não tão ruim quanto. (LONDON, 2008f, p. 30-31)

Nessa passagem, podemos compreender os significados do trabalho árduo durante a primeira fase da vida do autor. O labor significava virilidade e reforço da masculinidade, expresso no termo **HOMEM** com letras maiúsculas; significava ainda dignidade; conforto espiritual, presente na ideia de santificação ou salvação; elevação da autoestima externada no orgulho sentido após um dia de trabalho duro. Por outro lado, podemos compreender também o que significava para ele não trabalhar: enfraquecimento de sua masculinidade, perda de dignidade, punição no plano espiritual e rebaixamento da autoestima.

Muito provavelmente sem ter lido *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (WEBER, 2004), London manifestou as motivações que o levavam a trabalhar arduamente a partir de uma perspectiva que lembra a abordagem weberiana<sup>2</sup>. Ele não destacou nesse momento as condições objetivas que o levaram a vender a sua força de trabalho em longas jornadas laborais e de forma tão intensa, pelo contrário, na passagem acima, o trabalho árduo é apresentado sobretudo como uma atividade motivada por determinados valores morais. Se nessa passagem aparece alguma coerção que determina tal nível de carga laboral, ela está principalmente no âmbito da subjetividade de quem trabalha.

Mais adiante, o autor continua descrevendo a sua trajetória em relação ao trabalho da seguinte forma:

Por essa época, voltando de uma viagem que durara sete meses [trabalhando como marinheiro], e logo após ter completado dezoito anos de idade, pus na cabeça a ideia de que iria vagabundar. Em vagões de passageiros ou compartimentos de carga, desbravei meu caminho pela vasta região Oeste, onde os homens trabalham duro e os empregos procuram as pessoas, até os congestionados centros de operários da região Leste, onde os homens tinham pouco valor e davam o que tinham para conseguir trabalho. E nesta nova aventura de fera loura, comecei a ver a vida de um ângulo novo e totalmente diferente. Eu havia descido da condição de proletário para o que os sociólogos chamam de ‘porção submersa’, [...] Lá encontrei todo o tipo de homens, muitos dos quais haviam sido algum dia tão bons e tão feras louras quanto eu: marinheiros, soldados, operários, todos estropiados, comidos e desfigurados pelo trabalho, pelas agruras e pelos acidentes e dispensados por seus patrões como cavalos velhos. Com eles mendiguei nas ruas, pedi comida nas portas dos fundos das casas e senti frio em vagões de trens e parques da cidade, ouvindo as histórias de vida, que começavam sob auspícios tão favoráveis como os meus, com estômagos e corpos iguais ou melhores do

---

<sup>2</sup> A primeira tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* para o inglês foi realizada somente em 1930 (PIERUCCI, 2004), enquanto Jack London morreu anos antes, em 1916. É devesas improvável que ele tenha lido o texto original, em alemão.

que os meus, e que terminavam ali, diante de meus olhos, arruinados, no fundo do Abismo Social. E enquanto eu ouvia, meu cérebro começava a funcionar. A mulher das ruas e o homem da sarjeta se tornaram muito próximos de mim. Vi a imagem do Abismo Social vividamente, como se fosse algo concreto. Eu os observava lá no fundo do abismo, um pouco acima deles, agarrando-me às paredes escorregadias com todo o suor e força de minhas unhas. E confesso que um medo terrível se apoderou de mim. Se acabasse minha força? E quando me tornasse incapaz de trabalhar lado a lado com os homens fortes que ainda estavam por nascer? (LONDON, 2008f, p. 31 e 32).

Nesse trecho, é descrita como se deu a ruptura com uma ética ascética do trabalho e seu período de transição do assalariamento desenfreado para a vagabundagem. No que diz respeito ao segundo momento, podemos perceber que o entusiasmo inicial com um modo de vida à deriva também foi rapidamente quebrado. Isso remete à discussão anterior acerca dos encantos enquanto possibilidades e os desencantos enquanto limites. Para London, a vagabundagem nômade inicialmente parecia ser um degrau acima quando comparada à condição proletária, todavia logo ele percebeu que era o inverso, a vida de vagabundo estava inserida no que denominou como “Abismo Social”, que como o próprio nome já indica, poderia ser uma queda sem volta, e isso lhe causara um medo terrível.

Ele percebeu ainda que muitos daqueles que estavam no abismo foram no passado operários tão produtivos quanto ele, mas que com o tempo não tinham mais a mesma energia física e mental. Sem citar *O Capital* (MARX, 1989), que muito provavelmente ele conhecia, London expõe nessas linhas, em tom vivo de relato autobiográfico, a questão do desgaste prematuro da força de trabalho, tema que décadas mais tarde seria muito caro para os estudiosos da superexploração (MARINI, 2005). O risco iminente da perda prematura de suas energias vitais acarreta reviravolta na ética do trabalho do autor:

Aí, então, fiz um juramento. Era algo mais ou menos assim: *Todos os dias tenho trabalhado até a exaustão com o meu corpo e apesar do número de dias que trabalhei, cheguei bem próximo do fundo do Abismo. Deverei sair dele, mas não com os músculos do meu corpo. Não vou nunca mais trabalhar como trabalhei e que Deus me fulmine se um dia eu der de mim mais do que o meu corpo pode dar.* E desde então tenho me dedicado a fugir do trabalho duro (LONDON, 2008f, p. 32-33).

Esse processo de mudança na ética do trabalho descrito acima transparece também em outros textos de sua lavra. Neles a reificação atinge todo o edifício do



mundo capitalista: dos “povos do abismo” ao andar de luxo da sociedade. O autor transitou por ambos, e de uma ponta a outra a insatisfação o acompanhou. Ele não se realizava como operário, vagabundo e tampouco como escritor renomado. Sua escrita, que ironicamente ele denominava como atividade de “mercador da inteligência”, apresenta inclusive o inconformismo diante das fronteiras que formalmente separam literatura e sociologia, como se ele quisesse escrever uma sociologia não acadêmica, uma espécie de sociologia em linguagem literária, em formato de contos, romances e depoimentos. Nela, categorias muitas vezes descritas pela sociologia de maneira extremamente abstratas e frias, aparecem de forma visceral e pulsante.

## Tiras e vagabundos

O livro *A Estrada* (2008h), publicado em 1907, foi baseado na viagem que London realizou em 1894 pelos Estados Unidos e Canadá, quando tinha apenas dezoito anos de idade (PERICÁS, 2008). Diferentemente do tipo de migração clássica estudado por Durhan (1973), na qual o trabalhador migra em busca de emprego na cidade, London migrou neste ano como vagabundo itinerante, viajando clandestinamente em trens, a pé e sobrevivendo principalmente de mendicância. Peregrinou em fuga do trabalho, não era um *flaneur* e tampouco mero observador; era alguém que passava deixando rastros.

O ano de 1894 foi marcado por uma aguda crise econômica nos Estados Unidos. O número de desempregados era altíssimo, chegando ao ponto de parte dessa massa se organizar no formato de exército e marchar para Washington com intuito de pressionar o presidente por geração de empregos. Jack London chegou temporariamente a fazer parte de um desses exércitos, mas saiu antes do mesmo chegar a Washington – como foi dito anteriormente, ele queria muito mais que emprego. A sua participação no exército de Kelly foi retratada no conto intitulado *Dois mil vagabundos* (2008i).

Dentre outros aspectos da viagem, vale mencionar sua prisão, ocorrida próximo às Cataratas do Niágara. A acusação era por vadiagem. Sem direito à defesa, foi condenado a 30 dias de prisão numa penitenciária. Essa história foi descrita nos contos “*Grampeado*” (2008j) e *A Penitenciária* (2008k). Mas não nos deteremos nos pormenores desses textos, pois é a relação dos vagabundos com os policiais o que mais nos interessa.

No conto *Tiras* (LONDON, 2008l), são relatados vários momentos em que foi perseguido por policiais e inicia fazendo uma análise da relação dos tiras com os vagabundos:

Se os vagabundos desaparecessem subitamente dos Estados Unidos, isso resultaria em grande sofrimento para muitas famílias em todo país. O vagabundo permite que centenas de homens ganhem a vida de forma honesta, eduquem seus filhos e os criem laboriosos e tementes a Deus. Bem sei disso. Em certa época, meu pai era policial e caçava vagabundos para viver. A comunidade o pagava por cabeça, por tantos vadios que pudesse pegar; ele também recebia, creio eu, pagamentos pelas viagens. A sobrevivência foi sempre um problema premente em nosso lar, e a quantidade de carne na mesa, o novo par de sapatos, um dia de passeio ou o livro escolar dependiam da sorte que meu pai tivesse na perseguição. [...], mas tudo isso faz parte do jogo. O vagabundo desafia a sociedade, e os cães de guarda da sociedade vivem dele. Alguns vadios gostam de ser pegos pelos cães de guarda – em especial no inverno. É claro, estes selecionam comunidades onde as cadeias são “boas”, onde não há trabalho obrigatório e onde a comida é farta. Também havia (e provavelmente ainda há) policiais que dividiam seus honorários com os indivíduos que prendiam. Tal guarda não precisa caçar. Ele apita e a caça vem direto para suas mãos. É surpreendente o dinheiro que é feito com vagabundos sem um tostão no bolso. Por todo o Sul – pelo menos quando eu estava nessa vida – existem campos de prisioneiros e plantações onde o tempo dos condenados é comprado pelos fazendeiros e onde o vagabundo simplesmente tem que trabalhar. (LONDON, 2008l, p. 173-174).

O autor revela com ironia e de maneira praticamente etnográfica a relação dos policiais com os vagabundos. Apesar do contexto distinto, podemos estabelecer um paralelo entre sua abordagem e a forma como Foot Whyte (2005), décadas depois, analisou a relação entre os policiais e os gângsteres – no livro *Sociedade de esquina*. Em ambos, é sublinhada a relação de dependência entre o legal e o ilegal, entre o Estado e sua margem. Nas duas perspectivas, o ilegal (vagabundo e gângster) deve ser visto não como algo necessariamente dissociado ou contrário ao Estado, mas a partir das relações permanentes que ambos estabelecem. Esse pressuposto de fronteira borrada entre o lícito e o ilícito está presente, com grande ênfase, em autores da sociologia urbana contemporânea, como nos trabalhos de Feltran (2012), Telles e Hirata (2007). London antecipou essa perspectiva analítica por meio de uma espécie de sociologia literária da experiência vivida.

## No limiar entre a sociologia e a literatura

As linhas textuais de London são peregrinas, assim como nos romances de Graciliano Ramos, elas perambulam pela fronteira entre a confissão e a ficção

(CANDIDO, 1992). Seus contos estão na borda entre o real e o imaginário, são testemunhos e, ao mesmo tempo, imaginação. London faz uma literatura que inventa sociologia, e uma sociologia que invade a arte literária. Ele cria uma escrita que tensiona os limites desses dois campos.

Nos contos de London, existe uma sociologia despida do linguajar acadêmico, as categorias se movimentam nuas (sem os trajes do suposto rigor). Nem por isso seus escritos se resumem exclusivamente a descrições do real, há neles um inconformismo permanente diante da realidade – e talvez essa seja a chave para compreender o potencial analítico presente em seus contos. Não se trata de uma sociologia livresca, mas de uma sociologia insólita. Uma forma de sociologia sem notas de rodapé, mas repleta daquilo que Gabriel Antunes (2009, p. 75) chamaria de notas de meio-fio: “feitas a partir da dobra entre o chão que suporta os movimentos e a vida comum da cidade” e, para além das notas de meio-fio, há ainda inúmeras notas de pé de montanha e de beira da estrada.

### ***LABOR, VAGRANCY AND ANTI-CAPITALISM: AN ESSAY ABOUT JACK LONDON’S NONCONFORMIST SOCIOLOGY***

***ABSTRACT:*** *Jack London’s work is filled with references to his experiences living as a working-class child, a freshwater pirate, a nomadic hobo, a socialist militant as well as many other controversial facets of who he was. These are recurrent themes in his writing. This essay investigates how London approaches some of these themes and suggests that in his tales, literary art mingles with an unusual form of sociology.*

***KEYWORDS:*** *Literary Art. Sociology. Anti-capitalism.*

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Gabriel Silveira de Andrade. **Filosofias com cotidiano:** andanças filosóficas. Brasília: Bibliofonte, 2009.

BAKERS, Marcelo. Prefácio. In: Franz Kafka. **Carta ao Pai.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão:** ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.

DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**: A vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011). **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 6, p. 232-255, 2012.

GEBRIM, Magda Lopes. Apresentação. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

LONDON, Jack. **O chamado da Floresta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Caninos Brancos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Tacho de Ferro**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. Pé na Estrada. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008a.

\_\_\_\_\_. O que a vida significa para mim. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.

\_\_\_\_\_. O herege. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008c.

\_\_\_\_\_. Ao sul da fenda. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008d.

\_\_\_\_\_. Fazer uma fogueira. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008e.

\_\_\_\_\_. Como me tornei socialista. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008f.

\_\_\_\_\_. Amor à vida. In: LONDON, Jack. **Jack London contos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008g.

\_\_\_\_\_. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008h.

\_\_\_\_\_. Dois mil vagabundos. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008i.

\_\_\_\_\_. “Grampeado”. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008j.

\_\_\_\_\_. A penitenciária. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008k.

\_\_\_\_\_. Tiras. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008l.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

*Trabalho, vagabundagem e anticapitalismo:  
ensaio sobre a sociologia inconformista de Jack London*

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: STEDILE, João Pedro; TRANSPADINI, Roberta (Org.). **Rui Mauro Marine vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

PERICÁS, Luís Bernardo. Jack London na Estrada. In: LONDON, Jack. **A Estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apresentação. In: WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1977.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Recebido em 04/02/2018.

Aprovado em 18/04/2018.



# **MARÉ ROSA E AGENDA DE POLÍTICAS SOCIAIS: AS PLATAFORMAS DE GOVERNO DO PSCh (2000) E PT (2002)**

*Beatriz de Paula Silva RIBAS\**

**RESUMO:** O propósito deste artigo é analisar a agenda social das plataformas de governo de dois partidos de esquerda latino-americanos: o *Partido Socialista do Chile* (PSCh) no Chile e o *Partido dos Trabalhadores* (PT) no Brasil. Ambos os partidos participaram do fenômeno político notadamente conhecido como maré rosa, tido como a renovação e vitória eleitoral dos governos de esquerda ao poder executivo na América Latina. Esta análise parte da seguinte questão: Como são delimitadas as políticas sociais nos programas de governo do PSCh (2000) e do PT (2002)? Utilizaremos a análise de conteúdo para verificar quais as similaridades e as diferenças entre as duas plataformas e levantar inferências sobre o sistema de proteção social nos dois países, considerando o período em questão. Partiremos da hipótese de que estes partidos se apresentaram como alternativas para a crise de representação democrática e de legitimidade de partidos e sistemas partidários em vários países na denominada década perdida. Estas partes propuseram uma solução para o problema: ampliar as políticas sociais aplicadas a grupos sociais específicos, levando em consideração a heterogeneidade institucional e a política dos grupos de interesse.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa de Governo. Políticas Sociais. PT. PSCh. Maré Rosa.

## **Introdução**

A estratégia de influência e liderança do público pelo presidente é avaliada sob várias perspectivas na Ciência Política. Uma questão-chave nesta temática

---

\* UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciência Política. Belo Horizonte – MG – Brasil. 31270-901 - beatrizribascp@gmail.com.

consiste na liderança da opinião pública (ERIKSON; MACKUEN; STIMSON, 2002). Muitos pesquisadores esforçam-se em compreender este fenômeno a partir da definição da agenda política, por considerarem que esta fase pode influenciar a opinião dos eleitores quanto às demandas que consideram mais relevantes. Nesse sentido, pressupõe-se que, se o presidente conseguir delimitar sua agenda de governo de maneira que atenda ao que é esperado pelo público, presume-se que ele seja bem avaliado. Tal estratégia é considerada um aspecto relevante para a aprovação presidencial. Uma possível explicação para isso é que os eleitores tendem a associar o desempenho das instituições políticas à imagem do chefe do Executivo. Por essa razão, uma agenda política bem delimitada é imprescindível.

Em meados dos anos 2000, as esquerdas latino-americanas começaram a ampliar a sua representatividade eleitoral, após um período difícil, marcado pela redução das suas bases sociais, que resultou numa crise geral, a qual interferiu, sobretudo, na organização desses partidos. Somado a isso, entre as décadas de 1980 e 1990, o colapso do socialismo real, que também influenciou para a crise do mais expoente campo teórico das esquerdas, o pensamento marxista, acentuou a situação. Como consequência, presenciou-se um contexto generalizado de instabilidade política. Frente à nova configuração econômica, social e política na América Latina, alguns partidos de esquerda apresentaram-se como alternativas aos partidos que estavam no poder, uma vez que colocaram no centro de sua agenda política a questão da representação democrática e passaram a criticar os fracassos do desenvolvimento democrático até então (SILVA, 2011). Para Serna (2004, p. 21), o que caracterizou as novas esquerdas foi um processo de “reconversão ideológica das identidades das esquerdas”<sup>1</sup>, as quais priorizaram a questão democrática e revalorizaram a prática política em seu discurso, além de defender uma forte agenda de políticas públicas.

Como consequência, as últimas décadas do século XX, criaram um contexto favorável à ascensão de tais partidos, que se deu de forma predominante e linear, cronologicamente na América Latina, em países como: Venezuela, Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia, Nicarágua, Equador, Paraguai, El Salvador e Costa Rica. Iniciou-se, então, na década de 1990, o fenômeno conhecido como **maré rosa**<sup>2</sup> latino-americana. A descrição deste acontecimento político nos interessará em virtude do

---

<sup>1</sup> Para o autor, houve quatro meios de conversão ideológica, quais sejam, “o caminho republicano, a via social-democrata, a reinvenção nacional do socialismo e as correntes de democracia radical” (SERNA, 2004, p.21).

<sup>2</sup> A terminologia “maré rosa” foi empregada por Panizza (2006) para se referir à ascensão dos partidos de esquerda na América Latina. A expressão tem como influência um fenômeno similar ocorrido na Europa, na segunda metade dos anos 90, denominado de “Onda Rosa”, em que governos mais conservadores estavam sendo sucedidos por governos de centro-esquerda, com viés socialdemocrata. Segundo, Wanderley Júnior (2017, p. 18): “a opção pela nuance cor-de-rosa demonstra uma versão mais moderada do vermelho associado ao comunismo”.



nosso objetivo em avaliar, a partir dos planos de governo desse período, como as políticas sociais são abordadas em tais documentos. Neste caso, nos limitaremos a dois partidos desse espectro político que primeiramente chegaram ao governo central: o *Partido Socialista do Chile* (PSCh) no Chile e o *Partido dos Trabalhadores* (PT) no Brasil.

Entendemos relevante analisar a abordagem da área social nas plataformas de governo, tendo em vista as significativas mudanças que marcaram o sistema de proteção social na América Latina a partir das décadas de 1980 e 1990, sobretudo. Antes, tal sistema pautava-se primordialmente em direitos previdenciários. Apesar dessa importância social, assistia apenas uma parte da população, especificamente as pessoas inseridas no mercado de trabalho formal. Segundo Barrientos (2008), as mudanças provenientes da interação entre mercado e relações de trabalho podem ser vistas como facilitadores para a coexistência de regimes de bem-estar na região. Ou seja, para a caracterização de outros tipos de *welfare* que transpassam a clássica tipologia proposta por Esping-Andersen (2013, 1999), a qual define três tipos de estados de bem-estar: liberal, conservador e socialdemocrata. Ainda são recentes os estudos dedicados à análise do *welfare state* em países emergentes, por isso esperamos verificar as propostas de políticas de bem-estar social do Brasil e do Chile no momento de mudança do espectro político, numa conversão de vitórias eleitorais de direita à esquerda.

Este artigo divide-se em cinco tópicos, para além da introdução e conclusão. No primeiro, aborda-se a classificação dos regimes de bem-estar social no contexto latino-americano. No segundo, apresenta-se a evolução dos indicadores das despesas públicas na região a fim de contextualizar a influência das novas esquerdas na reorientação dos gastos sociais, sobretudo a partir do final dos anos 90. No terceiro tópico, apresenta-se uma breve retrospectiva histórica dos partidos que ascenderam ao poder central nos países da América Latina, tendo por base o fenômeno definido como **maré rosa**. No quarto, debate-se como temas sociais recebem atenção dos decisores políticos e, por conseguinte, são incorporados aos programas de governo. E, por fim, no quinto tópico, realiza-se uma análise dos programas de governo do PT e PSCh, voltando-se especificamente para os temas sociais para compreender como se caracterizam os sistemas de proteção social do Brasil e Chile.

## Caracterização dos regimes de Bem-Estar na América Latina

Neste tópico, apresentaremos algumas considerações feitas a partir da literatura sobre estado de bem-estar social a fim de compreendermos aspectos apontados como relevantes e típicos do *welfare state* na América Latina e,

consequentemente, entendermos o contexto em que a agenda social das esquerdas foi formada. Após 1990, período de ascensão das esquerdas ao Executivo, as instituições sociais responsáveis pela promoção do bem-estar passaram a ter mais proeminência nas pesquisas sobre políticas públicas, sobretudo no que diz respeito à miséria (DEL VALLE, 2010). O atual *design* institucional das políticas sociais faz parte de um sistema contemporâneo de proteção social que tem o objetivo de minimizar os problemas socioeconômicos provocados pelo mercado. Nesse sentido, o Estado assume a responsabilidade de garantir o bem-estar social de todos mediante a implementação de um modelo de *Welfare State*, ou seja, um modelo no qual a “intervenção pública destina[-se] a compensar ou reduzir as desigualdades socioeconômicas entre os cidadãos” (KERSTENETZKY, 2011, p.87). Entendemos que esta visão se associa à estrutura socioeconômica das sociedades modernas, tendo em vista que a percepção de *welfare state* pode estar relacionada a valores, juízos, aspectos ideológicos, dentre outros (WILENSKY, 1975).

A clássica tipologia dos regimes de bem-estar formulada por Esping-Andersen (1991) foi bastante utilizada para a caracterização dos sistemas dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ou seja, países industrializados. Nesse sentido, o desenvolvimento do Estado de bem-estar social pode ser estudado a partir da tríade: liberal, conservadora e socialdemocrata, as quais possuem características e efeitos distintos para o desenvolvimento do *welfare state*. Resumidamente, o *welfare state liberal* promove assistência aos mais pobres, porém a situação de vulnerabilidade social deve ser devidamente comprovada; ademais, o mercado tem um papel privilegiado na organização da economia e da vida social. O *welfare conservador* confere lugar de destaque ao corporativismo ou à família, pois considera estas formas de organização contraposições fundamentais ao individualismo resultante do mercado. Orienta-se pela necessidade das classes mais privilegiadas em cumprir determinadas responsabilidades sociais, como a ajuda assistencial. Por fim, o modelo de *welfare state socialdemocrata* visa à redução das desigualdades mediante políticas de caráter universal e que desmercantilizem o trabalho. Para tanto, busca conciliar o trabalho e o serviço de assistência social, além de promover a independência dos indivíduos (ressaltam-se aqui as questões de gênero quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho).

Para o contexto dos países latino-americanos, os quais tiveram um processo de modernização mais tardio do que os países da OCDE, estudiosos concluem que esta classificação clássica de Esping-Andersen não abarca as diferenças e as particularidades desta região, sendo, portanto, necessário abranger, por exemplo aspectos histórico-culturais, econômicos e políticos, etc. (DEL VALLE, 2010). Os países considerados pioneiros no que diz respeito à implementação

de seguros sociais na região são Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba e Uruguai (MESA-LAGO, 1989 *apud* DEL VALLE, 2010). Tais países possuem sistemas mais abrangentes, porém ainda enfrentam bastante estratificação social. A classificação de Mesa-Lago (1989) organiza os países a partir da criação e da expansão da cobertura de proteção social (alto, intermediário e baixo). Filgueira (2005), entendendo a necessidade de uma nova tipologia que abarcasse de maneira mais precisa a realidade da América Latina, divide os países entre regimes universalistas, dualistas e excludentes, tendo por base a heterogeneidade étnico-cultural, o caráter regressivo ou progressivo dos sistemas de proteção social e o nível de informalidade nos mercados de trabalho.

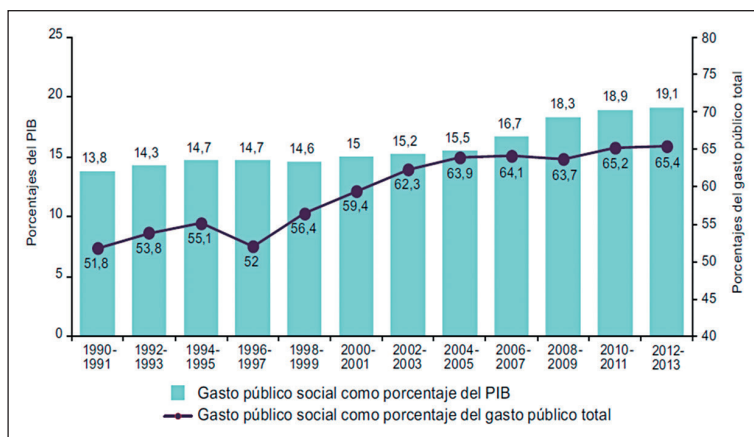
Barrientos (2008) afirmar ter havido na América Latina a passagem de um modelo conservador-informal para um modelo liberal-informal. O primeiro compartilhava muitas características com o regime conservador definido por Esping-Andersen (1991). Nesse caso, a proteção social derivava de um sistema estratificado de seguridade social destinado a atender trabalhadores formais. Para aqueles que não estavam inseridos no mercado, a família consistia na principal instituição responsável por amenizar os riscos sociais. Quanto ao modelo liberal-informal, esta combinação é resultante da nova conjuntura em que os riscos, antes compartilhados por todos, passaram, cada vez mais, a fazer parte da esfera individual, além de apresentarem natureza diversa. Essas e outras características tornam evidente a segmentação da produção de bem-estar na América Latina. Por esse motivo, não podemos falar de um *welfare* uno (liberal ou conservador, ou socialdemocrata). Todavia, uma importante ressalva deve ser feita à conclusão de Barrientos (2008): assim como não podemos observar a América Latina sob uma única classificação de *welfare*, também não podemos desconsiderar que esta é uma região bastante heterogênea, em que os países, sob muitos aspectos, destoam uns dos outros. Esta observação se deve à possibilidade de países — caracterizados pela heterogeneidade política e institucional — apresentarem indicadores distintos quanto ao estado de bem-estar social.

Sátyro e Cunha (2015) confirmam esta hipótese quando, ao empreender uma análise em perspectiva comparada sobre o caso dos municípios brasileiros, identificam seis tipos de *welfare state* (assistência social, semi-assistencial social, corporativo, semi-corporativo, seguro-família e regimes intermediários de bem-estar). Esta multiplicidade de regimes deve-se à distribuição não aleatória de variáveis como pobreza, limitação do papel do estado, a ausência de mercado, a estrutura familiar e as redes alternativas de apoio social (SÁTYRO e CUNHHA, 2015). Portanto, segundo os autores, esta distribuição teria como consequência um padrão distinto de prestação de serviços de assistência social, incorrendo em modelos de bem-estar social distintos, inclusive em um mesmo país.

## A reorientação do gasto social a partir de 1990: o contexto de ascensão das esquerdas na América Latina

Os sistemas de proteção social da América Latina passaram por algumas mudanças a partir da década de 1980, tornando mais evidente a variação entre os países quanto aos gastos e à expansão da cobertura social. Mais precisamente a partir do final da década de 90, a região registrou uma redução progressiva dos indicadores de pobreza, o que se deve, em parte, ao aumento do gasto público nas áreas sociais. Novas políticas foram implementadas com a finalidade de reduzir as desigualdades decorrentes da má distribuição de renda. Apesar de ainda haver bastante desigualdade na região, fontes como *Panorama Social*, organizado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2016), têm demonstrado evidências de que este característico cenário de distribuição de renda na região está melhorando ao longo dos anos. Vejamos:

**Gráfico 1** – América Latina e Caribe (21 países): evolução e participação das despesas sociais públicas nas despesas totais de 1990-1991 a 2012-2013  
(Percentagens do PIB e despesa pública total)



**Fonte:** Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), banco de dados de despesas sociais.

Houve, portanto, uma reorientação do gasto público total, sobretudo na década de 90, que já registrava um crescimento de 50% no período de 1992 a 1993. Aumentou para 60,5% durante os anos de 2000-2001 e chegou a 65,9% entre os anos de 2010 e 2011. Dado que o gasto público subsume os gastos sociais, devemos ter em conta que a ampliação deste incorreu no crescimento daquele. Ademais, neste período, os serviços públicos tiveram prioridade (CEPAL, 2016). A diminuição

da pobreza verificada no contexto latino-americano, como assinala o professor e pesquisador Lauro Mattei (2010), não pode ser associada apenas:

aos aspectos do crescimento econômico, uma vez que diversas políticas de Estado foram adotadas visando reduzir o problema. Assim, do ponto de vista das iniciativas governamentais, registre-se que os anos 1990 aportaram à região um conjunto de mudanças de ordem política e econômica destinadas à promoção da justiça social no Continente. Na esfera social procurou-se combater o problema da pobreza pela ótica liberal que prevaleceu no cenário mundial, o que induziu à implementação de políticas focalizadas, muitas das quais com caráter meramente compensatório (MATTEI, 2010, p. 20).

Dentre os fatores que contribuíram para reversão de tal situação estão os esforços governamentais para a implementação de políticas sociais, sobretudo as de redistribuição de renda. O propósito destas políticas é minimizar a situação de pobreza de parte da população, embora, em muitos casos, não tenham impacto significativo sobre a concentração de renda propriamente dita. Todavia ainda são evidentes as diferenças entre os países da América Latina. De acordo com o Relatório *Pânorama Social* (CEPAL, 2016), estas distinções correspondem tanto à quantidade de recursos destinados às áreas sociais quanto ao peso do orçamento público no PIB nas questões sociais. Dessa maneira, a capacidade de cada país de alocar recursos depende de fatores econômicos, políticos e sociais. A respeito disso, são muitos os estudos que enfatizam o papel das novas esquerdas latino-americanas para a melhoria dos indicadores (SANT'ANNA; SILVA, 2008, OLIVEIRA, 2009).

## Trajetória histórica da renovação das esquerdas na América Latina no final do século XX

Para fins de precisão conceitual, define-se por esquerda toda forma de organização política – partidos, movimentos sociais ou associações políticas em geral – cujo programa de intervenção política tenha como objetivo programático a reivindicação – revolucionária ou reformista – de uma redução ou supressão das desigualdades sociais, isto é, a redução ou supressão das diferenças entre as classes sociais. O que irá distinguir a esquerda reformista da esquerda revolucionária é a estratégia utilizada por ambas na consecução deste mesmo fim. Por outro lado, também é comum a ambas as esquerdas a recusa do modelo individualista liberal, isto é, a recusa de uma economia de mercado em favor de uma economia de Estado com fins substantivamente (e não apenas formalmente) igualitários.

Historicamente, a agenda política das esquerdas europeias obteve sucesso eleitoral quando decidiu abrir mão de propostas radicais e revolucionárias em favor de um programa reformista com vistas à consolidação de direitos sociais. Esse *trade-off* eleitoral, como o denominaram Przeworski, Manin e Stokes (1999), conduziu as esquerdas a aceitar as regras da competição política democrática e, assim, apresentar-se como uma alternativa de governo, isto é, apresentar-se como um conjunto de partidos políticos regulares, institucionais e portadores de uma plataforma pública de governo. No caso das esquerdas latino-americanas, o *trade-off* ocorreu tardiamente e de forma peculiar, tendo em vista que desde a fundação do *Foro de São Paulo*<sup>3</sup> em 1990, a agenda reformista tem sido concebida como um estágio preliminar e estratégico para a implantação de uma agenda revolucionária. Quer dizer, enquanto para as esquerdas europeias ocidentais a aceitação das regras da competição democrática representou uma etapa final de sua trajetória política, para as esquerdas latino-americanas, tal aceitação representou tão-somente a etapa preliminar para a implantação de um novo socialismo. Portanto, desde o início dos anos 1990, a esquerda latino-americana passou a organizar-se de forma sistêmica e orquestrada, substituindo as estratégias revolucionárias e paramilitares dos anos 1960 pela estratégia da ascensão ao poder mediante a competição democrático-partidária. Como consequência, houve uma crescente ascensão dos partidos e líderes da esquerda aos governos nacionais após a adoção ou reformulação de estratégias viáveis que favorecessem a vitória no processo eleitoral. Este fenômeno de renovação das esquerdas é denominado de **maré rosa**<sup>4</sup>.

Os partidos desse espectro político alcançaram uma hegemonia historicamente inédita na América Latina. Em 1999, a eleição de Hugo Chávez, candidato do partido Movimento V República (MVR) na Venezuela, marcou o começo da chegada das esquerdas contemporâneas aos governos nacionais. Em 2000, no Chile, houve a vitória eleitoral de Ricardo Lagos, representante do Partido Socialista do Chile (PSCh). No Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) foi eleito presidente em 2002. No ano seguinte, em 2003, Néstor Kirchner, do *Partido Judicialista* (PJ), venceu as eleições na Argentina. No Uruguai, Tabaré Vázquez, se elegeu em 2004, pelo partido *Frente Ampla* (FA). Na Bolívia, em 2005, Evo Morales foi eleito presidente pelo partido Movimento ao Socialismo (MAS). Em 2006, no Equador, Rafael Correa venceu as eleições, representando o partido

---

<sup>3</sup> O Foro de São Paulo designa o grupo das organizações, dos partidos de esquerda e frentes de esquerda da América Latina e do Caribe, iniciado em 1990, em uma conferência convocada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O objetivo do primeiro encontro consistia em discutir os efeitos das políticas neoliberais amplamente implementadas na região e, por conseguinte, renovar os projetos de esquerda (DECLARAÇÃO FINAL DE SÃO PAULO, 1990). A partir de então, os encontros posteriores do Foro de São Paulo passaram ser realizados a cada um ou dois anos.

<sup>4</sup> Lieveslay and Ludlam (2009), Gavarito, Barret e Chavez (2005), Natason, 2008 (*apud* Silva, 2011).

Pátria Altiva e Soberana (PAÍS). Também em 2006, na Nicarágua, Daniel Ortega foi eleito pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Ainda no mesmo ano, Alan García venceu as eleições no Peru, pelo *Partido Aprista Peruano* (APRA). No Paraguai, em 2008, Fernando Lugo foi eleito pelo partido *Alianza Patriótica para el Cambio* (APC). No ano de 2009, Mauricio Funes foi nomeado presidente de El Salvador, representando o Partido Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). E em 2014, Luis Guillermo Solís foi eleito presidente da Costa Rica, pelo Partido da Ação Cidadã (PAC).

Diante dessa cronologia, podemos afirmar que essas organizações políticas, sobretudo dos países em análise (Brasil e Chile), caracterizaram-se por um contexto sócio-histórico relativamente comum no qual chegaram ao poder central (tensão do socialismo real e do pensamento marxista, colapso do modelo nacional-desenvolvimentismo, proeminência neoliberalismo, além de terem se tornado democracias recentes).

## A configuração da *agenda-setting*: processo de formulação e seleção de temas

É de suma importância que o Estado promova a igualização de situações sociais desiguais. Mas, afinal, uma vez que somente a garantia constitucional de direitos não basta, como esta igualização pode ser feita na prática? Uma possibilidade consiste na implementação de políticas públicas, que representem respostas a problemas públicos, organizadas a partir de um aparato institucional-legal do Estado (SECCHI, 2015). Tais respostas, materializadas em políticas públicas, devem atender a determinados anseios da sociedade – *inputs* de demandas (RUA; ROMANINI, 2013).

A formulação de políticas públicas depende do fluxo entre demandas sociais (*inputs* externos) e demandas e apoios oriundos do sistema político correspondentes a seus atores (*whithinputs*). Apesar disso, é possível considerarmos uma relação de bitransitividade entre políticas públicas e a política em si. Em outras palavras, as *policies* podem não apenas influenciar, mas também, ser influenciadas pela *polity*, ou seja, pelo arranjo institucional e a dinâmica política (RUA; ROMANINI, 2013). É imprescindível, portanto, considerar o processo em que determinados problemas preocupam o governo e os formuladores de políticas públicas a ponto de compor a agenda governamental (*agenda-setting*) e requerer alternativas que os solucionem via política pública (CAPELLA, 2006).

A fim de compreendermos como se dá o processo de formulação de políticas públicas, enfatizaremos inicialmente o processo de definição da agenda



governamental (*agenda-setting*). Essa discussão justifica-se porque há uma série de fatores que precedem a elaboração das políticas. A respeito disso, Kingdon (2003) elaborou um modelo nomeado de Múltiplos Fluxos<sup>5</sup> (*Multiple Streams*). O seu objetivo principal consistia em saber porque alguns problemas chamam a atenção do governo a ponto de comporem a agenda governamental. Ou seja, a pesquisa consistiu em verificar porque determinados assuntos chamam mais atenção dos decisores políticos do que outros. A seu ver, “nós sabemos mais sobre como as questões são descartadas do que sabemos sobre como elas vieram a ser questões da agenda governamental” (KINGDON, 2003, p.1).

Segundo Kingdon (2003), nem toda situação ou questão social percebida tem uma resposta por parte do Estado. Porém um conjunto de fatores, tais como: eventos, crises, símbolos e *feedback* das ações governamentais, podem fazer com que determinadas questões passem a ser, de fato, consideradas problemas. Este é então o primeiro fluxo (*problem stream*). Capella (2006) afirma que o grande volume de decisões e a incapacidade de propor alternativas a todas as questões que se apresentam aos formuladores políticos os levam a decidir, mediante esses fatores, quais situações devem ter uma solução via política pública. Tem-se, portanto, o segundo fluxo (*policy stream*). As *policy communities*, formadas por especialistas, são responsáveis por difundir as ideias acerca de possíveis soluções para problemas. Com isso, as ideias se confrontam, concorrem entre si, e as que têm continuidade no processo são aquelas consideradas mais viáveis tecnicamente, menos custosas, ou ainda, que contam com o apoio público e dos formuladores. A interação entre os atores participantes desse processo pré-decisório baseia-se no jogo do convencimento (*soften up*). Assim, há um processo de seleção, no qual predominam aquelas alternativas que alcançam o maior número de adeptos.

O terceiro fluxo é o político (*politics stream*), caracterizado pelo processo de barganha e transações políticas. É composto de fatores como oscilações do humor nacional, resultados das eleições, mudanças de administração, mudanças de distribuições ideológicas ou partidárias no Congresso e campanhas de pressão de grupos de interesse. Em um governo, o volume de negócios tem poderosos efeitos nas agendas. Uma mudança de administração, a negociação dos assentos do Congresso, ou uma mudança de pessoal superior em uma agência administrativa, podem alterar substancialmente as agendas. (KINGDON, 2003).

Capella (2006, p. 30) explica que: “Grupos de pressão, a opinião pública, as pressões do Legislativo e das agências administrativas, os movimentos sociais, o processo eleitoral, entre outros fatores, determinam o clima político para a mudança da agenda governamental, podendo tanto favorecer uma mudança, como restringi-la”.

---

<sup>5</sup> A pesquisa de Kingdon (2003) baseou-se a análise de duas políticas específicas dos Estados Unidos: a de saúde e transporte.



O processo decisório de uma política pública é, portanto, bastante complexo. São muitos os fatores intervenientes e, obviamente, o desenho institucional é determinante. Estas considerações sobre o processo de formulação da agenda de governo fizeram-se importante para que, no tópico seguinte, possamos observar a maneira como as políticas sociais são apresentadas nos programas de governo e quais as principais áreas sociais consideradas.

## Análise da agenda social dos Programas de governo: PT e PSCh

### a. Programa de Governo 2002 – Coligação Lula Presidente: *Um Brasil Para Todos*

O conteúdo do programa *Um Brasil Para Todos* elaborado para a eleição de 2002 é considerado um documento mais pragmático em relação aos programas de governo das competições eleitorais passadas (*Brasil urgente: Lula presidente*, de 1989; *Lula presidente: uma revolução democrática no Brasil*, de 1994; *União do povo: muda Brasil*, de 1998), ao todo possui 74 páginas. Os dois principais objetivos são o desenvolvimento econômico e a erradicação das desigualdades. Tais objetivos estruturam um projeto de estado de bem-estar social para o Brasil com contornos de um modelo socialdemocrata. O eixo a partir do qual todo o documento foi organizado é o social, considerado o único meio pelo qual seria viável:

A implantação de um modelo de desenvolvimento alternativo, que tem o **social por eixo**, só poderá ter êxito se acompanhada da democratização do Estado e das relações sociais, da diminuição da dependência externa, assim como de um novo equilíbrio entre União, estados e municípios (PT, 2002, p. 2, grifo nosso).

Em torno das questões sociais, verifica-se, portanto, algumas palavras-chave, as quais são mencionadas ao longo do programa, sendo as principais: 1) social; 2) inclusão; 3) desigualdade; 4) igualdade; 5) justiça social; 5) cidadania; 6) políticas públicas. Todas estas questões só poderiam ser alcançadas ou solucionadas mediante um novo contrato social (PT, 2002). Por esse motivo, o programa apresenta a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência como a possibilidade de um modelo de desenvolvimento alternativo para o país. Este modelo pressupõe a atuação ativa e massiva do Estado frente ao mercado. Depreende-se, a partir do programa, que tal controle permitiria mais eficácia na implementação de políticas públicas, ou seja, garantiria a provisão de serviços públicos com mais qualidade. Recebem destaque as seguintes áreas sociais setoriais: saúde, educação, previdência social e habitação.

Os princípios e projetos de políticas sociais para a área da **educação** são desenvolvidos em três tópicos específicos: 1) *Educação e Cultura para Fortalecer a Coesão do País*; 2) *A política de Educação*; e 3) *Uma Nova Política Educacional*<sup>6</sup>. Encontramos, de antemão, a afirmação de que esta é uma questão de “primeira importância”. O programa de governo prevê o investimento na educação pública em todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, ensino médio e ensino superior, salém do ensino profissionalizante). Tal investimento deveria ser progressivamente maior (PT, 2002, p.47). A plataforma petista entende que o governo vigente no país (Fernando Henrique Cardoso) desobrigou o Estado de suas responsabilidades com a educação, o que resultou em maciça privatização das instituições de ensino, principalmente no nível superior. A partir da crítica aos repasses de recursos feitos pela União e aos sistemas avaliativos da educação — a exemplo de provas como o Exame Nacional do Ensino Médio e do Exame Nacional de Cursos —, o programa de governo do PT propõe políticas educacionais mais sólidas que visassem à formação dos professores (qualificação, treinamento, etc.). Além disso, enfatiza a necessidade de remuneração mais elevada a esses profissionais e prevê a reformulação das grades curriculares escolares.

Ainda quanto à área da educação, a meta do governo consistiria na universalização da Educação Básica em um prazo de quatro anos. O acesso às creches também é tido como um dos objetivos e deveria ser universal. Para o nível médio, apresenta-se a ideia de uma política social para jovens trabalhadores, que contaria com a expansão do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). As políticas sociais deveriam ser formuladas e implementadas a partir da colaboração entre a União e as subunidades nacionais. É ressaltada também a participação da sociedade para a efetividade de tais políticas.

Quanto à política de **saúde**, estabelece-se que a Seguridade Social seria a base para a provisão dos serviços. Os direitos sociais, portanto, corresponderiam ao contexto em que a saúde seria organizada. A União, os estados, o Distrito Federal e os municípios seriam responsáveis pelo financiamento das políticas. So funcione de maneira efetiva: “oferecendo cooperação técnica e financeira para fortalecer estados e municípios para que, respeitando o controle social, exerçam a gestão descentralizada do SUS” (PT, 2002, p.49). É previsto ainda, segundo o programa de governo, novas medidas de monitoramento de metas e resultados as quais seriam mais eficientes que as do Ministério da Saúde do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Porém esta estratégia não é detalhada.

No que diz respeito à **política de assistência social**, há dois tópicos que mencionam como seria a política adotada pelo governo Lula, descrito como

<sup>6</sup> PT, 2002, páginas: 14, 44 e 46, respectivamente.

um governo que buscaria a universalização do acesso à saúde e a qualidade de serviços, desprezando quaisquer práticas clientelistas e tuteladas (PT, 2002). Os demais tópicos destinam críticas ao funcionamento da política vigente. Assim como na política educacional, as ONGs também poderiam ser complementares na efetividade das políticas de saúde. Os municípios e estados deveriam cooperar em sistema descentralizado e participativo. As principais instituições mencionadas no programa de governo são: Ministério da Saúde, Terceiro Setor, Organizações Não Governamentais (ONGs) e Conselhos de Saúde.

Na área de **Infraestrutura e Desenvolvimento Sustentável**, dispõe-se sobre políticas de médio e longo prazo com o objetivo de dirimir as desigualdades do país. A principal estratégia a ser adotada consistiria em medidas de distribuição de renda. Tais medidas deveriam levar em consideração as diversidades regionais e culturais. Recebem destaques o parque produtivo nacional, com ênfase na tentativa de recuperar a sua infraestrutura de produção. Para isso, o programa garante que o “governo manterá distância tanto do velho nacional-desenvolvimentismo das décadas de 1950, 1960 e 1970 quanto do novo liberalismo que marcou os anos 90” (PT, 2002, p.52). Segundo o projeto, seriam redefinidas as prioridades do Estado, tendo em vista uma gestão descentralizada. As políticas de infraestrutura abarcariam a construção de moradias (Projeto Moradia) e melhoria do saneamento básico, expansão da mobilidade urbana (com priorização do transporte público mediante uma política nacional de transporte), controle de impactos ambientais, planejamento energético, etc.

O programa de governo *Um Brasil para Todos* também discorre sobre a **política de garantia de renda mínima**, reafirmando o novo desenho desta política que passou a vigorar no país a partir da década de 1990, o qual priorizava uma renda mínima levando em consideração a família e a educação. No documento, há a previsão de revisão dos seguintes programas: Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Programas sociais a nível municipal seriam criados para atender crianças, a partir de 0 anos, até adolescentes de 15 anos. Para a faixa etária entre 16 e 25 anos, seriam destinadas bolsas de estudos para jovens carentes mediante a contrapartida de serviços comunitários. Para adultos entre 22 e 50 anos, previam-se políticas de capacitação profissional, seguro-desemprego para os trabalhadores formais e auxílio de renda para os informais. Além de tais políticas, seria adotado o programa Nova Oportunidade para os indivíduos entre 21 e 66 anos que estivessem desempregados. Há ainda a previsão de uma política para erradicar a fome do Brasil, chamada Projeto Fome Zero, o qual seria destinado às famílias pobres. As famílias receberiam um cartão com o qual fariam a compra de alimentos que lhes faltassem. Esta política contribuiria, para além do problema da fome, com a frequência e o rendimento escolar dos estudantes carentes.

A plataforma de governo do PT, em 2002, defende uma repactuação federativa, a qual deveria conferir mais autonomia aos entes (União, Estados e Municípios). É constante no documento a reafirmação de urgência na solução ou redução das desigualdades, sejam de caráter social ou econômico, sem deixar à margem as diferenças regionais. Infere-se que a equalização social e econômica precede (e é quesito imprescindível) ao título de cidadania: “o combate às desigualdades econômicas e sociais é condição necessária para que seja garantido a todos os brasileiros e brasileiras o status de cidadãos, homens e mulheres realmente iguais perante a lei” (PT, 2002, p. 3). Reconhece-se que as injustiças distributivas da sociedade brasileira não se relacionam tão somente às questões de natureza econômica.

#### **b. *Programa de Gobierno: Para Crecer Con Igualdad* (2000)**

O programa de governo de Ricardo Lagos possui 28 páginas. O documento apresenta uma agenda política estruturada em torno de um conjunto vasto de temas, dentre eles: Igualdade, Crescimento econômico, Emprego, Educação, Ciência e tecnologia, Saúde, Gênero, Proteção às famílias, Direitos das crianças e jovens, adultos, Pessoas com deficiência, Meio ambiente, Cultura, Comunicação, Segurança, Descentralização, Participação, Democracia, Reforma do Estado, Justiça, Direitos humanos, Defesa nacional e Povos indígenas. Estas, portanto, são as palavras centrais que norteiam o programa. Apesar da multiplicidade temática, o objetivo central é o “progresso com igualdade”. Nesse sentido, o país deveria se desenvolver priorizando o respeito a todas as pessoas, sem distinção:

A igualdade que estamos falando é a que procura criar oportunidades; a que permite a justiça social, a desconcentração econômica, política e territorial. É a que torna possível que os talentos dos membros de cada família chilena floresçam; a que é baseado em uma comunidade onde a colaboração e a confiança reina; aquela que disponibiliza a todos os instrumentos de progresso; que permite o pleno uso da liberdade (PSCh, 2000, p. 1, *tradução nossa*)<sup>7</sup>.

Na agenda de Ricardo Lagos, há a promessa de reforma do sistema de saúde, de renovação da educação, ampliação da proteção da família, segurança para os

---

<sup>7</sup> Trecho original: “*La igualdad de la que hablamos es la que busca crear oportunidades; la que permite la justicia social, la desconcentración económica, política y territorial. Es la que hace posible que florezcan los talentos de los miembros de cada familia chilena; la que se funda en una comunidad donde reinan la colaboración y la confianza; la que pone a disposición de cada uno las herramientas del progreso; la que permite el uso pleno de la libertad.*”

indivíduos e à nação, inserção integral das mulheres, políticas para meio ambiente, humanização dos meios urbano, descentralização, liberdade cultural, priorização dos preceitos democráticos, empregabilidade, etc.

Quanto à **educação**, esta área é apresentada como prioridade do governo, por ser considerada a base primeira para a igualdade de oportunidade entre os indivíduos e para a superação da pobreza. Por isso, a agenda política prevê maior investimento para a educação das pessoas mais marginalizadas, em situação de vulnerabilidade. Um dos problemas a ser resolvidos seria a grande diferença existente entre os estabelecimentos de ensino em termos de recursos, pois enquanto alguns recebem mais recursos financeiros; outros têm contributo compartilhado e alguns nem possuem renda complementar. Nesse sentido, uma das medidas seria a adoção de bolsas de estudo para que assim os cidadãos pudessem acessar serviços públicos de mais qualidade e de maneira mais igualitária. Frisa-se a ampliação da cobertura da educação infantil, a exemplo das creches, como essencial às mães que precisam trabalhar. O programa prevê o atendimento alternativo às crianças de 2 a 5 anos, mas não esclarece que tipos de atendimento seriam esses.

A política educacional também pretende alcançar a universalização do ensino às crianças de 5 a 6 anos. Ademais, a educação também seria melhorada a partir de atividades de desenvolvimento físico, esporte e cultura. Para tanto, as escolas deveriam ser preparadas quanto à infraestrutura e aos recursos humanos e materiais. O governo de Ricardo Lagos objetiva também a expansão do ensino de uma segunda língua nas escolas, sobretudo, da língua indígena, além da reformulação dos currículos, mudança da carga-horária, etc. De acordo com o programa, a ampliação do acesso à rede de internet, a capacitação dos professores, a modernização das escolas e universidades e o sistema de financiamento estudantil também fariam parte da política educacional.

Na área da **saúde**, verifica-se a tentativa de desvencilhar os serviços de saúde como uma ação caritativa e torná-los deveres do Estado. Para isso, é prevista a extinção da exigência de cheques de garantia para que os cidadãos tenham assistência médica. Uma das propostas de governos é que os serviços fossem definidos a partir da Carta de Direitos e Deveres da Saúde. O governo de Ricardo Lagos se propõe a atuar em cinco setores: atenção primária, atenção de urgência, de especialistas, cirurgia e doenças graves. Para cada setor, há uma descrição sobre a equipe de especialistas, idade dos pacientes, tempo de espera para o atendimento ou início do tratamento, tempo para resultados dos exames, etc. Observa-se a tentativa de um sistema de saúde universalista:

Que as ações de saúde pública atinjam todos os chilenos, não importa onde eles vivam. Obtenha horas de atenção sem procedimentos em qualquer estabelecimento

público, e que a referida citação seja respeitada. Receba atendimento de emergência durante as 21 horas do dia em qualquer Serviço de Emergência (PSCh, 2000, p.10, *tradução nossa*)<sup>8</sup>.

O programa de governo do PSCh trata de políticas sociais voltadas aos trabalhadores informais, mas prevê políticas assistenciais às famílias e às pessoas em situação de desemprego (PSCh, 2000). Há, por outro lado, um vasto conjunto de medidas voltadas ao crescimento econômico do país que se pauta essencialmente nos trabalhadores formais. A plataforma antevê **políticas de proteção para as famílias** voltadas para: as condições de trabalho, o apoio às famílias dos desempregados, o transporte, a saúde, a alimentação escolar, os benefícios de transferência de renda, as medidas de responsabilidades familiares compartilhadas entre homens e mulheres, proteção contra a violência doméstica (aprimoramento da Ley de Violencia Intrafamiliar), criação de centros de mediação de conflitos, dentre outras.

Grande destaque é dado às **questões de gênero** nesta plataforma, tendo em vista a proposição de políticas que incentivem e facilitem o acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Dentre as propostas estão: o reforço às medidas de assistência infantil por meio da ampliação da cobertura dos dias escolares alternativos, construção de centros educacionais, creches, inclusive a criação de instituições voltadas aos cuidados de menores em horários não convencionais para que os pais possam trabalhar sem prejudicar o sustento e a educação dos filhos. Ademais, pretende-se aprimorar a legislação e o controle no que diz respeito ao trabalho das mulheres (contratos, salários, licença maternidade, casos de assédio, discriminação por sua condição feminina, etc.). Uma das medidas a serem adotadas segundo o programa, é uma lei que estabeleça a igualdade de remuneração para homens e mulheres. Além disso, seria definida uma política referente à compatibilidade da jornada de trabalho com a vida familiar, etc. Algumas das políticas já mencionadas correspondem também à segurança das crianças e jovens. Somam-se a estas, iniciativas com vistas à erradicação do trabalho infantil e à implementação de políticas de lazer.

Políticas sociais também seriam destinadas às pessoas com deficiência (mental, física, sensorial ou de causa psiquiátrica), no âmbito da saúde, da educação, do trabalho e previdência, da habitação e do planejamento urbano, da cultura e lazer. O *Fondo Nacional de Discapacidad* (FONADIS) receberia mais investimentos financeiros. Além disso, seriam firmados convênios que garantissem oportunidades às pessoas com deficiência. A área da **segurança pública** contaria:

<sup>8</sup> Trecho original: “*Que las acciones de salud pública lleguen a todos los chilenos, no importando donde vivan. Obtener hora de atención sin tramitaciones en cualquier establecimiento público, y que dicha citación sea respetada. Recibir atención de emergencia durante las 21 horas del día en cualquier Servicio de Urgencia*”.

com um programa nacional que envolveria a atuação da comunidade, da polícia e dos municípios, programas de prevenção à criminalidade (na escola, no trabalho e na comunidade), criação de centros abertos, políticas de recuperação e melhoria dos espaços públicos, dentre outras medidas.

## Considerações Finais

Neste artigo apresentamos como os programas de governo do *Partido Socialista do Chile* (2000) no Chile e do *Partido dos Trabalhadores* (2002) no Brasil definiram suas agendas de políticas sociais. A partir dos programas de governo, verifica-se ainda a pretensão de ampliar a cobertura de políticas sociais a grupos minoritários. Observando as propostas destinadas às políticas sociais da plataforma petista, constata-se uma tentativa de conferir mais proeminência a classes sociais minoritárias, caracterizadas por serem marginalizadas: mulheres, negros, índios, migrantes, portadores de deficiências e pessoas que possuam distintas orientações sexuais. Além desses grupos, há propostas para jovens, idosos e migrantes oriundos de regiões mais acometidas pela pobreza, crises, etc. São diversas as páginas que tratam desses grupos. Há uma grande preocupação com o grau de indignidade e marginalização social, tendo em vista que a situação de bem-estar social durante este período era bastante agravada para aqueles não inseridos no mercado de trabalho. Mulheres, negros, jovens e migrantes estão entre os grupos menos protegidos do Brasil, inclui-se aí que são os mais expostos ao desemprego e aos riscos sociais.

No caso do programa *Para Crecer Con Igualdad*, os grupos marginalizados socialmente para os quais são estabelecidas as políticas são: as mulheres, a população indígena e as pessoas com deficiência. É importante frisar que, diferente da plataforma do PT, o PSCh confere pouca atenção aos problemas raciais enfrentados pelas pessoas negras. Este problema é tão somente relacionado aos indígenas, para os quais é proposto (de maneira não detalhada) um “novo quadro institucional político e jurídico da participação indígena na sociedade chilena e no respeito dos seus direitos” (PSCh, 2000, p. 28). Apesar da inexistência de políticas de anti-discriminação racial para outras parcelas da população, muitas propostas de políticas são definidas para dirimir a desigualdade de gênero. Nesse quesito, as mulheres recebem mais atenção quanto às políticas sociais no programa do partido chileno do que no brasileiro. Enquanto no programa de Lula, percebe-se que a questão do gênero é abordada de maneira tímida, a agenda de Ricardo Lagos se direciona, sobretudo, para a inserção e a permanência das mulheres no mercado de trabalho, com iniciativas relacionadas ao compartilhamento de responsabilidades



familiares aos homens e mulheres, à compatibilidade da jornada de trabalho com a vida familiar, aos direitos parentais, à legislação sobre condições e à remuneração de trabalho, dentre outras.

O público-alvo das propostas políticas ainda são as pessoas e famílias em situação socioeconômica vulnerável. As políticas sociais propostas pelo programa *Um Brasil para Todos* possuem natureza mais familiarizante, enquanto o programa *Para Crecer Con Igualdad* propõe políticas desfamiliarizantes que incentivam e favorecem a participação da mulher no mercado de trabalho. Ressaltamos este aspecto porque a desfamiliarização das responsabilidades das mulheres é considerada uma condição para que elas se mercantilizem (ESPING-ANDERSEN, 2013). A despeito disso, de maneira geral, ambos os documentos apresentam características progressistas e objetivam um sistema de proteção social universalista por meio de medidas que enfrentem o problema de acesso limitado aos serviços públicos. Aproximam-se, portanto, de um modelo de *welfare state* socialdemocrata, com a tentativa de ampliar as políticas sociais aplicadas a grupos sociais específicos.

### **THE PINK TIDE AND SOCIAL POLICY AGENDAS: THE GOVERNMENT PLATFORMS OF THE PSCh (2000) AND THE PT (2002)**

**ABSTRACT:** *In this paper I propose an analysis of the social agenda of the government program of two Latin-American left-wing parties: the Socialist Party of Chile (PSCh) and the Workers' Party (PT) in Brazil. Both were part of the so-called "Maré Rosa" or Pink Tide, a political phenomenon which brought about an electoral renewal and the victory of left-wing parties in elections for the executive branch in Latin America. The starting point of my analysis is the question: what are the similarities and the differences in the social agendas of these two parties between the years 2000 and 2002? We hypothesize that both parties were elected amid a crisis of democratic representation and the loss of legitimacy of mainstream parties as well as the party system during the "lost decade". Both proposed a solution to this problem: augment social policies applicable to certain specific groups, taking into account the institutional and political heterogeneity of these interest groups.*

**KEYWORDS:** *Government Program. Social politics. PT. PSCh. Pink tide.*



## REFERÊNCIAS

BARRIENTOS, Armando. Latin America: towards a liberal-informal welfare regime. In: GOUGH, Ian; WOOD, Geof (Org.). **Insecurity and welfare regimes in Asia, Africa and Latin America: social policy in development contexts**. Cambridge: University Press, 2008.

CAPELLA, Ana Cláudia. Perspectivas Teóricas sobre o Processo de Formulação de Políticas Públicas. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB)**. São Paulo, ANPOCS, nº 61, 2006, 25-52.

CEPAL, Nações Unidas. **Panorama Social de América Latina 2015**. Cepal, 2016.

DECLARAÇÃO FINAL DE SÃO PAULO, 1990. **Foro de São Paulo**. Disponível em: <<http://forodesaopaulo.org/declaracao-final-sao-paulo-1990/>> Acesso em: 30 de mai. 2018.

DEL VALLE, Alejandro. Comparando regímenes de bienestar en América Latina. **Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, Amsterdã, p. 61-76, 2010.

ERIKSON, Robert S.; MACKUEN, Michael B.; STIMSON, Ames A. Public Opinion and Policy. In: MANZA, Jeff; PAGE, Fay Lomax (Org.) **Navigating public opinion: Polls, policy, and the future of American**. New York: Oxford University Press, 2002.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta. **The three worlds of welfare capitalism**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

\_\_\_\_\_. **Social foundations of postindustrial economies**. New York: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. As três economias políticas do *Welfare State*. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, 24, p. 85-116. 1991.

FILGUEIRA, Fernando. **Welfare and democracy in Latin America: the development, crises and aftermath of universal, dual and exclusionary social states**. Geneva: United Nations Research Institute for Social Development, 2005.

GARAVITO, César A. Rodríguez, BARRET, Patrick S., CHAVEZ, Daniel (Org.). **La nueva izquierda en América Latina – sus orígenes y trayectoria futura**. Bogotá: Norma, 2005.

JÚNIOR, Wanderley dos Reis Nascimento. **A amplitude da maré rosa: uma análise das experiências de governo no Brasil, Chile e Uruguai**. 2017. 184 f. Dissertação (Mestrado de Integração Contemporânea da América Latina) - Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana Foz do Iguaçu, 2017.

- KERSTENETZKY, Celia Lessa. *Welfare state e desenvolvimento*. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 129-156, 2011.
- KINGDON, J. W. **Agendas, alternativas and public policies**. New York: Longman, 2003.
- LIEVESLAY, Geraldine; LUDLAM, Steve (Orgs). **Reclaiming Latin America: experiments in radical social democracy**. London, New York: Zeb Books Ltd, 2009.
- MATTEI, Lauro. Notas sobre programas de transferência de renda na América Latina. **Texto para discussão**, n. 10. Instituto de Estudos Latino-Americanos. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- MESA-LAGO, Carmelo. **Ascent to Bankruptcy**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1989.
- OLIVEIRA, Augusto Neftali Corte de. Partidos e política social no Brasil e no Chile: PT e PS nas eleições e no governo. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 39-67, 2009.
- PANIZZA, Francisco. La marea rosa. **Análise de Conjuntura OPSA**, nº8. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PARTIDO, Dos Trabalhadores. Programa de governo 2002 - Coligação Lula Presidente: Um Brasil para Todos. *São Paulo*, 2002.
- PARTIDO, Socialista do Chile. **Programa de Gobierno: Para Crecer Con Igualdad**. Santiago de Chile: Concertación de Partidos por la Democracia, 2000.
- PRZEWORSKI, Adam; MANIN, Bernard e STOKES, Susan. Elections and Representation. In: PRZEWORSKI, A.; SOTKES, S. C.; MANIN, B. (Org.). **Democracy, Accountability, and Representation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 29-48.
- RUA, Maria das Graças; ROMANINI, Roberta. **Para Aprender Políticas Públicas: conceitos e teorias**. Brasília: Instituto de Gestão Economia e Políticas Públicas, 2013.
- SANT'ANNA, Julia; SILVA, Fabricio Pereira da. Esquerdas Latino-americanas e Gasto Social: Há Coerência entre Propostas e Práticas? **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 150-178, jan. 2008.
- SÁTYRO, Natália e CUNHA, Pedro. Why understanding social protection heterogeneity on the Brazilian municipalities matters? The coexistence of welfare regimes in a same country, a comparative analysis. **ESPANet Conference**, Dinamarca, set. 2015.
- SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- SERNA, Miguel. **Reconversão democrática das esquerdas no Cone Sul: trajetórias e desafios na Argentina, Brasil e Uruguai**. Bauru: EDUSC, 2004.

Maré Rosa e agenda de políticas sociais:  
*as plataformas de governo do PSCh (2000) e PT (2002)*

SILVA, Fabricio Pereira da. **Vitórias na Crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas**. Ponteio Edições. Rio de Janeiro. 2011.

WILENSKY, Harold. **The Welfare State and Equality**. Berkeley, University of California, 1975.

Recebido em 19/01/2018.

Aprovado em 19/05/2018.



## Diretrizes para Autores

### POLÍTICA EDITORIAL

A **Revista Estudos de Sociologia (RES)** possui periodicidade semestral e aceita artigos, dossiês, ensaios e resenhas inéditos nos campos da Sociologia, Política, Antropologia, ou no campo interdisciplinar das Ciências Sociais, que não estejam sendo apresentados simultaneamente em outro periódico. Ao enviar seu trabalho para a **Estudos de Sociologia**, o(s) autor(es) cede(m) automaticamente seus direitos autorais para eventual publicação do artigo.

A **RES** opera com chamadas temáticas divulgadas pelo Conselho de Redação (**CR**) em sua versão *online*, (<http://seer.fclar.unesp.br/estudos>). São realizadas de duas até três chamadas por ano simultaneamente com prazos de expiração diferenciados.

Os artigos são aceitos em português, ou em espanhol. Artigos em outros idiomas podem ser submetidos à **RES** para serem traduzidos em português, desde que sejam originais, ou apresentem autorização de publicação. O **CR** se reserva o direito de aceitar ou não a proposta para tradução, conforme o tema, a pertinência de sua publicação.

É exigida a titulação mínima de Mestre aos autores que desejem submeter artigos. Os autores que pretenderem publicar artigos com regularidade na **RES** devem aguardar três números consecutivos para tanto.

### PROCESSO DE AVALIAÇÃO POR PARES

A publicação dos artigos recebidos está condicionada à aprovação dos pareceristas *ad hoc*, ou ao cumprimento de suas sugestões. São considerados: originalidade, consistência teórica, clareza na exposição e contribuição científica do artigo. O prazo solicitado aos pareceristas para a emissão de sua avaliação é de três semanas. Os nomes dos pareceristas permanecem em sigilo, assim como os nomes dos autores, que receberão os pareceres com as avaliações, sugestões, ou recusa. Os autores serão informados pelo **CR** da decisão final sobre os textos aceitos, ou recusados para publicação.

O artigo será aprovado ou recusado pelo **CR** desde que atenda as devidas alterações indicadas pelos pareceristas. O tempo médio entre a submissão, a emissão dos pareceres e a aprovação ou recusa final do artigo pelo Conselho de Redação varia de 3 a 6 meses a partir da data de encerramento da chamada.

Após aprovados os artigos passam por uma minuciosa revisão gramatical realizada por profissionais da área e caso necessário, os autores são consultados para esclarecimento. Isto feito, os artigos seguem para o Laboratório Editorial da FCL/Ar/UNESP que faz a revisão bibliográfica. Nesta etapa os autores são consultados para fazer correções, ou preencher lacunas das referências.

O CR se reserva o direito de publicar ou não trabalhos enviados à redação, no que diz respeito aos itens acima citados e à adequação ao perfil da RES, à temática de cada edição, ao conteúdo e à qualidade das contribuições.

## **NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS**

Os textos devem ser enviados através do site da revista <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos>>, onde são explicados todos os passos para submissão dos artigos, clicando em SUBMISSÕES ON LINE, no menu superior da página.

### **Formatação**

Todos os trabalhos devem ser digitados em *Microsoft Word*, ou programa compatível (o arquivo deve ser salvo com a extensão “doc”), fonte *Times New Roman*, tamanho 12 (com exceção das citações diretas com mais de três linhas e das notas de rodapé), espaço 1,5 entre linhas e parágrafos (exceto para citações diretas com mais de três linhas). As páginas devem ser configuradas no formato A4, sem numeração, com 3 cm nas margens superior e esquerda e 2 cm nas margens inferior e direita.

### **Dimensão**

Os ARTIGOS deverão ter até 45.000 caracteres com espaços, incluindo título e resumo (com no máximo 150 palavras), palavras-chave (no máximo 5), em português e inglês, notas de rodapé e bibliografia. Os ENSAIOS deverão ter até 30.000 caracteres com espaços, incluindo título, resumo, palavras-chave, em português e inglês, notas de rodapé e bibliografia, As RESENHAS deverão ter até 15.000 caracteres com espaços, incluindo título, em português e inglês, notas de rodapé bibliografia etc. Serão aceitas resenhas de livros publicados no Brasil, há no máximo dois anos e, no exterior, no máximo há cinco anos. No rodapé incluir dados do/a autor/a (não ultrapassar três linhas): formação, instituição, cargo, email.

## Organização

A organização dos trabalhos deve obedecer à seguinte sequência:

- TÍTULO (centralizado, em caixa alta); RESUMO (no máximo 150 palavras); PALAVRAS-CHAVE (até 5 palavras, uma linha abaixo do resumo), escritas no idioma do artigo); TEXTO;
- TÍTULO EM INGLÊS (centralizado, em caixa alta); ABSTRACT e KEYWORDS (versão para o inglês do Resumo e das Palavras-chave, exceto para os textos escritos em inglês).
- AGRADECIMENTOS (se houver);
- REFERÊNCIAS (apenas trabalhos citados no texto).

## Recursos tipográficos

O recurso tipográfico **Negrito** deve ser utilizado para **ênfases ou destaques no texto**, enquanto o recurso *Itálico* deve ser reservado para *palavras em língua estrangeira e para títulos de obras* citados no corpo do texto. As “aspas” devem ser utilizadas **somente nas citações** de frases de outros autores extraídas de artigos, livros, ou outras fontes, conforme as regras de citações dentro do texto, descritas a seguir. Recomenda-se que o recurso **negrito seja usado com parcimônia**.

## Notas de Rodapé

As notas de rodapé devem conter somente informações substantivas, utilizando-se os recursos do *Microsoft Word*, em corpo 10, **não devem ultrapassar três linhas**.

## Citações dentro do texto

Nas citações diretas feitas dentro do texto, **de até três linhas**, e entre aspas, o autor deve ser citado entre parênteses pelo SOBRENOME, em maiúsculas, separado por vírgula da data de publicação e página (SILVA, 2000, p. 12). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data, entre parênteses: “Silva (2000) assinala...”. Nas citações diretas, é necessária a especificação da(s) página(s) que deverá(ão) seguir a data, separada por vírgula e precedida do número da página. com p. (SILVA, 2000, p.100). As citações de diversas obras de um mesmo autor, publicadas no mesmo ano, devem ser discriminadas por letras minúsculas após a data, sem espaçamento (SILVA, 2000a).

Quando a obra tiver dois ou três autores, todos devem ser indicados, separados por ponto e vírgula (SILVA; SOUZA; SANTOS, 2000); quando houver mais de 3 autores, indica-se o primeiro seguido de et al. (SILVA et al., 2000).

### **Citações destacadas do texto**

As citações diretas, com mais de três linhas, deverão ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, em corpo 11 e sem aspas (NBR 10520 da ABNT, de agosto de 2002).

## **REFERÊNCIAS**

Todas as referências que foram citadas no texto serão indicadas de forma completa ao final do artigo, em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor, alinhadas à margem esquerda, em espaço simples e separadas entre si por espaço 1,5 cm entrelinhas. Não colocar asterisco, traço, ponto ou qualquer marca no início da referência. Exemplos:

**Livros:** SOBRENOME do autor, Nome. **Título da obra** (negrito): subtítulo. Número da edição (se não for a primeira). Local de Publicação: Editora, ano de publicação. [IANNI, Otávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.]

**Capítulos de livros:** SOBRENOME do autor, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (Org.). **Título da obra:** subtítulo. Número da edição. Local de Publicação: Editora, Ano de publicação. Número e/ou volume, página inicial-final do capítulo. [ALEXANDER, Jeffrey C. A Importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999. p.23-89.]

**Artigos em periódicos:** SOBRENOME do autor do artigo, Nome. Título do artigo. **Nome do periódico**, Cidade de publicação, volume, número, páginas inicial – final do artigo, ano de publicação. [ZALUAR, Alba. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.71, v.24, p.9-24, out. 2009.]

**Dissertações e teses:** SOBRENOME do autor, Nome. **Título da tese:** subtítulo. Ano de defesa. número de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Dissertação (Mestrado), Tese (Doutorado) – Instituto ou Faculdade, Nome da instituição por extenso, Cidade, Ano. [VAZ, Antonio Carlos. Violência contra as mulheres: estudo com adolescentes no município de Guarulhos. 2012. 262f. Tese



(Doutorado em Sociologia.) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.]

**Artigos em jornais/revistas:** SOBRENOME do autor do artigo, Nome. Título do artigo. **Nome do jornal**, Cidade de publicação, data de publicação (dia mês abreviado e ano). Caderno, páginas inicial – final do artigo, ano de publicação. [PIRES, P. A. *Vidas Paralelas: reflexos nos espelhos de Sontag e Barthes*. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 2012. Ilustríssima, p. 4-5.]

**Entrevistas:** SOBRENOME do entrevistado, Nome. Título da entrevista. [mês abreviado e ano da entrevista]. Entrevistador: Nome do entrevistador na ordem direta. **Nome do jornal/revista**, Local de publicação, página onde aparece a entrevista, dia mês abreviado e ano da publicação. [ALENCASTRO, L. F. *O observador do Brasil no Atlântico Sul*. [out. 2011]. Entrevistadora: Mariluce Moura. **Revista da FAPESP**, São Paulo, p.10-17, out.2011.]

**Eventos:** SOBRENOME, Nome do autor. Título do trabalho apresentado. In: NOME DO EVENTO, número de ordem do evento seguido de ponto, ano da realização, Cidade. **Nome da publicação dos trabalhos**. Local da publicação: Editora, ano da publicação. [BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. *Trabalho domiciliar: uma tarefa para toda a família*. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR, 1, 1996, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Ed. UFV, 1996.]

**Publicação on-line:** SOBRENOME, Nome do autor. Título do artigo/matéria. **Nome do site**, Local da publicação, dia mês abreviado e ano da publicação. Disponível em: <endereço eletrônico completo para acesso ao artigo/matéria>. Acesso em: dia mês abreviado e ano do acesso. [TAVES, R. F. *Ministério cota pagamento de 46,5 mil professores*. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1998. Disponível em: < <http://www.oglobo.com.br/reportagem> >. Acesso em: 19 abr. 1998]

*A revista Estudos de Sociologia* adota as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) <<http://www.abnt.org.br>> que devem ser consultadas caso não seja encontrado no presente modelo o exemplo necessário.

## **Condições para submissão**

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista.
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.
4. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em Assegurando a avaliação pelos pares cega foram seguidas.

### **Declaração de Direito Autoral**

Os manuscritos aceitos e publicados são de propriedade da Revista Estudos de Sociologia. Os artigos publicados e as referências citadas na revista Estudos de Sociologia são de inteira responsabilidade de seus autores.

### **Política de Privacidade**

Os direitos autorais dos textos publicados são reservados à Estudos de Sociologia. Publicações posteriores dos mesmos não são permitidas.



SOBRE O VOLUME

Revista Estudos de Sociologia, v.23 n.44

formato: 16 x 23 cm

mancha: 12,8 x 20,5 cm

tipologia: Times New Roman/11

